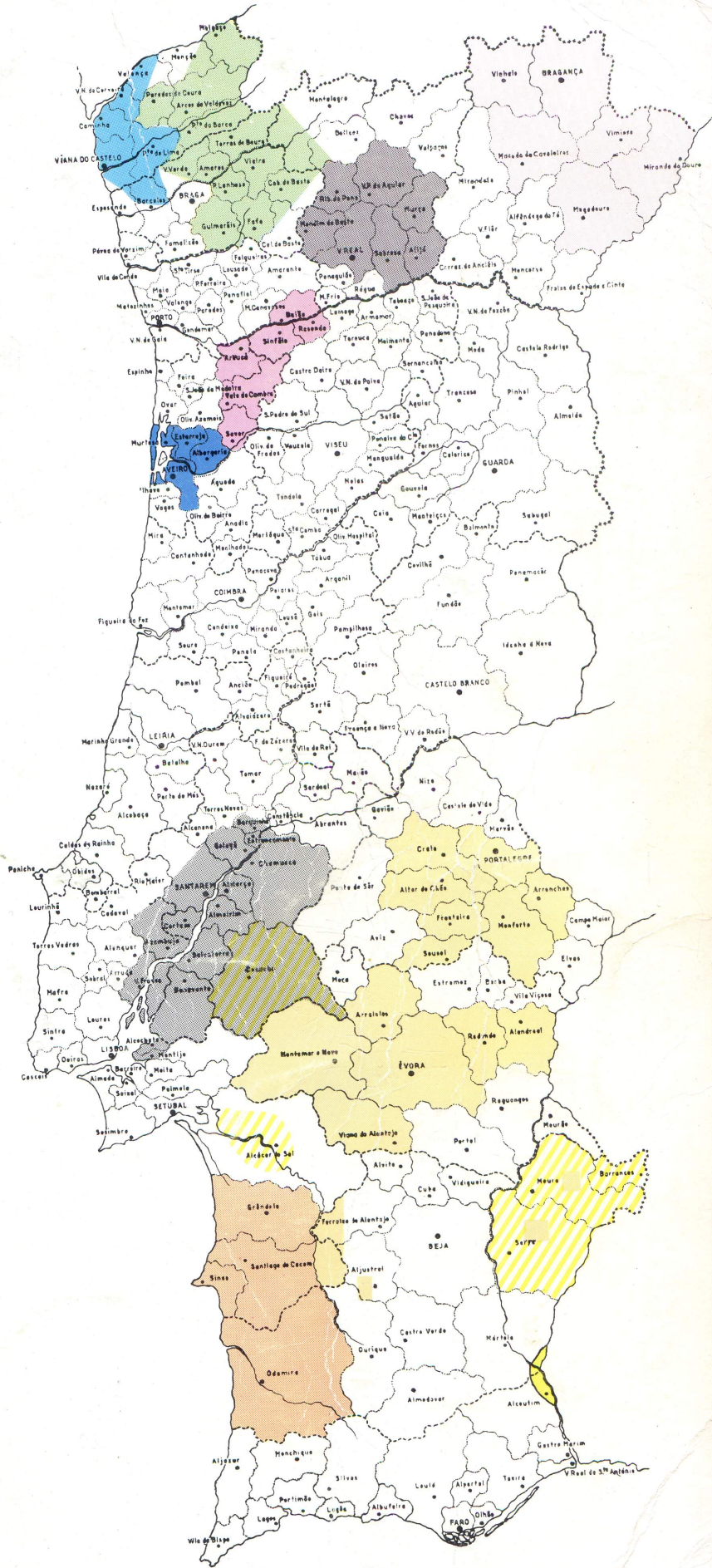


BOVINOS EM PORTUGAL



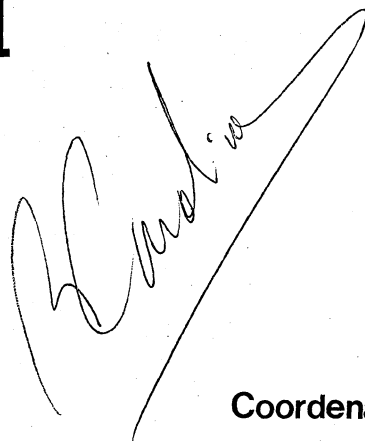
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS VETERINÁRIOS

COORDENAÇÃO DO MÉDICO VETERINÁRIO
ANTONINO BATISTA RODRIGUES

BOVINOS EM PORTUGAL

**DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS VETERINARIOS
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS DE FOMENTO E MELHORAMENTO ANIMAL**

1981



**Coordenação
ANTONINO RODRIGUES**

NOTA PRÉVIA

Em economia, para uma eficaz programação, é necessário dispor de elementos estatísticos baseados numa recolha cuidada e tão extensa quanto possível.

Da mesma forma, em pecuária, o planeamento de qualquer acção que vise o fomento ou o melhoramento de qualquer espécie pecuária só terá sentido se dispusermos de um verdadeiro levantamento das disponibilidades existentes no que se refere ao património genético animal.

Foi por isso, e sentindo a necessidade previamente do lançamento de acções destinadas à preservação das raças autóctones nacionais, que a Direcção-Geral dos Serviços Pecuários entendeu ser de todo o interesse proceder a "um trabalho de inventariação e de diagnose, com prioridade para a espécie bovina, por ser a de maior representatividade e por existirem sinais evidentes de delapidação de algumas das nossas principais raças".

O tempo disponível para um trabalho desta grandeza era demasiado curto e agravando essa situação, acontecia que alguns dos técnicos dele encarregados, faziam parte de mais de um dos grupos de trabalho nomeados. Estes factos im

pediram que os trabalhos fossem entregues dentro do prazo estabelecido e sempre com algumas limitações.

A maior parte dos grupos de técnicos foi entregando os respectivos trabalhos ao longo de 1976, podendo desta forma desenvolver melhor a missão que lhes fora atribuída.

Embora os elementos recolhidos fossem servindo a esta Direcção-Geral para o lançamento das suas acções,urgia a publicação de todos os trabalhos para que pudessem ser utilizados por outras entidades igualmente interessadas no sector.

O caminho que levou todo este processo não terá sido uma odisseia, mas foi difícil de percorrer porque foram vários os escolhos que tivemos de desviar.

Somos os primeiros a lamentar o atraso com que este trabalho é publicado. No entanto, e como este será a base de uma grande obra que abranja as raças autóctones de todas as espécies, penitenciamo-nos ao oferecermos a nossa colaboração a quem esteja interessado em construir essa tal obra.

As notas de actualização apenas foram feitas para aquelas raças em que se verificou alguma evolução desde o termo dos trabalhos respectivos até hoje. As restantes raças, e até podem ser as mais necessitadas de protecção e defesa, não foram objecto de actuação, razão por que a situação verificada na altura dos trabalhos se mantem sensivelmente.

Foram ainda acrescentados documentos fotográficos por nos parecer de interesse realçar o aspecto morfológico das nossas populações bovinas.

Setembro de 1981

Antonino Rodrigues

Técnico de Melhoramento Animal da
Direcção-Geral Serviços Veterinários

COLABORADORES

GALEGA E BARROSÃ

MANUEL COLAÇO DO ROSÁRIO
MANUEL LOPES GARCIA
JOSÉ PEDRO DO ROSÁRIO
TEODÓSIO MARQUES ANTUNES

MIRANDESA

MANUEL LEITÃO
LUIS DOS SANTOS FERREIRA
DAVID ALFREDO DA COSTA

MARONESA

MANUEL LEITÃO

AROQUESA E MARINHOA

JAIME MACHADO
ANTÓNIO JOSÉ VALENTE
JULIO PEREIRA GASPAR

BRAVA

ANTÓNIO PENA MONTEIRO
JAIME ROSADO
ANTÓNIO ALMEIDA LUCAS

ALENTEJANA E ALGARVIA

JAIME ROSADO
MARCELINO SOBRAL
JOÃO MENDES ALMEIDA
JOÃO MACHADO GOUVEIA
JOSÉ MARIA DA SILVA LOBO

MERTOLENGA

ANTÓNIO PENA MONTEIRO
ANTÓNIO JOSÉ BETTENCOURT
RAUL DOS REIS PEREIRA

FRÍSLIA

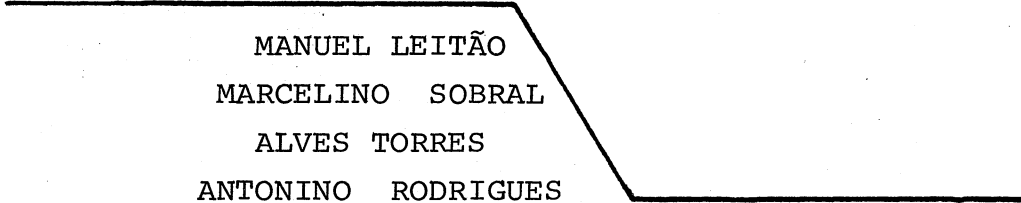
LUIS BRAGANÇA PARREIRA
GUILHERME PEREIRA
JAIME MACHADO
JOAQUIM DOMINGOS BORREGO
JERÓNIMO QUEIROGA
JOAQUIM MOREIRA

**EXÓTICAS E
CRUZAMENTOS**

JOSÉ CARRILHO RALO
JOSÉ ALCÂNTARA GUERREIRO

MADEIRA

CARLOS FRANÇA DORIA
ALCINO DRUMMONT

FOTOGRAFIA

MANUEL LEITÃO
MARCELINO SOBRAL
ALVES TORRES
ANTONINO RODRIGUES



Por fim há a destacar a acção do Dr. Carlos Antero na re
visão dos textos e das funcionárias Lúcia Paixão, Teresa
Reis e Anabela Mota que dactilografaram.

Direcção-Geral dos Serviços Pecuários
DESPACHO Nº 21/DG/SR

É preocupação desta Direcção-Geral dar apoio a todas as acções que tenham em vista a preservação das raças indígenas nacionais.

Ela própria tem grandes responsabilidades na conservação dessas raças e por isso têm tido lugar nos Serviços Centrais algumas reuniões com a participação de vários técnicos cuja actuação se encontra mais ligada a esse assunto.

Torna-se assim indispensável proceder a todo um trabalho de inventariação e de diagnose, com prioridade para a espécie bovina, por ser a de maior representatividade e por existirem sinais evidentes de delapidação de algumas das nossas principais raças. Julgou-se igualmente vantajoso que se aproveitasse esta mesma ocasião para alargar esse trabalho às raças bovinas de origem estrangeira.

Nessa conformidade, nomeio os seguintes grupos de trabalho para as diferentes raças:

1-MIRANDESA

Drs. MANUEL LEITÃO, LUIS DOS SANTOS FERREIRA e DAVID ALFREDO DA COSTA.

2-BARROSA e MINHOTA

Drs. MANUEL LOPES GARCIA, JOSE PEDRO DO ROSARIO e TEODÓSIO MARQUES ANTUNES

O Dr. MANUEL COLAÇO DO ROSARIO, como Presidente da Comissão Executiva do Programa Autónomo para Desenvolvimento da Província de Trás-Os-Montes (PTM), dará a sua colaboração a estes dois grupos de trabalho.

3-AROUQUESA e MARINHOA

Drs. JAIME MACHADO, ANTONIO JOSE VALENTE e JULIO PEREIRA GASPAR

4-ALENTEJANA e ALGARVIA

Drs. JAIME ROSADO, JOÃO MENDES DE ALMEIDA, JOÃO MACHADO GOUVEIA, MARCELINO SOBRAL, e JOSÉ MARIA DA SILVA LOBO.

5-MERTOLENGA

Drs. ANTONIO PENA MONTEIRO, ANTONIO JOSE BETTEN COURT e RAUL DOS REIS PEREIRA.

6-BRAVA

Drs: ANTONIO PENA MONTEIRO, JAIME ROSADO e ANTONIO ALMEIDA LUCAS.

7-BOVINOS DA MADEIRA

Drs. CARLOS FRANÇA DORIA e ALCINO DRUMMOND

8-BOVINOS DOS AÇORES

Drs. LUIS SEQUEIRA DE MEDEIROS, JOSE LEAL ARMAS, ANGELO LEAL DA COSTA e ADOLFO LIMA

9-FRISIA (TURINA)

Drs. LUIS BRAGANÇA PARREIRA GUILHERME PEREIRA, JAIME MACHADO, JOAQUIM DOMINGOS BORREGO, JERONIMO QUEIROGA e JOAQUIM MOREIRA

10-RAÇAS EXOTICAS

Drs. JOSE CARRILHO RALO e JOSE ALCANTARA GUERREIRO.

Os respectivos relatórios, a elaborar de acordo com o inquérito que vai ser imediatamente enviado pela 3ª Repartição, deverão ser remetidos ao SMOPA, até ao dia 20 de Fevereiro de 1976, com vista à sua discussão em plenário no dia 27 do mesmo mês.

Lisboa, 10 de Dezembro de 1975

O DIRECTOR-GERAL

a) RENANO AMADEU PEREIRA

HENRIQUES

INQUÉRITO PARA A CARACTERIZAÇÃO DAS PRINCIPAIS RAÇAS
BOVINAS E SEU SISTEMA DE EXPLORAÇÃO

- 1 - LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA PRINCIPAL REGIÃO SOLAR DA RAÇA
 - 1-1- No passado
 - 1-2- No presente
 - 1-3- Perspectivas futuras
- 2 - CARACTERIZAÇÃO - SÍNTESE DA RAÇA
 - 2-1- Características gerais
 - 2-2- Características especiais
- 3 - SISTEMA DE EXPLORAÇÃO E TIPOS DE PRODUÇÃO
 - 3-1- Grau de dependência do trabalho no campo
 - 3-2- Produção de leite
 - 3-3- Produção de carne
 - 3-4- Esquemas de acções Estatais existentes
 - 3-5- Localização de postos de reprodução natural
- 4 - QUANTITATIVO DE ANIMAIS
 - 4-1- Machos e fêmeas
 - 4-2- Grupos etários
- 5 - NÚMERO DE CABEÇAS POR EXPLORAÇÃO E SUA DEPENDÊNCIA DA EXPLORAÇÃO AGRÁRIA
 - 5-1- Número de cabeças por exploração
 - 5-2- Localização por concelhos ou zona geográfica de encabeçamento médio, acima da média e abaixo da média
 - 5-3- Dependência do efectivo na exploração agrária em zonas mais representativas
 - 5-4- Importância do efectivo na exploração agrária em zonas mais representativas em função da sua participação no produto agrícola bruto
- 6 - ALGUNS DADOS BIOLÓGICOS
 - 6-1- Índice de fecundidade
 - 6-2- Desmame
 - 6-3- Crescimento após o desmame
 - 6-4- Partos
 - 6-5- Índice de mortalidade até ao desmame
 - 6-6- Reprodução
 - 6-6-1- Métodos de reprodução
 - 6-6-2- Índice de reprodução

- 7 - INDICAÇÃO, LOCALIZAÇÃO E GRAU DE INTERFERÊNCIA DE ORGANIZAÇÕES ESTATAIS; GRÊMIOS, FEDERAÇÕES, COOPERATIVAS, E ENTIDADES PRIVADAS NA REGIÃO ESTUDADA
 - 7-1- Sua fecundidade
 - 7-2- Perspectivas futuras - indicação tanto quanto possível, dos meios fáceis de obter, concretizando-os sobretudo em matéria de controle de reprodução
- 8 - MOVIMENTO DA UTILIZAÇÃO DA RAÇA
 - 8-1- Finalidades. Objective a afirmação
 - 8-2- Venda de fêmeas
 - 8-3- Venda de novilhos
- 9 - ESTABELEÇA AS POSSIBILIDADES DA ÁREA DEMARCADA COMO SOLAR DESSA POPULAÇÃO PARA A PRODUÇÃO DE FORRAGENS.
 - 9-1- Área existente
 - 9-2- Área a obter facilmente
- 10 - LOCALIZADA NA MELHOR ZONA E DISPONDO DE MEIOS ADEQUADOS: CARACTERIZE O MODELO DE EXPLORAÇÃO VIÁVEL DA PRODUÇÃO EM CAUSA.
 - 10-1- Área
 - 10-2- Efectivos de manutenção
 - 10-3- Efectivos de engorda
- 11 - CONTRIBUIÇÃO PARA O ABASTECIMENTO NA REGIÃO E FORA DELA.
 - 11-1- Animais abatidos
 - 11-2- Animais enviados para fora da área para abate
 - 11-3- Quantidade de carne em quilogramas.
- 12 - ASPECTO DO MELHORAMENTO
 - 12-1- Animais
 - 12-1-1- Indique os defeitos
 - 12-1-2- Preconize soluções para a sua correcção
 - 12-2- Estruturas de apoio à sua utilização
 - 12-3- Disponibilidades forrageiras diversificadas, quer para a manutenção de efectivos (pastagens) quer para a engorda (silagem de milho e luzerna)
 - 12-4- Que tipo de organização para a utilização da raça.

RAÇAS
BOVINAS



MANUEL GARCIA
JOSÉ DO ROSÁRIO
MARQUES ANTUNES

RAÇA BOVINA GALEGA

INQUÉRITO PARA A SUA CARACTERIZAÇÃO E SEU SISTEMA DE EXPLORAÇÃO

1. LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA PRINCIPAL REGIÃO-SOLAR DA RAÇA

1.1. No passado

Segundo os escritos de Silvestre Bernardo Lima, por volta de 1860 havia em toda a província do Minho 65 000 bovinos da raça Galega, cerca de 50% do efectivo bovino total.

Existiam três famílias: o grupo dos vermelhos ou vianenses, ocupando, sobretudo, o distrito de Viana do Castelo e representando dois terços do total, e os grupos dos marelos e dos bragueses. O Professor Paula Nogueira considerava este último como mestiço e os Professores Miranda do Vale e Rof Codina entendem que também os marelos o eram. De facto, a existência de pigmentação escura nos olhos, narinas e lábios afastava-os da raça Galega, caracterizada, fundamentalmente, pela ausência dessa pigmentação escura. Esta opinião foi também partilhada pelo saudoso colega Dr. Beleza Ferraz, técnico muito competente e profundo conhecedor da pecuária regional.

Por ser de todas a mais bem conformada para a engorda e trabalho e ser a de melhor produção leiteira, a família dos vermelhos acabou por se impor, tendo as outras desaparecido.

A raça filia-se no tronco Aquitânico, tal-qualmente a Alentejana e a Rúbia da Galiza.

Talvez por virtude da exportação para Inglaterra, que dava preferência às qualidades sápidas da carne das reses da raça Barrosã, o que é certo é que nos fins do século passado a Galega entrou em franco declínio em favor daquela raça, que, a princípio, se instalou apenas na fase de recria - adolescentes adquiridos e nascidos no Barroso - e acabou por ser também explorada na criação, pois toda a área foi, e ainda está em grande parte, ocupada por vacas barrosãs exploradas nas funções de criação e de trabalho.

O efectivo Galego ficou muito reduzido.

Por cálculo, em 1940 indicam-se 8 500 cabeças no distrito de Viana do Castelo, 750 no de Braga e 250 no do Porto, num total de 9500 cabeças. Estes números são apontados num estudo sobre a raça Galega feito, em 1959, pelo Dr. João de Deus Domingos Varregoso, então em serviço na Intendência de Pecuária de Viana do Castelo. Desta forma, e a fazer fé nos números indicados pelo Professor Bernardo Lima e pelo Dr. Varregoso, o efectivo Galego, nos três distritos, reduziu-se a menos de 15% do existente em 1860. E ficou quase limitado a uma área em volta da cidade de Viana do Castelo, o maior centro local de consumo de leite em natureza, e ao lado de muitas vacas turinas.

1.2. No presente

Parece que o brusco desaparecimento da exportação de bovinos para Inglaterra provocou, no Minho e Douro Litoral, uma grave crise pecuária em fins do século passado. As regiões mais ricas, como a do Porto, optaram pela substituição do barroso pelo turino, para o que muito contribuiu a descoberta, nesta data, das centrífugas, o que permitiu a rápida multiplicação de postos de desnatagem e de fábricas de manteiga. A raça Galega, tendo ficado acantonado em volta de Viana do Castelo, onde

sempre se manteve, sofreu aí repetidos cruzamentos com a Turina, o que, sem lhe tirar rusticidade, lhe aumentou, certamente, o seu potencial leiteiro.

Ainda hoje são quase constantes os vestígios dessa infiltração de sangue turino através dos pêlos da cauda, do formato da cabeça e dos cornos e dos pêlos pretos do focinho.

Esses cruzamentos foram tão extensos que se afigura muito difícil afirmar que, a partir de então, existam exemplares de Galega em toda a sua pureza.

Na zona de Viana do Castelo, a raça Turina teve menos aceitação e expansão com a retirada progressiva da Barrosã, excepto nas freguesias de Anha, S. Romão e Castelo do Neiva, onde hoje impera a Holando-Portuguesa.

A rusticidade da Galega, a sua boa adaptação ao trabalho, a sua aptidão leiteira com teores butirósos superiores a 4% e a sua maior precocidade em relação à Barrosã, tudo isso levou os lavradores do Noroeste minhoto a adoptá-la em substituição desta.

Para tal, também contribuiu o aparecimento de fábricas de manteiga e de postos de desnatação, sobretudo nas regiões mais ricas da Ribeira Lima e do Vale de Âncora.

E, assim, a partir dos núcleos que ficaram em redor de Viana do Castelo, se começou a expandir de novo a raça Galega, que ocupa, hoje, os concelhos de Viana do Castelo e de Caminha, o concelho de Ponte de Lima, com excepção da parte serana nos limites com Paredes de Coura, e o de Valença.

Na zona de Braga, está mais representada em algumas zonas dos concelhos de Barcelos e de Vila Nova de Famalicão.

Curioso é o aparecimento de ilhotas isoladas de gado galego, como se dá nos concelhos de Vila Nova de Famalicão (2 335), Penafiel (920) e Marco de Canaveses (460), onde substituiu o Barrosão e, neste último, o arouquês.

Para além das representações mais significativas que apontamos e que em muitas freguesias atingem quase todo o efectivo bovino, há outros concelhos onde existe já um número apreciável de galegos e onde a raça continua a expandir-se. Seguem-se, ainda, outros em que a infiltração é mais recente e o número de galegos é muito menor.

Para melhor esclarecimento, apresentamos em 4.2 os efectivos, por concelhos, colhidos do arrolamento de 1972. Muitos dos números foram encontrados por cálculos, e, por isso, mais ou menos susceptíveis de erro.

Para se aquilatar do grau de expansibilidade que a raça Galega continua a manifestar, permitimo-nos fazer uma pequena estimativa comparativa.

Como dissemos, Dr. Domingos Varregoso fez, em 1959, uma monografia sobre o gado Galego.

Quanto à sua distribuição, realizou um estudo pormenorizado, abrangendo todas as freguesias de Ponte de Lima, Caminha, Vila Nova de Cerveira, Valença, Barcelos e Esposende, que percorreu, fazendo um inquérito pessoal. E é curioso notar como evoluiu o gado galego, em relação ao efectivo bovino total, apenas em treze anos.

CONCELHOS	1959	1972
Ponte de Lima	45,0%	61,1%
Caminha	54,0%	67,0%
V. Nova de Cerveira	13,6%	61,1%
Valença	6,3%	40,3%
Barcelos	4,3%	21,0%
Esposende	11,0%	7,4%

Só no concelho de Esposende a percentagem baixou. Isto, porque houve um aumento enorme do efectivo holando-português.

Dando uma panorâmica geral de toda a área actual de expansão da raça Galega, indicam-se, por concelhos, as seguintes percentagens, respigadas do arrolamento de 1972:

VIANA DO CASTELO	
Arcos de Valdevez	5,7%
Caminha	67,0%
Melgaço	8,1%
Mongão	11,4%
Paredes de Coura	15,9%
Ponte da Barca	2,8%
Ponte de Lima	61,1%
Valença	40,3%
Viana do Castelo	65,3%
Vila Nova de Cerveira	61,1%

B R A G A	
Amares	4,59%
Barcelos	21,43%
Braga	10,43%
Cabeceiras de Basto	0,88%
Celorico de Basto	0,32%
Esposende	7,36%
Fafe	0,44%
Guimarães	3,72%
Póvoa de Lanhoso	1,39%
Terras do Douro	0,46%
Vieira do Minho	0,17%
V. Nova de Famalicão	21,51%
Vila Verde	8,97%

P O R T O	
Felgueiras	1,0%
Marco de Canaveses	6,2%
Penafiel	9,2%
Santo Tirso	2,2%
Póvoa de Varzim	1,0%
Vila do Conde	0,4%

1.3. Perspectivas futuras

Enquanto a estrutura das explorações se mantiver como agora, poucas modificações se podem esperar.

Relacionando os efectivos bovinos totais apontados no arrolamento de 1972 com o número de manifestantes, verifica-se que a dispersão é de 3,4 cabeças por exploração no distrito de Braga, 3,3 no do Porto e 2,5 no de Viana do Castelo.

Se entendermos que o efectivo fixo e produtivo é o das fêmeas com mais de 2 anos, podemos afirmar, por cálculo, que a sua distribuição por exploração não deve ultrapassar a média de 1,8 cabeças, no conjunto das raças Barrosã, Holando-Portuguesa e Galega. Esta é a média colhida na C.S.B.L.. Tendo em conta estas características, que traduzem a enorme pulverização da terra, e considerando que as regiões mais ricas, onde o efectivo galego se acantona, são precisamente aquelas em que a divisão da propriedade atinge o máximo, não se pode esperar que tenhamos perspectivas futuras que, a curto ou a médio prazo, nos permitam esperar diferenças consideráveis nas tendências verificadas.

No caso de uma concentração da terra em explorações agrícolas bem dimensionadas e onde a mecanização racional se possa fazer, dispensando, totalmente ou quase, o recurso do trabalho animal, julgamos que a continuidade da Galega deverá ser posta em dúvida. E, dadas as favoráveis condições agro-climatéricas da região para a produção de leite, teríamos de admitir a substituição das galegas por fêmeas holando-portuguesas, como se tem verificado nas iniciativas, mais ou menos isoladas, que já existem.

Damos, como exemplo, as Culturas Agrícolas Riba Minho, Lda, de S. Pedro da Torre - Valença. Na zona, só existiam fêmeas galegas. Com a formação da agricultura de grupo, concentrando a terra e originando uma exploração agrícola mais bem dimensionada, o galego foi posto de parte. E, hoje, existem ali entre 160 e 170 holando-portuguesas em plena função leiteira.

Todavia, enquanto assim não acontecer e o recurso ao trabalho animal continuar a ser necessário, estamos convencidos que a vaca galega continuará a expandir-se, fazendo recuar a barrosã e só lhe servindo de limite a altitude e a pobreza dos terrenos.

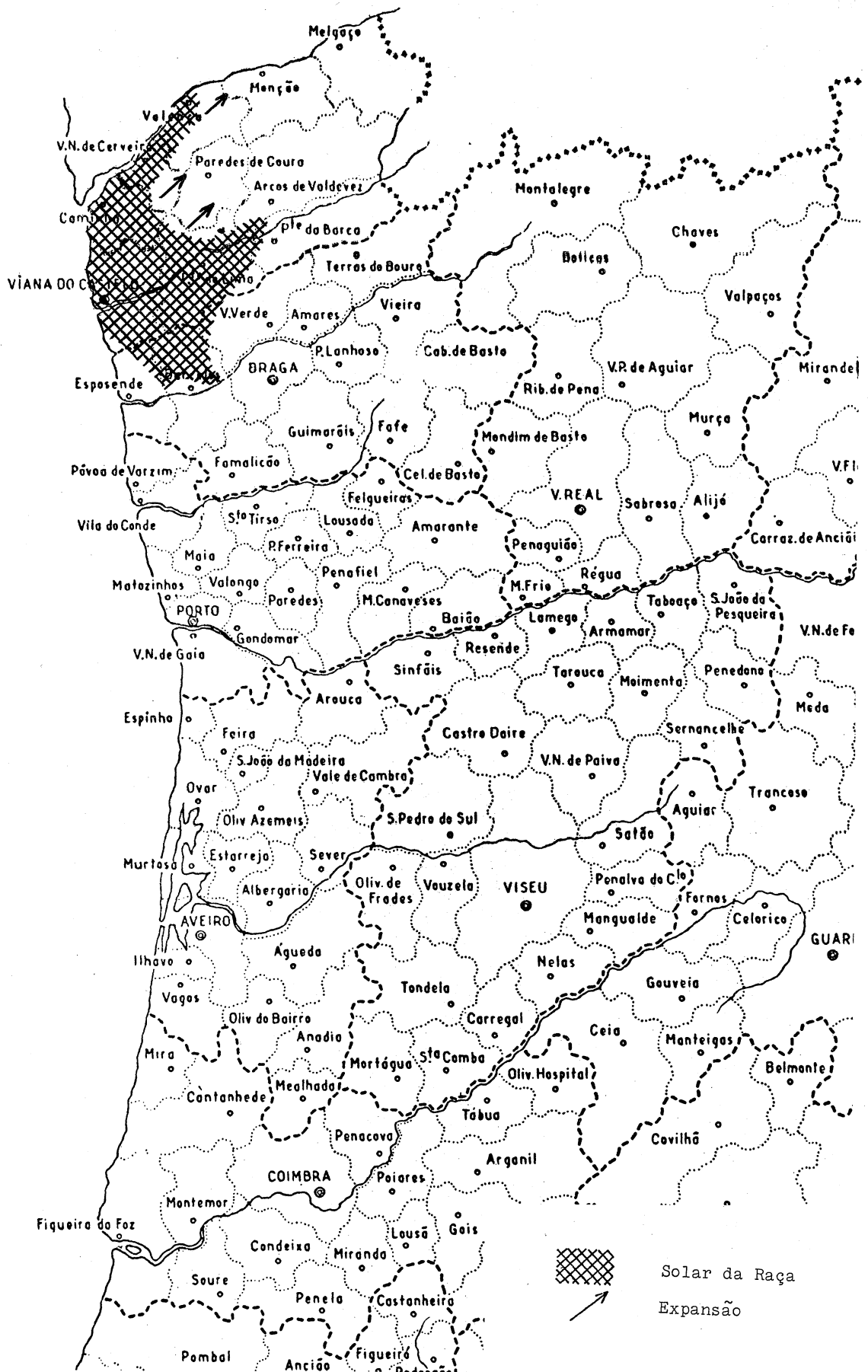
Na área do distrito de Viana do Castelo, nos concelhos de Valença, Paredes de Coura e Monção, há mesmo tendência para a aceleração do ritmo de substituição da barrosã pela galega.

No distrito do Porto, parece-nos que o aumento das vacas galegas não deve chegar a ter expressão.

Quanto ao de Braga, o aumento da galega não deve ser muito significativo, em virtude da barrosã estar a ser batida pela holando-portuguesa, como espectacularmente se verifica no Baixo Minho, particularmente nos concelhos de Barcelos e Vila Nova de Famalição.

Para finalizar, acrescentamos que a Campanha de Saneamento dos Bovinos Leiteiros, agora extensiva às fêmeas galegas, nos poderá trazer preciosos elementos sobre a exactidão ou erro dos números referidos neste trabalho e, ainda, a definição das zonas onde haja mais tendência de expansão dos animais desta raça.

No mapa da região, que seguidamente apresentamos, indicam-se as zonas de franca dominância da raça Galega e apontam-se as regiões para onde tende a expandir-se.



2. CARACTERIZAÇÃO - SÍNTESE DA RAÇA

2.1. Características gerais

Nesta sucinta caracterização, apresentamos os elementos colhidos no relatório do Dr. Domingos Varregoso e no Livro "Bovino Minhoto" do Dr. Beleza Ferraz: Tronco Aquitânico, raça convexilínea e mediolínea (Baron).

Caracteres étnicos:

CORPULÊNCIA - Mediana.

ESQUELETO - Forte e bem revestido de músculos.

PELE - Espessa, pouco elástica, coberta de pêlos lisos, curtos, espessos e ásperos.

PELAGEM - Mais ou menos avermelhada, com aberturas naturais almaradas.

CABEÇA - Um pouco comprida abaixo dos olhos, geralmente mais direita que convexa no chanfro, fronte larga e ligeiramente convexa.

CORNOS - De tamanho médio, de secção elíptica, brancos, com as pontas afogeadas, saindo quase horizontalmente para os lados, desviando-se um pouco para trás, voltando-se depois para diante e com as pontas reviradas para cima e para fora no último terço do seu comprimento.

ARCADAS ORBITÁRIAS - Pouco salientes.

FENDA PALBEBRAL - Ligeiramente oblíqua.

OLHOS - Superficiais e de expressão vagamente triste.

ORELHAS - De alta inserção, regular tamanho e providas, no interior, de pêlos grossos e compridos.

FACES - Compridas e triangulares.

CHANFRO - Geralmente rectilíneo, comprido, soldado aos nasais em abóbada circular.

FOCINHO - Pequeno e ligeiramente convexo nos bordos externos.

PESCOÇO - Curto e grosso, um pouco descaído, pouco embarbelado na parte superior, mas bastante sobre o peitoral.

CERNELHA - Pouco saliente.

COSTADO - Alto, mas pouco arqueado.

DORSO - Quase recto e comprido.

PEITO - Largo.

ESPÁDUAS - Largas e bem musculadas.

VENTRE - Um pouco volumoso.

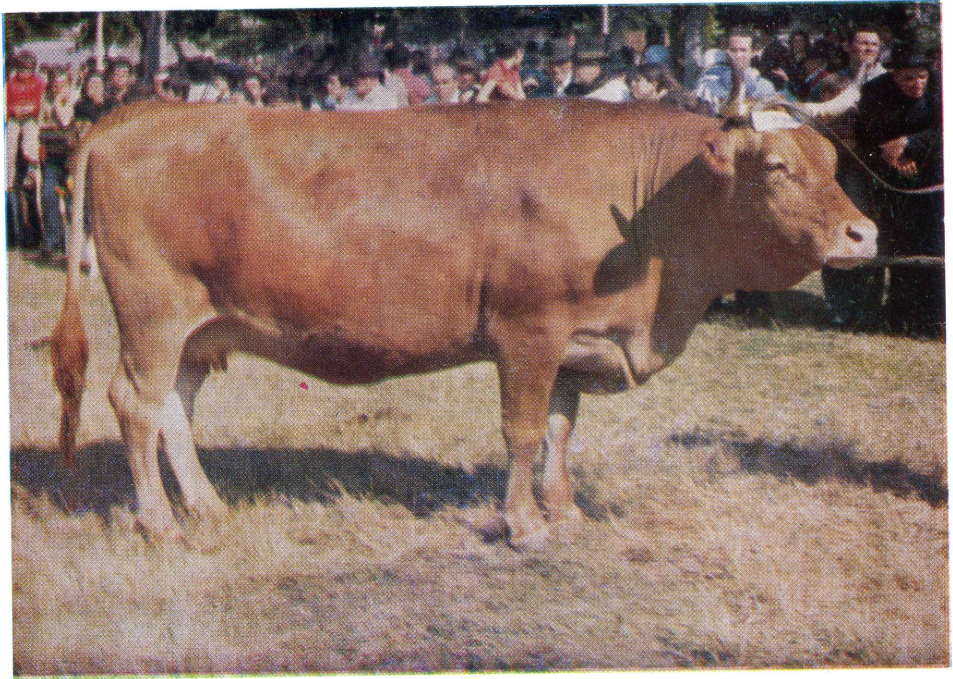
GARUPA - Alta, de ancas salientes e bem musculadas.

NÁDEGAS - Quase rectas e regularmente desenvolvidas.

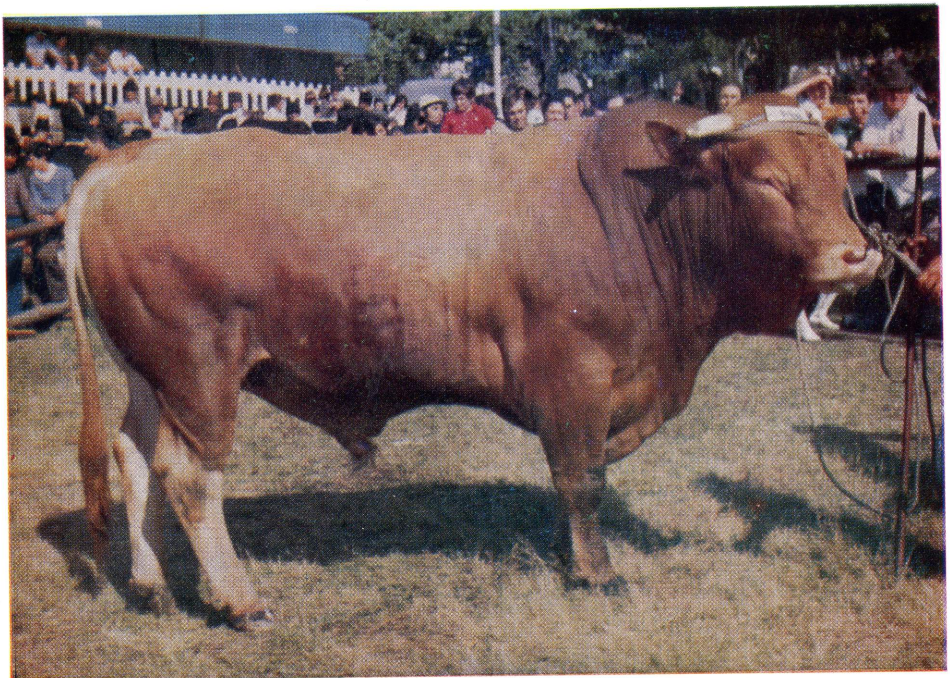
CAUDA - Comprida, de inserção alta e regularmente encabelada.

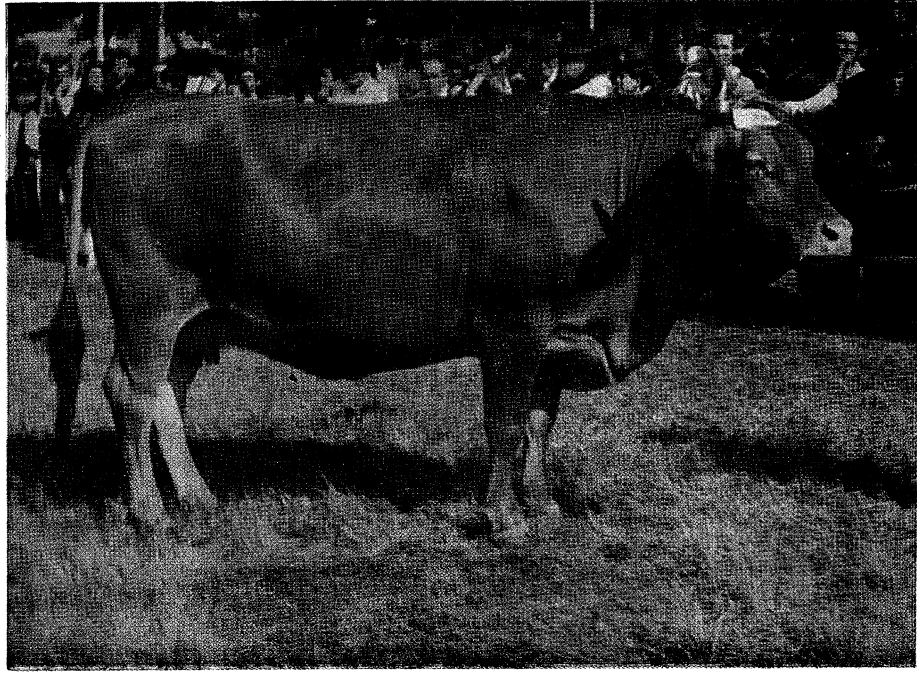
ÚBERE - Regularmente conformado e desenvolvido.

MEMBROS - Altos, de articulações pouco salientes, terminados por unhas largas e fortes.

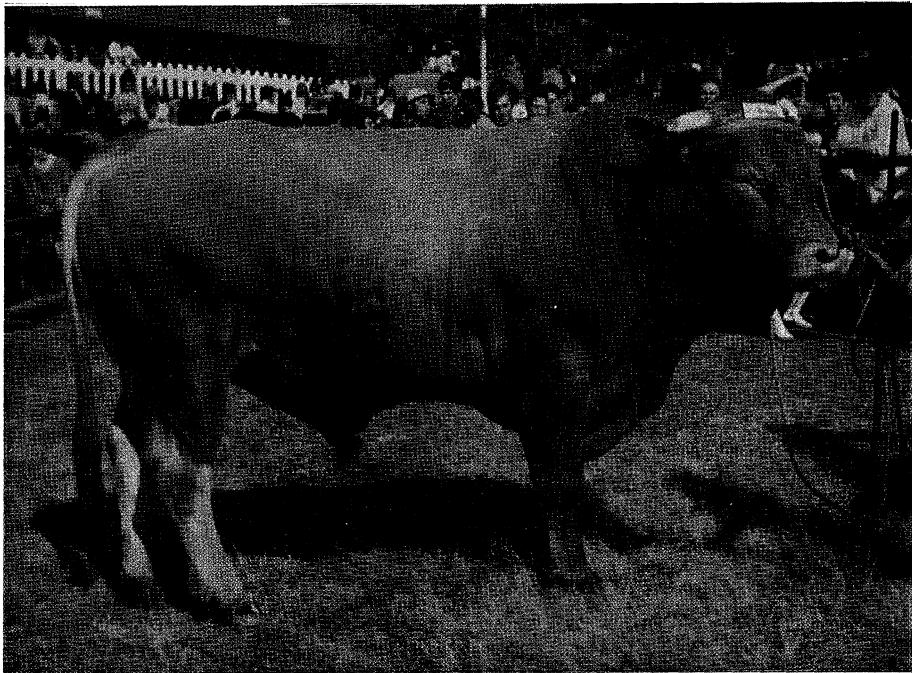


GALEGA





GALEGA



ZONA LOMBAR - Comprida, mas um tanto estreita.

Deve, no entanto, acrescentar-se que não há um tipo definido, ou melhor que há grandes variações, existindo animais adultos com quase o dobro do peso de outros e com mensurações totalmente diferentes, o que traduz os cruzamentos sofridos.

2.2. Características especiais

Os reprodutores masculinos são, geralmente, de índole dócil e de fácil manejo.

Apresentamos, seguidamente, os resultados de algumas mensurações a que procedemos.

Nos machos, referem-se a medições feitas no decorrer de alguns anos aos touros reprodutores dos postos de cobrição, Abrangem 44 animais, todos com 4 anos ou mais.

Quanto às fêmeas foram medidas nos postos de inseminação artificial. Totalizaram 46, todas elas também com 4 anos ou mais.

TOUROS (44 exemplares)

	MÉDIA m	MÁXIMA m	MÍNIMA m
Altura do garrote	1,33	1,42	1,24
Altura a meio do dorso	1,31	1,41	1,24
Altura da garupa	1,34	1,45	1,24
Altura da base da cauda	1,35	1,45	1,24
Comprimento do tronco	1,74	1,90	1,41
Largura do tórax	0,44	0,52	0,36
Altura do tórax	0,70	0,74	0,61
Comprimento da garupa	0,53	0,58	0,42
Largura ilíaca	0,46	0,53	0,40
Largura isquiática	0,12	0,13	0,10
Altura do olecrânio	0,71	0,78	0,65
Perímetro torácico	1,84	2,12	1,70
Perímetro da canela	0,19	0,23	0,16

VACAS (46 exemplares)

	MÉDIA m	MÁXIMA m	MÍNIMA m
Altura do garrote	1,27	1,43	1,15
Altura a meio do dorso	1,26	1,43	1,14
Altura da garupa	1,29	1,43	1,20
Altura da base da cauda	1,28	1,45	1,22
Comprimento do tronco	1,52	1,86	1,34
Altura do tórax	0,64	0,77	0,59
Largura do tórax	0,34	0,51	0,28
Comprimento da garupa	0,50	0,56	0,46
Largura ilíaca	0,47	0,56	0,42
Largura isquiática	0,11	0,14	0,10
Altura do olecrânio	0,70	0,78	0,67
Perímetro torácico	1,72	2,15	1,44
Perímetro da canela	0,17	0,21	0,15

Examinando os números apresentados, vemos vacas com 1,43m de altura no garrote ao lado de outras com 1,15m; comprimentos de tronco que variam entre 1,34m e 1,86m; perímetros torácicos que vão de 1,44m a 2,15m; comprimentos de garupa que oscilam entre 0,46m e 0,56m.

Compreende-se, assim, como a raça se encontra longe de qualquer homogeneidade, como atrás referimos.

Não fazemos a apreciação das medições dos machos, pois sendo estes dos postos de cobrição, já por si traduzem um certo escol, nascido da inspecção que elimina, a priori, os mais fracos.

Mesmo assim, encontram-se diferenças flagrantes.

A rapidez da expansão da raça, verificada, sobretudo, nas últimas décadas, pode explicar, em parte, essas diferenças.

Pode dizer-se que todas as crias fêmeas, sejam boas ou más, bem ou mal recriadas, são absorvidas pelas zonas onde se está a verificar a difusão.

3. SISTEMAS DE EXPLORAÇÃO E TIPOS DE PRODUÇÃO

A Galega vive, praticamente, todo o ano recolhida em estábulos-estru-meiras, conhecidos por "eidos" ou "aidos", sem manjedoura, e come sobre mato e estrume acumulados.

Acantonando-se numa região minifundiária em que a escassa terra é explorada intensivamente, pouco come directamente nas pastagens, apenas o fazendo na época que antecede a cultura principal do milho.

Nessa altura, é, até pitoresco ver as veigas cheias de vacas galegas, muitas delas a pastar presas, isoladas ou aos pares, conduzidas por pessoa da família do proprietário, o que marca outro índice da pobreza das explorações agrícolas do Noroeste winhoto.

3.1. Grau de dependência do trabalho no campo

De uma maneira geral, a fêmea galega presta serviço nas sementeiras, sobretudo na gradagem das terras, e no transporte dos estrumes e, por vezes, do mato. Todavia, neste último, utilizam-se, cada vez mais, tractores próprios ou alugados.

3.2. Produção de leite

As fêmeas galegas, na sua generalidade, devem produzir entre 1 500, e 1 800 litros por lactação, com 4% ou mais de teor butiroso.

Muitas produzem apenas 1 000 a 1 200 litros, ao lado de outras que ultrapassam os 3 000 litros.

No Posto Zootécnico de Viana do Castelo, duas fêmeas, adquiridas a lavradores, ultrapassaram os 4 000 litros, com teor butiroso superior a 4%.

Num ensaio feito recentemente na Estação de Fomento Pecuário de Entre Douro e Minho, tentou-se determinar a produção leiteira de 10 fêmeas primíparas, às quais foram retiradas as crias após o parto.

Delas, só quatro foram além de cinco meses de lactação, com os resultados seguintes:

Nº.1	-	212 dias	-	1 908 litros	com	4,14%	de	gordura
Nº.2	-	330 dias	-	2 606	"	4,05%	"	"
Nº.3	-	176 dias	-	1 216	"	4,73%	"	"
Nº.5	-	146 dias	-	1 111	"	4,44%	"	"

Pena é que a dispersão dos efectivos (1,8 cabeças por exploração) e a

escassez de meios humanos e materiais não tenham, ainda, permitido fazer o contraste lacto-manteigueiro das vacas galegas, para se conhecer melhor o seu potencial leiteiro, que é significativo e está prestando uma apreciável ajuda à economia regional.

Para se fazer uma ideia da justeza do que dizemos, informamos que só a produção de leite entregue nos postos de recepção em 1975, na área do distrito de Viana do Castelo, foi de 14 114 317 litros.

O efectivo holando-português registado na C.S.B.L. não foi além de 3 366 fêmeas, das quais mais de 500 não tinham ainda parido (registo para a dotação do 1º parto) e muitas estavam secas. Assim, não erraremos muito se dissermos que as fêmeas galegas produziram à volta de 70% do leite recolhido nos postos de recepção do distrito, cerca de 9 880 021 litros, ou seja um rendimento bruto de 60 000 contos, aproximadamente.

3.3. Produção de carne

Geralmente, as crias são abatidas

A criação de novilhos galegos tem pouca expressão, parecendo, no entanto, que se esboça uma certa tendência para se fazer. Com mais pormenores em 6.2. daremos alguns elementos que pudemos colher.

No entanto, e desde já, podemos adiantar ser bastante acentuada e digna de ser tomada em consideração a capacidade produtiva de carne dos bovinos Galegos.

Num ensaio de "performance" feito segundo um protocolo da Estação Zootécnica Nacional, com a colaboração de outros estabelecimentos zootécnicos da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários, puderam tirar-se conclusões que demonstram o que se poderá esperar do Galego como produtor de carne.

O ensaio desta raça realizado no Posto Zootécnico de Viana do Castelo foi feito com 16 vitelos autóctones não melhorados, de 165 dias de idade e com $139,81 \pm 13,51$ quilogramas. A testagem durou 212 dias e o seu fim foi atingido quando os animais tinham 377 dias de vida.

Quando do seu abate, o seu peso vivo era de $414,81 \pm 27,39$ quilogramas. A alimentação diária consistiu em 1 quilograma de feno e 2,5% do peso vivo em concentrado composto, sob forma granulada, com pesagens todos os 14 dias.

A reposição média durante o teste foi de $275 \pm 22,96$ quilogramas, com a reposição máxima de 317 e a mínima de 225.

A reposição média diária no teste foi de $1297,1 \pm 98,17$ gramas com a máxima de 1 502 e a mínima de 1 100.

O peso médio das carcaças foi de $222,75 \pm 17,07$ quilogramas, sendo a mais pesada de 249 e a mais leve de 186; o rendimento corrigido foi de 61,7% e o peso vivo aos 12 meses, de $402,63 \pm 22,7$ quilogramas. Por quilograma de peso vivo repostado, foram necessárias 5,0955 unidades forrageiras e 4,7543 quilogramas de matéria seca.

3.4. Esquemas de acções estatais existentes

As acções estatais são constituídas pela inseminação artificial, que está fazendo a obsorção da raça pela Gelbvieh. A inseminação artificial abrange os concelhos de Viana do Castelo, Caminha, Ponte de Lima, Vila Nova de Cerveira e grande parte do de Valença, no distrito de Viana do Castelo, onde existem 50 postos de inseminação artificial.

No distrito de Braga, a inseminação artificial é por chamadas nos

concelhos de Barcelos, Famalicão, Braga e Vila Verde. Existem nove postos de inseminação artificial nos concelhos de Barcelos e Esposende.

Em 1975, os números de fêmeas inseminadas foram:

Viana do Castelo	11 173
Braga	2 167
Porto	77
	<hr/>
	13 417
	<hr/>

Para além desta acção, praticava-se no extinto Posto Zootécnico de Viana do Castelo e, agora, na Estação de Fomento Pecuário de Entre Douro e Minho, em Barcelos, a recria de alguns reprodutores para povoar os postos particulares de cobrição natural, que existem, sobretudo, na orla limite da raça (em contínua alteração) e onde a inseminação artificial ainda não chegou.

Finalmente, a acção estatal exerce-se ainda no exame e aprovação ou reprovação dos reprodutores dos postos particulares ou oficiais de cobrição.

3.5. Localização de postos de reprodução natural

- Distrito do PORTO (1), sendo em:
Santo Tirso (1) - S. Tiago de Bougado
- Distrito de BRAGA (12), sendo em:
Esposende (1) - Belinho
Barcelos (4) - Fragoso (2), Courel e Campo
V. N. Famalicão (5) - Bairro, Antas, Pedome, Sesures e Gondifelos
Vila Verde (1) - Marrancos
Póvoa de Lanhoso (1) - Águas Santas
- Distrito de VIANA DO CASTELO (28), sendo em:
Arcos de Valdevez (2) - Távora e Oliveira
Caminha (4) - Vilar de Mouros, Cristelo, Orbacém e Arga de Cima
Melgaço (2) - Paderne e Castro Laboreiro
Monção (3) - Monção, Valadares e Moreira
Paredes de Coura (1) - Moselos
Ponte da Barca (1) Lavrados
Ponte de Lima (7) - Refóios, Correlhã, Calheiros, Seara, Bárrio, Poiães e Vitorino dos Piães.
Valença (1) - Cerdal
Viana do Castelo (6) - S. Lourenço da Montaria, Moreira de Geraz, Perre, Carreço, Lanheses e Deo-Criste
Vila Nova de Cerveira (1) - Gondarém

4. QUANTITATIVO DE ANIMAIS

Os elementos que vamos indicar são retirados do Arrolamento Geral do Gado de 1972.

Como indicaremos nos respectivos mapas, alguns números foram obtidos por cálculo, pois para algumas idades o arrolamento indica quantitativos gerais, abrangendo mais de uma raça, para além da holand-portuguesa, a única nele sempre destacada.

Como no distrito do Porto o galego existe apenas em pequenos núcleos, em ilhotas isoladas, limitamo-nos a indicar o número total de fêmeas e de machos de todas as idades, números estes que foram encontrados por cálculo.

4.1. Machos e Fêmeas

DISTRITOS	FÊMEAS	MACHOS	TOTAL
Viana do Castelo	22 587	3 631	26 218
Braga	8 260	2 309	10 569
Porto	1 590	170	1 760
TOTAIS	32 437	6 110	38 547

4.2. Grupos etários

Apresentamos os mapas, com a distribuição por concelhos, dos distritos de Braga e Viana do Castelo. Quanto ao Porto, a projecção do galego é tão reduzida e sem significado que bastam os elementos apresentados em 4.1.

EFFECTIVO GALEGO NO DISTRITO DE VIANA DO CASTELO

CONCELHOS	FÊMEAS				MACHOS				TOTAL
	Com menos de 1 ano	De 1 ano a menos de 2	De 2 anos e mais	Total	Com menos de 1 ano	De 1 ano a menos de 2	De 2 anos e mais	Total	GERAL
Arcos de Valdevez	100	157	540	797	53	8	10	71	868
Caminha	361	276	1 770	2 407	74	14	28	116	2 523
Meiçaço	55	43	343	441	25	6	19	50	491
Monção	82	71	508	661	55	43	152	250	911
Paredes de Coura	158	58	674	890	44	6	3	53	943
Ponte da Barca	14	26	79	119	15	3	5	23	142
Ponte de Lima	322	1 460	5 081	6 863	357	334	352	1 043	7 906
Valença	128	128	776	1 032	40	40	179	259	1 291
Viana do Castelo	762	1 410	5 313	7 485	300	560	800	1 660	9 145
Vila Nova da Cerveira	308	130	1 454	1 892	75	15	16	106	1 998
T O T A I S	2 290 (a)	3 759 (b)	16 538 (b)	22 587	1 038 (a)	1 029 (a)	1 564 (a)	3 631	26 218

OBSERVAÇÕES :

(a) Por cálculo, a partir do arrolamento de 1972

(b) Arrolamento de 1972

EFFECTIVO GALEGO NO DISTRITO DE BRAGA

CONCELHOS	FÊMEAS				MACHOS				TOTAL
	Com menos de 1 ano	De 1 ano a menos de 2	De 2 anos e mais	Total	Com menos de 1 ano	De 1 ano a menos de 2	De 2 anos e mais	Total	GERAL
Amares	10	23	88	121	9	4	10	23	144
Barcelos	564	712	2 867	4 143	287	339	289	915	5 058
Braga	86	117	564	767	36	30	87	153	920
Cabeceiras de Baixo	2	28	24	54	2	1	1	4	58
Celorico de Bastos	2	2	18	22	-	-	3	3	25
Esposende	60	85	289	434	13	14	15	42	476
Fafe	2	29	13	44	1	-	-	1	45
Guimarães	34	57	222	313	24	22	71	117	430
Póvoa de Lanhoso	4	31	33	68	2	1	3	6	74
Terras do Douro	1	3	12	16	-	-	1	1	17
Vieira do Minho	-	11	-	11	-	-	-	-	11
Vila Nova de Famalicão	207	105	1 109	1 421	259	366	289	914	2 335
Vila Verde	90	134	622	846	40	30	60	130	976
T O T A I S	1 062 (a)	1 337 (b)	5 861 (b)	8 260	673 (a)	807 (a)	829 (a)	2 309	10 569

OBSERVAÇÕES:

- (a) Por cálculo, a partir do arrolamento de 1972
- (b) Arrolamento de 1972

5. NÚMERO DE CABEÇAS POR EXPLORAÇÃO E SUA DEPENDÊNCIA DA EXPLORAÇÃO AGRÁRIA

Sobre este título, responderemos como nos for possível.

5.1. Número de cabeças por exploração

Limitamo-nos a indicar os números respeitantes aos distritos de Braga e Viana do Castelo, pois no Porto, como já se viu, o gado galego não tem significado económico.

Indicamos a distribuição vinda no Arrolamento Geral do Gado de 1978, em vez da pedida no esquema do inquérito, pois a esta ser-nos-ia impossível responder por falta de elementos. Afigura-se-nos que esta distribuição será tão elucidativa como a pedida no questionário.

VIANA DO CASTELO

CONCELHOS	NÚMERO DE MANIFESTANTES SEGUNDO O NÚMERO DE ANIMAIS				
	1 e 2	3 e 4	5 a 9	10 a 19	+ de 20
Arcos de Valdevez	160	98	34	4	-
Caminha	568	360	78	3	-
Melgaço	107	61	18	-	-
Monção	279	97	21	-	-
Paredes de Coura	144	150	34	-	-
Ponte da Barca	29	17	5	-	-
Ponte de Lima	2 100	1 006	290	15	-
Valença	407	140	22	-	-
Viana do Castelo	2 495	949	344	26	-
Vila Nova da Cerveira	633	246	35	2	-
TOTAL	6 922	3 124	881	50	-

NOTA: 63% das explorações têm menos de 3 animais e 91% tem menos de 5.

B R A G A

CONCELHOS	NÚMERO DE MANIFESTANTES SEGUNDO O NÚMERO DE ANIMAIS				
	1 e 2	3 e 4	5 a 9	10 a 19	+ de 20
Amares	22	11	6	-	-
Barcelos	810	374	252	50	6
Braga	86	62	64	6	-
Cabeceiras de Basto	5	4	3	-	-
Celorico de Bastos	3	3	1	-	-
Esposende	126	44	14	-	-
Fafe	5	3	2	-	-
Guimarães	41	30	39	1	-
Póvoa de Lanhoso	5	4	4	-	-
Terras do Douro	2	1	1	-	-
Vieira do Minho	1	-	-	-	-
Vila Nova de Famalicão	279	122	125	34	4
Vila Verde	211	107	39	2	-
TOTAL	1 596	765	550	93	10

5.2. Localização por concelho ou zona geográfica de encabeçamento médio, acima da média e abaixo da média

Tratando-se de uma região minifundiária e, até, de pulverização da propriedade, como acontece no noroeste minhoto, não nos é possível pôr a questão do encabeçamento.

A quase totalidade das explorações têm menos de 3 hectares, 97% no distrito de Viana, segundo dados tirados de uma estatística agrícola. Acrescenta-se que 65,7% têm menos de 1 ha.

Para bem se compreender o grau de divisão que a terra atingiu no Alto Minho, essas mesmas estatísticas apontam que cada exploração agrícola engloba, em média, 15,99 parcelas, muitas delas distantes das outras.

Por isso, seria muito arriscado falar de encabeçamento.

Pelo exame dos mapas de 5.1., verifica-se que em Viana do Castelo cerca de 91% das explorações têm menos de 5 cabeças, e em Braga, 78%. Números tão incómodos tornam sem significado qualquer oscilação abaixo ou acima deles.

5.3. Dependência do efectivo da exploração agrária em zonas mais representativas

A zona mais representativa para a raça Galega já está suficientemente definida e abrange os concelhos de Viana do Castelo, Caminha, Ponte de Lima, Vila Nova de Cerveira e, ainda, Valença, no distrito de Viana, em que o gado galego deve representar de 40 a 67% do efectivo bovino.

A dependência do efectivo da exploração agrária é total, pois o gado galego é alimentado exclusivamente com o produto da exploração agrícola.

Em toda a região do Galego, como aliás em todo o Minho, ainda se continua a praticar a monocultura.

É o milho que ocupa todas as terras disponíveis, as regadas e, até, muitas das de sequeiro. Quando da segunda sacha de milho, semeia-se o azevém e, às vezes, a erva molar.

Durante parte do ano, os animais vivem estabulados (nas cortes), saindo para pastar, sobretudo, nos dias que antecedem a sementeira dos milhos ou da batata para comerem directamente as ervas ainda existentes, rapando-as o mais possível.

Assim, durante o ano, têm como recursos alimentares: azevém, milho de desbaste, pendão, palha de milho, palha de azevém e, às vezes, erva molar.

- a) Novembro, Dezembro, Janeiro e Fevereiro - erva verde, sobretudo de azevém: palha de milho, de trigo, de azevém e de centeio (onde o semeiam) e ervas espontâneas. Quando a erva molar é muito tenra, dão-na em palhada. Pastagens.
- b) Março, Abril e Maio - erva de azevém, em abundância, e pastagem. Os animais estragam, então, quase tanto como comem.
- c) Junho - milho de desbaste e ervas espontâneas.
- d) Julho e Agosto - milho de desbaste, pendões e palha de azevém.
- e) Setembro - Idem, e palha verde de milho (após o corte das espigas).
- f) Outubro - Pastagens nos campos, palha verde de milho.

Assim, os animais são submetidos a épocas de muita escassez, alter-

nando com outras de relativa e, mesmo, de muita abundância, como se pode ver pelo gráfico-síntese que apresentamos:

FORRAGENS	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Palha de milho	+	+	+						+	+	+	+
Palha de azevém	+	+	+		+	+	+	+				
Palha de centeio em palhada	+	+										+
Azevém	+	+	+	+	+						+	+
Milho de desbaste						+	+	+				
Pendões							+	+	+			
Pastagem	+	+	+	+					+	+	+	+

5.4. Importância do efectivo na exploração agrária em zonas mais representativas, em função da sua participação no produto agrícola bruto

Já vimos que as explorações agrícolas no Minho se limitam, na generalidade, à sementeira de milho, alguma batata e pastagens intercalares, sobretudo de azevém. Há, no entanto, outro elemento importantíssimo com que contar - a vinha.

Se uma exploração com determinada área tem muita vinha, a sua produção agrícola - milho e erva - é diminuída. Pelo contrário, quando a área coberta pela ramada é menor, há uma compensação no aumento cerealífero e das pastagens.

Todavia, julgamos que o valor do vinho nunca vai além de 50% do produto bruto.

No que respeita à exploração do bovino Galego - carne, leite e trabalho - esse valor andarà entre os 30%, nas explorações com muita vinha, e os 40% ou mais, nas explorações em que a área coberta pela ramada é muito menor.

Várias conversas com alguns lavradores - e ainda são poucos os que sabem fazer contas - levaram-nos aos números que apontamos, para os distritos de Viana do Castelo e de Braga. No entanto, devemos acrescentar que não temos qualquer elemento comprovativo dos números indicados e, por isso, os apresentamos com toda a reserva.

6. ALGUNS DADOS BIOLÓGICOS

6.1. Índice de fecundidade

O índice de fecundidade é um dos pontos em que mais à vontade estamos para responder, dado os elementos que nos são fornecidos pela inseminação artificial. E, isto, muito embora não tenhamos possibilidades de "controlar" directamente as fêmeas cheias. Limitamo-nos a considerá-las assim desde que não voltem dentro de três meses à inseminação artificial. Como o número de postos de cobrição natural na zona de inseminação é diminuto, o erro que cometemos não deve ser grande.

Assim, parece-nos podermos dizer que o índice de fecundidade, nos três distritos, deve andar entre os 60 e os 70%.

6.2. Desmame

Dado que a vaca galega é explorada na sua função leiteira, acontece que, como para o holando-portuguêsa, o lavrador tem sempre muita pressa na venda do vitelo, o mesmo é dizer no desmame, pois as duas coisas coincidem.

Os vitelos são desmamados entre os 45 e os 60 dias, com o peso vivo médio de 60 a 65 quilogramas. Isto acontece indistintamente em qualquer época do ano.

Através das impressões trocadas com colegas municipais, lavradores e negociantes de gado, foi-nos transmitida uma ideia que julgamos muito aproximada sobre o destino das crias:

a) Vitelas - 30% são recriadas para a manutenção e substituição do efectivo-base e, ainda, para a expansão contínua da raça: 50% morrem ao desmame nos matadouros locais (Braga e Viana do Castelo) e os restantes 20% vão para os matadouros do Porto.

b) Vitelos - Até há pouco tempo; ninguém fazia recria, a não ser para a substituição dos poucos bois de trabalho que ainda restam e que não têm expressão económica.

Hoje, e, sobretudo, desde que se está a fazer uso do sémen de Gelbvieh, calcula-se que já se recriam na região cerca de 30% (Viana do Castelo e Braga). E 20% irão para fora da zona - distrito do Porto, também para recria.

Os restantes 50% são abatidos, cabendo aos matadouros do Porto cerca de metade. Desde o princípio de 1976, começou a ir para a feira da Malveira um número cada vez maior de vitelos melhorados com sémen alemão (Gelbvieh), que são recriados e acabados nos arredores de Lisboa.

6.3. Crescimento após o desmame

No número anterior, demos uma ideia dos animais que vão além do desmame, mas isto apenas em percentagem. Não possuímos elementos para responder mais concretamente.

Todavia, segundo a opinião do director do Matadouro de Viana do Castelo e de alguns negociantes consultados, os galegos abatidos em novinhos terão entre 18 meses e 2 anos e pesos de 220 a 240 quilogramas de carcaça.

Sobre o potencial da raça Galega no que respeita a precocidade, crescimento e produção de carne, já dissemos o suficiente em 3.3.

6.4. Partos

Os partos verificam-se quase indiscriminadamente durante todo o ano.

intervalo entre dois partos deve andar, em média, à volta de 13 a 14 meses. Durante a época do parto, não há nenhuma alimentação especial. Talvez, uma ou outra vez, um pouco de farinha de milho, mas raramente.

6.5. Índice de mortalidade até ao desmame

- a) Os abortos na região são raros. Isto deve-se, sobretudo, ao isolamento do efectivo em explorações de 1 e 2 cabeças, o que evita a propagação da brucelose, que, felizmente, não tem significado na região do Galego.
- b) Têm aumentado, ultimamente, os casos de morte no momento do parto, devido ao tamanho dos nascituros, transmitido por alguns reprodutores Gelbvieh.
Todavia, julgamos que irão, quanto muito a 0,5%.
- c) Depois do parto e até ao desmame, o índice de mortalidade diminuiu imenso desde que dispomos de meios para combater as diarreias.

6.6. REPRODUÇÃO

6.6.1. Métodos de reprodução

Já indicámos o número e a localização dos postos de cobrição e vimos os concelhos de grande concentração de fêmeas galegas, onde se pratica a inseminação artificial.

A maioria dos postos de cobrição situa-se na zona periférica, onde a raça está agora em expansão.

Nas áreas de maior densidade, utiliza-se a inseminação artificial, que atingiu em 1975:

Em Viana do Castelo, 63% das fêmeas galegas.

Em Braga, 29% das fêmeas galegas.

A reprodução nos postos de cobrição é em pureza.

Na inseminação artificial, utiliza-se sémen de Gelbvieh, a raça amarela alemã, certamente do mesmo tronco da Galega, e de tal maneira parecida com esta, que o lavrador só nota a diferença nas crias por serem maiores e mais bem conformadas, sobretudo no terço posterior, o que lhe dá uma plena aceitação.

Será um cruzamento de absorção, pois é o único sémen que estamos a utilizar.

Sobre este assunto, faremos mais algumas considerações no capítulo 12 (aspectos de melhoramento).

6.6.2. Índices de reprodução

- a) O índice de fecundidade deve oscilar entre os 60 e 70%.
- b) O número de partos por ano andarà por 0,8.
- c) A idade ao primeiro parto oscila entre os 2 e os 2,5 anos.
- d) A idade da reforma é entre os 10 e os 12 anos.

7. INDICAÇÃO, LOCALIZAÇÃO E GRAU DE INTERFERÊNCIA DE ORGANIZAÇÕES ESTATAIS, GRÉMIOS, FEDERAÇÕES, COOPERATIVAS E ENTIDADES PRIVADAS NA REGIÃO ESTUDADA

No que se refere à raça Galega, podemos dizer que há apenas a intervenção estatal e revestindo as seguintes formas:

- a) Concursos pecuários;
- b) Exame dos reprodutores e licenciamento dos postos de cobrição, particulares e oficiais;

- c) Recria de novilhos para esses postos;
- d) Inseminação artificial.

7.1. Sua funcionalidade

- a) Os concursos pecuários pouco ou nada interferem. Chegou a haver concursos de gado galego em Ponte de Lima, Monção e Caminha (Vila Praia de Âncora). Os dois primeiros deixaram de se realizar. Todavia, apraz-nos esclarecer, como excepção, que no concurso de gado galego de Vila Praia de Âncora, o único que se realiza na zona, se nota, de ano para ano, uma melhoria na qualidade de gado e até na quantidade de exemplares melhorados. Constitui, mesmo, para nós, uma espécie de prova anual do melhoramento a que se está a proceder através da inseminação artificial. Na realidade, todos os anos se nota acentuada melhoria na qualidade dos efectivos concorrentes, sobretudo nos de substituição- novilhas até aos 18 meses. E creio que tem servido de estímulo e tem tido bastante influência no melhoramento da raça.
- b) Os touros que povoam os postos de cobrição natural têm, como é óbvio, um acentuado grau de funcionalidade, na medida em que ajudam a melhorar ou a piorar o efectivo que servem. A exigência, cada vez maior, no exame dos reprodutores já há muito está produzindo bons resultados.
- c) Recria de novilhos para os postos de cobrição natural
O Posto Zootécnico de Viana do Castelo, tanto quando instalado nesta cidade como, agora, em Barcelos, tem considerado como uma das funções mais pertinentes a recria de novilhos galegos de boa categoria fenotípica para os fornecer aos proprietários dos postos de cobrição natural das zonas de limite e de expansão, aonde, por enquanto, a inseminação artificial não chega. Nos últimos dez anos, devem ter sido preparados e entregues para a reprodução cerca de 6 a 8 novilhos por ano.
- d) Inseminação artificial

Começando em 1962 com 260 vacas, atingiu em 1975, como já se disse atrás, cerca de 13 000 fêmeas galegas, assim distribuídas:

Braga	2 167
Viana do Castelo	11 173
Porto	<u>77</u>
Total	<u>13 417</u>

Trabalhámos nos últimos anos apenas com sémen de três touros Gelbvieh, importados da Alemanha e instalados na Estação de Estudos de Reprodução Animal.

A finalidade é melhorar a conformação, com vista à produção de carne, o que se está conseguindo de uma maneira espectacular, e, ainda, aumentar a precocidade e a produção leiteira.

A funcionalidade da inseminação artificial é indiscutível e o bovinicultor sente-a de tal maneira que nos solicita para irmos cada vez mais longe.

Só a falta de meios humanos e materiais tem impedido que o alargamento da zona de acção da inseminação artificial se acelere ainda mais.

7.2. Perspectivas futuras-indicação, tanto quanto possível, dos meios fáceis de obter, concretizando-os, sobretudo, em matéria de "contrôle" da reprodução

Mantendo-se as características fundiárias existentes, com a propriedade extremamente dividida e as explorações agrícolas com tão exíguas dimensões, será de prever, como, aliás, já o dissemos atrás, que a raça Galega continue a expandir-se, em detrimento da Barrosã, em direcção ao norte e nascente, prosseguindo o movimento de avanço em toda a periferia do que agora podemos considerar núcleo central e que já definimos e apresentámos no mapa anexo.

Nestas condições, e só nelas, as perspectivas são razoáveis.

É desejável, e diremos mesmo imprescindível, que, em Viana do Castelo e em Braga, se possa aumentar a área de acção da inseminação artificial, única via de podermos fazer um "contrôle" eficiente da reprodução.

Para isso, há que aumentar o número de inseminadores, devidamente apetrechados com viaturas, e o de técnicos, dedicados exclusivamente ou quase aos problemas da reprodução e do "contrôle" das inseminações e ao estudo das doenças da reprodução.

8. MOVIMENTO NA UTILIZAÇÃO DA RAÇA

8.1. Finalidades, Objective a afirmação

A raça Galega é explorada nas três funções: leite, carne e trabalho.

a) Até há poucos anos, quando a mecanização não existia, havia numerosas juntas de bois empregues no serviço da lavoura e no transporte, sobretudo de madeiras, para a doca de Viana do Castelo, por onde eram exportadas.

Tudo isso hoje desapareceu, quase se confinando os bois existentes às freguesias de Perre, Santa Marta e Meadela, nos arredores de Viana. Mas, mesmo aqui, o seu número deixou de ter significado. O trabalho que hoje ainda se realiza é prestado pelas vacas - e cada vez menos - na gradagem das terras, no transporte das ervas ceifadas, dos estrumes para os campos e dos matos colhidos nos montes. Mesmo nesta última função - o transporte dos matos -, estão os bovinos a ser substituídos por tractores com atrelados.

b) A produção de carne já a indicámos em números anteriores. Deriva, sobretudo, dos vitelos, das vacas substituídas e de alguns novilhos recriados.

c) A função leiteira foi, e continua a ser, o motor principal que impele e mantém em marcha a expansão Galega. O recebimento, todas as quinzenas, do dinheiro da venda do leite é, além doutros, factor decisivo na disseminação da raça Galega. Basta dizer que, no distrito de Viana do Castelo, calculamos que 70% do leite é produzido por fêmeas desta raça.

As ricas veigas do vale do Lima, onde quase não existe a holandoportuguesa, constituem, de longe, uma das melhores zonas leiteiras do Minho e, quiçá, do país.

Repetindo o que dissemos em 3.2., lembramos que em 1975, e só no distrito de Viana do Castelo, se pôde atribuir á vaca galega a produção de cerca de dez milhões de litros de leite.

8.2. Venda de fêmeas

As fêmeas adultas a substituir são agora vendidas por volta dos 10-12 anos e, pode dizer-se, são todas abatidas nos talhos da região.

Calculando que existam 24 000 fêmeas de mais de 2 anos, o número de vacas velhas abatidas na região deve rondar, anualmente, as 2 400.

8.3. Venda de novilhos

A criação de novilhos destinados a bois de trabalho está a diminuir cada vez mais, tendendo para desaparecer.

Sobre o número de novilhos recriados para abate, nada podemos dizer de concreto, além do que indicámos em 6.2. e que podemos repetir em síntese:

Dos vitelos, 50% morrem nos matadouros, 30% são recriados na região para substituição dos bois e para abate, em novilhos, nos matadouros locais e 20% irão ser recriados fora da zona.

9. ESTABELEÇA AS POSSIBILIDADES DA ÁREA DEMARCADA COMO SOLAR DESTA POPULAÇÃO PARA A PRODUÇÃO DE FORRAGENS.

9.1. Área existente

Contamos, apenas, com o distrito de Viana do Castelo, onde se situa o solar da raça e onde o número de galegas tem expressão.

Sobre Viana do Castelo, poderemos dizer que tem 210 838 hectares, dos quais apenas 24 267 são cultiváveis (milho e batata) e onde se semeia o azevém, intercaladamente. O tamanho médio da propriedade é de 2 868 m² e o número de prédios por exploração agrícola é de 16. Eleva-se a 95% o número de explorações agrícolas onde se praticam as culturas arvenses.

Não há prados permanentes ou temporários. As culturas forrageiras, quase limitadas ao azevém, intercalam-se entre duas culturas sucessivas de milho.

9.2. Área a obter facilmente

Com a estrutura fundiária existente, a dispersão das explorações, a sua pequenez, o elevado número de prédios que as constituem (muitas vezes, longe uns dos outros) e, ainda, os entraves provocados pela vinha, somos levados a afirmar, sem receio de erro, que não há novas áreas a obter facilmente. E que não é nada fácil, na região onde se explora o Galego, pensar em prados permanentes ou temporários nas circunstâncias actuais e enquanto elas se conservarem assim.

10. LOCALIZADA NA MELHOR ZONA E DISPONDO DE MEIOS ADEQUADOS, CARACTERIZE O MODELO DE EXPLORAÇÃO VIÁVEL DA POPULAÇÃO EM CAUSA

Implicitamente, já respondemos em números anteriores.

No dia em que for possível criar explorações agro-pecuárias viáveis, para um mínimo de 20 ou 30 cabeças, por exemplo, temos a certeza que, sobretudo nas melhores zonas, o galego cederá o lugar ao holando-português, de produção leiteira muito superior.

Desta forma, dispensamo-nos de responder ao que nos é pedido nos nºs. 10.1. a 10.3.

11. CONTRIBUIÇÃO PARA O ABASTECIMENTO NA REGIÃO E FORA DELA

11.1. Animais abatidos

Não dispomos de números que nos permitam responder a esta questão por falta de elementos estatísticos, tanto mais que os matadouros, nos seus registos, não discriminam a raça do gado abatido.

Em troca de impressões com o director do matadouro de Viana do Castelo, foram-nos fornecidos os seguintes elementos:

Em 1975, foram abatidos no matadouro de Viana do Castelo

Adultos - 1 100 213 quilogramas de carcaças de várias raças

Vitelos - 186 665 " " " " " "

Segundo o referido técnico e, ainda, alguns marchantes ouvidos, a raça Galega deve ter contribuído com cerca de 50% do gado adulto e 60% dos vitelos, ou seja cerca de 550 106 e 112 000 quilogramas, respectivamente.

No distrito de Braga, pelos elementos colhidos, sabemos que, da raça Galega, foram abatidos:

Matadouro de Braga -	58 884	quilogramas de carcaças adultas
Matadouro de Barcelos -	{ 207 170	" " " "
	{ 33 480	" " " de vitelos

No total, teremos, assim, cerca de 1 000 toneladas.

Devemos acrescentar que no Porto se abate uma quantidade apreciável de bovinos galegos, mas não temos elementos estatísticos que nos permitam avançar qualquer número.

Desta forma, e saltando sobre o nº 11.2. - animais enviados para fora da área para abate - por não possuímos elementos, consideramos respondido o questionário nº.11.3., que pede "quantidade de carne em quilogramas".

12. ASPECTOS DE MELHORAMENTO

12.1. Animais

12.1.1. Indique defeitos

1º Grande heterogeneidade, que traduz, de alguma maneira, os cruzamentos sofridos, o aproveitamento de quase todas as vitelas, mormente o das mais fracas, absorvidas pela expansão acelerada da raça, e, ainda, as diferentes maneiras como elas são alimentadas e tratadas durante a recria.

2º Fraca produção leiteira, que se situa, na generalidade, entre os 1 500 e os 1 800 litros por lactação.

3º Conformação deficiente, sobretudo do terço posterior.

4º Insuficiente precocidade.

12.1.2. Preconize soluções para a sua correcção

A solução para esses defeitos parece-nos estar em plena marcha, através da absorção pela Gelbvieh.

No aspecto da conformação, com um acentuado aumento da produção de carne, e no da maior precocidade, não podemos ter dúvidas nenhuma, pois os resultados estão à vista.

E, a fazer fé nos primeiros ensaios realizados na Estação de Fomento Pecuario de Entre Douro e Minho em fêmeas primíparas, a diferença dos cruzados para o Galego, em matéria de produção leiteira, é favorável aos cruzados.

De resto, isto representa uma enorme vantagem em relação à política anterior da 3ª Repartição, quando importou, por duas vezes, sementais galegos de Espanha, das províncias de Lugo e Orense.

Nitidamente melhorados pela "Limousine" com o fim de produzir mais carne, o seu potencial leiteiro estava enormemente diminuído.

Mais de uma vez, em reuniões técnicas na Direcção-Geral dos Serviços Pecuários, apontámos a nossa discordância com o recrutamento de sementais na Galiza, que, afinal, se realizou sem qualquer consulta aos serviços regionais.

Isto, afinal, repetiu-se com a Gelbvieh.

Mas, enquanto a utilização de reprodutores da raça Rúbia da Galiza não tem qualquer defesa, a do Gelbvieh é francamente melhoradora da precocidade e conformação e poderá vir a sê-lo, também, da produção leiteira.

Nos referidos ensaios feitos na Estação de Fomento Pecuário de Entre Douro e Minho, verificou-se que apenas uma fêmea galega foi além dos 2 000 litros durante toda a 1ª lactação (330 dias) e outra excedeu os 1 500. Em compensação, nas cruzadas derivadas do Gelbvieh, três fêmeas ultrapassaram os 2 000 litros na 1ª lactação e outras três quase os atingiram, estas indo muito além dos 1 500 litros (1 800 a 1 900 litros).

12.2. Estruturas de apoio à sua utilização

Devemos acrescentar, mesmo correndo o risco de nos repetirmos, que não vemos um grande futuro para a raça Galega, que, estamos certos, será substituída pela raça Holando-Portuguesa logo que a estrutura fundiária do Minho se modifique com a formação de explorações agrícolas bem dimensionadas e geridas.

12.3. Disponibilidades forrageiras diversificadas, quer para a manutenção de efectivos (pastagens) quer para a engorda (silagem de milho e luzerna)

Parece-nos já termos dito tudo o que havia a dizer.

Nas estruturas actuais, a alimentação da Galega é, e continuará a ser, a palha (milho e de azevém), a erva, o milho de desbaste e os pendões.

12.4. Que tipo de organização para a utilização da raça

Prejudicado

NOTA FINAL

Após esta exposição, que procurámos fosse clara e sucinta, conclui-se:

1º Que a raça Galega tem a tripla função de trabalho, carne e leite:

- a) Como produtora de trabalho, é dócil, possante, bem musculada e de unhas bastante rijas.
- b) Como produtora de carne, fornecemos no texto elementos bem concludentes que a situam, certamente, à cabeça de todas as raças nacionais.
- c) Como leiteira, possui indiscutível valor, susceptível de ser muito melhorado.

2º Que a raça Galega, no passado, foi fortemente infiltrada pela Turina, a ponto de ser muito difícil afirmar que mesmo os melhores exemplares são puros.

3º Que a Galega se encontra em plena expansão á custa do recuo da Barrosa.

49. Que, na conformação, a Galega está sendo espectacularmente melhora da pela Gelbvieh.

59. Que a criação de estruturas de base, com um bom dimensionamento das explorações agrícolas, provocará a substituição da Galega pela Holando-Portuguesa.

69. Que, nestas circunstâncias, será de pensar se se verificam condições que apontem para a constituição do livro genealógico da raça Galega.

Viana do Castelo, 11 de Novembro de 1976.

NOTA DE ACTUALIZAÇÃO

Actualmente, na zona do galego a dificuldade não se põe para se apreciar o grau de pureza da raça, mas sim para avaliar o seu grau de abastardamento.

Isto porque não é provável que se encontre algum animal que não tenha já a influência de outra raça.

Encontram-se animais que são produtos do cruzamento com as mais diversas raças, desde a Barrosã à Gelbvieh, passando pela Mirandesa, Frísia e Charolesa.

A Gelbvieh é sem dúvida aquela que tem influenciado de forma decisiva e em grande escala todo o efectivo de origem galega. Os produtos deste cruzamento, para além de melhorarem o aspecto morfológico, corrigindo alguns defeitos próprios da raça, aumentam de forma visível a produção de leite.

Neste momento a Direcção-Geral dos Serviços Veterinários e a Direcção Regional de Entre Douro e Minho estudam a forma de estender o contraste leiteiro a este grupo de animais, tendo em vista avaliar o grau de melhoramento verificado com a introdução massiva da raça alemã gelbvieh.

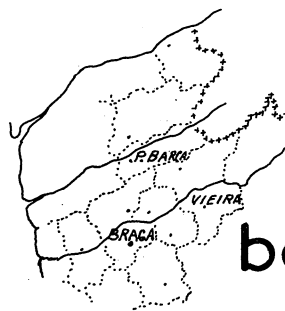
De 1976 até 1980 foram importadas para a Estação Nacional de Selecção e Reprodução Animal, 12 000 doses de sêmen daquela raça (9 000 em 1980 e 3 000 em 1977) mais 5 novilhos em 1980. Anteriormente haviam sido importados mais 8 machos em alturas diferentes.

O sêmen, quer produzido pelos animais importados, quer o importado directamente, foi na sua quase totalidade utilizado na zona do galego de que se recolheram os seguintes números de inseminações realizadas em vacas galegas.

1976	1977	1978	1979	1980
10 369	9 954	12 230	10 959	10 034

Se a estes números juntarmos as beneficiações efectuadas pelos animais cruzados, com maior ou menor percentagem de sangue estrangeiro, que se encontram nos diversos postos de cobrição, fãcilmente se chega à conclusão com que abrimos esta pequena nota.

Para melhor avaliação da influência do Gelbvieh, ver o que se escreve na parte do livro referente a raças exóticas.



barrosã

MANUEL GARCIA
JOSÉ DO ROSÁRIO
MARQUES ANTUNES

RAÇA BOVINA BARROSÃ

INQUÉRITO PARA A SUA CARACTERIZAÇÃO E SEU SISTEMA DE EXPLORAÇÃO

1. LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO-SOLAR DA RAÇA

Muito embora a área de criação desta raça se estenda pelos concelhos do extremo Noroeste do distrito de Vila Real aos submontanhosos dos de Braga e Viana do Castelo, não resta dúvida que o seu solar de origem se localiza precisamente na "Terra de Barroso", de cuja topônimo muito justamente retirou o nome.

E dizemos "sem dúvida", porquanto, sendo o solar de criação a região onde, normalmente, os exemplares da raça exibem os seus mais característicos atributos étnicos, é, de facto, na Terra de Barroso onde ainda hoje se encontram os melhores representantes da raça bovina Barrosã.

O "Barroso" ou "Terra de Barroso", território conhecido desde os primórdios da nacionalidade, compreende, aproximadamente, os actuais concelhos de Montalegre e de Boticas, as freguesias de Campos e Ruivães do Concelho de Vieira do Minho e a de Gondiaães do de Cabeceiras de Basto. Algumas povoações a norte de Montalegre estendiam-se até Espanha, a que ficaram pertencendo por tratado de limites fronteiriços.

Consiste numa região montanhosa orograficamente bem delimitada, onde se distingue, por maior fertilidade, o planalto barrosão, cujo centro é Montalegre. São terras de 800 a 1 000 metros de altitude, acima das quais afloram acidentes orográficos, incultos e desabitados, que não ultrapassam os 1 300 metros: serras do Larouco, das Alturas - também chamadas do Barroso -, e as da Cabreira e do Gerês, que constituem limites a sul e a poente, prolongando-se esta última até à fronteira pela elevação que localmente se designa por serra da Mourela.

A constituição geológica do solo da "Terra de Barroso" é granítica, de baixo pH, com exclusão de duas extensas manchas de rochas metamórficas, uma das quais se estendem de Boticas a Montalegre e outra que, seguindo o vale do Tâmega, se prolonga de Ribeira de Pena às freguesias do Sul dos concelhos de Boticas e Montalegre.

Não podemos deixar de destacar, ao observar o maior desenvolvimento somático da raça no seu solar, a participação positiva que lhe teria dado a composição geológica dessa grande parte do planalto barrosão, de estrutura xistosa, sem os inconvenientes da pobreza de cálcio que caracteriza os terrenos graníticos do Minho por onde a raça se expandiu e a sua estrutura algo se prejudicou.

As quedas pluviométricas acusadas pelo Observatório Meteorológico de Montalegre (1 006 m. de altitude) atingiram a média de 1 256 mm no quadriénio de 1971/74. A temperatura média nesse período foi de 9,0º C, com a seguinte distribuição: Outono, 10,8º; Inverno 3,2º; Primavera, 7,0º; Verão, 15,4º.

Foi neste ambiente húmido e frio que evoluiu e se moldou a raça bovina Barrosã, cujas características são filhas das condições ecológicas, do manejo tradicional e da selecção empírica dos criadores montanheses, os quais, como que sequestrados do restante território, chegaram ao limiar do nosso século dedicados à criação de gado segundo hábitos e costumes do tipo comunitário.

Neste território, a exploração bovina era altamente favorecida pela apascentação - só suspensa pela recolha dos gados nos meses frios - em incultos tão extensos que, conforme o apuramento dos baldios do concelho de Montalegre, de 1938, a sua superfície era de 41 830 ha, isto é, 53% deste concelho.

No concernente à origem da raça, sua evolução e ocupação territorial, podemos estabelecer três estádios: passado remoto, passado próximo e presente. Através deles, tentaremos perspectivar o futuro.

1.1. Passado remoto

O passado muito remoto envolve a própria origem da raça. Não iremos repetir o que

um de nós já referiu acerca da origem e evolução do bovino Barrosão (a). Apontemos, apenas, que não há referência conhecida quanto à sua origem, nem aos seus primórdios.

Trata-se de uma raça pura, e não só pura, como, absolutamente, original no continente europeu quanto a alguns dos atributos étnicos.

A sua origem, segundo o Prof. Miranda do Vale, foi incluída no Tronco Mauritano, cujo ancestral paleontológico, de tipo côncavo e brevilíneo, descoberto por Thomás no Norte de África, foi denominado "Bos Primigenius Mauritanicus", com a seguinte descrição:

"A nuca era côncava ou pouco saliente; os olhos muito salientes; os cornos compridos e possantes eram situados no cimo da cabeça, dirigiam-se primeiro para cima e para o lado, depois recurvavam-se para diante, virando as pontas para dentro e para baixo".

De facto, a raça Barrosã caracteriza-se pelo seu perfil côncavo, pela saliência das suas arcadas orbitárias e pelos seus cornos compridos e possantes, saindo para cima e um pouco para fora.

Ao levantar o véu sobre a origem da raça, o Prof. Miranda do Vale deu ao seu ancestral Mauritano a denominação de "Bos Taurus Atlanticus", certamente por ter um descendente puro na orla atlântica.

É perfeitamente admissível que o bovino Mauritano tivesse existido entre nós dada a larga e demorada ocupação árabe na Península Ibérica e a fácil comunicação com o Norte de África. Também é de considerar plausível que este bovino mais pequeno e menos adaptado ao trabalho pesado do que os dos troncos Ibérico e Aquitânico, tivesse sido mais tarde preterido e eliminado por estes, tendo, porém, ficado alguns núcleos nas zonas planálticas do Barroso. Estamos mesmo em crer que tenha sido o comunitarismo de origem pré-romana, com as suas vezeiras e o seu empirismo de selecção e a boa índole e aptidão cevatriz destes bovinos, que contribuiu para a sua criação, modelação e fixação, seguidas da larga expansão com que chegaram a meados do século passado, abrangendo, pelo menos, toda a zona central do distrito de Braga e os seus contrafortes serranos de noroeste.

1.2. Passado recente

Através de referências quanto à larga exportação, pela barra do Douro, de bois de talho para Inglaterra na segunda metade do século passado, sabemos que esses bovinos procediam, principalmente, da região de Entre Douro e Minho e que dois terços eram constituídos por bois barrosãos, muitos deles nascidos no solar da raça.

É evidente que já então se cevavam bois e se lhes apreciava a carne, mas foi o comércio com a Inglaterra que incentivou a recria e a ceva desta raça e elevou a estatura dos animais, que, em notável percentagem, atingiam 40 arrobas (peso morto).

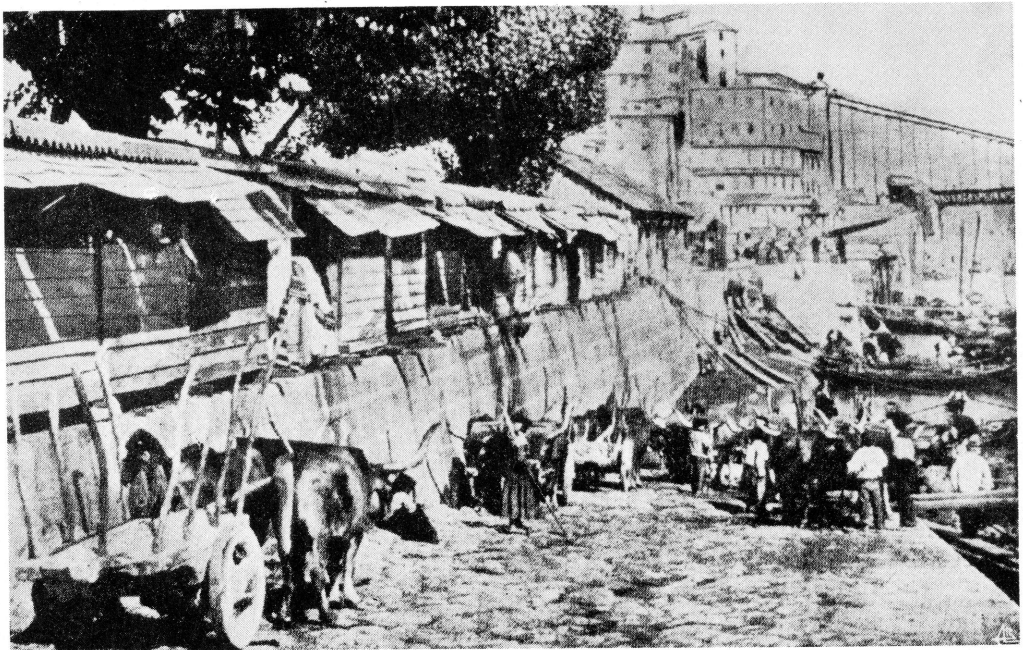
Temos conhecimento de que, após a grande crise de exportação, continuaram saindo para Inglaterra, até 1920, alguns bovinos barrosãos cevados.

Igualmente se torna evidente a aura que teve a carne bovina Barrosã. Ainda, hoje, alguns restaurantes londrinos usam como propaganda o reclame "Portuguese Beef". Deduz-se pois que os bovinos de origem mauritana, mercê do desvelo de manio, a que ainda assistimos correntemente, da selecção no sentido da maior corpulência e das "chegas" dos touros, em que intervinha a emulação entre os povos das freguesias do Barroso, se foram apurando na raça que hoje conhecemos e cuja zona de criação se foi dispersando pelas áreas submontanhosas de todo o Entre Douro e Minho. Nesta região se procedia também à recria dos novilhos, os quais, descedendo para cotas inferiores do anfiteatro minhoto, eram explorados como bois de trabalho e, seguidamente, de ceva nos férteis plainos até à orla marítima, atingindo mesmo, para lá do Douro, o concelho de Vila Nova de Gaia. (Ver fotografia na página seguinte).

Estes bovinos eram também denominados "maianos", por provirem de casas de Lavoura das úberes Terras da Maia, que se estendiam do Porto ao Rio Ave.

No seu avanço para o distrito de Viana do Castelo, os bovinos barrosãos, conhecidos também por "piscos" no Minho, desalojaram os de uma outra raça - a Galega -, os quais naturalmente se cruzaram, dando origem a vários tipos, descritos como marelos e bagueses, con

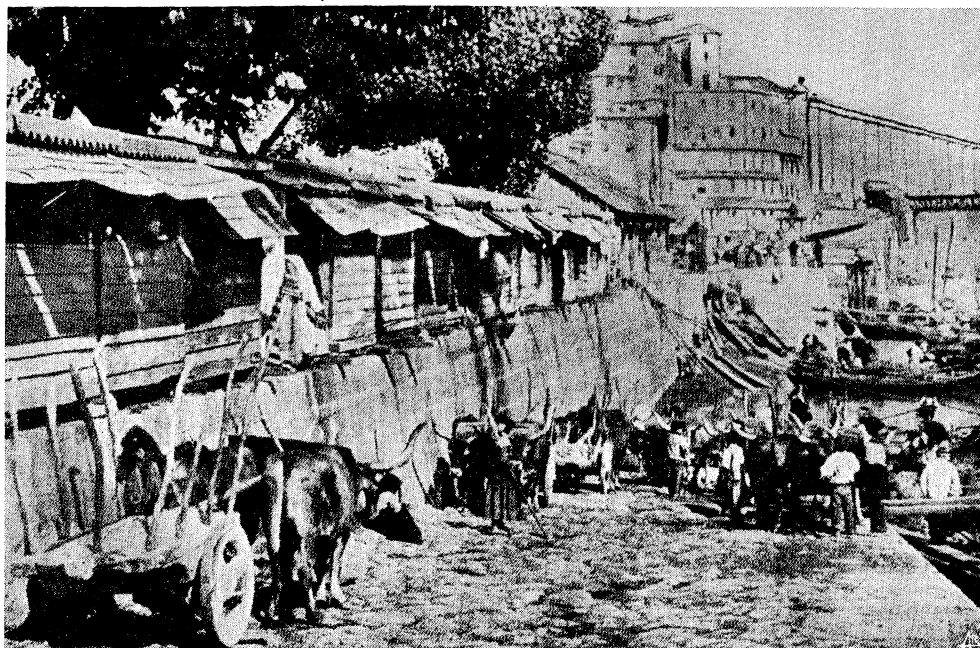
(a) A raça bovina Barrosã - boletim Pecuário nº.1 - Ano XXXII (1964)



Cais da Ribeira (Porto), vendo-se ao fundo os pilares (ainda existentes), o tabuleiro e os cabos de suspensão da Ponte Pênsil sobre o Douro, junto e a montante da qual foi construída a Ponte de D. Luís, adjudicada em 1881 e inaugurada em 1886.

Notar que, cerca de 1880, na área de intensa faina fluvial do Porto que era o Cais da Ribeira, se observavam apenas bois de trabalho da raça barrosã, evidenciados pelo seu fenotipo em que sobressai o desenvolvimento córneo.

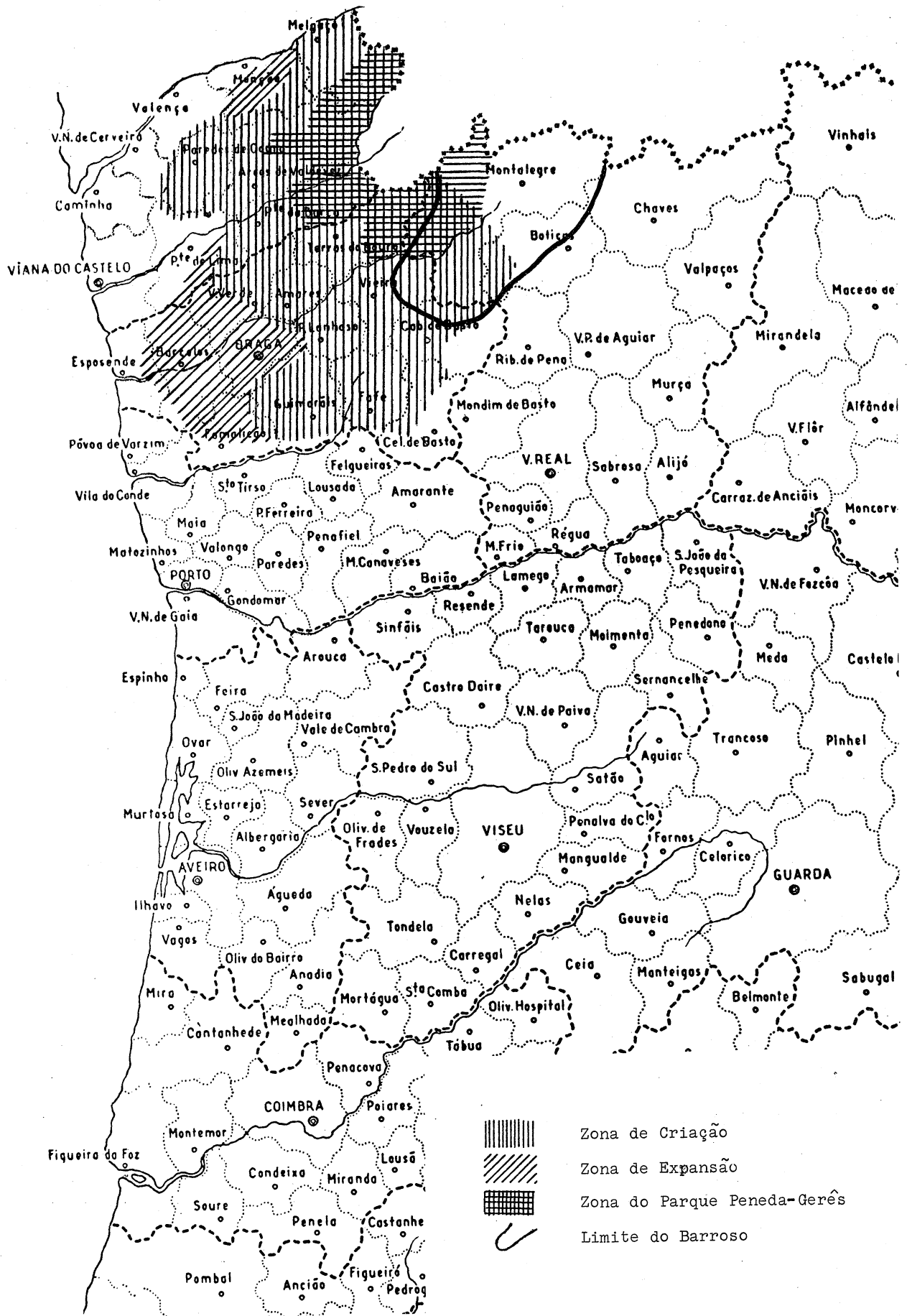
Zincogravura do Gabinete de História da Cidade (Câmara Municipal do Porto), cedida por amável deferência do seu ex-director, Dr. J. A. Pinto Ferreira e reproduzida no seu livro "Preços de Géneros Alimentícios Comercializados nos Mercados do Porto no Sec. XIX (1844 — 1899)".







Cais da Ribeira (Porto), vendo-se ao fundo os pilares (ainda existentes), o tabuleiro e os cabos de suspensão da Ponte Pênsil sobre o Douro, junto e a montante da qual foi construída a Ponte de D. Luís, adjudicada em 1881 e inaugurada em 1886.

Notar que, cerca de 1880, na área de intensa faina fluvial do Porto que era o Cais da Ribeira, se observavam apenas bois de trabalho da raça barrosã, evidenciados pelo seu fenotipo em que sobressai o desenvolvimento corno.

Zincogravura do Gabinete de História da Cidade (Câmara Municipal do Porto), cedida por amável deferência do seu ex-director, Dr. J. A. Pinto Ferreira e reproduzida no seu livro "Preços de Géneros Alimentícios Comercializados nos Mercados do Porto no Sec. XIX (1844 — 1899)".



-  Zona de Criação
-  Zona de Expansão
-  Zona do Parque Peneda-Gerês
-  Limite do Barroso

soante o seu grau de composição étnica, tipos estes que desapareceram por absorção da raça pura.

Passada essa época áurea da exploração e expansão Barrosã, em que se desenvolveram ao máximo as suas características somáticas, designadamente no solar, a raça entrou em declínio.

1.3. Presente

Não podemos, no processo de evolução da raça Barrosã, referir-nos ao presente sem considerar aquele com que ainda contactámos há algumas dezenas de anos. Não é preciso ter visitado o Porto há mais de quarenta anos, e observado a faina ribeirinha desta cidade e de Vila Nova de Gaia, para ter assistido à carretagem com juntas de bois Barrosãos, jungidos a altas cangas ornamentais, que constituíam surpresa para turistas e faziam parte da colecção de postais folclóricos.

Ainda no meado deste século se observavam nas matanças da Páscoa reses Barrosãs de mais de 600 kg de carcaça, cevadas em antigas casas de lavoura que tradicionalmente "enviavam bois para o barco", localizadas, principalmente, nos concelhos de Maia, Vila do Conde e Vila Nova de Famalicão.

Hoje, é raro encontrar uma junta de bois desta raça em qualquer ponto do distrito do Porto, onde mais abundavam. Não só a tracção mecânica eliminou a animal, como no próprio trabalho agrícola os bois Barrosãos foram destronados pelos de outras raças. No Douro Litoral, foram-nos, sobretudo, por novilhos turinos.

Nas zonas minifundiárias do interior, o trabalho continua a ser efectuado por vacas de criação ou por algumas juntas de novilhos de recria.

Não há dúvida que o interesse pela exploração bovina Barrosã vem decaindo acentuadamente. Até mesmo quanto à produção da sua excelente carne, o incentivo da maior valorização que lhe era dado pela marchantaria desapareceu em 1959, ano a partir do qual esta raça passou a alinhar com todas as outras nas tabelas de aquisição de bovinos adultos elaboradas pelo Grémio dos Comerciantes de Carnes Verdes do Porto.

Damos exemplo, no fim deste número, de duas dessas tabelas, das quais a mais recente foi precisamente a derradeira a manter essa distinção dos bois de talho Barrosãos sobre os das outras raças.

Já em 1959 se previa a contracção da área ocupada pela raça, o que de facto se foi constatando até hoje e se pode resumir da seguinte forma:

No solar - o seu recuo para poente - facto já notado em 1860 por Bernardo Lima -, o gado Barrosão foi preterido por exemplares mirandeses (localmente, denominados "galegos", em oposição aos Barrosãos, designados por "portugueses"), cujos postos de cobrição se espalharam pelo Barroso, atingindo Tourém, Pitões das Júnias, Covelães, Contim e Veade. Introduz-se assim, acentuada cunha no próprio solar Barrosão, até à serra do Gerêz, relegando-se a vaca Barrosã para as últimas freguesias do Sudoeste dos concelhos de Montalegre e de Boticas, em direcção à serra da Cabreira.

Os factores causais deste recuo foram os seguintes:

- Expansão da cultura da batata de semente e consequente exigência de trabalho animal;
- Melhor condição dinamófora da raça Mirandesa;
- Maior estatura e precocidade do Mirandês;
- Produção, a partir do gado mirandês, de crias, puras ou cruzadas, mais corpulentas e precoces do que as Barrosãs.

Concomitantemente com a Mirandesa, foi-se infiltrando no Barroso uma outra raça menos corpulenta que a Barrosã - a Maronesa -, proveniente do vizinho concelho de Ribeira de Pena, situado a sul, pelo que abunda, sobretudo, em freguesias do concelho de Boticas.

A preferência pelos bovinos desta raça (penatos), em regra representada por bois,

apenas se pode explicar por suplantarem as vacas barrosãs na função de trabalho, dado o seu temperamento nervoso, além de se lhes reconhecer maior sobriedade alimentar e boa rigidez de unhas para o serviço de tracção em caminhos alcantilados.

Na região do Entre Douro e Minho, haverá que considerar alguns particularismos quanto ao movimento da raça.

No distrito do Porto, o desaparecimento de exemplares barrosãos deve-se ao seguinte:

- Quanto a fêmeas

À sua substituição pela vaca turina ou pela galega, esta, principalmente, nas áreas de cultivo mais socalcadas do concelho de Penafiel.

- Quanto a bois, e por ordem cronológica

À redução progressiva dos bois de ceva na zona próxima do Porto e a ocupação desta por vacas turinas.

À substituição das juntas de bois barrosãos por bois ou novilhos turinos, de mais rápido desenvolvimento, prática esta iniciada na área industrial leiteira do Centro do distrito (concelhos de Penafiel, Paredes e Lousada) e que alastrou até ao litoral.

À redução geral do número de bois de trabalho como consequência do acréscimo de meios mecânicos de tracção agrícola.

Na área do distrito de Viana do Castelo, o gado barrosão foi totalmente substituído por galego nos vales do Lima e do Âncora. Esta infiltração é ainda manifesta nos concelhos de Vila Nova de Cerveira e Valença. A razão fundamental dessa substituição deve-se à produção de leite, que na raça Galega já é bastante significativa.

No distrito de Braga, o barrosão foi fortemente preterido por gado turino nos concelhos do litoral, o qual se tem infiltrado também sensivelmente na zona central do distrito. Por sua vez, o gado galego, proveniente do Vale do Lima, tem excluído também o barrosão na área Norte do concelho de Barcelos, confinante com o distrito de Viana do Castelo.

GRÊMIO CONCELHIO DOS COMERCIANTES DE CARNES DO PORTO

TABELA DE GADO ADULTO

Em vigor a partir de 22 de Agosto de 1955

BOIS:

Barrosos		POR ARROBA		POR QUILO
E.	-	235\$50	-	15\$70
1ª.	-	231\$00	-	15\$40
2ª.	-	222\$00	-	14\$80
3ª.	-	204\$00	-	13\$60

Serranos, Galheiros, Galegos e Raiano (a)				
E.	-	231\$00	-	15\$40
1ª.	-	225\$00	-	15\$00
2ª.	-	213\$00	-	14\$20
3ª.	-	204\$00	-	13\$60

Turinos				
E.	-	225\$00	-	15\$00
1ª.	-	219\$00	-	14\$60
2ª.	-	207\$00	-	13\$80
3ª.	-	198\$00	-	13\$20

=====

TABELA DE GADO ADULTOEm vigor a partir de 7 de Setembro de 1959

BOIS:

Barrosos		POR ARROBA		POR QUILO
E.	-	280\$50	-	18\$70
1ª.	-	276\$00	-	18\$40
2ª.	-	271\$50	-	18\$10
3ª.	-	238\$50	-	15\$90

Serranos, Galheiros, Galegos, Raianos, Alentejanos, Algarvios e Turinos				
E.	-	273\$00	-	18\$20
1ª.	-	268\$50	-	17\$90
2ª.	-	264\$00	-	17\$60
3ª.	-	231\$00	-	15\$40

(a) Serranhos=Arouqueses, Galheiros=Maroneses; Raianos=Mirandeses e Marinhões

1.4. Perspectivas futuras

A contracção da mancha territorial ocupada pela raça acentuar-se-á, sem dúvida, até ficar reduzida, no seu solar, quase somente à freguesia de Salto, do concelho de Montalegre, e às de Ruivães e Campos, do concelho de Vieira do Minho. Será esta, essencialmente, a reserva mais pura da raça Barrosã.

Na região minhota, a zona de criação limitar-se-á a partir de cotas de 600 m, nos contrafortes das serras da Cabreira, Gerês, Amarela, Soajo, Peneda e Castro Laboreiro, respeitantes aos concelhos de Cabeceiras de Basto, Vieira do Minho, Terras do Bouro, Ponte da Barca, Arcos de Valdevez e Melgaço. A estas serranias será de acrescentar o acidentado concelho de Fafe.

Devemos considerar que, quanto mais intensa e rapidamente se processar o desenvolvimento agro-social da região e se emparcelar o minifúndio em ordem a uma mais rendível exploração agro-pecuária, mais a vaca barrosã será reservada para as altitudes minhotas, pouco propícias à manutenção dos seus melhores atributos étnicos, por deficientes condições alimentares, pelo menos nos períodos em que a neve longamente ornamenta os cumes.

Rotas da expansão da raça

No mapa anexo, indicamos as principais rotas que admitimos ter seguido a raça.

A sua expansão deve ter-se feito quer no sentido sul, atravessando a serra da Cabreira, quer, sobretudo, no de leste, descendo as manadas, principalmente de adolescentes, pelos desfiladeiros do Vale do Cávado.

Há quarenta e cinco anos, ainda se dirigiam para a grande feira do Pico de Regalados (Vila Verde) centenas de vitelos do Barroso, na maioria machos, conduzidos a pé, com os pesunhos protegidos por toscos sapatos de couro, com que se evitava o rompimento das unhas, pouco resistentes para tão longas caminhadas, nas quais os animais perdiam peso e alguns succumbiam. Logo após o advento do transporte automóvel, este gado passou a ser poupado a essas situações de "Stress" que o inferiorizavam.

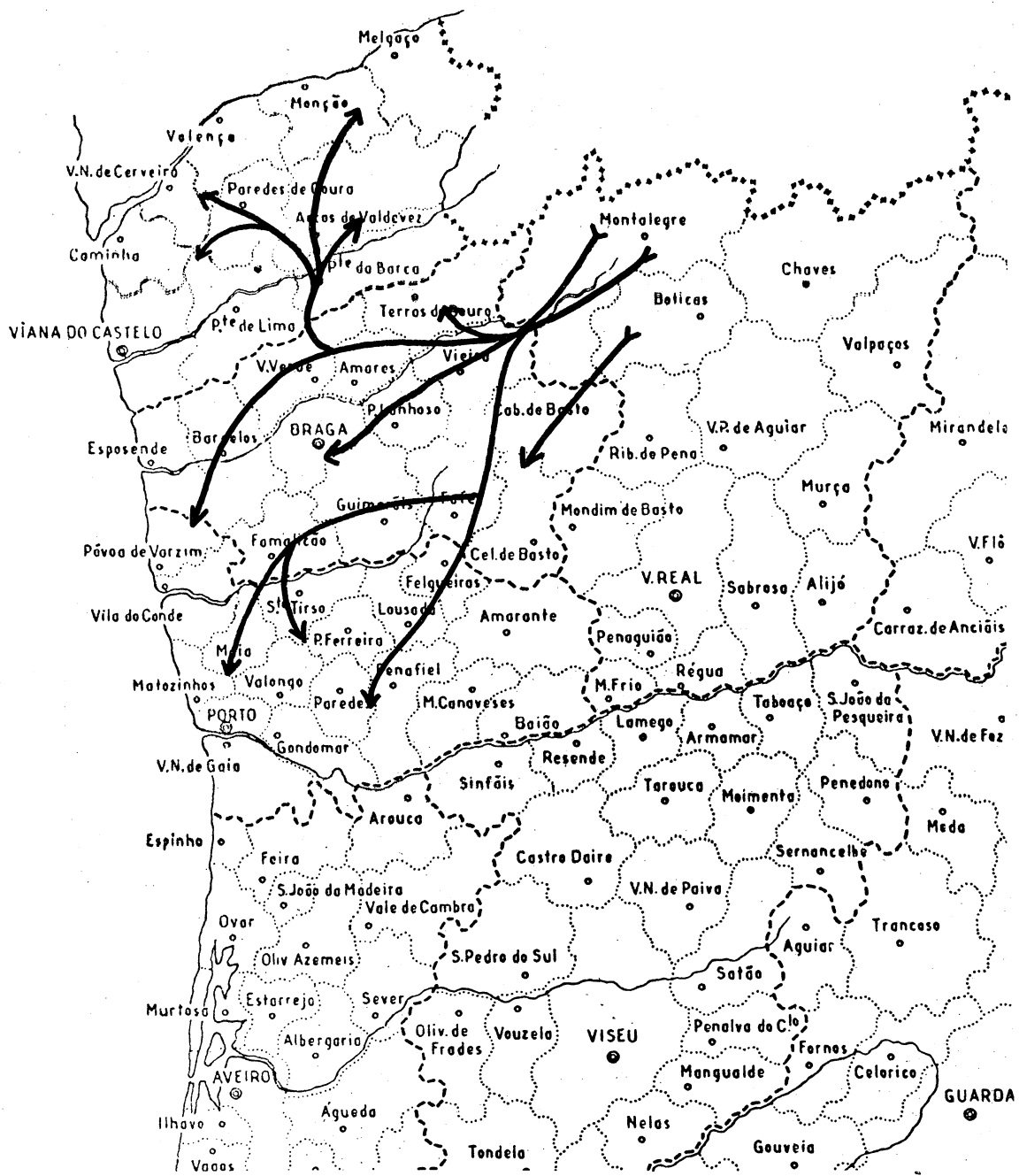
É evidente que a expansão se teria efectuado por fases de ocupação territorial, tanto mais não existindo rápidos meios de transporte.

Por exemplo, os adolescentes transaccionados no Pico de Regalados, quando não destinados ao matadouro, eram recriados na região até ao emparelhamento dos novilhos e à fecundação das novilhas, seguindo as juntas dos primeiros para feiras do litoral e as fêmeas, frequentemente, para concelhos mais ao norte, como Ponte da Barca e Arcos de Valdevez, que se

constituíram, por sua vez, focos de expansão da raça.

As rotas dirigidas ao sul da serra da Cabreira passavam por Cabeceiras de Basto, Vieira do Minho e Fafe, tendo-se este último concelho tornado grande criador da raça e expansor da mesma para a zona central do distrito do Porto. A parte litoral deste distrito abastecia-se de novilhos e de bois de trabalho nas grandes feiras (então) de gado barroso, de Barcelos e Vila Nova de Famalicão.

Actualmente, todo o comércio de reses barrosãs está muito restringido, tendo desaparecido de algumas feiras e mudado de sentido noutras. É o caso da feira de Pico de Regalados, que, não recebendo já bovinos do Barroso, reúne novilhas, vindas dos concelhos de Ponte da Barca e dos Arcos de Valdevez, que, seguindo rota inversa da tradicional, sobem até à feira de Rossas (Vieira do Minho), onde são procuradas por criadores dos concelhos ao sul da Cabreira, mais interessados em vender as suas vitelas para abate do que em recriá-las.



2. CARACTERIZAÇÃO - SÍNTESE DA RAÇA

Bernardo Lima caracterizava os representantes desta raça como tendo "côrporatura meã, o rolo do corpo espesso, atirando para o arredondado".

Não se poderia definir melhor e mais sinteticamente o aspecto geral dos exemplares barrosãos.

É uma raça eumétrica, brevilinear, de perfil côncavo, com as seguintes características, já descritas no citado trabalho:

VACAS

Pelagem - Castanho-clara, tendendo para a cor de palha ou para o acerejado.

A zona palpebral, a orla envolvente do focinho, a face interna dos membros e a região mamária são mais claras.

Por vezes, surgem manchas mais escuras na zona infra ou supra-orbitária, em indivíduos mais fuscos. Geralmente, observam-se pêlos escuros no debrum das orelhas, na cutidura e na borla da cauda.

As mucosas das aberturas naturais são escuras.

Cabeça - Curta e larga, encimada por forte cornamenta em lira alta. O comprimento é duplo da largura tomada nas saliências orbitárias. A linha que une os ângulos nasais das aberturas palpebrais fica muito aproximadamente a meio do comprimento da cabeça.

Fronte - Quadrada, deprimida ao centro, donde resulta pronunciada saliência da região orbitária. Encimada por pequena marrafa de pêlos não corredios, a protuberância frontal antes se apresenta como uma depressão entre a saída das cavilhas ósseas.

Face - Curta, de larga base posterior.

Chanfro - Direito, pouco saliente e arredondado.

Focinho - Negro, largo, um pouco grosso e como que tendendo para o arrebitado, descolorando-se a mucosa na orla labial e num curto filete mediano que parte do lábio. A orla é mais clara, sem atingir o branco.

Boca - Larga, de lábio superior desenvolvido, bem pendente lateralmente.

Olhos - Muito aflorados, dando o aspecto de olho de sapo.

Abertura palpebral e pestanas - Escuras.

Orelhas - De tamanho médio, orladas quase sempre de pêlos mais escuros, providas interiormente de bastantes pêlos compridos, mas não formando propriamente pendurelhos.

Chifres - Armação córnea excessiva, quer em comprimento, quer em espessura. Projectando-se à nascença quase verticalmente, os chifres desviam-se depois para os lados e, seguidamente, um pouco para a frente e para fora, por forma a apresentar nos adultos a figura de lira quando vistos de frente. Com exclusão da ponta que é escura, o resto do chifre é branco-sujo. A sua secção é, aproximadamente, circular.

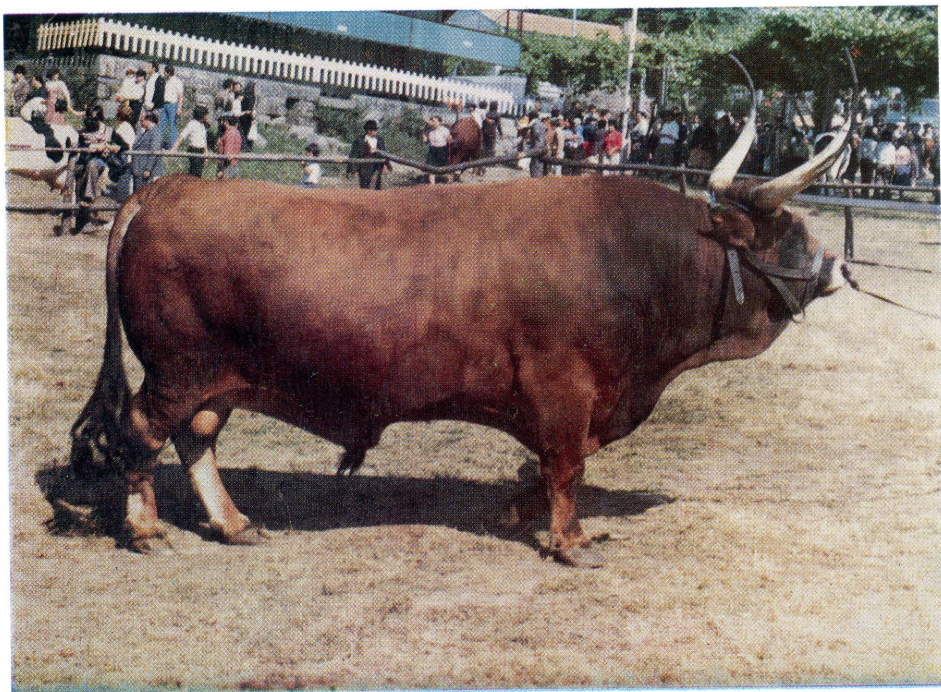
Pescoço - Pouco comprido, reforçado, sobretudo, no bordo superior junto à cernelha, bem ligado à cabeça e à espádua. Barbela muito desenvolvida. Pendente sob a garganta, decota-se na origem do pescoço para depois cair largamente no peito, aproximando-se dos olhos.

Cernelha - Muito pouco saliente, larga, fazendo transição insensível entre o pescoço e o dorso.

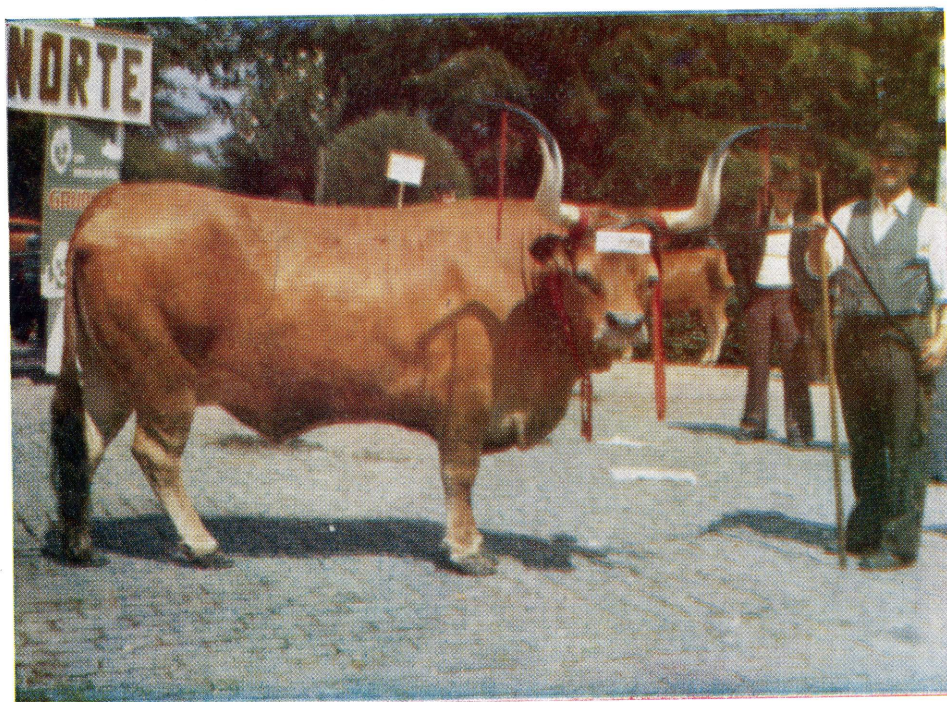
Costado - Regularmente fundo e bem arqueado.

Dorso - Medianamente comprido, largo e horizontal.

Peito - Proporcionalmente largo e descido.



BARROSÃ



Espáduas - Pouco compridas, mas largas e bem ligadas ao tronco.

Abdómen - Pouco volumoso.

Lombos - De comprimento mediano, largos, estabelecendo perfeita ligação da garupa ao tórax.

Garupa - Horizontal, larga e comprida. Em regra, é mais larga de quadris do que comprida e apresenta, também, boa largura isquiática.

Nádegas - Largas, descidas, tendendo para o convexo e separadas por regular perineo.

Cauda - De média inserção, comprida, terminando por uma regular borla de pêlos, em regra escuros.

Úbere - Pouco desenvolvido, revestido de pêlos mais claros, espessos e compridos.

Membros - De extremidades livres pouco desenvolvidas, bem aprumadas, pouco ossudas, terminando por unhas escuras, rijas, pequenas e arredondadas.

Pele - Bastante grossa, mas macia, formando rugas, principalmente, no pescoço. Nos animais adultos, são também aparentes rugas na região suprapalpebral.

TOUROS

Os touros, como é natural nos tipos castanhos, são sempre mais escuros, particularmente no terço anterior.

Os seus caracteres morfológicos modificam-se no sentido de maior corpulência do que na vaca, tronco mais robusto, barbela mais desenvolvida, cabeça mais curta e mais larga, chifres mais grossos, embora, geralmente, um pouco mais curtos, mais dirigidos para a frente e para cima.

BOIS

Nos neutros, a armação toma proporções extraordinárias, sendo bastante mais comprida, grossa e divergente. O seu comprimento atinge, com frequência, 1 metro, o perímetro, 35 centímetros e a envergadura ultrapassa, muitas vezes, 1,5 metros. Os bois apresentam pelagem mais clara, sem o afuscamento por vezes existentes nas vacas e que é regra nos touros. São bastante mais corpulentos que os progenitores e o perfil neles não é tão acentuadamente concavo.

ELEMENTOS BIOMÉTRICOS

Julgamos de interesse dar nota do que se nos afigura quanto às alterações somáticas da raça em relação aos elementos obtidos há duas dezenas de anos.

Não nos foi possível efectuar mensurações em número que permitisse retirar delas conclusões dignas de plena aceitação, mas, daquelas que efectuámos a fêmeas adultas em vários concelhos, designadamente nos de Montalegre, Fafe e Terras do Bouro, ficou-nos a convicção de que a sua inferiorização no decurso daquele período não foi muito sensível. A freguesia de Salto, do concelho de Montalegre, continua, como então, a ser a área de vacas mais corpulentas. Porém, quanto aos touros, comparando as médias de mensurações, relativamente recentes, de 10 touros de postos de cobrição de 5 ou mais anos, do distrito de Braga, com a de 7 outros, medidos há cerca de 18 anos no Porto, somos levados a concluir que a raça está ameaçada de degradação, para o que deve contribuir a carência de postos de cobrição com bons reprodutores, os quais, enquanto não se difundir a I.A., continuarão a constituir o mais forte pilar de apoio ao melhoramento da raça.

MÉDIAS DE ALGUMAS MENSURAÇÕES DE TOUROS BARROSÃOS

MENSURAÇÕES	TOUROS BARROSÃOS	
	Médias de 7 em m 1958	Médias de 10 em m 1974
Altura do garrote	1,33	1,288
Comprimento do tronco	1,67	1,509
Altura do tórax	0,76	0,692
Largura ant.da garupa	0,51	0,494
Largura isquiática	0,32	0,273
Perímetro torácico	2,05	1,928

3. SISTEMA DE EXPLORAÇÃO E TIPOS DE PRODUÇÃO

Com excepção da exploração manadia serrana, nos meses de Maio a Setembro, o gado bovino barrosão mantém-se bastante tempo estabulado em cortes primitivas, designadas vulgarmente por "eidos", com cama acumulada de mato e, em regra, desprovidas de manjedouras. Sempre que possível, a estabulação é alternada com algumas horas de pastoreio, sendo este de maior frequência nas explorações menos ocupadas por culturas arvenses. Daqui, resulta ser bastante mais apascentado no Barroso do que no Minho.

De facto, a base forrageira na região montalegrina assenta, essencialmente, na produção de feno em velhos lameiros, os quais, além de garantirem esplêndida reserva alimentar de Inverno, também contribuem, como agostadouros, para satisfação forrageira no Verão. No Minho, a alimentação é baseada, principalmente, em forragem verde, quer cortada à foicinha de Inverno, nos terrenos de lima e rega, quer servindo-se da cultura do milho - desbastes e bandeiras.

Assim, enquanto, no Inverno, os bovinos no Barroso se alimentam com feno de qualidade, no Minho socorrem-se de palha de milho e de azevém, além de alguma erva das courelas limadas.

3.1. Grau de dependência do trabalho

No Barroso, como é próprio das zonas serranas de intensa criação, não se faz a recria dos adolescentes, com excepção dos necessários à substituição dos genitores. Consequentemente, o pouco trabalho necessário era executado por vacas. Dado, porém, o incremento da exploração agrícola nesta área de pastorícia, com mais relevância após o advento da cultura da batata de semente, os criadores do Barroso passaram a utilizar juntas de bois de raças estrangeiras ao solar, designadamente da Mirandesa e da Maronesa, provenientes dos vizinhos concelhos de Chaves e de Ribeira de Pena, raças estas que se foram radicando pela infiltração também das fêmeas.

No Minho, nas zonas submontanhosas onde dominam as fêmeas, além da produção de crias e, em parte, da sua recria, tem real interesse a produção de trabalho executado pelas vacas, que nessa função ocupam maior número de horas do que no Barroso, podendo computar-se até cerca de 50 dias por ano. A níveis inferiores desta zona de criação, a utilização de bois no trabalho agrícola encontra-se hoje em pleno declínio.

3.2. Produção de leite

Actualmente, a vaca barrosã não é, praticamente, explorada nesta função.

3.3. Produção de carne

Já fizemos referência à importância da raça Barrosã como produtora de carne, princi

palmente de qualidade.

O facto dos talhantes preferirem estas reses, que pagam, em regra, por preço mais elevado, não se baseia no pretense desejo de servir melhor a clientela, mas, como dizem, por "darem mais bife", pois lhes permite cortar, também, alguns de peças de 2ª. categoria.

Todavia, e muito embora a aura de que goza, a raça Barrosã não tem tido como finalidade primária a função creatopoética. Criada e recriada, fundamentalmente, no minifúndio minhoto, de intensa exploração agro-pecuária, a produção de carne barrosã era e é função subsidiária da do trabalho.

Ora, desde que o trabalho animal se reduziu no litoral, foi deixando de interessar a formação de bois, estabelecendo-se, deste modo, certo vazio na recria de novilhos, operação, aliás, nada rendosa pela deficiente precocidade da raça. Daqui, o abate quase total dos machos, quando vitelos.

No referente às fêmeas, observar-se-ia, também, o sacrificio maciço das adolescentes se tal não fosse contrariado pela necessidade da renovação dos efectivos maternos indispensáveis para o trabalho local.

- Outras produções

Outra muito importante função consiste na produção de estrume, de que se utilizam, normalmente, 30 a 40 tcn. por hã.

De facto, a necessidade de produção de grandes massas de fertilizante orgânico conduziu à estabulação em "eidos", pequenos compartimentos com cama acumulada que os animais, sóltos e, em regra, aos pares, vão pisando e macerando em toda a extensão.

3.4. Esquemas de acções estatais existentes

Como teremos oportunidade de referir no capítulo 7, presentemente nada resta das antigas intervenções estatais no melhoramento da raça, nem tão pouco da activa recria de novilhos destinados a postos de cobrição.

Hoje, a acção consiste na inspecção dos reprodutores dos postos particulares e oficiais e respectivo licenciamento, bem como na aplicação do método da I.A., embora, presentemente, ainda muito limitada quanto à raça Barrosã.

Cita-se, ainda, a organização de alguns concursos pecuários e, quanto a outros, a sua regulamentação e assistência técnica na classificação dos animais, além da concessão de subsídios para distribuição em prémios. Deste modo, procura-se estimular a conservação de bons exemplares masculinos e femininos, de que resulta, embora limitadamente, algum benefício no melhoramento da raça.

Alguns destes certames deixaram de se realizar à medida que a afluência aos mesmos se foi reduzindo. São exemplos de tal as suspensões dos concursos de Monção, Paredes de Coura, Barcelos e Vila do Conde. Neste último, com data intencionalmente marcada nove dias antes do Domingo de Páscoa, apresentavam-se também as melhores juntas de bois de ceva, a abater na grande matança desta quadra festiva.

3.5. Localização dos postos de reprodução natural

Os postos de cobrição registados nas Intendências de Pecuária distribuem-se pela forma indicada na relação junta.

São 218 postos, cada um, geralmente, com um só reprodutor em actividade, dos quais 55 oficiais, licenciados em nome das Juntas de Freguesia e servidos por reprodutores adquiridos e mantidos pelos povos, segundo costumes tradicionais.

Além destes, existem no Barroso vários outros não inscritos, pertencentes às comunidades das aldeias.

Apontamos, ainda, que, também no Barroso, grande número de bovinicultores, principalmente os de maiores efectivos, possuem novilhos para fecundação das suas vacas. Estes reprodutores, que lhes nascem nas propriedades, são sem dúvida dos que mais contribuem para o

abastardamento da raça, porquanto sucede, por vezes, serem eles próprios já produtos de cruzamento.

LOCALIZAÇÃO DOS POSTOS DE COBRIZAÇÃO

ZONAS	CONCELHOS	Nº. de Postos de cobrição	
		Particulares	Oficiais
BARROSO	Montalegre	3	3
	Boticas	1	-
DISTRITO DE BRAGA			
	Amares	5	
	Barcelos	4	
	Braga	4	
	Cabeceiras de Basto	7	1
	Celorigo de Basto	1	
	Fafe	24	
	Guimarães	9	
	Póvoa de Lanhoso	8	
	Terras de Boure	1	18
	Vieira do Minho	15	7
	V.N.de Famalicão	6	
	Vila Verde	6	22
DISTRITO DE VIANA DO CASTELO			
	Arcos de Valdevez	14	
	Melgaço	21	
	Monção	10	
	Paredes de Coura	9	
	Ponte da Barca	8	4
	Ponte de Lima	4	
	Valença	1	
	Vila Nova de Cerveira	2	
Resumindo, temos por zonas de criação			
BARROSO		4	3
DISTRITO DE BRAGA		90	48
DISTRITO DE VIANA DO CASTELO		<u>69</u>	<u>4</u>
		163	55
TOTAL			<u>218</u>

4. QUANTITATIVO DE ANIMAIS

4.1. Efectivo Barrosão (machos, fêmeas e totais)

ZONAS E CONCELHOS	Estimativa de 1959			Estimativa de 1976			RAÇA BAR- ROSA %
	MACHOS	FÊMEAS	TOTAL	MACHOS	FÊMEAS	TOTAL	
BARROSO	1 220	10 290	11 510	570	4 010	4 580	23
Boticas	250	1 450	1 700	120	870	990	21
Montalegre	980	8 840	9 810	450	3 140	3 590	24
BRAGA	29 601	67 376	96 977	18 019	49 409	67 428	58
Amares	890	2 591	3 481	735	1 995	2 730	87
Barcelos	4 620	7 550	12 170	2 393	5 983	8 376	36
Braga	2 679	6 016	8 695	1 041	2 604	3 645	41
Cabeceiras de Basto	1 274	5 270	6 544	1 106	4 150	5 256	80
Celorico de Basto	2 690	4 784	7 474	656	1 704	2 360	30
Esposende	1 030	350	1 380	799	59	858	13
Fafe	1 703	9 038	10 741	1 472	7 130	8 602	84
Guimarães	4 995	6 097	11 092	2 436	4 386	6 822	59
Póvoa de Lanhoso	1 485	4 424	5 909	972	3 470	4 442	75
Terras do Bouro	718	3 009	3 727	391	3 260	3 651	99
Vieira do Minho	1 245	5 243	6 488	1 792	4 330	6 122	98
V. N. Famalicão	3 978	5 008	8 986	2 452	3 188	5 640	52
Vila Verde	2 294	7 996	10 290	1 774	7 150	8 924	82
VIANA DO CASTELO	9 799	43 297	53 096	6 194	34 005	40 199	52
Arcos de Valdevez	874	10 135	11 009	875	8 459	9 334	63
Caminha	100	1 100	1 200	49	849	898	24
Melgaço	1 403	5 193	6 596	553	4 894	5 447	91
Monção	3 228	4 770	7 998	1 908	4 967	6 875	86
Paredes de Coura	503	6 807	7 310	262	4 582	4 844	82
Ponte da Barca	644	3 668	4 312	407	3 070	3 477	70
Ponte de Lima	950	5 300	6 250	767	4 328	5 095	36
Valença	1 600	2 150	3 750	430	1 187	1 617	50
Viana do Castelo	150	750	900	852	672	1 524	11
V. N. de Cerveira	347	3 424	3 771	91	997	1 088	33

ZONAS E CONCELHOS	Estimativa de 1959			Estimativa de 1976			Raça Bar- rosã %
	MACHOS	FÊMEAS	TOTAL	MACHOS	FÊMEAS	TOTAL	
PORTO	14 450	5 994	20 444	865	1 285	2 150	2,0
Amarante	240	-	240	-	-	-	-
Felgueiras	2 900	1 202	4 102	190	220	410	5,6
Gondomar	1 330	-	1 330	-	-	-	-
Lousada	470	302	772	-	125	125	2,0
Maia	610	65	675	-	-	-	-
Matosinhos	80	60	140	-	-	-	-
Paços de Ferreira	980	282	1 262	-	80	80	-
Paredes	1 125	332	1 457	110	165	275	3,6
Penafiel	820	210	1 030	90	75	165	1,7
Porto	50	-	50	-	-	-	-
Póvoa de Varzim	770	1 005	1 775	100	130	230	4,0
Santo Tirso	3 290	1 546	4 836	250	220	470	5,3
Valongo	715	29	744	-	-	-	-
Vila do Conde	1 070	961	2 031	125	270	395	3,2

E F E C T I V O G E R A L

Estimativa de 1976

DISTRITO	MACHOS	FÊMEAS	TOTAL	Redução em relação a 1959	
				CABEÇAS	%
BRAGA	18 019	49 409	67 428	29 549	30,5
VIANA DO CASTELO	6 194	34 005	40 199	12 897	24,3
VILA REAL	570	4 010	4 580	6 930	60,2
PORTO	865	1 285	2 150	18 294	89,5
TOTAIS	25 648	88 709	114 457	67 670	37,2
Efectivo Machos em 1959	55 070			29 422	53,4
Fêmeas		126 957		38 248	30,1

No presente quadro, observa-se que o efectivo Barrosão, de 182 027 cabeças em 1959, sofreu a notável redução de 67 670 nos 17 anos que decorreram até ao presente, correspondendo a 37,2%.

Convém frisar, porém, que, sendo a dispensa do trabalho pesado bovino o maior dos factores de decréscimo do efectivo, foram os machos que acusaram mais pesada redução, a qual atingiu 53,4%, enquanto que a das fêmeas se limitou a 30,1%.

4.2. Machos e fêmeas, por grupos etários.

Continua na maioria dos concelhos a marcha decrescente do efectivo.

Deste modo, não é possível obter elementos que exprimam com suficiente realismo a distribuição etária da raça, nem tão pouco através do Arrolamento de 1972.

No entanto, concelhos há onde a exploração se encontra de certo modo estabilizada pela continuidade da criação intensiva. Deles, apresentamos os exemplos do quadro seguinte, aproveitando dados daquele inquérito.

CONCELHOS	MACHOS			FÊMEAS		
	Até 1 ano	1 a 2 anos	+ de 2 anos	Até 1 ano	1 a 2 anos	+ de 2 anos
Cabeceiras de Basto	516	13	358	541	28	3 916
Fafe	874	8	420	1 050	29	5 658
Vieira do Minho	281	16	1 077	417	11	3 372
Terras do Bouro	159	9	272	334	3	2 475
Amares	251	12	279	269	23	1 580
Vila Verde	585	20	886	1 059	134	4 965
Ponte da Barca	318	106	183	531	490	3 152
Arcos de Valdevez	974	159	184	1 811	1 190	9 737
Paredes de Coura	271	4	4	943	395	3 402
Monção	513	7	1 349	622	471	3 956
Melgaço	323	19	186	631	434	3 884

Pela observação destes dados, ressalta a absoluta dominância das vacas de criação e a rara recria de novilhos. Os adolescentes até 1 ano são representados, sobretudo, por vitelos até 6 meses, destinados em breve aos matadouros.

O mesmo vai acontecendo, também com as fêmeas adolescentes em concelhos da mais intensa criação barrosã do distrito de Braga. Nestes concelhos, torna-se notada a insuficiência numérica de novilhas de 1 a 2 anos para substituir as vacas refugadas. Tal fenómeno é consequência de uma anormal procura de carne de vitela pelos talhos locais e dos maiores centros de consumo da região. O que na altura do arrolamento já se verificava nitidamente e, presente mente, se encontra agravado.

Tal não significa que se ponha totalmente de parte a recria de novilhas nesses concelhos, mas, sim, que, tentados pela oferta de elevados preços, os criadores vendem as vitelas para abate, certos que, quando necessitarem de renovar o efectivo reprodutor, poderão socorrer-se de mercados de novilhas.

5. NÚMERO DE CABEÇAS POR EXPLORAÇÃO E SUA DEPENDÊNCIA DA EXPLORAÇÃO AGRÁRIA

Na impossibilidade de se obterem elementos numéricos ajustados aos grupos inquiridos socorremo-nos dos constantes no Arrolamento Geral do Gado de 1972, quanto ao número de cabeças por exploração.

Para o efeito, escolhemos concelhos bastante significativos quanto à exploração bo

vina nos distritos de Vila Real, Braga e Viana do Castelo, cujos dados, válidos também para a raça Barrosã, figuram no seguinte quadro:

CONCELHOS	Nº. de manifestantes	C A B E Ç A S				
		1 e 2	3 e 4	5 a 9	10 a 19	20 ou mais
Montalegre	2 715	566	819	1 030	269	30
Vieira do Minho	1 642	740	459	381	60	2
Terras do Bouro	1 033	445	323	241	24	-
Ponte da Barca	1 836	1 035	602	192	7	-
Melgaço	2 314	1 330	751	227	6	-

Estes dados evidenciam que o número de cabeças é muito mais elevado por exploração no concelho de Montalegre do que nos de Braga e, nestes, maior do que nos de Viana do Castelo o que está de acordo com a extensão da propriedade. De facto, esta, em Montalegre, é de superfície bastante superior à minifundiária de Braga e esta, por seu turno, maior que a pulverizada do Alto Minho.

É de notar o elevado número de explorações com mais de 5 cabeças existentes nos concelhos do Barroso, em contraste com as de 1 a 2 cabeças nos do Alto Minho.

Quanto à localização de zonas de encabeçamento médio e seus desvios, não é possível apontá-las. Nem no quadro anterior se pode deduzir o grau de encabeçamento, pois depende da exploração mais ou menos intensiva da terra. Sucede, assim, que no Alto Minho o encabeçamento é superior ao observado no Barroso.

A este respeito, apenas podemos afirmar que, pelo geral, a capacidade de suporte da carga pecuária se encontra saturada e que o efectivo bovino depende, totalmente, da exploração agrícola.

Também devemos considerar duas zonas distintas no aspecto alimentar. No Barroso, a exploração da terra dirige-se à produção forrageira, baseada em fenc (lameiros) e em centeio, a crescida de pastagem natural, eventualmente de montanha. No Minho, a base forrageira reside na produção invernal e primaveril de forragem verde em prados de lima e na cultura estival do milho, geralmente de regadio. No fim deste número, é anotada a alimentação seguida em cada uma dessas zonas, que só em caso de grande necessidade é complementada com farinha de centeio ou de milho, excepcionalmente com ração industrial.

Quanto à importância do efectivo Barrosão em função da sua participação no produto agrícola bruto, apontamos a sua relevância.

A densidade bovina da região pode considerar-se elevada, certamente das maiores do País em relação à superfície agrícola útil. Tal não significa, porém, que se usufrua correspondente benefício do rendimento bruto bovino. De resto, numa das suas funções mais rendáveis - o trabalho -, o bovino vai sendo dispensado e substituído pelo motorizado, designadamente nas explorações maiores e mais evoluídas.

Não possuímos elementos que nos permitam dar resposta cabal a este quesito na zona montanhosa. No entanto, algo se poderá extrair, por comparação, do estudo efectuado por técnicos do Centro de Estudos de Economia Agrária da Fundação Gulbenkian, intitulado "Limiar da Rendabilidade da Exploração Agrícola do Noroeste".

Neste estudo, a relação do rendimento bruto animal - do qual 85% são, em média do gado bovino - para o rendimento bruto total foi (em 1966) de 25,6%, 25,5% e 29% para explorações minhotas de, respectivamente, 3,5 ha, 5 ha e 7,5 ha de SAU, nas quais o trabalho de tração era executado por juntas de bois ou de vacas. Todavia, é interessante apontar que, para

M I N H O

FORRAGENS	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maior	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Palha de milho	+	+	+						+	+	+	+
Palha de azevém	+	+	+			+		+				+
Palha de centeio empalhada	+	+										+
Erva		+	+	+	+					+	+	+
Ferrãs			+	+								+
Pastagem		+	+	+	+				+	+	+	
Beiras dos caminhos e bouças					+	+	+					
Milho de desbaste						+	+					
Bandeira de milho							+	+	+			

6. ALGUNS DADOS BIOLÓGICOS

6.1. Índice de fecundidade

Pelo que se nos tem dado observar, o grau de fecundidade varia consoante se trata da criação em zonas serranas ou nas de cotas mais baixas.

No Barroso e nas serranias onde se pratica a apascentação estival em baldios a fecundidade, em regra, diminui, em consequência de sequelas brucélicas. Nestas regiões, onde o gado não usufrui dessa pastagem, os insucessos do foro genital são mais raros, o que nos permite preencher do seguinte modo o presente quadro:

CONCELHO OU ZONA	Acima de 80%	Entre 80% e 60%	Abaixo de 60%
BARROSO e serranias próximas		60 a 70 %	
MINHO		70 a 80%	

6.2. Desmame

CONCELHO OU ZONA	Desmame		Época do ano	Obs
	Idade (meses)	Peso (kg)		
BARROSO	5 - 6	180	todo o ano	
MINHO	5	140	todo o ano	

6.3. Crescimento após a desmama

A este respeito, podem apresentar-se elementos muito concretos extraídos do trabalho de testagem da capacidade de produção de bovinos nacionais, realizado na Estação Zootécnica Nacional em 1973, cujas conclusões, no referente à raça Barrosã e nas condições de manejo protocolares para aqueles ensaios, apresentam as seguintes médias:

Nº de adolescentes masculinos testados	28
Proveniência	Minho
Duração do teste	266 dias
Idade de admissão	180,3 "
Idade final (14 m e 21 d)	446 "
Peso médio inicial	153,2kg
Peso médio final	386 "
Crescimento - aumento médio	232,8 "
Reposição média diária	875,3 "
Peso médio da carcaça	216,7 "
Rendimento corrigido	61,5%
Alimento consumido por kg/vivo repostado	6,8 U.F.
Peso aos 12 meses	331,2 kg

Desta testagem de novilhos dirigida à produção de carne, concluíram os autores que há grande diversidade na reposta individual, em consequência da heterogeneidade da base genotípica do grupo, por insecção da raça.

De facto, na raça Barrosã há largas disparidades nas respostas obtidas, que marcam bem a sua variabilidade genética. Tal conclusão permite, todavia, admitir franca possibilidade de melhoramento da raça por bem dirigida selecção através dos valores superiores.

6.4. Partos

Concelhos ou Zonas	Época do ano mais frequente	Intervlo entre partos	Tipos de alimentação
BARROSO	todo o ano	15 - 16 meses	já descritos
MINHO	todo o ano	13 - 14 meses	já descritos

6.5. Índice de mortalidade até ao desmame

Faltam elementos válidos em que possamos apoiar a nossa informação.

Afigura-se, porém, que a mortalidade dos adolescentes - o que mais conta no cômputo da mortalidade geral - não evidencia grau de incidência anormal em relação a outras raças bovinas.

6.6. Reprodução

6.6.1. Métodos de reprodução (percentagem de utilização)

DISTRITO OU ZONA	COBRICÃO NATURAL				Inseminação artificial	
	Postos		Privado		Em pureza	Por cruzamento
	Em pureza	Por cruzamento	Em pureza	Por cruzamento		
BARROSO	80%	20%	60%	40%		
MINHO	100%				90%	10%

Deve notar-se o facto de a reprodução por cruzamento com outras raças (Mirandesa Maronesa e, com pouca expansão, Charolesa e Turina) se limitar à Terra de Barroso.

6.6.2. Índice de reprodução

CONCELHO OU ZONA	Índice de fecundidade	Número de partos/ano	Idade (anos)	
			Ao 1º parto	Reforma
BARROSO	60 a 70%	0,7	2,5 - 3	10 - 12
MINHO	70 a 80%	0,8	2,5	10 - 12

7. INDICAÇÃO, LOCALIZAÇÃO E GRAU DE INTERFERÊNCIA DE ORGANIZAÇÕES ESTATAIS, GRÉMIOS, FEDERAÇÕES, COOPERATIVAS E ENTIDADES PRIVADAS

Desde longos anos que várias entidades oficiais, officiosas e associativas têm intervindo no melhoramento da etnia bovina Barrosã.

A primitiva acção selectiva da raça em Terra de Barroso deve-se à organização comunitária dos montanheses, que, em séculos, a moldaram até ao padrão com que chegou aos nossos dias. Para tal, teve, sem dúvida, grande influência o rigoroso cuidado de que se revestia a escolha dos touros padreadores pertencentes à comunidade, que os alojava, alimentava e reservava lameiro próprio ("lameiro do touro").

Entre os preceitos da selecção, distinguam-se o da capacidade de aleitamento das fêmeas e os da conformação e robustez dos machos, esta posta à prova pela prática das "chegas", presentemente quase em desuso.

Por sua vez, o Estado tem evidenciado interesse no melhoramento da raça. Assim, em 1914, foi aprovada a instalação do Posto Zootécnico do Gerês, em edificações da respectiva Mata Nacional, dirigido pelo Delegado de Pecuária do Distrito de Braga.

Em 1916, por Decreto de 13 de Dezembro, este Posto foi deslocado para Montalegre. Entre outras justificações da transferências, cita-se, no relatório respectivo, a insuficiência das pastagens da Mata para alimentação do avultado número de reses que o Posto havia de manter e do reconhecimento de que os postos destinados ao melhoramento das raças pecuárias nacionais devem estabelecer-se nos respectivos solares e que o território originário da casta Barrosã é, indubitavelmente, o planalto montalegrino, onde abundam forragens de superior qualidade.

O Posto, entre certas funções de carácter zootécnico e tecnológico, tinha por objectivo:

"Produzir, pela selecção nacional, e criar reses bovinas da raça barrosã, aperfeiçoadas para as funções de ceva e de trabalho, bem como desenvolver a aptidão lactígena da mesma raça pelo mencionado método selectivo e pela ginástica funcional".

O citado decreto estabelecia ainda:

"O gado vacuum necessário aos trabalhos de selecção será tirado de entre as reses do planalto que, além de possuírem os caracteres especiais da raça barrosã e as formas exteriores próprias do bovino a três fins, tenham, se forem adultos, dado provas, quer directas, quer por via da sua ascendência ou descendência, das três aptidões em grau mais ou menos desenvolvido".

Passados 20 anos, o Posto foi extinto abruptamente e as suas instalações ocupadas pelos serviços fitopatológicos de apoio à cultura da batata de semente que, entretanto, vinha tomando forte expansão local e ocupando grande parte dos belíssimos lameiros naturais do planalto.

Finda a acção directa do Estado no Barroso - região que reúne naturais condições para o melhoramento da raça -, foi o seu fomento amparado durante alguns anos pelo Posto Zootécnico de Viana do Castelo, criado pelo Decreto nº 16 678, de 1 de Abril de 1929, para, como se diz no seu preâmbulo acudir ao "lamentável estado de definhamento da pecuária da região de Entre Minho e Cávado" e "pôr termo urgente ao abastardamento das raças bovinas autóctones que a povoam".

Neste Posto já extinto, desenvolveu-se acção melhoradora da raça Barrosã, principalmente no Alto Minho, pela distribuição de reprodutores masculinos.

Mais recentemente, com a abertura da Estação de Fomento Pecuário de Entre Douro e Minho, passou este estabelecimento a dar apoio à raça através da recria de vitelos adquiridos nas melhores zonas de criação tanto do Barroso como do Minho (Fafe e Cabeceiras de Basto). Os novilhos recriados eram destinados não só a postos de cobertura, como ultimamente, à produção de sêmen na Estação de Estudos de Reprodução Animal.

Desde que a Estação de Barcelos reduziu a sua actividade sobre esta raça, em face da preponderância que tomou na região a exploração de leite dos bovinos Holstein Friesian, a acção estatal ficou quase somente reduzida à I.A..

Não deixaremos de citar o melhoramento obtido através da difusão de bons padreadores, nos postos de cobertura, bem como a disciplina no funcionamento dos mesmos.

Mercê da profusão de postos oficiais de cobertura no concelho de Terras do Bouro, ressalta o desaparecimento, praticamente total, do tipo inferior de bovinos denominados "Vilarinhos" que existiam entre a serra Amarela e a do Gerês, embora para tal também deva ter contribuído a submersão, por barragem, do vale onde se localizava a povoação de Vilarinho das Furnas, no qual mais se adensavam aqueles bovinos.

7.1. Sua funcionalidade

Como se verifica, foi insistente a tentativa de intervenção do Estado em benefício da raça, sem que se lograsse, designadamente na região do solar, tornar sensível o efeito melhorador.

Não só o Posto do Gerês não entrou em actividade, como o de Montalegre, após 20 anos de precária funcionalidade, não resistiu à sua preterição a favor dos interesses do "ouro branco" montalegrino.

Mais fecunda foi, sem dúvida, a actuação do Posto Zootécnico de Viana do Castelo e da Estação de Fomento Pecuário de Barcelos, aos quais se ficou devendo durante alguns anos a difusão de bons reprodutores por postos de cobertura, animais estes recriados nos estabelecimentos e submetidos a rigorosa selecção.

O Posto de Viana do Castelo, nos últimos anos exclusivamente dedicado ao fomento dos bovinos Galegos, em cuja zona de criação se situava, acabou por ser extinto também.

7.2. Perspectivas futuras

Pelo referido, devemos considerar como muito desanimadoras as perspectivas quanto ao futuro da raça Barrosã.

Factores variadíssimos, e já apontados, vêm concorrendo desde o início do século para a redução da sua área de expansão e a sua degradação, inclusive no solar.

As condições excepcionais que espontaneamente motivaram, no século passado, o alargamento da sua zona territorial e contribuíram para o seu aumento de estatura não voltarão a repetir-se. Nem os actuais aspectos técnico-económicos aconselham a exportação de bovinos de talho, nem restam requintes gastronómicos que levem a cotar diferentemente carnes de raças especiais.

A Barrosã, como raça de montanha que é, de montanha agreste e frígida, de reduzida estatura e de pouca precocidade, só por especiais e ocasionais condições conseguiu descer o anfiteatro orográfico, atingir o litoral e estender-se do Minho ao Douro. Terminados esses favoráveis factores, virá a limitar-se à montanha, onde se manterá acima de cerca de 600m de altitude, no Minho. No que respeita ao Barroso, a tendência de eliminação continuará em consequência de cruzamentos variados, se a intervenção do Estado não disciplinar e controlar a prática da reprodução e, através dela, não estabelecer rigorosa selecção melhoradora.

No momento presente, a raça está ameaçada de degradação, principalmente, pela falta de centros de produção de vitelos que permitam o recrutamento de reprodutores masculinos feno e genotipicamente aceitáveis. Esta situação é tanto mais preocupante, quanto menor vai sendo o vínculo de tradicionalismo que a conservou em estado de pureza. E, desde que já nem o cumunitarismo ampara o bovino Barrosão, resta ao Estado, às autoridades regionais e locais intervir em sua defesa.

Em 12.2., focaremos os caminhos que julgamos mais viáveis para a intervenção oficial na reabilitação de tão prestimosa raça para os povos serranos do Noroeste.

8. MOVIMENTO NA UTILIZAÇÃO DA RAÇA

Em tempos recuados, e, designadamente, no seu solar, a raça tinha por finalidades essenciais tanto a produção de trabalho como a de carne. O aproveitamento adicional do leite sobranse da amamentação ou após a ablactação seria bastante corrente, como o prova o tradicional fabrico de "bicas" de manteiga, vendidas nos centros populacionais da região.

No início do século, quando se montaram as primeiras desnatadeiras no Alto Minho, a vaca barrosã passou, principalmente no concelho de Paredes de Coura, a ser explorada na função galactopéctica, embora com grande inconveniente para o desenvolvimento das crias, muitas delas privadas, a partir do mês e meio ou dois meses, da base natural do seu alimento. Posteriormente, verificou-se o desaparecimento dessa exploração, como vai também sucedendo no Barroso.

Na segunda metade do século XIX, o interesse da função creatopéctica para exportação ultrapassou, sem dúvida, o da produção de trabalho, embora este continuasse a ser também da maior importância, tanto mais se considerarmos que se destinam à ceva os bois adultos já com alguns anos de trabalho agrícola ou de pesada carretagem.

Abolida a exportação, a produção de carne foi cedendo a sua preponderância económica à dinamopese até meados do nosso século. A partir de então, por introdução contínua da mecanização agrícola, também o trabalho bovino foi declinando, a ponto de, em breve, pouco devermos ter em consideração esta função.

Devemos anotar que a carne produzida pela descendência barrosã se tem também reduzido consideravelmente em relação a um mesmo número de vacas paridas, porquanto o pouco interesse pela recria de novilhos de tão baixa precocidade tem incrementado o abate precoce dos adolescentes.

9. ESTABELEÇA AS POSSIBILIDADES DA ÁREA DEMARCADA COMO SOLAR DESTA POPULAÇÃO PARA A PRODUÇÃO DE FORRAGENS

Como já esclarecemos, do solar da raça não deve restar mais do que um quarto ocupado por ela, e, este mesmo, com acentuadas infiltrações de etnias várias.

Já também dissemos que principalmente nas áreas minhotas, onde se pratica a criação e se constituirá reduto da raça, a capacidade de encabeçamento está saturada, tanto que não resta praticamente capacidade para a recria da descendência.

Nestes termos, julgamos não interessar conhecer, por inexpressiva, a SAU disponível. Apenas haveria que estudar e propor a reconversão da exploração forrageira, inclusive da silvo-pastorícia.

10. LOCALIZADA NA MELHOR ZONA E DISPONDO DE MEIOS ADEQUADOS, CARACTERIZE O MODELO DE EXPLORAÇÃO VIÁVEL DA POPULAÇÃO EM CAUSA

Encontrando-se o gado bovino Barrosão em retracção, que o limitará às altitudes do Noroeste, o seu prevaecimento local é muito duvidoso, e tanto mais duvidoso quanto mais avançado for o progresso socio-económico da região, o qual, por fim, reconduzirá à florestação primitiva das íngremes explorações onde a raça se reproduz.

11. CONTRIBUIÇÃO PARA O ABASTECIMENTO NA REGIÃO E FORA DELA

Poderá garantir-se que os bovinos barrosãos destinados ao abate são, na sua totalidade, consumidos na região de Entre Douro e Minho. Mesmo a pequena produção do Barroso, tanto dos adolescentes como do refugo, é na maior parte, também, abatido no Entre Douro e Minho, onde, em regra, é mais bem paga.

12. ASPECTOS DE MELHORAMENTO

12.1. Animais

Os principais defeitos do Barrosão consistem em:

- a) Reduzida precocidade, associada a um mau índice de conversão alimentar;
- b) Pequena estatura;
- c) Excessiva cornamenta

Para melhorar este bovino de montanha limitado a duas funções - carne e trabalho -, apenas se oferece indicar a selecção e a correcção alimentar. Com estes dois factores se irão corrigindo aqueles defeitos, aperfeiçoando a conformação geral da raça e acelerando o seu desenvolvimento.

12.2. Estruturas de apoio à sua utilização

Presentemente, o melhoramento do Barrosão não dispõe de qualquer apoio válido. Para satisfazer as necessidades de renovação dos efectivos da apertada rede de postos de criação, sente-se a dificuldade de recrutamento de reprodutores de origem recomendável. A I.A. pouco ainda tem podido actuar no melhoramento da raça, não se prevendo mesmo quando possam ser eliminados os actuais factores limitativos.

A raça Barrosã virá, pelo avanço da mecanização e a concorrência de raças precoces, a resumir-se à criação nos contrafortes serranos.

Convencidos que não será possível modificar, mesmo a médio prazo, a estrutura agro-pecuária daquela zona de criação, consideramos que só reatando o fio partido do apoio que o Estado vinha dando, embora debilmente, podemos encetar o melhoramento da rês Barrosã.

A nosso ver, mantém-se ainda com validade a opinião emitida há 17 anos, por um de nós, quanto à indispensabilidade da instalação de um posto zotécnico na freguesia de Salto, ainda hoje a melhor zona de criação da raça.

Além desta freguesia, que se poderá considerar pedra angular do melhoramento, deverão ser incluídas nesse trabalho também as circunvizinhas, com os seguintes efectivos barrosãos, constituídos, principalmente, por fêmeas:

MONTALEGRE	-	Salto	1370
		Cabril	430
		Covelo	160
		Ferral	325
		Paradela	140
		Pondras	160
		Reigoso	230
		Venda Nova	35
BOTICAS	-	Alturas	240
		Cerdedo	160
		Dornelas	260
VIEIRA DO MINHO	-	Campos	250
		Ruivães	490

No já citado trabalho, enumeram-se os seguintes pontos básicos para o melhoramento da raça:

- Instituição do respectivo Livro Genealógico;
- Criação de um Posto Zootécnico no Barroso, de preferência na ou junto à freguesia de Salto, do concelho de Montalegre;
- Realização, nesse Posto, do trabalho de secretaria do Livro Genealógico, devendo nele ser inscritas, a título inicial, as melhores fêmeas dos criadores da freguesia sede do Posto e das mais próximas, e efectuar-se o registo das cobrições e de nascimentos;
- Aquisição, para a recria no Posto ou nas propriedades de criadores idóneos, dos vitelos que se revelem mais precoces e com melhor conformação à desmama e sejam filhos de reprodutores inscritos no Livro Genealógico;
- Exigência, por parte dos Intendentes de Pecuária, a partir de certo período de funcionamento do Posto, de novilhos inscritos no Livro Genealógico, para efeito de licenciamento dos postos de cobrição;
- Vulgarização das melhores normas higirotécnicas, adequadas à região, para a recria dos bovinos;
- Estabelecimento de tabelas oficiais de compra de gado com cotação superior para os bois barrosãos em relação a outras raças e preferência da sua carne para "talho extra";
- Prosseguimento da realização dos Concursos Pecuários, em cujas tabelas de classificação convém que sejam considerados também elementos biométricos;
- Aplicação do método da inseminação artificial, com o fim de combater as doenças contagiosas do foro genital e acelerar o melhoramento zootécnico;
- Ensaio, no Posto, do cruzamento com outras raças nacionais ou estrangeiras;
- Regulamentação do apascentamento alpestre do Barroso e melhoramento dessas pastagens. Decorridos 17 anos, não encontramos motivo para proceder a profundas alterações destes pontos.

Continuaremos a considerar, como ponto fundamental da acção melhoradora, a instituição do Livro Genealógico da raça. Porém, conhecida, como é, a indeferença dos produtores na adesão ao L.G., estamos convencidos que só mediante pecuniários se poderá vencer essa relutância.

Quanto ao Posto Zootécnico, órgão fulcral de execução, muito embora se verifique profundo recuo da raça no Barroso, mantém-se ainda hoje a indicação da sua instalação em Salto.

Este Posto deveria constituir-se também como subcentro de I.A.

Não só se aceleraria a acção do melhoramento como se estabeleceriam mais repe

tidos contactos com as casas de lavoura, o que é de primordial importância na difusão de conhecimento e na colheita de informações. Entre estas, podem citar-se as relativas à correcção alimentar.

12.3. Disponibilidades forrageiras diversificadas

Em 5., tivemos oportunidade de dizer que a carga bovina satura a capacidade da produção forrageira tradicional. Esta não oferece possibilidade de ampliação, a não ser a que se obtém pela adubação mais racional da terra.

Nas zonas baldias de altitude, torna-se, por sua vez, evidente a conveniência do melhoramento das pastagens estivais e o seu aproveitamento rotativo.

12.4. Tipo de organização para utilização da raça

Teremos que assentar, antes de tudo, na ideia-base de que, perante a concorrência de raças mais precoces, a duas ou a três funções, a raça Barrosã, reduzida, praticamente, à produção de carne de adolescente e de algum trabalho, se confinará às explorações minifundiárias serranas do Minho e a outras de dimensões um pouco maiores do Sudoeste do Barroso. Nem o grau de cultura dos proprietários, nem as características sócio-económicas permitirão, sequer a médio prazo, modificações estruturais das propriedades, nem a associação destes povos montanheses poderá ir muito além da manutenção dos "tours do povo" e da tradicional organização de vezeiras.

Tem-se mesmo verificado que, à medida que se vai obtendo um pouco mais de desajogo económico, os hábitos comunitários da região vão desaparecendo e concorrendo para menor perservação da raça.

Deste modo, não se afigura possível organizar qualquer tipo de exploração muito afastado do actual.

Trata-se, como já referimos, de explorações muitíssimo pequena, de parcelas numerosas e dispersas, onde o ciclo económico da criação barrosã, por tradição, consequente da falta de precocidade, termina no desmame. Não se faz a recria.

Constituindo o produto da venda dos vitelos base do fundo de maneo destas pequenas explorações, procura-se saturá-las com o maior número de vacas, pelo que não restam disponibilidades alimentares para a recria a partir do desmame, operação esta que, aliás, por deficiência do índice de reposição da raça, expõe a risco económico.

Não esquecendo o interesse da venda dos adolescentes à desmama, duas finalidades essenciais devem ser visadas em benefício dos criadores da raça Barrosã.

- a) Aumentar-lhes o rendimento das explorações, a fim de elevar o seu nível de vida;
- b) Defender o património genético da raça.

Quanto à primeira finalidade, haverá que empreender larga difusão de conhecimentos atinentes a melhorar a produção forrageira e a respeitar boas regras de maneo, além de, em todas as oportunidades, se procurar reunir parcelas do agro que exploram.

Quanto à segunda, haverá que aumentar a rendibilidade da exploração, respeitando a herança genética, naturalmente adaptada ao adverso ambiente serrano.

Para conjugar estes dois desideratos, ter-se-ia de passar a aconselhar o que ainda é apenas tolerado - a generalização dos cruzamentos industriais.

Tal prática, em face do perigo que pode constituir para a conservação da raça, deve ser acompanhada de ampla vulgarização de regras que a condicionem e afastem aquele inconveniente.

A I.A. tem neste campo importante papel a desempenhar. De resto, embora em li-

mitada percentagem, o método tem sido aplicado neste sentido, utilizando, sobretudo, sémen charolês. Tanto com este sémen como com o Holstein Friesian (tipo europeu), a produção de F1 tem resultado absolutamente normal, tanto no ponto de vista obstétrico, como no de aleitamento.

Em consequência da rendibilidade da recria dos produtos F1, esta poderia ser levada até ao acabamento, com benefício para a economia do abastecimento carneo.

Ao terminar as considerações relativas a este quesito, acrescentamos que, na inviabilidade de se formar, entre os interessados, qualquer organização para a utilização e defesa da raça, insubstituível nas terras altas do Noroeste, caberá, sobretudo, ao futuro Livro Genealógico essa importante missão.

BOVINOS DO PARQUE NACIONAL DA PENEDA - GERÊS

Julgamos conveniente apresentar breve nota relativa aos bovinos da área deste Parque Nacional, tanto mais que se tem falado sobre a sua possibilidade de intervir na conservação da raça Barrosã.

Este Parque estende-se pelas serranias que nos separam de Espanha, desde Castro Laboreiro, a poente, até ao extremo mais nascente do Gerês, isto é, à denominada serra da Mourela, entre Tourém e Covelães, do concelho de Montalegre. Com excepção dos vales do Lima e do Cávado, a sua altitude ultrapassa os 800 m.

Doze freguesias serranas estão por ele abrangidas, possuindo, aproximadamente 6 000 bovinos, dos quais cerca de 50% são animais anancados, sem expressão étnica definida, existentes nas serras da Peneda e do Soajo e conhecidos por "Cachenos".

A maior parte beneficia de pastagens de montanha, algumas das quais se prevê venham a ser melhoradas e submetidas a pastoreio condicionado.

As duas melhores áreas pascigosas - a de Castro Laboreiro e da Mourela - situam-se, todavia, em zonas que pouco podem interessar à defesa da raça Barrosã.

A primeira, muito afastada do solar da raça, é, também, a que apresenta animais em menor estado de pureza por longos contactos com outras etnias, e encontra-se infiltrado de norte, nascente e sul por bovinos oriundos do país vizinho, com o qual tem raia seca.

A segunda, com possibilidade de melhorar várias centenas de ha de pastagens de chãs e de vales baldios, já não recebe no estio os milhares de cabeças de outrora, mas sim, cerca de 800 bovinos de várias raças, como da Mirandesa, Barrosã, Maronesa, "Rúbia" e, sobretudo, produtos dos seus cruzamentos. De facto, tanto as freguesias incorporadas no perímetro do Parque, como as mais próximas foram abandonando a criação pura barrosã, enquanto que, através da fronteira seca de Tourém (freguesia que penetra na Galiza) continuam passando muitos bovinos dessa origem.

Verifica-se, pois, ser, presentemente, muito aleatória a tentativa de preservação dos bovinos Barrosãos a partir de qualquer núcleo do Parque.

Porto, 7 de Julho de 1976

NOTA DE ACTUALIZAÇÃO

Embora o número de animais ainda seja elevado, não temos dúvidas em considerar a raça bovina Barrosã no grupo daquelas que estão em perigo de extinção. E o mais grave é que o perigo não advém, em valor significativo, do progresso socio-económico das populações, como diagnosticaram os autores do trabalho aqui apresentado, mas de outras origens.

A área de criação está a ser reduzida e a raça ameaçada pelo desenvolvimento de quatro frentes.

Por um lado é o avanço da Frísia e da Galega "melhorada" por causa da produção do leite, não só para consumo local mas também como fonte de rendimento diário.

Pelo outro lado é o avanço da Mirandesa e da Maronesa que pelo seu porte e rusticidade aumenta a força motriz, tão necessária para o trabalho daquelas terras tão acidentadas.

É igualmente a introdução de raças estrangeiras (Gelbvieh e Parda Suíça) sem qualquer controle e contrariando qualquer esquema de defesa e protecção do património genético daquela população.

É ainda a falta de capacidade que o Estado tem revelado não aplicando as receitas apontadas por todos aqueles conhecedores da raça, e que a ela tem dedicado muito das suas vidas. Receitas, que numa maneira geral se mantêm correctas.

Embora se verifiquem algumas inseminações artificiais, cujos números não ultrapassam umas poucas centenas, continua a ser a cobrição natural o método de reprodução mais utilizado.

Infelizmente a falta de vigilância de postos de cobrição e incompleta legislação existente, permitiram que fossem utilizados como reprodutores masculinos animais sem qualquer característica zotécnica e muitas vezes com problemas sanitários.

Preocupada com este estado de coisas, a Direcção Ge-

ral dos Serviços Veterinários, de 1976 para cá tem tentado dinamizar os Livros Genealógicos e os Registos Zootécnicos já criados e tentado actualizar a legislação sobre postos de cobrição.

Sobre o primeiro, é de referir o Despacho Ministerial de 17 de Dezembro 1976 dos Ministérios da Agricultura e Pescas e do Comércio e Turismo que institui um prémio no valor de 2 000\$00 por cada vitelo ou vitela proveniente de todos os partos das fêmeas inscritas, a título definitivo ou inicial, nos livros genealógicos ou registo zootécnico de algumas raças bovinas autóctones, entre as quais a barrosã. Este despacho limita a área de intervenção para esta raça aos distritos de Vila Real, Braga, Porto e Viana do Castelo. O despacho conjunto dos Ministérios das Finanças e do Plano, do Trabalho e dos Transportes e Comunicações de 29 de Junho de 1979 veio abolir aquela área de intervenção, passando os prémios a poder ser atribuídos em todo o território continental.

Relativo aos postos de cobrição foi publicado o despacho normativo nº.333/78 que regula o licenciamento dos postos particulares de cobrição.

Contudo, problemas de diversa ordem, impediram que os trabalhos de registo se iniciassem, prejudicando as acções de melhoramento fomentadas por aquela legislação e dessa forma lezando os próprios criadores.

Foi também neste período, mais precisamente em 1977, que se publicou um dos mais importantes documentos legislativos para o melhoramento animal que foi a portaria nº.385/77 de 25 de Junho, que contem o Regulamento relativo às normas sobre reprodução animal, livros genealógicos e contrastes funcionais.

A partir de meados de 1980 as condições evoluíram e num esforço conjunto da Direcção-Geral dos Serviços Veterinários e a Direcção Regional de Entre Douro e Minho foi possível nomear uma comissão de técnicos que já iniciou os trabalhos de registo da população bovina desta raça.

A par do registo destes animais vão ser adquiridos novilhos característicos da raça, que depois de recriados nos estabelecimentos oficiais serão distribuídos pelos postos de cobrição que respeitem a legislação vigente.



mirandesa

MANUEL LEITÃO
LUIS FERREIRA
ALFREDO COSTA

RAÇA BOVINA MIRANDESA

INQUÉRITO PARA A SUA CARACTERIZAÇÃO E SEU SISTEMA DE EXPLORAÇÃO

A P R E S E N T A Ç Ã O

Se tivermos presente a altura do ano escolhida para realizar os trabalhos de investigação e diagnose da raça bovina Mirandesa;

Se soubermos que a dispersão desta ocupa, entre todas as raças indígenas, a maior área do País;

Se conseguirmos interpretar o protocolo do trabalho a realizar, e;

Finalmente, se nos compenetrarmos verdadeiramente do tempo que dispomos para apresentar o respectivo relatório;

Se tivermos presente tudo isto, acabamos, como de resto aconteceu, por nos convencer que só poderemos corresponder ao que nos é pedido se recorrermos, apenas, ao conhecimento que temos da evolução que se vem operando no solar e área de dispersão da raça Mirandesa e à compilação da bibliografia que dela se ocupa.

Assim, é dentro deste condicionalismo que vamos procurar desempenhar-nos da missão que nos foi confiada, seguindo para o efeito a ordem cronológica traçada naquele protocolo.

1. LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA PRINCIPAL REGIÃO-SOLAR DA RAÇA

A região-solar da raça bovina Mirandesa situa-se no concelho de Miranda do Douro, donde irradia para os de Vimioso, Mogadouro, Bragança, Vinhais e Macedo de Cavaleiros.

1.1. No passado

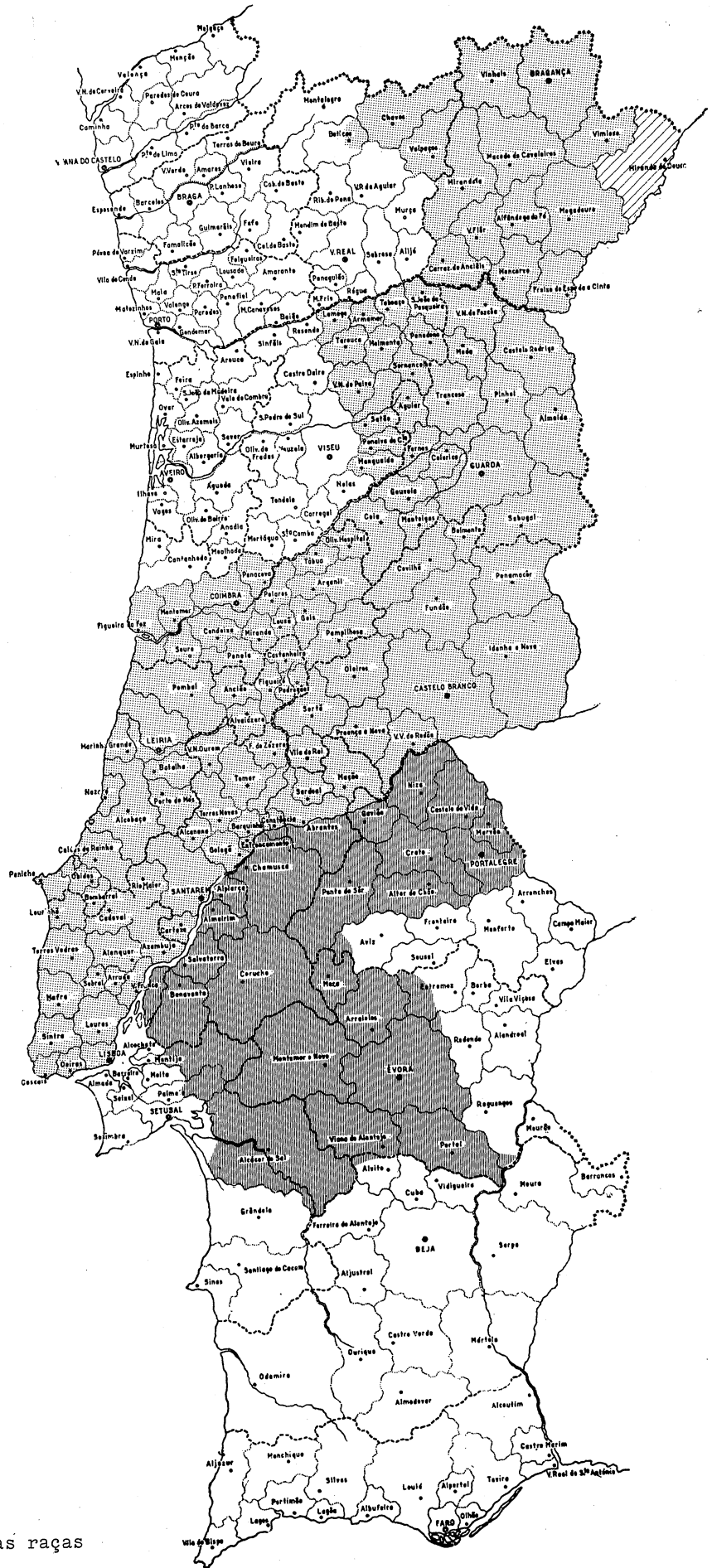
Em 1870, a área ocupada pelos bovinos Mirandeses abrangia as regiões que se assinalam no mapa nº.1.

Tomando por base os elementos colhidos no período que decorreu entre cerca de 1955 e 1975, elaborámos o mapa nº.2, onde se pode ver a posição que ocupa o Mirandês no país, em relação às várias raças de trabalho e carne, 100 anos depois de terem sido colhidos os elementos que utilizámos no mapa nº.1, elaborado, também, segundo o mesmo critério.

1.2. No presente

Razões de ordem económico-social estão na base das profundas alterações que se vêm operando na forma de trabalhar a terra e nos hábitos da população ligada à mesma actividade, e estão-se fazendo sentir na estabilidade e na própria presença daquela raça nas regiões que sempre dominou. O incremento que tem tomado a mecanização da agricultura tem dado origem a profundas alterações na exploração e utilização da raça bovina Mirandesa. A entrada da máquina nas explorações que utilizam a força animal repercute-se sempre na utilização dos efectivos de trabalho, reduzindo-a progressivamente até ao seu desaparecimento. É, assim, e por esta razão, que o mirandês está a desaparecer da parte Sul da sua área de dispersão.

MAPA Nº 1



DISPERSÃO EM 1870



Solar da raça



Só Mirandês



Mirandês e outras raças

MAPA Nº 2

DISPERSÃO EM 1955-1972



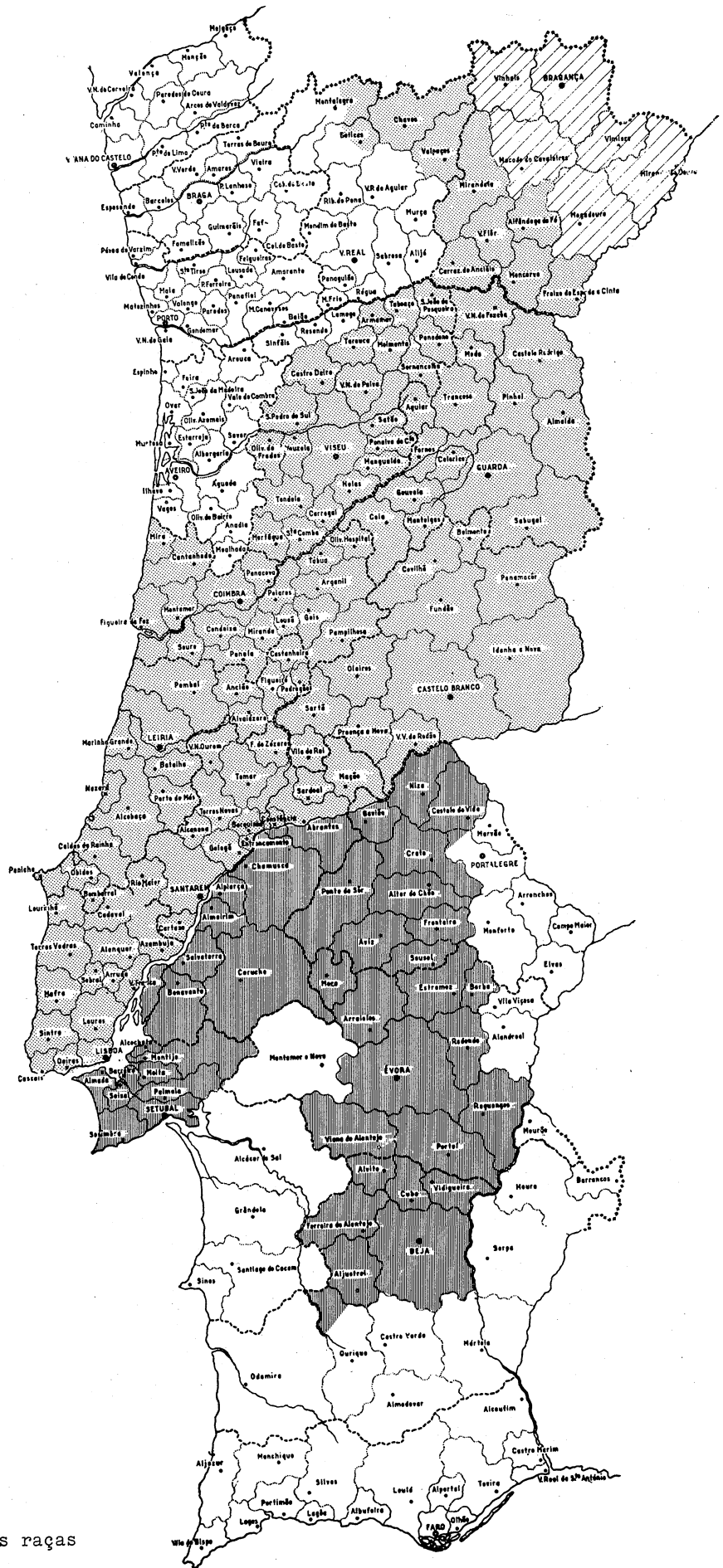
Solar da raça



Só Mirandês



Mirandês e outras raças



A maior parte dos vitelos nascidos no solar da Mirandesa eram recriados e iniciados na função dinamófora na faixa central do país, na parte correspondente, mais ou menos, ao Sul da Beira Alta e a toda a Beira Baixa, e, daí, deslocavam-se para o sul até atingirem o Ribatejo, onde a sua presença assegurava a realização integral dos trabalhos agrícolas.

A mecanização da região que representava a meta da sua caminhada para o sul, está afastando definitivamente o bovino mirandês da região ribatejana. Nas regiões de recria atrás referidas, onde a máquina ainda não entrou ou a sua utilização é impraticável devido ao terreno acidentado, a quase totalidade dos agricultores vêm substituindo os bois pelas vacas, procurando, desta maneira, melhorar os seus modestos e incertos rendimentos com o produto das crias que aquelas lhes vão dando.

A recria dos machos está a ser orientada no sentido da produção de novilhos para abate.

A evolução porque está passando a população bovina de trabalho, especialmente a mirandesa, não termina, porém, aqui. De facto, no presente não se trata já de uma simples substituição de bois por vacas, mas da substituição de reprodutores machos mirandeses por idênticos reprodutores de outras raças, principalmente pelos leiteiros, sobretudo naquelas regiões onde a raça Turina se apresenta já com uma certa implantação, e, por isso, a presença daqueles começa a ser solicitada.

A maior valorização que por esta via passam a ter os vitelos cruzados e a precaríssima situação económica dos criadores empurram estes, cada vez mais, para soluções que, embora lhes desagradem, são forçados a pôr em prática, numa última tentativa de procurar resistir ao cerco que cada vez se aperta mais à sua volta.

Enquanto na região das Beiras a evolução se vem operando sensivelmente como acabamos de referir, na região-solar do Mirandês estão já a infiltrar-se vacas turinas, geralmente em substituição de igual número de vacas mirandesas. Do que acabamos de referir, resulta o início de uma situação que, se continuar, acabará por provocar uma redução cada vez maior do efectivo mirandês no seu próprio solar, cujas consequências não lhe serão certamente favoráveis.

1.3. Perspectivas futuras

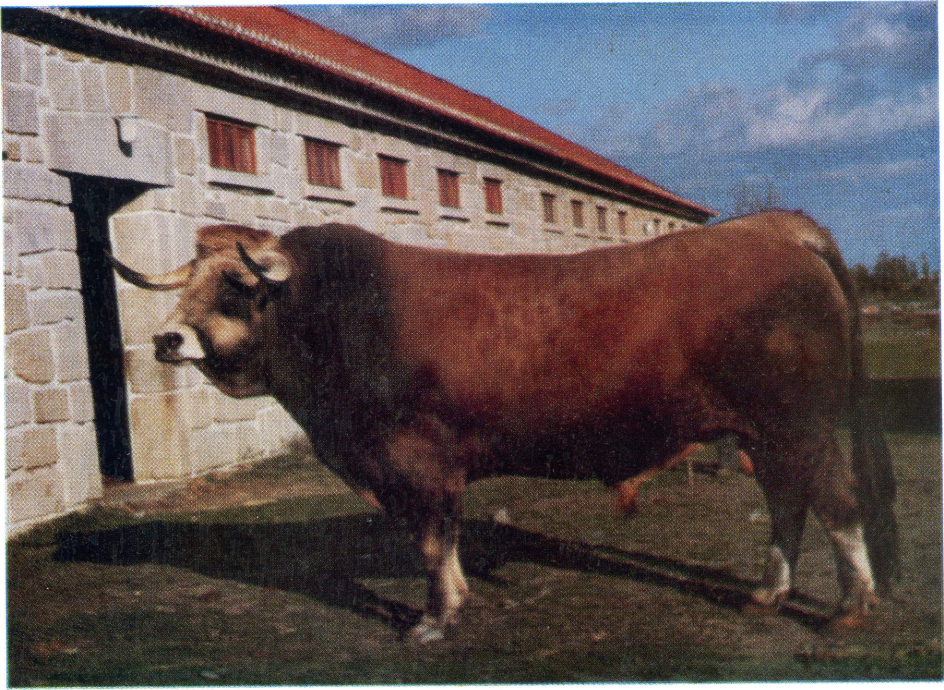
Perante esta realidade, que é já o presente, vemos com sérias e bem justificadas apreensões o futuro da raça Mirandesa se não forem tomadas medidas imediatas que assegurem aos criadores compensações superiores àquelas que lhes proporcionam os vitelos cruzados.

2. CARACTERIZAÇÃO-SÍNTESE DA RAÇA

Animais de grande corpulência, os bovinos Mirandeses são compridos, largos, bem musculados, de linha dorso-lombar quase horizontal, de terço posterior desenvolvido, de membros de comprimento mediano, formando no seu todo um conjunto harmónico.

Pelagem castanha, escurecendo para as extremidades. Os machos inteiros são mais escuros que as fêmeas e as crias têm coloração castanho-claro.

Andamentos fáceis e sem vacilação das ancas, temperamento manso, mas



ANGUEIRA — 3 ANOS
Posto Zootécnico Miranda do Douro

MIRANDESA



1.º PRÉMIO 1978

enérgico.

CABEÇA: pequena, perfil ligeiramente côncavo, nuca larga e proeminente, marrafa abundante e alourada; fronte larga e deprimida entre as órbitas; olhos aflorados e rodeados por uma zona de pêlos claros; chanfro curto e recto; focinho largo de coloração preta e circundado de pêlos brancos; orelhas largas, horizontais, revestidas internamente de pêlos compridos e claros; cornos de cor esbranquiçada, enegrecidos na ponta, de comprimento médio, de secção circular, simétricos, pouco divergentes, ligeiramente inclinados para baixo na origem e revirados para cima na ponta.

TRONCO: pescoço curto, forte e de barbela não muito desenvolvida; cerne lha larga e um tanto saliente; dorso e lombo compridos e largos; garupa comprida, larga, aproximando-se da horizontal; cauda de média inserção, comprida, fina e bem tufada; tórax alto, largo e bem arqueado; ventre de regular desenvolvimento; úbere bem implantado e de boa conformação.

MEMBROS: bem apumados; flanco bem descido, espádua comprida e larga; braço e antebraço fortes; coxa e nádegas compridas, largas, bem musculadas e com perfis tendentes para a convexidade; extremidades fortes e largas articulações, unhas rijas e de tamanho médio.

3. SISTEMAS DE EXPLORAÇÃO E TIPOS DE PRODUÇÃO

A exploração da raça bovina Mirandesa na região-solar e nas zonas de dispersão assinaladas em 1.1., dentro dos condicionalismos referidos em 1.2., visa as produções de trabalho e carne. Aquele, como se disse é executado na sua maior parte pelas fêmeas e esta resulta do abate de alguns vitelos e vitelas, dos novilhos recriados e dos adultos que atingiram os limites aconselhados para a sua conservação ou apresentem qualquer defeito que comprometa a sua utilização nos fins a que se destinam, principalmente a criação e a produção de trabalho.

Como produtora leiteira, salvo um ou outro animal e uma ou outra zona com características especiais, talvez influenciadas por microclimas muito circunscritos, como será o caso da região de Vinhais, a vaca mirandesa limita-se a produzir o leite necessário para a cria.

Ainda em relação a esta função, e, também, devido, em parte, a características especiais do meio, poderíamos considerar o caso da região do Jarmelo, hoje também ocupada por mirandês. Dissemos "em parte" porque, embora admitamos que a referida região possa ter dado algum contributo para que a vaca jarmelista se tenha destacado como produtora leiteira, a verdade é que nunca aceitámos a sua classificação, no estado de pureza primitivo, como uma variedade da raça Mirandesa, como o admitiu o professor Bernardo Lima. Alguns exemplares mais ou menos influenciados por mirandês que ainda encontrámos contribuíram, fortemente, para que nos primeiros contactos que tivemos com aquela região ficasse a dúvida no nosso espírito quanto à razão que assistiria a Bernardo Lima. Hoje, depois de nos termos dedicado a um exame mais profundo dos elementos que então reunimos, e de outros que posteriormente encontrámos, inclinamo-nos muito mais para considerar a vaca do Jarmelo como tendo sido a representante no nosso país da raça Asturiana de Espanha.

Finalmente, quanto aos "Esquemas de Acções Estatais Existentes", há que mencionar a acção exercida no gado da região-solar pelo Posto Zootécnico de Miranda do Douro e pela Estação de Fomento Pecuário de Trás-os-Montes e Alto Douro, destacando, especialmente, aquele, pela contribuição que desde longa data vem dando para a defesa e melhoramento da raça bovina Mirandesa.

A criação da Estação de Fomento Pecuário de Macedo de Cavaleiros veio

dar àquele posto zootécnico uma valiosa ajuda ao possibilitar-lhe o desenvolvimento e melhor concretização da sua acção, na medida em que tornou possível a aquisição, para recria, de maior número de vitelos, filhos das melhores vacas da região inseminadas pelos serviços que ali funcionam ou provenientes da cobrição natural com reprodutores mirandeses oriundos daqueles estabelecimentos zootécnicos.

4. QUANTITATIVO DE ANIMAIS

Limitamo-nos a apresentar os efectivos recenseados em 1955 e em 1972 nos concelhos do sòlar da raça, em virtude de, na restante área de dispersão o efectivo mirandês estar em constante regressão.

CONCELHO	A N O	
	1 9 5 5	1 9 7 2
Miranda do Douro	5 935	6 087
Vimioso	3 470	3 289
Mogadouro	4 603	4 447
Bragança	9 405	9 173
Vinhais	6 069	6 588
Macedo de Cavaleiros	3 770	3 887
T O T A L	33 252	33 471

4.1. Machos e fêmeas (1972)

CONCELHO	MACHOS	FÊMEAS
Miranda do Douro	726	5 361
Vimioso	613	2 676
Mogadouro	826	3 621
Bragança	2 424	6 749
Vinhais	1 592	4 996
Macedo de Cavaleiros	1 268	2 619
T O T A L	7 449	26 022

4.2. Grupos etários (1972)

CONCELHO	MACHOS			FÊMEAS		
	Com menos de 1 ano	De 1 ano a menos de 2	De 2 anos e mais	Com menos de 1 ano	De 1 ano a menos de 2	De 2 anos e mais
Miranda do Douro	559	125	42	923	618	3 820
Vimioso	414	163	36	474	352	1 850
Mogadouro	530	224	72	570	643	2 408
Bragança	1 452	777	195	1 065	1 190	4 494
Vinhais	806	592	194	772	1 047	3 177
Macedo de Cavaleiros	503	463	302	346	540	1 733
T O T A L	4 264	2 344	841	4 150	4 390	17 482

5. NÚMERO DE CABEÇAS POR EXPLORAÇÃO E SUA DEPENDÊNCIA DA EXPLORAÇÃO AGRÁRIA

5.1. Número de cabeças por exploração (1972) (*)

CONCELHO	1 e 2	3 e 4	5 a 9	10 a 19	+ de 20
Miranda do Douro	153	434	498	106	17
Vimioso	128	240	303	33	3
Mogadouro	355	409	421	69	7
Bragança	466	804	750	145	16
Vinhais	360	551	540	64	3
Macedo de Cavaleiros	494	410	232	42	8
Totais das explorações por classes	1 956	2 848	2 744	459	54

(*) Abrange todos os bovinos, mirandeses e não mirandeses

5.2. Localização por concelho ou zona geográfica de encabeçamento médio, acima da média e abaixo da média.

A propriedade rústica da região-solar da raça bovina Mirandesa está mais próxima do minifúndio do que da pequena propriedade, embora haja lavradores que possuem várias destas pequeninas parcelas, isoladas e, frequentemente, distantes umas das outras.

Nestas circunstâncias, cada criador procura manter o maior número de bovinos que a área da sua exploração e os recursos alimentares de que dispõe comportem.

Desta maneira, e na impossibilidade de conhecermos as áreas exp-

loradores por cada lavrador, limitamo-nos a indicar, dado o conhecimento que temos da região e de harmonia com os próprios elementos proporcionados pelo Arrolamento Geral do Gado de 1972, que o efectivo por cada exploração oscila, mais vulgarmente, entre os dois e os dez animais.

5.3. Dependência do efectivo da exploração agrária em zonas mais representativas.

Em todos os concelhos do solar da raça Mirandesa, o efectivo bovino depende, quase exclusivamente, da exploração agrária. Exceptuando em anos de maior penúria alimentar, e dum modo geral, não se administram concentrados aos bovinos de trabalho. Em algumas zonas, fazem farinhas para dar aos bovinos, à base de centeio, cevada ou garrobas, mas sempre em quantidade pouco significativa.

A alimentação é feita, nos concelhos de Miranda, Vimioso, Mogadouro e parte do de Macedo, à base de feno e pastagens em prados permanentes, pousios, culturas intercalares de garrobas, ferrejos, milharada, nabal e subprodutos de culturas principais. Em épocas do ano apropriadas utilizá-se a folha de freixo e de negrilho. Nos concelhos de Bragança, Vinhais e parte Norte de Macedo de Cavaleiros, a alimentação é, também, à base de feno e pastagem, em prados permanentes de óptima qualidade, e com erva verde, grande parte do ano. São, ainda, utilizados os baldios, culturas intercalares de ferrejo e nabal e subprodutos de culturas principais, batata e castanha de refugo.

Esta alimentação é difícil de quantificar, pois é administrada segundo a abundância e variedades existentes.

5.4. Importância do efectivo

A participação do efectivo da raça bovina Mirandesa no produto agrícola bruto é impossível de quantificar, até porque este se desconhece nas várias regiões da dispersão da raça.

Limitando-nos à zona do seu solar, poderemos, contudo, afirmar que a percentagem do bovino mirandês na participação do produto agrícola bruto é muito elevada, constituindo, até, em algumas zonas, o único produto comercializável da exploração agrícola.

6. ALGUNS DADOS BIOLÓGICOS

6.1. Índice de fecundidade

CONCELHO	Acima de 80%	Entre 80- - 60%	Abaixo de 60%
Miranda do Douro		X	
Vimioso		X	
Mogadouro		X	
Bragança	X		
Vinhais	X		
Macedo de Cavaleiros	X		

6.2. Desmame

Na impossibilidade de colher elementos em explorações particulares, referimos elementos colhidos nos estabelecimentos oficiais da região.

CONCELHO	DESMAME		ÉPOCA DO ANO
	IDADE MESES	PESO Kg	
Miranda do Douro	5	170-180	Durante todo o ano, mas com maior incidência nos meses de Julho, Agosto, Setembro, Outubro e Novembro.
Vimioso	5-6	180-200	
Mogadouro	5-6	170-200	
Bragança	6-7	180-200	
Vinhais	6-7	180-200	
Macedo de Cavaleiros	6-7	180-200	

6.3. Crescimento após o desmame

Não existem dados concretos, exceptuando os verificados nos estabelecimentos oficiais (Posto Zootécnico de Malhadas e Estação de Fomento Pecuário de Trás-os-Montes e Alto-Douro) e que a seguir se referem:

5 meses	180 Kg de peso vivo
6 "	200 " " " "
12 "	325 " " " "
18 "	450 " " " "
2 anos	575 " " " "
2,5 "	685 " " " "
3,5 "	880 " " " "
4 ancs	930 " " " "

Estes crescimentos são obtidos em sistemas de exploração semelhantes aos praticados na região e referem-se apenas a animais do sexo masculino.

Em estabulação livre, e com uma alimentação feita à base de concentrados (2,5% do peso vivo), obtiveram-se os seguintes crescimentos, num ensaio realizado em 20 animais do sexo masculino:

190 dias	200 Kg de peso vivo
218 "	224 " " " "
246 "	264 " " " "
274 "	303 " " " "
302 "	353 " " " "
330 "	393 " " " "
358 "	422 " " " "

6.4. Partos

Os elementos que apresentamos são os fornecidos através da inseminação artificial e referem-se apenas à zona principal do solar da raça Mirandesa, onde se

verificam partos com intervalos de 12 a 13 meses e com maior incidência nos meses de Fevereiro, Março, Abril, Maio e Junho.

6.5. Índice de mortalidade até ao desmame

Não se possuem elementos concretos para responder

6.6. Reprodução

6.6.1. Métodos de reprodução

CONCELHO	INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL		Cobrição natural %
	Em pureza %	Cruzamento %	
Miranda do Douro	31,33	10,52	58,14
Vimioso	18,91	4,16	76,91
Mogadouro	5,02	1,41	93,56
Bragança	1,10	1,10	97,80
Vinhais	-	-	100
Macedo de Cavaleiros	5,37	1,26	93,36

Os elementos referem-se apenas à zona do solar.

6.6.2. Índices de reprodução

Não existem elementos concretos que possam dar uma ideia dos índices de reprodução em toda a área de dispersão do bovino Mirandês. Na zona do seu solar, a vaca mirandesa deverá ser coberta sempre com o vitelo a mamar, o que corresponde a um vitelo por ano, aproximadamente.

A idade ao primeiro parto varia entre os 26 e os 30 meses e a reforma das vacas faz-se entre os 14 e os 16 anos.

7. INDICAÇÃO, LOCALIZAÇÃO E GRAU DE INTERFERÊNCIA DE ORGANIZAÇÕES ESTATAIS, GRÉMIOS, FEDERAÇÕES, COOPERATIVAS, E ENTIDADES PRIVADAS NA REGIÃO ESTUDADA

A única entidade estatal ou privada com interferência no melhoramento e protecção do bovino Mirandês é o Posto Zootécnico de Miranda do Douro, auxiliado pela Estação de Fomento Pecuário de Trás-os-Montes e Alto Douro, com acções que se traduzem pela aquisição à Lavoura de machos reprodutores, na idade do desmame, recria dos mesmos e sua distribuição a criadores ou postos de cobrição particulares. A par desta acção, pratica-se a inseminação artificial, em alguns locais, com sêmen proveniente do Centro de Inseminação, instalado no Posto Zootécnico de Miranda do Douro, e distribuído pelo subcentro de Macedo de Cavaleiros.

7.1. Sua funcionalidade

A acção do Posto Zootécnico de Miranda do Douro faz-se sentir apenas nos concelhos de Miranda, Vimioso e Mogadouro, através da aquisição de vitelos, e sua recria e distribuição a particulares, e pela inseminação artificial nos mesmos concelhos e também no de Macedo de Cavaleiros.

Os efectivos abrangidos por estas acções são muito limitados, devi-

do a factores diversos, entre os quais deve mencionar-se a falta de meios materiais e humanos.

- 7.2. Perspectivas futuras - indicação, tanto quanto possível, dos meios fáceis de obter, concretizando-os, sobretudo, em matéria de "contrôle" de reprodução

A acção do Posto Zootécnico de Miranda do Douro deveria estender-se a todo o solar da raça Mirandesa e pôr em prática, duma vez para sempre, o livro genealógico desta raça, para cuja execução deverão ser facilitados todos os meios.

A inseminação artificial, que hoje é praticada em número reduzido de animais, deverá estender-se a todo o efectivo possível, para o que são necessárias mais cinco brigadas de inseminação, além das já existentes.

Para a adesão dos criadores a sistemas de melhoramento e conservação da raça pura, deverão ser instituídos subsídios anuais, de forma a superar a diferença de rendimento na utilização de outras raças bovinas mais rentáveis.

8. MOVIMENTO NA UTILIZAÇÃO DA RAÇA

8.1. Finalidades

Produções de carne e trabalho

8.2. Venda de Fêmeas

Na zona do solar, muitas fêmeas são vendidas ao desmame, recriando-se apenas as necessárias para a substituição dos animais refugados.

8.3. Venda de novilhos

Normalmente, os vitelos são vendidos ao desmame, para fora da região do solar da raça.

9. ESTABELEÇA AS POSSIBILIDADES DA ÁREA DEMARCADA COMO SOLAR DESTA POPULAÇÃO PARA A PRODUÇÃO DE FORRAGENS

Em virtude de não possuímos os elementos necessários a todos os quesitos solicitados, apresentamos os dados que nos foi possível obter e que respondem, em parte, ao ponto 9.1.

CONCELHOS	Prados permanentes de regadio		Prados permanentes de sequeiro		Culturas agrícolas de regadio		Culturas agrícolas de sequeiro		Baldios, insultos e áreas florestadas
	Ha	U.F.	Ha	U.F.	Ha	U.F.	Ha	U.F.	Ha
Miranda do Douro Vimioso Mogadouro	23	110 400	16 206	48 618 000	1 372	6 036 800	12 387	12 387 000	141 377
Bragança Vinhais Macedo de Cavalei- ros	3 734	17 923 200	16 791	50 319 000	4 357	19 170 800	19 070	19 070 000	237 120

11. CONTRIBUIÇÃO PARA O ABASTECIMENTO NA REGIÃO E FORA DELA

11.1. Animais abatidos

Toda a região do solar da raça Mirandesa é auto-abastecida em carne de bovino, exportando a grande maioria da sua produção.

O abastecimento é feito, quase na sua totalidade, por carne de vitela, com abate dos animais na altura do desmame. Ultimamente, nas épocas de maior consumo, faz-se o abate de alguns novilhos, mas sem o carácter de continuidade.

11.2. Animais enviados para fora da área para abate

A grande maioria dos animais saem da região na idade do desmame, com destino aos locais de recria ou, directamente, aos matadouros. A esta exportação deverá acrescentar-se a de todos os animais de reforma, pois na região não têm consumo.

Quantidades relativamente pequenas de animais destinados ao abate são já recriados na região, prática que tende a aumentar.

Não nos foi possível obter dados concretos para quantificar os quilos de carne saídos da região.

12. ASPECTOS DE MELHORAMENTO

12.1. Animais

Os principais defeitos da raça Mirandesa, considerada como produtora de carne, são: heterogeneidade da população, enclavamento na linha dorso-lombar, garupa mal ligada, descaída ou fechada atrás, inserção alta da cauda e membros mal aprumados.

Para a solução de todos estes inconvenientes, será necessário:

- O "contrôle" efectivo de todos os reprodutores através do seu livro genealógico, com acções orientadas no sentido da rejeição sistemática, tanto no registo como nos concursos, de todos os reprodutores que apresentem os defeitos morfológicos atrás referidos, devendo merecer especial atenção a correcção dos aprumos e o melhoramento das massas musculares, sobretudo do terço posterior.

- A extensão da inseminação artificial a todo o efectivo do solar, com utilização de sémen de touros contrastados.

- A utilização de touros reprodutores de reconhecida qualidade, tanto morfológica como genotipicamente.

Considera-se ainda fundamental um programa de melhoramento e incremento de pastagens.

12.2. Estruturas de apoio à sua utilização

Actualmente, existe, como apoio à raça bovina Mirandesa, um posto zootécnico em Miranda do Douro, com um centro de inseminação artificial. Este posto zootécnico é apoiado pela Estação de Fomento Pecuário de Macedo de Cavaleiros, com um subcentro de inseminação artificial.

Nestes organismos de apoio, faz-se a recria de animais na idade do desmame adquiridos a criadores, para, posteriormente, serem seleccionados e destinados à reprodução.

Estamos convencidos que as actuais estruturas (livro genealógico, já aprovado pela portaria 17 132, de 22 Abril de 1959 e serviços de inseminação artificial), desde que sejam devidamente apetrechados e dotados, serão suficientes para levar a efeito a protecção e o melhoramento desta população bovina.

Macedo de Cavaleiros, 18 de Fevereiro de 1976

NOTA DE ACTUALIZAÇÃO

A raça bovina Mirandesa continua ainda a ser a raça bovina autóctone, não só com maior expressão numérica, mas também aquela cuja área de dispersão se distribui por maior parte do nosso país. Poucas serão as zonas onde se não veja um bovino Mirandesa ou pelo menos com marcada influência mirandesa.

O ano de 1976 marca para esta raça o termo de um longo período de adormecimento em relação a medidas de defesa ou melhoramento, passando a uma nova fase de desenvolvimento.

O Livro Genealógico já aprovado desde Abril de 1959, só arrancou em 1977, após publicação do despacho Ministerial de 17 de Dezembro de 1976, dos Ministérios da Agricultura e Pescas e do Comércio e Turismo, que institui o prémio de 2 000\$00 por cada vitelo ou vitela proveniente de todos os partos das fêmeas inscritas, a título definitivo ou inicial, no livro genealógico da raça Mirandesa.

De então para cá o número de animais aprovados pela brigada técnica do Livro Genealógico é o que consta do quadro seguinte:

ANIMAIS ADULTOS

ANO	FÊMEAS	MACHOS
1977	3 800	7
1978	600	14
1979	500	34
1980	1 176	48
Março de 1981	726	21
TOTAL	6 802	124

De uma forma geral a resposta dos criadores começou por ser um pouco lenta, em especial no envio das declarações de cobertura e de nascimento.

No entanto, devido ao trabalho persistente de um técnico prestigiado que pelo seu saber, entusiasmo e dedicação, conseguiu-se que a aderência dos criadores hoje seja um facto adquirido e esperemos que irreversível. Estamos a referir-nos ao ilustre colega Dr. Manuel Leitão que às raças nacionais tem dedicado muito da sua vida.

Em termos de reprodução os esquemas utilizados pouco foram alterados. No sector da inseminação artificial houve um reforço em meios humanos, mas que não foi acompanhado com um necessário apetrechamento material.

Por esta razão a qualidade do serviço, assim como o valor dos números, pouca alteração sofreram.

INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

(Número de las. IA)

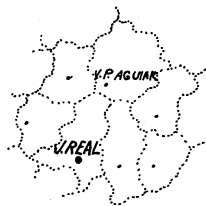
Fêmea x Macho	1976	1977	1978	1979	1980
Mirandesa x Mirandesa	3 852	3 902	4 185	4 147	3 831
Mirandesa x Charolesa	3 010	4 660	3 953	3 187	2 988
Mirandesa x vários	1 247	259	2	123	123
TOTAL	8 109	8 821	8 140	7 457	6 942

De destacar o elevado número de fêmeas Mirandesas beneficiadas com sêmen de touros charoleses.

Em relação aos postos de cobertura ainda não foi possível resolver todos os problemas, mas com a legislação saída e com a disponibilidade de poder oferecer animais inscritos no livro genealógico, para utilização nos postos de cobertura natural, estamos certos de que se segue pelo bom caminho. É com

este sentido que a Direcção-Geral dos Serviços Veterinários em colaboração com a Direcção Regional de Trás-os-Montes, tem comprado nestes últimos tempos, animais em vitelo, que depois de recriados no Posto de Malhadas, são distribuídos pelos postos particulares de cobrição que o solicitam.

O elevado valor dos animais cruzados, a falta de uma política de esclarecimento e a tentativa constante de introdução de outras raças, (por vezes com o beneplácito de entidades oficiais) não têm permitido que aquela acção tenha a dimensão e a implementação necessária para uma correcta defesa e para um eficaz melhoramento da raça bovina Mirandesa.



maronesa

MANUEL LEITÃO

A P R E S E N T A Ç Ã O

Com este relatório, pretende-se dar a conhecer o que nos foi possível observar durante os cinco dias que contactámos com a região que nos pareceu ser a principal zona de criação de bovinos maroneses.

Como se compreenderá, seria extraordinariamente pretensioso e muito duvidoso que conseguíssemos com este trabalho responder às diferentes perguntas que, possivelmente, estarão na mente de todos aqueles que se interessam pelas nossas raças bovinas, no caso presente a Maronesa.

O nosso fim foi procurar saber, por observação directa, até que ponto o bovino Maronês deve continuar marginalizado ou, melhor, ignorado do sector responsável pela defesa e melhoramento da espécie.

Foi com esta finalidade que tomámos posição quanto à necessidade de ser feita uma breve sondagem acerca do estado actual do Maronês, em vez de, por simples suposição ou à força de conceitos que vêm de longe, mas que sempre julgámos não corresponderem à realidade, passarmos também a ignorar a sua existência, o que agora seria oficialmente confirmado, uma vez que seria o único grupo étnico nacional não considerado no "Inquérito para Caracterização das Principais Raças Bovinas e Seu Sistema de Exploração".

A plena aceitação que o Exm^o Director-Geral concedeu a essa nossa intervenção tornou possível uma breve sondagem na região onde a criação de maronês está mais implantada.

O que aqui transmitiremos é realmente o produto de uma simples e breve observação acerca do estado em que se encontra actualmente o bovino Maronês, em especial no seu centro de criação, e do interesse que, porventura, ele possa continuar a ter para a região. Quanto a este, podemos já dizer que nos parece indiscutível, porque, se assim não fosse, há muito ele teria desaparecido, como, nas devidas proporções, tem acontecido, até, àquelas nossas raças consagradas e a que os serviços respectivos têm dispensado alguma atenção, embora nem sempre no bom sentido da sua defesa. Acerca daquela nossa afirmação, julgamos ser bem significativo que, quanto ao seu solar e às suas características étnicas (e, mesmo, relativamente ao efectivo que o representa, em comparação com o registado no Arrolamento de 1940), ele não esteja afastado em 1976 daquilo que foi descrito em 1870 e 1900, respectivamente por Bernardo Lima e João Tierno, autores a quem se devem, ainda hoje, os principais elementos de que dispomos para identificar as raças nacionais que representam as várias espécies pecuárias.

Como dissemos, e pelas razões que expusemos, o nosso trabalho significa apenas a análise do estado actual do bovino Maronês, análise que incidiu, principalmente, na importância que ele tem para a economia da região, expressa, sobretudo, no papel que lhe está cometido nos duros trabalhos relacionados com o difícil cultivo dos terrenos encravados nas serras do Marão, Alvão e Padrela, onde, na grande maioria dos casos, a mecanização não é viável.

Por tudo o que se disse já, e aceitando-se como válida e, por assim dizer, insubstituível a presença do maronês na região onde desde sempre é senhor absoluto e indiscutível, considera-se indispensável que seja levado a efeito pelos serviços responsáveis um trabalho que tenha em vista o seu reconhecimento e estudo em profundidade.

Como sinal de gratidão, não queremos deixar de referir a boa colaboração que nos foi dispensada pelos técnicos e restante pessoal das Intendências de Pecuária de Vila Real e Chaves, colaboração que, provavelmente, só não foi mais profunda e extensa por virtude do esquecimento a que, por assim dizer, tem sido votado pelos Serviços Centrais o Maronês e, também, principalmente, devido à grande soma de trabalhos que nesta altura do ano, em plena época de campanhas sanitárias, os sobrecarrega.

A terminar, uma palavra amiga de sincero reconhecimento para o Dr. Carlos Antero pelo interesse e paciência que pôs na revisão do presente trabalho.

BOVINICULTURA NACIONAL

Breves considerações

O inquérito para caracterização das raças bovinas e seu sistema de exploração reveste-se do maior interesse por julgarmos absolutamente necessário e até urgente que se defina a orientação a seguir relativamente ao futuro da nossa bovinicultura.

Não vamos referir o que se fez e não se fez a favor ou contra a espécie bovina, porque o que interessa é que, definitivamente, se procure saber o que se vai fazer e o papel que cada um terá de desempenhar para transformar em realidade, depois de bem amadurecido, um programa que venha a ser estabelecido. Daí, o interesse que atribuímos à presente iniciativa, por considerarmos que ela deverá estar na base desse programa.

Esperemos que desta vez o referido programa não caia no esquecimento dos responsáveis. No entanto, se, na pior das hipóteses não for possível evitar que tal aconteça, que, ao menos, deixe de se actuar em detrimento das raças bovinas nacionais.

Ao fazermos estas breves considerações estamos a pensar nas nossas raças de trabalho e carne por serem aquelas que, pode-se dizer, nunca foram objecto de qualquer intervenção construtiva que visasse conhecer as suas possibilidades nas várias funções susceptíveis de ser exploradas, ao mesmo tempo que parece-nos, bastante se tem feito para comprometer a sua existência.

Realmente, preocupa-nos, sobremaneira, o seu futuro porque dois concorrentes sérios ameaçam a sua existência: o tractor e o gado leiteiro.

Quanto ao tractor, quando a sua utilização é praticável e aconselhável, como é nos casos do Alentejo e Ribatejo, as vantagens que apresenta em relação ao animal de trabalho são de tal maneira evidentes que este não tem qualquer hipótese de subsistir como elemento motriz nas explorações. Ainda que assim não fosse, a dependência em que a utilização do gado de trabalho, naquelas províncias, se encontra da mão-de-obra assalariada seria argumento quase decisivo para o pôr de parte.

Quando a propriedade se divide e o terreno é de tal modo acidentado que se torna inacessível à máquina, já a situação é totalmente diferente. Nestas circunstâncias, o tractor não encontra lugar ou perde muitas das vantagens sobre o gado, pelo menos enquanto prevalecerem as tradicionais estruturas agrícolas e as contestações dos trabalhadores se passarem, como será na maioria dos casos, a nível familiar, onde o bom-senso acaba sempre por se impor.

No respeitante ao gado leiteiro, a grande facilidade com que ele se adapta a todas as latitudes, longitudes e altitudes, a sua grande precocidade e, quase sempre, o seu maior rendimento na produção de carne em relação às raças de trabalho, competindo mesmo nesta função com as raças especializadas, e a vantagem que oferece ao pequeno agricultor de lhe proporcionar um rendimento diário através do leite produzido, tudo isto está na base do extraordinário incremento da sua expansão na maior parte das regiões, de norte a sul do país, umas vezes por infiltração nas explorações, outras vezes por substituição parcial ou total do gado de trabalho existente nas mesmas.

Embora estejamos convencidos da possibilidade de se alcançar uma grande melhoria das nossas principais raças de trabalho relativamente à produção de carne e à precocidade, sabemos também que a valorização que por essa via se venha a conseguir não seria suficiente para as defender da sua temível concorrente, porque esta, a vaca leiteira, terá sempre a seu favor, como já se disse, a produção de leite, e, por via desta, uma receita diária posta à disposição dos seus utentes.

No entanto, embora a importância do Turino para a economia do nosso país seja indiscutível e talvez ultrapasse mesmo a de todas as outras raças, porque, nesta altura, ainda estamos convencidos que os acidentes do terreno e as nossas características sociais e económicas não aconselham o desaparecimento das raças de trabalho, tudo deve

ser feito, antes que se chegue a uma situação irreversível, para assegurar a defesa destas. Para que esta se justifique e mais convictamente se faça, é preciso que se conheçam as suas possibilidades relativamente às várias funções susceptíveis de ser exploradas.

Assim, a par do seu estudo como produtoras de carne quando submetidas a um regime alimentar suficiente e regular, o que até agora quase nunca tem acontecido, sobretudo na fase mais decisiva da sua existência - a recriação -, não seria aconselhável procurar conhecê-las também no aspecto leiteiro? Pensemos apenas que, se conseguíssemos ter de cada vaca em criação três litros de leite por dia, o criador obteria daí um rendimento equivalente a outro vitelo. É muito? É pouco? Embora admitamos que tenha passado a melhor oportunidade para o fazer, julgamos haver ainda interesse em reunir elementos que nos permitam responder àquelas interrogações, mas elementos que se apoiem em números significativos.

Depois destas considerações de carácter geral, faremos uma apreciação muito sucinta acerca das possibilidades de sobrevivência das nossas raças bovinas de trabalho começando por dizer que a Alentejana e a Mirandesa são as que correm riscos imediatos. A primeira, a raça por excelência da exploração extensiva de sequeiro, por razões de ordem social, ligadas, principalmente, à guardaria, pois que, no aspecto económico, a sua presença continua a ser, para nós, indiscutível por ser a que reúne melhores condições de aproveitadora para as explorações daquele tipo. A segunda, a Mirandesa, começou já a ver os seus efectivos diminuídos, devido, principalmente, ao desenvolvimento da mecanização nas explorações do Alentejo e, sobretudo, do Ribatejo, onde, até há poucos anos, era a principal raça de trabalho. Enquanto assim é a sul do Tejo, nas regiões para norte deste a constituição dos respectivos efectivos da referida raça está a sofrer modificações, tanto pela substituição, na maior parte dos casos, dos bois por vacas, numa tentativa de se conseguir através das crias uma ajuda que atenua o progressivo agravamento dos encargos da pequena empresa, como, mais recentemente, quando tem sido possível, pela substituição das próprias vacas de trabalho por vacas leiteiras, facto que já está a verificar-se, mesmo, na região de Miranda do Douro.

Por esta evolução, é responsável a falta de apoio e compreensão com que sempre se tem debatido e continua a debater o sector agrário, principalmente devido ao constante agravamento de encargos e dificuldades de toda a ordem que sobre ele continuam a incidir, sem, em contrapartida, se assistir a uma valorização compensadora para aquilo que produz. É ainda pela mesma razão que nas zonas de pequena propriedade encontramos apenas homens de idade avançada, mulheres e crianças, porque os verdadeiramente válidos há muito procuraram noutras actividades, no país ou no estrangeiro, uma melhor compensação para o seu trabalho, única via que se lhes tem deparado para conseguirem melhores condições de vida.

Quanto ao Arouquês, Barrosão e Maronês, que consideramos raças de montanha, correm menos riscos do que as raças referidas anteriormente porque os terrenos dos seus solares e, mesmo, das suas áreas de dispersão não são, na maior parte dos casos, acessíveis à mecanização. Este facto torna a sua presença indispensável para a realização dos diferentes trabalhos das explorações locais. Por esta razão, e porque os recursos forrageiros de que se pode dispor nem chegam por vezes para assegurar o devido sustento do gado necessário à exploração agrícola, também a vaca leiteira não se tem expandido com aquela intensidade que se tem verificado nas regiões de maiores recursos e de fácil acesso, não sendo mesmo raros os casos em que, depois de entrar nas explorações, ela foi de seguida afastada, quando os criadores perceberam que não a podiam manter pelas razões referidas e, ainda, por não disporem do tempo indispensável para lhe prestar a assistência mínima que a sua exploração exige.

A terminar, e a propósito da necessidade que vemos de se procurar conhecer as potencialidades leiteiras das nossas raças tidas como de trabalho, vamos referir-nos ainda ao Galego, começando por registar o que acerca dele se escreveu em 1940 no Arrolamento Geral de Gados e Animais de Capoeira:

" Gado Galego ou Minhoto - No distrito de Viana-do-Castelo encontram-se pro-

fundamente abastardadas por repetidos cruzamentos com o Barrosão e com o Turino, as reses hoje preferidas na região. A infiltração crescente destes grupos tem reduzido a área de expansão do gado Galego, actualmente confinado na zona de entre Minho e Neiva, aos concelhos de Caminha, Vila-Nova-de-Cerveira, Viana-do-Castelo e Ponte-do-Lima.

Para o Sul do Neiva aparece ainda a rês Galega nos concelhos de Espozende e Barcelos, do distrito de Braga, sobretudo ao norte do primeiro e ao noroeste do segundo, onde a população com predomínio das fêmeas, não atinge um milhar de cabeças.

Finalmente, nos concelhos da Póvoa-do-Varzim e Vila-do-Conde, do distrito do Porto, o gado minhoto é representado por restrito número de bois de trabalho, que de Via na acorrem às feiras do segundo daqueles concelhos.

Das numerosas castas bovinas que habitam o Entre-Douro e Minho, a Galega é sem dúvida a de representação mais escassa e por tal modo se tem rarefeito, que não será ousado prever a sua extinção."

O que acaba de se dizer acerca da situação em que se encontrava o Galego em 1940 e do futuro que se lhe antevia era o resultado da acção destrutiva que sobre ele exerciam os serviços regionais e do pouco interesse que na altura havia pelos grupos de função mista. Para produzir leite, preferia-se gado Turino e, para trabalhar, naquela região, optava-se cada vez mais pelo Barrosão.

O tempo passou, o leite valorizou-se, o trabalho animal continuou a ser necessário e as dificuldades económicas do lavrador acentuaram-se. Por isto, a introdução do Turino intensificou-se e o Barrosão começou a ceder o lugar ao Galego, devido, principalmente, a este, além da prestação de trabalho, também ajudar os modestos rendimentos do lavrador minhoto com a sua, embora também modesta, produção leiteira.

Este facto foi de tal maneira decisivo para a presença do bovino Galego que o efectivo da raça, avaliado em 9 859 cabeças, em 1940, evoluiu, segundo a nossa estimativa, para 28 784 cabeças, em 1972. Desta evolução, resultou o recuo do Barrosão, novamente a caminho do seu verdadeiro solar, e, até certo ponto, um afrouxamento no ritmo de expansão do Turino.

Nesta altura, o Galego continua a disseminar-se pelos distritos de Viana do Castelo, Braga e Porto, facto que, como dissemos, não se deve atribuir exclusivamente à sua produção leiteira, mas esta, embora modesta, revela-se decisiva para o impor em zonas que outras raças mais protegidas pareciam dominar.

Julgamos ter justificado com um facto real a nossa sugestão para que se procure obter elementos que nos esclareçam acerca da capacidade leiteira das nossas raças bovinas de trabalho, sobretudo aquelas cujo solar se localiza a norte do Tejo e para as quais alguns autores apresentam números de produção que se devem, pensamos, ter em conta como base de uma iniciativa daquela natureza.

As razões apresentadas, e outras que nos dispensamos de mencionar, parecem-nos ser aquelas que mais aconselham a que se mantenham nas diversas regiões-solares as raças de trabalho dominantes por serem as que, na generalidade dos casos e, sobretudo, em relação com o regime de exploração, oferecem maiores vantagens e, principalmente, uma reserva genética que interessa preservar.

Sendo assim, e a considerarem-se como válidas as justificações apresentadas, não podemos deixar de perguntar se a defesa das raças indígenas e das reservas genéticas que representam está assegurada quando se substituí a cobrição natural pela inseminação artificial, como está acontecendo com algumas delas no seu próprio solar.

GADO BOVINO MARONÊS

As referências mais antigas que conhecemos acerca do bovino Maronês datam de 1835 e foram feitas pelo Visconde de Villarinho de São Romão (Antônio Lobo de Barbosa Ferreira Teixeira Girão), na sua obra "Economia Rural e Doméstica", nos seguintes termos:

"Vaccas Molares de Tras os Montes.- Estas vaccas são muito boas, e a sua melhor raça encontra-se nas Povoações das abas do Marão, como he Tojendes, aonde as vi na casa dos Srs. Cabraes. - Algumas d'ellas chegam a dar hum cantaro de leite,mas he preciso que sejam grandes, e bem nutridas; as mais ordinárias, dão tres, ou quatro canadas, muito natoso, e muito bom para converter em manteiga, queijos. - Gostão e precisão de pastos de monte, hervas duras, folhas de arvores, palha painça, cannas de milho grosso, etc.; também gostão muito das hervas verdes de prados artificiaes, mas não exclusivamente; he necessario fazer huma mistura de humas e outras; ellas são muito proprias para os países frios; são fortes e robustas; tem o pêllo de cor castanho-escuro, e muito pequenas pontas..

.....

As Molares de Tras os Montes são proprias para a Serra de Ossa, no caso de algum dia se cultivar e também para as povoações vizinhas da Serra da Estrella, e toda a Beira Alta, he mesmo cousa digna de notar, o haver tão poucas na sobredita Província, de que parecem indignas."

Mais tarde, em 1870, Silvestre Bernardo Lima escreveu no 139 volume de "O Arquivo Rural", a propósito da capacidade leiteira da vaca Maronesa, o seguinte:

"Em função de lactação, a julgar pelos caracteres galatoscópicos, tanto geraes como locais, não se devem ter as vaccas maronezas por muito somenos das barrosãs. Dão muitas d'ellas mais leite do que é necessario para a criação, e das sobras alguma manteiga e queijo se fabrica, mas em pequeno ponto, para pouco mais do consumo local."

As vaccas molares de Tras-os Montes, de que falla o Sr. visconde de Villarinho de S. Romão, na sua obra de economia rural e doméstica publicada em 1835, e que elle diz encontrarem-se nas povoações das abas do Marão - são vaccas maronezas um tanto puchadas ao typo mirandez, constituindo uma família mais leiteira; pois - "algumas d'ellas chegam a dar um cantaro de leite (14 litros) mas é preciso que sejam grandes e bem nutridas; as mais ordinárias dão tres ou quatro canadas (7 a 10 litros), muito natoso, e muito bom para converter em manteiga ou queijo."

Quanto a nós, Bernardo Lima, ao transcrever o escrito do visconde de Villarinho de S. Romão, a propósito das "vaccas molares de Tras-os Montes", e identificando-as como sendo vacas Maronesas, mostra que não tinha qualquer dúvida acerca das características do bovino que designou por sub-raça Maronesa e da sua diferenciação em relação às raças das regiões confinantes, conclusão que se reforça quando o autor escreve "são vacas maronezas um tanto puchadas ao tipo mirandez".

Ainda a confirmar este nosso ponto de vista, está a sua afirmação, ao dizer: "Esta sub-raça parece derivar da raça barrosã, accusando alguns individuos ligeiros toques da raça mirandesa. É que o solar da sua produção, lida pelos seus extremos com o de ambas estas raças, sendo que mais se pronunciam as impressões de uma ou outra nas linhas de contacto com cada uma d'ellas". Nesta transcrição, Bernardo Lima também não é categórico quanto à participação da raça Barrosã na formação do bovino Maronês pois, além do "parece derivar da raça barrosã", accusando alguns individuos ligeiros toques da raça mirandesa", não diz mais do que aquilo que sempre acontece no encontro das zonas de criação de várias raças: "sendo que mais se pronunciam as impressões de uma ou outra nas linhas de contacto de cada uma d'ellas" - da Maroneza, com a Barrosã ou a Mirandesa.

Do que se acaba de dizer, depreende-se que, quando Bernardo Lima contactou com o Maronês na região do seu solar, já este tipo de bovino se apresentava bem definido, embora exibindo um ou outro caso de infiltração mais ou menos evidente de barrosão nas áreas de encontro com estas duas raças.

Em 1904, o Dr. João Tierno, no seu trabalho "O Gado Bovino Mirandês", escreveu: "Tem-se descrito o gado impropriamente chamado maronês como um mestiço mirandês-barrosã".

rosão, mas isto não parece exacto. As áreas de origem d'estas duas castas não só não confinam, como até ficam a grande distância uma da outra: o ponto mais oriental da criação barrosã é a freguesia de Seara Velha, na Ribeira de Terva, a muitas léguas de Vinhaes, paragem derradeira, a que, por oeste, chega a criação mirandesa. Era no limite do habitat dos dois grupos, isto é, na corda montanhosa de entre Tua e Tâmega e na larga veiga de Chaves, que a supposta forma mestiça deveria ter o solar; tal porém não acontece, pois o seu centro de irradiação fica encravado na serra de Alvão, muito para sudoeste, nas tres unicas freguesias de Limões, Cerva e Alvaia, que desde tempos afastados se especializam em produzir estes animaes, conhecidos em todo o norte do districto de Vila Real pelos nomes de MONTANHEIROS, DE TRÁS DA SERRA E CERVATOS. Nos estremos nada ha que recorde a morphologia mirandesa, ao passo que nelles se reflecte nitidamente o estilo architectural do barrosão, apenas attenuado nos seus caracteres excessivos: é o mesmo perfil concavo e um tanto simiesco, a mesma armação lyriforme, o mesmo rolo de corpo, e conservam ainda o castanho-escuro da pelage, a antiga côr do gado de Montalegre, a sua pronunciada vocação masculina e a elevada percentagem de matéria gorda no leite. É claramente uma sub-raça do grupo ethnico montalegrino, cuja produção anda estritamente confinada àquelle pequeno retalho da serra do Alvão, e alguns sitios das immediações de Villa Pouca de Aguiar, nos valles a norte e sul d'ella, mas já com reproductores idos da montanha, empregando até os ganaderos varios processos, mui rudimentares por sinal, para corrigir o guindado das hastes e torná-las mais cabanas. De resto o gado de Miranda que se vê nestas vizinhanças do solar da subraça alvonesa (preferimos designá-la assim) é pouco e só para serviço. Em 1899, em todo o concelho de Chaves, só encontramos um touro e oito vacas d'aquella casta, destinados à reprodução, mas reprodução em consaguinidade; e era caso esporadico este, devido unicamente à predilecção de um lavrador pelas reses mirandesas."

Pelo que disse Bernardo Lima, e que referimos anteriormente, e do que acabamos de transcrever dos escritos do Dr. João Tierno, verifica-se que aquele aceitava o Maronês como podendo ser, etnicamente, uma sub-raça do Barrosão e que este o considerava memo como tal. Nunca o primeiro autor disse que ele é o produto do cruzamento Mirandês Barrosão, como talvez o segundo autor tenha pretendido insinuar, e não parece que este tenha usado argumentos válidos para defender o seu ponto de vista de se tratar de uma sub-raça do Barrosão. O facto de que no Maronês "se reflecte nitidamente o estilo architectural do barrosão, apenas attenuado nos seus caracteres excessivos", não se nos afigura argumento suficiente para o considerar uma sub-raça do Barrosão. Se assim não fosse, pensamos que também não seria possível excluir a hipótese de ligação do referido bovino com o Mirandês, hipótese, contudo, que o autor não considera, apesar de ao "estilo architectural do Barrosão" se poder contrapor a pelagem castanho-escuro que hoje, como nessa altura, continua a caracterizar o Maronês e que é muito semelhante à do Bragancês (castanho-escuro, próximo do preto), enquanto que o Barrosão, já anteriormente ao escrito de J. Tierno, apresentava "a côr da pelagem castanha do escuro ao claro, indo até ao melado e aloirado" (B. Lima), variações estas que aquele autor mais ou menos confirma quando escreve "conservam ainda o castanho-escuro da pelage, a antiga côr do gado de Montalegre", devendo nós acrescentar que o castanho-escuro do Barrosão, contrariamente ao que referimos para o Bragancês, era mais do tom castanho-afogueado, como hoje, talvez, ainda seja possível ver nos pontos menos acessíveis do solar da raça em causa. Em síntese, e em relação à pelagem como elemento de classificação étnica, diremos que, enquanto a do Maronês continua inalterável, a do Barrosão evoluiu nas fêmeas do castanho-avermelhado para o alourado uniforme, com unhas, pontas de chifres, mucosas e aberturas naturais escuras.

Além dos autores atrás referidos, que foram, por assim dizer, os únicos que procuraram estudar o bovino Maronês, e com tal acerto o fizeram que julgamos os seus escritos ainda comoos mais válidos que existem acerca do citado bovino, outros, mais recentemente, a ele se reportaram, repetindo os pontos de vista daqueles, que por vezes procuraram melhorar, mas nem sempre da maneira mais feliz, apesar de poderem dispor de outros meios de comunicação e informação que muito poderiam ter contribuído para um mais rigoroso esclarecimento da posição do bovino Maronês no conjunto da população bovina nacional.

Referimos, como exemplo, o que disse o Professor Paula Nogueira, em 1900, em "Le Portugal Au Point de Vue Agricole":

"Race Maroneza - Ce sont les métis résultant du croisement des deux races barrosã et mirandeza. Ils ont la tête longue et étroite; le chanfrein un peu concave; le mufle gros et noir, cerclé d'une zone de poils blancs; les cornes lyriformes, à insertion haute, mais courtes, projectées en avant, quelquefois même légèrement descendues; la robe fauve au noirâtre.

Le bétail maronez a son habitat dans la partie méridionale du district de Villa Real, comprise entre la serra de Marão à l'Oueste, le Tua à l'Est et le Douro au Sud.

C'est une bonne race de travail et de boucherie, donnant un rendement de 63 pour cent de viande nette, sur un poids vif moyen de 565 kilogrammes. Les vaches ne sont pas mauvaises laitières."

A "Race Maroneza - Ce sont les métis résultant du croisement" ...?

" les cornes lyriformes, à insertion haute ..."?

" la robe fauve au noirâtre."?

Ainda dentro do mesmo ponto de vista, registamos também o que disse acerca do Gado Maronês o Professor Miranda do Vale, no seu livro "Gado Bissulco":

"Gado maronês - É, estamos já do facto absolutamente convencidos, um produto accidental do cruzamento barrosão x mirandês, e, como tal, não tendo conformação fixa, de que se possa extrair um tipo de descrição: é uma mistura dos caracteres étnicos dos dois grupos originários. Sendo estes bons trabalhadores, não admira que a vocação seja herdada.

Leiteiras, também as vacas o são. O visconde de S. Romão chamava-lhe molarres de Trás-os-Montes, e atribuía-lhes uma produção de 14 litros de leite; Bernardo Lima acha que só as de maior estatura e bom penso poderão atingir tão elevada quantidade e estabelece, como média, 7 a 10 litros, mas de alta percentagem butirosa e ótimo para o fabrico de queijos ou manteiga.

Joaquim Sabino de Sousa calculou uma média de 565 quilos e um rendimento de 63% de carne limpa.

Bernardo Lima delimita o solar deste gado a "toda a região serrana do Marão, estendendo-se por todo o concelho de Vila Pouca de Aguiar, Vila Real, Mondim de Basto, Ribeira de Pena e Ribeira de Serva até ao rio Tâmega, defronte do Barroso. De Vila Real para o nascente, vê-se ainda esta criação e recriação de maroneses nos vales e montes de Justes, seguindo a Franco até à descida de Murça para o vale de Mirandela".

Quando, no primeiro decénio deste século, percorremos estas regiões, à procura dos maroneses, ficou-nos a impressão que eles eram em muito menor número e em área mais restrita do que na época em que Bernardo Lima fez as suas peregrinações por aquelas regiões.

Os Intendentes de Pecuária de Vila Real e Viseu também não se ocupam da raça maronesa, e isto nos convence que os habitantes da região estavam preferindo a criação pura á mestiça, mas, pelo relatório do arrolamento pecuário de 1940, vemos, com surpresa, os maroneses atingirem um efectivo de 25 012 cabeças em três distritos: Vila Real, Porto e Viseu.

Também estamos convencidos que em muitos casos a destriça entre maronês e arouquês deve ser bastante difícil, sobretudo se nos lembrarmos que no distrito do Porto existem representantes do gado mirandês, barrosão, arouquês e maronês."

O "Gado Bissulco" foi publicado em 1949. O que nele se escreveu acerca do Maronês não adianta nada ao que havia sido dito anteriormente pelos autores que referimos. Pelo contrário.

O Professor Miranda do Vale, naquilo que representa a sua opinião, apoia-se, em 1949, no que lhe foi possível observar no "primeiro decénio deste século". O seu convencimento de que "a destrinça entre maronês e arouquês deve ser bastante difícil" resultou, possivelmente, de o seu primeiro, e parece que único, contacto com o bovino que considerou ser o Maronês se ter verificado, pelo menos, 40 anos antes, provavelmente na região de confronto do Maronês com o Arouquês.

Por tudo o que dissemos, e porque o bovino Maronês no aspecto étnico se apresenta como há 100 anos, quando o Mestre Bernardo Lima registou pela primeira vez as suas características, contrariamente ao que aconteceu ao Barrosão e ao Mirandês, nos quais se operou uma certa evolução étnica, principalmente no respeitante ao tipo de pelagem, somos de opinião que o bovino Maronês, pelas razões referidas, e ainda porque não apresenta a cornamenta de inserção alta nem a líriforme do Barrosão, deve passar definitivamente a ser considerado como RAÇA (Fotos A e B).

Quanto à designação deste gado, e relacionando-a com o principal solar da raça, admitimos que a de "Alvonesa", preferida pelo Dr. João Tierno, teria, talvez, mais cabimento, porque do nosso breve contacto com a região que representa o verdadeiro solar da raça ficou-nos a impressão de que este, embora abranja também a serra do Marão, se situa mais vincadamente em plena serra do Alvão.

Devemos, porém, dizer que, presentemente, a grande maioria dos criadores designam o maronês por "serrano". Sómente ouvimos a um criador de Boticas e a outro de Montalegre chamar-lhe, respectivamente, "montanheiro" e "penates", sendo natural que outros se sirvam da mesma ou outra designação. De qualquer maneira, nunca nos compreenderam quando falámos em maronês ou alvonês. Todavia, porque a designação maronês tem sido, por assim dizer, a única de que nos temos servido, deverá a mesma continuar a ser utilizada, mencionando-se agora o efectivo como RAÇA MARONESA.

1. LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA PRINCIPAL REGIÃO-SOLAR DA RAÇA

1.1. No passado

Segundo os escritos de Bernardo Lima, o solar do Maronês

" É toda a região serrana do Marão estendendo-se por todo o concelho de Villa Pouca de Aguiar, Villa Real, Mondim de Basto, Ribeira de Penna, Ribeira de Serva até ao Tamega defronte do Barroso. De Villa Real para o nascente vê-se ainda criação e recriação de maronezes nos valles e montes de Justes, seguindo a Villa Nova de Franco até à descida de Murça para o valle de Mirandella: - d'aqui por diante começa a apparecer o gado to typo mirandez; sendo também por estes pontos extremos, como nos extremos do concelho de Villa Pouca de Aguiar em caminho de Chaves os sitios em que se encontram maronezes com laivos de mirandezes, isto é, tendo maior corpo, pernalteiros, maior cabeça e esta de armação mais curta, fechada e mais inclinada para diante".

Há 70 anos, porém, o Dr. João Tierno definiu o solar do bovino Maronês, localizando-o em plena Serra do Alvão, nas freguesias de Cerva, Limões e Alvadia " e alguns sitios das imediações de Villa Pouca de Aguiar, nos valles a norte e sul d'ella, mas já com reprodutores idos da montanha ..."

1.2. No presente

Hoje, parece-nos que o verdadeiro solar do Maronês não sofreu deslocação sensível, podendo acrescentar-se que este gado é ainda, por assim dizer, o único representante das raças bovinas de trabalho e talho nos concelhos de Vila Pouca de Aguiar, Ribeira de Pena, Mondim de Basto, Vila Real, Sabrosa, Alijó e Murça, nos quais, à excepção deste último, o número de fêmeas tem forte preponderância sobre o de machos, facto que define a região como área de criação da raça, ou seja, o seu solar. Dos produtos aí obtidos, a quase totalidade das fêmeas são recriadas com vista à renovação do efectivo de reprodução, ou abatidas para consumo na região, em idade variável, geralmente à desmama, enquanto que aqueles machos que não são consumidos nos centros de criação, naquela fase, se dispersam, em número mais ou menos representativo, pelos concelhos de Cabeceiras de Basto, Celorico de Basto, Carrazeda de Ansiães, Mirandela, Vila Flor, Amarante, Baião, Felgueiras, Marco de Canaveses, Lousada, Boticas, Chaves, Mesão Frio, Montalegre, Régua, Santa Marta de Penaguião, Valpaços, Armamar, Lamego, Moimenta da Beira, S. João da Pesqueira e Tabuaço, concelhos que correspondem à área de dispersão do Maronês, onde uns são recriados e ensinados para substituir os bois de trabalho de idade mais avançada ou, menos frequentemente, enviados ao matadouro depois de recriados (Mapa Anexo).

Vem a propósito referir que a entrada do maronês no concelho de Montalegre se ficou a dever em grande parte à introdução da cultura da batata para semente no referido concelho pelo médico-veterinário Dr. Carlos Alberto da Silva Pereira e Padre Avelino Mota, principalmente.

O êxito que esta cultura começou a ter levou os lavradores a arrotear terrenos, tendo ido buscar o boi maronês para realizar os referidos trabalhos de arroteamento. Daí, resultou os criadores começarem a substituir barrosãos de criação por maroneses, o que deu origem a que, passados tempos, comesçassem também a aparecer produtos de cruzamento.

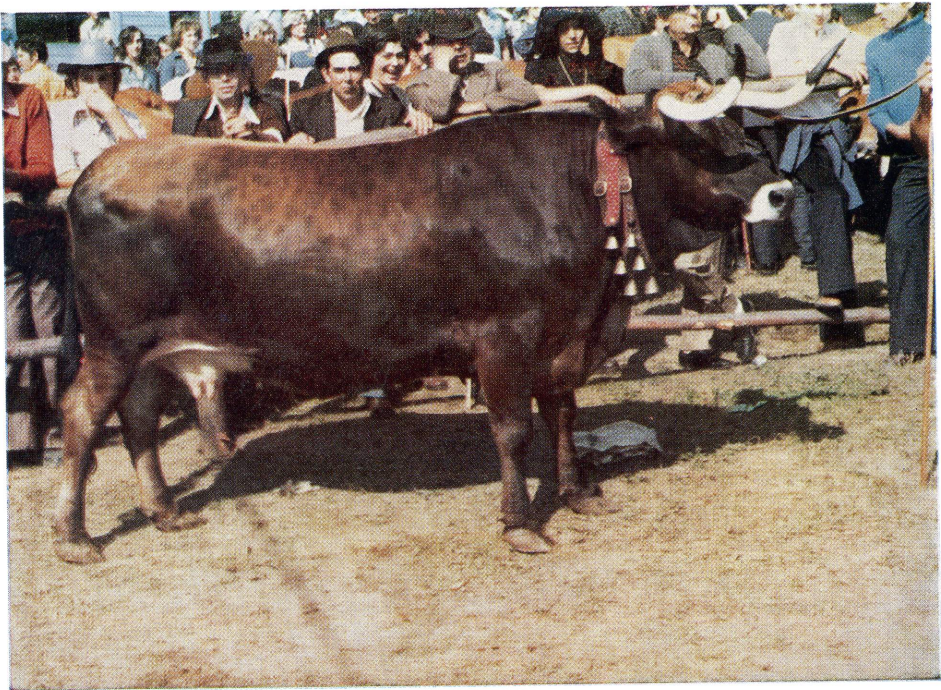
Mais tarde, e ainda pela mesma razão, coube a vez ao mirandês de ir substituir o maronês naqueles trabalhos e no próprio efectivo de criação.

Trinta e cinco anos depois do nosso primeiro contacto com a região de Montalegre, fomos encontrar uma população bovina de criação que havíamos conhecido como barrosã, e onde também existiam bois de trabalho maroneses, substituída por uma outra em que predomina o mirandês, com uma representação cujo nível nos surpreendeu, ao lado de algumas vacas maronesas com sinais de infiltração de mirandês, sendo mesmo o seu maior número constituído por animais em que a presença do mirandês é bem evidente ou, melhor, dominante, e, finalmente, ainda alguns animais que denunciam



1.º PRÉMIO 1977

MARONESA



uma influência remota de barrosão. Deste nosso breve contacto com a região de Montalegre, ficou-nos a impressão de que, à parte a representação de mirandês, a maior parte da restante população apresenta-se como um ramalhete de composição variada em que nem falta o galego e o Schwitz.

1.3. Perspectivas futuras

Quanto ao futuro, o facto de se manterem inalteráveis as suas áreas de criação e de dispersão mostra a sua plena aceitação no meio em que é explorada, pois só assim se justifica que nenhuma outra raça, nem mesmo a Turina, tenha surgido como sua concorrente, embora entre a população maronesa continue a aparecer, como sempre tem acontecido, um ou outro exemplar que denuncia a influência de mirandês. Realmente, a sua extraordinária rusticidade e poder de adaptação a uma das regiões mais agrestes do nosso País que tem por cenário as serras do Alvão e Marão, e a facilidade com que se desloca nos terrenos mais ásperos e acidentados da região onde está implantado o seu centro de criação. levam-nos a pensar que a Maronesa, entre as nossas raças de trabalho, será a última a desaparecer ou, talvez, uma das poucas a sobreviver, perspectiva que poderá deixar de oferecer qualquer dúvida se for generalizada e intensificada a prática que alguns criadores seguem de tirar das vacas em lactação algum leite, habitualmente para seu consumo, mas que haverá interesse em dar-lhe, também, outros destinos.

2. CARACTERIZAÇÃO - SÍNTESE DA RAÇA

2.1. Características gerais

O bovino Maronês é bem proporcionado e caracteriza-se por pequena corpulência, regular conformação, linha dorso-lombar direita, e percorrida em toda a extensão por um listão mais ou menos evidenciado, e terço posterior regularmente desenvolvido, predominando ligeiramente sobre o terço anterior (ver fotos em anexo).

Pele fina e elástica revestida por pêlos luzídios, constituindo no conjunto uma pelagem castanho-escuro, geralmente um pouco mais aberta no costado, mas tornando-se clara no períneo e, sobretudo, na região mamária ou testicular, onde os pêlos são mais finos e ainda mais claros, tonalidade esta que, sobretudo na mama, termina bruscamente nas proximidades da sua inserção anterior para dar continuidade ao castanho-escuro.

O Maronês é extraordinariamente rústico e enérgico, mas manso. Os seus andamentos são fáceis e correctos, tornando-se mesmo imponentes quando executados em prova de esforço, dada a facilidade com que, nestas condições, se desloca.

2.2. Características especiais

CABECA - Pequena, seca e bem expressiva, perfil côncavo, sendo este mais evidenciado devido à saliência das protuberâncias orbitárias, característica que também contribui para tornar mais manifesto um certo estrangulamento que incide nas regiões da face e chanfro e se estende até à extremidade inferior, onde remata " por um grosso fucinho (fucinhuda) negro e orlado de pellos brancos" (B.Lima).

FRONTE - é larga, quadrada e ligeiramente côncava.

CHANFRO - Recto e bem desenhado, destaca-se da testa em angulo obtuso, cujo vértice define, em franco contraste, a ligação das duas regiões.

MARRAFA - revestida de pêlos pouco compridos, lisos e mais claros, não faz saliência sobre a inserção dos cornos e descreve com estes uma curva regular de abertura anterior.

CORNOS - de inserção média, são delgados, lisos, de cor branco-sujo e pontas escuras, e de secção circular na inserção para evoluir de seguida para a forma ligeiramente elíptica.

Quanto à direcção e forma da cornamenta, esta enquadra-se no tipo cabano rodada (ver fotos em anexo).

OLHOS - desenvolvidos e salientes.

ORELHAS - bem inseridas

TRONCO :

PESCOÇO - relativamente grosso, sendo o bordo superior rectilíneo nas fêmeas e convexo nos machos, enquanto que o inferior é percorrido por uma barbela medianamente desenvolvida que se prolonga desde o vértice do ângulo da entre-ganachas até ao cilhadouro .

CERNELHA - ligeiramente larga e pouco destacada do pescoço e dorso.

DORSO - relativamente largo e rectilíneo (ver fotos; na fotografia do macho a tonalidade das cores está um pouco prejudicada).

LOMBO - bem ligado ao dorso e garupa, é bem musculado, largo, rectilíneo e ligeiramente descaído lateralmente.

GARUPA - também em relação ao desenvolvimento da raça, é comprida, larga na parte anterior e um pouco estreita na posterior, apresentando-se, como em todas as nosas raças bovinas, descaída lateralmente.

CAUDA - aproximando-se da inserção alta, é fina e regularmente encabelada.

PEITORAL - é largo e bem musculado.

CILHADOURO - é cheio e sem estrangulamento.

VENTRE - de desenvolvimento equilibrado em relação ao conjunto.

COSTADO - regularmente desenvolvido e sem estrangulamento atrás das espáduas.

ÚBERE - desenvolvido e um escudo bem desenhado, limitando um períneo de pele fina e solta, são indicativos de caracteres leiteiros regulares (reparar nas fêmeas das fotografias em anexo).

MEMBROS:

Bem ligados ao tronco pelas espáduas e peitoral, são fortes e apresentam no conjunto apurmos relativamente correctos. Um tanto tapados de frente, tendem para o fechado de curvilhões.

COXAS - largas, mas pouco profundas.

NÁDEGAS - tendendo muito ligeiramente para o convexilíneo, são bem descidas.

UNHAS - de cor escura, bem conformadas, lisas e resistentes, ajustam-se regularmente entre si.

O touro apresenta acentuado dimorfismo na cabeça, que é mais compacta e menos recortada, e na pelagem, que acentuadamente mais escura, contribuindo para que o listão se destaque mais do que nas fêmeas.

A razão de ser do Maronês e do estado de pureza que o caracteriza no seu solar deve-se, fundamentalmente, ao facto de este se situar numa das zonas mais inóspitas do país, lugar em que dificilmente poderia ser explorado outro dos nossos bovinos que não fosse ele, por virtude da facilidade com que se desloca na serra, realiza transportes pesados por caminhos de cabras e executa, em condições igualmente difíceis, todos os trabalhos inerentes à exploração agrícola local. Desta maneira, as causas que o impõem na região que constitui o seu habitat são hoje as mesmas que desde sempre asseguraram a sua integridade étnica. A própria vaca turina, que há alguns anos começou a aparecer na parte serrana do solar do Maronês, não têm consolidado a sua presença na referida região, admitindo-se, segundo informações que nos foram prestadas, que a sua existência ali, além de numericamente não ter qualquer significado, está longe de ser definitiva.

MARONESA



JUNTA

3. SISTEMAS DE EXPLORAÇÃO E TIPOS DE PRODUÇÃO

A raça bovina Maronesa é explorada, tanto no solar como na sua área de dispersão, na produção de trabalho e carne.

Como dissemos em 1.2., no solar as vacas têm uma representação fortemente dominante, enquanto que nos concelhos que constituem a sua área de dispersão dominam os bois de trabalho ou bezerros em recriação, sendo raras as fêmeas. Pareceu-nos, todavia, haver certa tendência para um ligeiro aumento destas no concelho de Boticas.

No respeitante à produção de carne, esta provém dos animais de idade avançada, das fêmeas refugadas por irregularidade na reprodução ou qualquer outro defeito que comprometa a sua utilização e das crias que não são necessárias para renovar os efectivos de criação e trabalho do solar e da área de dispersão.

Nas zonas de criação onde a emigração mais se tem feito sentir, a nossa atenção foi despertada pelo número diminuto de novilhas em relação ao elevado número de vacas de idade avançada, o que deve atribuir-se ao facto de a população existente ser constituída, na sua maior parte, por homens idosos, mulheres e crianças.

Quanto à produção leiteira, a vaca Maronesa é de boa aptidão. No primeiro mês de criação, a produção excede quase sempre as necessidades da cria, motivo que nesse período tem de ser ordenhada. Independentemente desta intervenção, não é raro, sobretudo na zona serrana, ser-lhe tirado algum leite durante o período de amamentação para o consumo da casa.

4. QUANTITATIVOS DE ANIMAIS

Consideramos o efectivo representativo da raça dividido em dois grupos. Corresponde o primeiro à zona de criação, que coincide com o solar da raça e abrange quase exclusivamente reprodutores e respectiva descendência nas fases de criação e recriação, sendo esta, geralmente, para renovação do efectivo. Quanto ao segundo grupo, situa-se na área de dispersão, onde existem outras raças de trabalho, e é representado, principalmente, por bois e alguns animais em recriação para substituir os que vão sendo refugados. O número de animais que constituem este grupo foi obtido por estimativa, com base nas percentagens com que a raça participa no efectivo bovino de trabalho dos concelhos da sua área de dispersão. As percentagens que utilizámos foram determinadas entre 1955 e 1960 pelo inquérito aí realizado pelo S.R.O.A. (Serviço de Reconhecimento e de Ordenamento Agrário).

4.1. Machos e Fêmeas

Os números que apresentamos para machos e fêmeas referem-se ao Arrolamento Geral do Gado de 1972 e dizem respeito somente aos concelhos onde não foram assinaladas outras raças de trabalho, isto é, aqueles que se consideram o solar da raça. Não tivemos conhecimento da existência de outras zonas de criação de valor significativo.

Os números entre parêntesis na coluna de machos representam reprodutores e na coluna de fêmeas referem-se a animais que estavam a ser ordenhados.

CONCELHOS	MACHOS			FÊMEAS		
	c/menos de 1 ano	De 1 ano a-de 2	De 2 anos e mais	c/menos de 1 ano	De 1 ano a-de 2	De 2 anos e mais
Alijó	43	28 (3)	162 (5)	18	33 (2)	253 (-)
Mondim de Basto	297	168 (9)	71 (10)	465	364 (52)	1 918 (-)
Murça	79	116 (5)	460 (2)	32	10 (1)	185 (-)
Ribeira de Pena	460	139 (4)	127 (5)	412	482 (15)	2 141 (-)
Sabrosa	60	32 (-)	64 (-)	84	32 (-)	312 (-)
Vila Pouca de Aguiar	656	336 (4)	578 (13)	622	651 (4)	2 656 (5)
Vila Real	755	162 (8)	150 (10)	702	404 (11)	3 086 (3)
TOTAIS	2 350	981 (33)	1 612 (45)	2 335	1 976 (85)	10 551 (8)
Totais de machos e fêmeas	4 943			14 862		
TOTAL GERAL	19 805					

4.2 Grupos etários

Como dissemos em 4., os números que vamos indicar para o efectivo maronês existente nos concelhos não incluídos no solar da raça foram obtidos por estimativa, devido ao facto de nos referidos concelhos existirem animais de outras raças de trabalho.

O mapa que se segue, e que elaborámos para o efeito, insere a percentagem de maronês nos vários concelhos em relação a outras raças de trabalho e mostra também a evolução do efectivo Maronês segundo os três últimos arrolamentos.

CONCELHOS	Maroneses % do efectivo de trabalho do concelho.	1940			1955			1972		
		mais de 18 meses	menos de 18 meses	Total	mais de 1 ano	menos de 1 ano	Total	mais de 1 ano	menos de 1 ano	Total
Cabeceiras Basto	23	976	411	1 387	1 196	309	1 505	1 217	243	1 460
Celorico Basto	8	404	177	581	523	115	638	392	69	461
Carrazeda Ansiães	9,3	36	11	47	45	7	52	26	7	33
Mirandela	1,9	22	8	30	37	10	47	19	6	25
Vila Flor	4,8	14	6	20	15	3	18	4	1	5
Amarante	26	1 246	622	1 868	1 725	337	2 062	1 632	521	2 153
Baião	2	48	35	83	60	28	88	57	27	84
Felgueiras	7,4	287	114	401	394	46	440	349	62	411
Lousada	0,3	7	3	10	9	1	10	11	3	14
Marco de Canaveses	20	857	254	1 111	1 110	214	1 324	925	407	1 332
Alijó	100	536	306	842	686	129	815	476	61	537
Boticas	16	389	266	655	565	129	694	580	152	732
Chaves	18,5	695	327	1 022	1 090	102	1 192	772	152	924
Mesão Frio	15	6	2	8	5	1	6	1	-	1
Mondim de Basto	100	2 229	1 079	3 308	2 717	988	3 705	2 521	762	3 283
Montalegre	5	500	177	677	557	122	679	570	151	721
Murça	100	374	276	650	807	108	915	771	111	882
Régua	46,4	67	35	102	119	24	143	52	2	54
Ribeira de Pena	100	2 639	1 311	3 950	3 379	926	4 305	2 889	872	3 761
Sabrosa	100	389	232	621	469	152	621	440	144	584
S. Marta Penaguião	42	36	21	57	147	117	264	33	9	42
Valpaços	25	605	227	832	795	108	903	691	121	812
Vila Pouca Aguiar	100	2 966	1 776	4 742	4 159	1 207	5 366	4 221	1 278	5 499
Vila Real	100	3 383	1 948	5 331	4 616	1 503	6 119	3 802	1 457	5 259
Armamar	9,4	13	14	27	33	4	37	30	4	34
Lamego	7,5	49	29	78	82	29	111	62	17	79
Moimenta da Beira	1	10	7	17	17	6	23	16	5	21
S. João da Pesqª.	36	59	27	86	121	10	131	44	14	58
Tabuaço	12,2	14	15	29	31	8	39	14	1	15
TOTAIS	-	18 856	9 716	28 572	25 509	6 743	32 252	22 617	6 659	29 276

5. NÚMERO DE CABEÇAS POR EXPLORAÇÃO E SUA DEPENDÊNCIA DA EXPLORAÇÃO AGRÁRIA

5.1. Número de cabeças por exploração

A distribuição do efectivo por possuidores é a do Arrolamento Geral do Gado de 1972 e diz respeito apenas aos concelhos que constituem o solar da raça, por virtude de só nestes o maronês ser o único bovino de trabalho, como se disse anteriormente.

CONCELHOS	NÚMERO DE ANIMAIS E NÚMERO DE POSSUIDORES								Total de possuidores p/concelhos
	1	2	3 e 4	5 e 9	10 a 19	20 a 49	50 a 99	100 a 199	
Alijó	48	151	43	-	-	-	-	-	242
Mondim de Basto	185	275	418	168	6	1	1	1	1 054
Murça	61	256	75	8	2	-	-	-	402
Ribeira de Pena	61	223	297	226	49	12	-	-	868
Sabrosa	83	102	66	10	2	-	-	-	263
Vila Pouca de Auiar	89	575	524	346	29	9	-	-	1 572
Vila Real	628	727	671	194	17	4	-	1	2 242
Total de possuidores por classes	1 155	2 309	2 094	952	105	26	1	1	6 643

5.2. Localização por concelho ou zona geográfica de encabeçamento médio, acima da média e abaixo da média.

Não nos foi possível reunir elementos para responder ao quesito.

5.3. Dependência do efectivo da exploração agrária em zonas mais representativas.

Em todos os concelhos do solar da raça Maronesa, o efectivo bovino depende exclusivamente dos subprodutos e alguns produtos da "exploração agrária" e de pastagens naturais. Normalmente, o bovino maronês é mantido em regime semiestabular, pastando nos campos de cultivo desde as colheitas (Setembro-Outubro) até às sementeiras da Primavera (Abril-Maio). Logo que as pastagens semeadas são guardadas para feno ou semente, o apascentamento passa a fazer-se nos pousios ou no mato (nas explorações da parte serrana), podendo os animais ficar quase dependentes da alimentação à mão quando todos os campos estão semeados de milho e só existe um ou outro lameiro ou restolhal de centeio, onde os animais das explorações que dispõem destes recursos poderão pastar, pois, caso contrário, nesse período o regime passará a ser estabular.

Quanto às pastagens semeadas, elas são feitas, geralmente, à base de azevém, erva molar e erva castelhana, e incluem espontâneas que aparecem nos campos e ajudam a enriquecer o pasto.

A alimentação à mão é à base de fenos, resíduos da cultura do milho, ferrejo (centeio verde), palha de centeio, sendo esta, geralmente, misturada com erva tenra para formar a palhada, e pouco mais.

5.4. Importância do efectivo na exploração agrária em zonas mais representativas.

Não nos foi possível obter os elementos susceptíveis de permitir a avaliação do contributo do gado Maronês para a formação do produto agrícola bruto.

6. ALGUNS DADOS BIOLÓGICOS

6.1. Índice de fecundidade

Não existem elementos oficiais que possibilitem determinar o índice de fecundidade da vaca Maronesa. Da troca de impressões que tivemos com os criadores, ficou-nos a convicção de que aquele índice é elevado, não devendo ser inferior a 80%, dado que as fêmeas beneficiadas várias vezes (3-4) sem resultado são eliminadas.

6.2. Desmame

Normalmente, as crias são desmamadas aos 5-6 meses de idade, tendo, então, pesos variáveis, que julgamos oscilarem entre os 150-200 kg. As desmamas fazem-se durante todo o ano, mas são mais frequentes na Primavera.

6.3. Crescimento após o desmame

Não encontramos dados que nos permitam dizer o ritmo do crescimento após o desmame.

6.4. Partos

Os partos ocorrem durante todo o ano, mas julgamos que eles são mais frequentes no Outono-Inverno.

6.5. Índice de mortalidade até ao desmame

Não conseguimos qualquer elemento acerca deste índice.

6.6. Reprodução

6.6.1. Métodos de reprodução.

No respeitante à reprodução, domina a cobrição natural, sendo utilizados touros maroneses que se iniciam nessa função por volta dos 12 meses de idade e na qual se mantêm até cerca dos 3 anos, no caso dos resultados serem positivos. Dos sementais dos três postos de cobrição que visitámos, com um reprodutor cada um, dois eram bem conformados e desenvolvidos, e o outro, um bezerro vulgar de 11 meses já a ser utilizado.

Dos contactos que tivemos, e por aquilo que nos foi possível observar, pareceu-nos haver falta de reprodutores. Ficou-nos também a impressão que devem estar a ser utilizados na reprodução, como se fossem maroneses puros, mestiços de mirandês, sobretudo nas zonas mais próximas da região de mirandês.

Presentemente, também estão a fazer-se cruzamentos com turino, devido ao facto de os vitelos obtidos atingirem maior valor.

Além destes cruzamentos, soubemos que existe nesta altura uma certa iniciativa, embora circunscrita e muito pouco esclarecida, no sentido de se introduzirem, sobretudo na melhor zona de Vila Pouca de Aguiar, bezeros considerados charoleses (mas que, geralmente, são produtos de cruzamento, no caso presente com mirandês), para beneficiação de vacas maronesas.

Por último, soubemos também de alguns casos de inseminação artificial com sêmem de charolês.

No mapa que se segue, encontram-se mencionados os postos de cobrição das raças Maronesa e Turina licenciados pelas Intendências de Pecuária de Vila Real e Chaves na respectiva área do solar da primeira daquelas raças.

CONCELHOS	FREGUESIAS	Postos		
		Nº	Sementais	
			Maronezes nº	Turinos nº
Alijó	Pópulo	1	1	-
"	Vila Verde-Souto de Escarão	1	1	-
Mondim de Basto	Atei - Pai Mendes	1	1	-
"	" - Pouco Siso	1	1	-
"	Bilhó	1	1	-
"	" - Anta	1	1	-
"	Campanhó - Tejão	1	1	-
"	Ermelo	1	1	-
"	" - Barreiro	1	1	-
"	Mondim de Basto	1	1	-
"	Paradaça	1	1	-
"	Vilar de Ferreiros - Vilarinho	1	1	-
Murça	Carva	1	1	-
"	Jou - Cimo de Vila	1	1	-
"	Palheiros - Salgueiro	1	1	-
Ribeira de Pena	Canedo	1	1	-
"	Salvador - Escarei	1	1	-
"	" - Portela	1	1	-
"	Santa Marinha - Choufica	1	1	-
Sabrosa	S.Martinho de Antas - Anta	1	-	1
"	Torre do Pinhão	1	1	-
Vila Pouca de Aguiar	Bornes de Aguiar	1	1	-
"	" " " - Rebordochão	1	1	-
"	" " " - "	1	1	-
"	" " " - Tinhela de Baixo	1	1	-
"	Pelões - Pontido	1	1	-
"	" - Vila Chã	1	1	-
"	" - Zimão	1	1	-
"	Vila Pouca de Aguiar - Guilhado	1	1	-
"	Vrea de Jales	1	1	-
"	" " "	1	1	-
"	" " " - Campo de Jales	1	1	-
Vila Real	Adoufe	1	1	-
"	" - Quinta Carvalhas	1	-	1
"	Borbela	1	-	1
"	Campeã - Aveçãozinho	1	1	-
"	" - Pepe	1	-	1
"	" - "	1	-	1
"	" - Viriz Santa	1	1	-
"	Justes	1	1	1
"	Lamares	1	1	1
"	Lamas de Olo	1	1	-
"	" " "	1	1	-
"	Lordelo - Pedregal	1	1	1
"	Mondrões - Gulpilhares	1	-	1
"	Mouços - Sanguinheda	1	1	1
"	Pena - Goutães	1	1	-
"	Quintã	1	1	-
"	S. Tomé do Castelo - Águas Santas	1	1	-
"	" " " " - Leiroz	1	1	1
"	Torgueda - Arrabães	1	1	1
"	Vale de Nogueiras - Ludares	1	1	-
"	Vila Marim	1	-	1
"	" " - Galegos	1	1	-
"	Vilarinho de Samardã	1	1	-
"	" " - Mialhas	1	1	1
"	" " - Samardã	1	1	-
Total	57	50	14

7. INDICAÇÃO, LOCALIZAÇÃO E GRAU DE INTERFERÊNCIA DE ORGANIZAÇÕES ESTATAIS, GRÊMIOS, FEDERAÇÕES, COOPERATIVAS E ENTIDADES PRIVADAS NA REGIÃO ESTUDADA

Além das interferências de rotina das intendências de Pecuária, não tivemos conhecimento de quaisquer outras.

7.1. Sua funcionalidade

Prejudicada.

7.2. Perspectivas futuras

Prejudicada.

8. MOVIMENTO NA UTILIZAÇÃO DA RAÇA

O movimento na utilização da raça manifesta-se através da produção de animais no seu principal centro de criação, o solar definido em 1.2., onde são recriadas as fêmeas necessárias para renovar ou aumentar o efectivo de reprodução, enquanto que os machos são, geralmente, recriados nas áreas de dispersão da raça, tendo em vista a substituição dos bois eliminados por idade avançada ou por outra razão impeditiva da sua utilização na função dinamófora.

8.1. Finalidades

Como dissemos em 3., a raça Maronesa é explorada na produção de trabalho e carne, sendo esta resultante do abate das crias disponíveis e dos animais adultos refugados por qualquer defeito que contra-indique a sua utilização ou por idade avançada.

8.2. Venda de fêmeas

Como já foi dito em 1.2., das fêmeas produzidas no solar, são recriadas as necessárias para a substituição local das vacas afastadas da reprodução e, em alguns casos, para venda para fora do solar da raça, mas sempre em número diminuto.

Não foi possível reunir elementos respeitantes ao número de fêmeas vendidas.

8.3. Venda de novilhos

Como dissemos em 1.2., os vitelos não consumidos na região são vendidos para fora do solar da raça.

Não foi possível obter números relativos aos novilhos e machos vendidos.

9. ESTABELEÇA AS POSSIBILIDADES DA ÁREA DEMARCADA COMO SOLAR DESTA POPULAÇÃO PARA A PRODUÇÃO DE FORRAGENS

Não tivemos conhecimento da existência de elementos que permitam responder aos quesitos contidos neste número e seu desdobramento.

10. LOCALIZADA NA MELHOR ZONA E DISPONDO DE MEIOS ADEQUADOS, CARACTERIZE O MODELO DE EXPLO- RAÇÃO VIÁVEL DA POPULAÇÃO EM CAUSA

10.1. Área

Situação idêntica à que referimos para o número anterior.

10.2. Efectivos de manutenção

Como efectivo de manutenção da raça Maronesa, deverá ser considerado o dos conce- lhos que constituem o seu solar, expresso no número de fêmeas mencionado no Arrolamento Ge- ral do Gado, de 1972, nas classes "de 1 ano a menos de 2 anos" e "de 2 anos e mais" (quadro apresentado em 4.1.). Para o efeito, partimos do princípio de que também todas as fêmeas da primeira classe se destinam à reprodução, visando, principalmente, refazer o respectivo efec- tivo, desfalcado pela eliminação das afastadas da função reprodutora.

Como dissemos já em 6.1., o criador é pouco tolerante no respeitante à irregularidade dos partos, facto que nos leva a aceitar que ele obtém geralmente de cada vaca um parto por ano, embora exista um ou outro caso em que se possa verificar um certo atraso.

Como referimos em 6.2., o desmame é feito aos 5/6 meses, enquanto que a idade para o afastamento das vacas da reprodução é variável, pois, regra geral, desde que sejam boas e regulares reprodutoras, são conservadas na exploração enquanto se mantiverem em boas condições físicas.

10.3. Efectivos de engorda

Não se dispõe de qualquer elemento que permita indicar os efectivos em engorda. Pensamos, no entanto, que estes são constituídos apenas pelos animais refugados e, em alguns casos, raros, pelos recriados que não foram necessários para refazer o efectivo ou não tiveram comprador para este fim.

11. CONTRIBUIÇÃO PARA O ABASTECIMENTO NA REGIÃO E FORA DELA

Os animais referidos no número anterior e as crias disponíveis asseguram, pelo menos, o abastecimento da região, sendo natural, mesmo, que alguns sejam enviados para outros pontos, mas cujo número não nos foi possível precisar.

Quanto a idades e a pesos no abate e respectivos rendimentos, não dispomos de elementos susceptíveis de esclarecer devidamente as possibilidades do Maronês como produtor de carne. Trata-se, contudo, de elementos de apreciação que consideramos indispensável obter com a amplitude necessária para podermos julgar no futuro, com segurança, não só esta raça como todas as outras de que, também, pouco ou nada se sabe nesse sentido. Quanto a nós, os matadouros oferecem possibilidades excepcionais para a colheita desses e outros elementos, tão necessários, repete-se, para uma completa apreciação das várias raças das espécies pecuárias produtoras de carne.

Voltando ao caso do Maronês, no II Volume "Estudo sobre o Enxugo de Carcaças de Reses das Várias Espécies de Animais de Talho", da Câmara Municipal de Lisboa e publicado em 1974, encontrámos as seguintes referências:

	(idade	seis anos, cada um
2	(peso vivo médio	527 kg
bois	(peso limpo médio	307 kg
	(rendimento médio	58,16%
	(idade	de 4 a 9 anos
17	(peso vivo médio	371 kg
Vacas	(peso limpo médio	196 kg
	(rendimento médio	52,83%
	(idade	devem ser vitelos
7	(peso vivo médio	175 kg
adoles-	(peso limpo médio	97 kg
centes	(rendimento médio	55,43%

12. ASPECTOS DE MELHORAMENTO

Os defeitos da raça Maronesa, como os de todas as nossas raças bovinas, são o resultado das suas reais qualidades de aproveitadoras das pastagens espontâneas, dos subprodutos das explorações agrícolas e até, como é o caso presente, da sua capacidade para a utilização de mato como alimento de recurso, qualidades que se podem sintetizar na sua grande rusticidade.

Precisamente, porque esta raça e todas as restantes indígenas conseguem valorizar generosamente pastagens quase sempre de inferior qualidade e resíduos de vários tipos da exploração agrícola, de valor alimentar muitas vezes insignificante, os quais, embora possibilitassem a qualquer raça exótica melhorada sobreviver, dificilmente lhe permitiriam manifestar e conservar as qualidades que estariam na base da preferência que lhe fosse dada para efeitos de importação, é que consideramos as nossas raças de valor incalculável e único para o nosso País. Defendemo-las no seu papel de subsidiárias de uma exploração agrícola, que, por razões óbvias, teremos de intensificar cada vez mais.

A Maronesa, como todas as nossas raças que ainda são usadas na função dinamófora, paga com o seu trabalho a mão-de-obra que a sua utilização exige e o encargo que possa ser feito com uma ou outra forragem semeada para sua alimentação, enquanto que as raças alienígenas melhoradas proporcionam apenas a produção de carne, e mesmo assim, para que esta produção suplante a daquelas, torna-se necessário um investimento em rações ou uma limitação da produção agrícola, o que, possivelmente, absorve as vantagens do seu melhor rendimento.

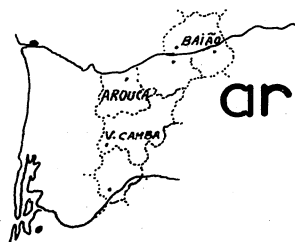
A raça Maronesa, vivendo, em grande parte, de resíduos da exploração agrícola e de outros produtos que se perderiam se não fosse a sua capacidade de aproveitadora e transformadora altamente positiva, é insubstituível no seu meio, como o são todas as nossas raças, mais uma vez o afirmamos, como também afirmamos que só nessas condições a sua exploração se reveste de todo o interesse. Pretender o melhoramento delas para as manter nas mesmas condições exigidas pelas raças exóticas melhoradas, é, para já e quanto a nós, fazer um investimento logo comprometido à partida.

Se a nossa maneira de ver corresponder à realidade, a orientação a seguir relativamente às nossas raças deverá visar uma distribuição equitativa no decorrer do ano das forragens disponíveis na área de exploração, por forma a evitar os excessos e as faltas, finalidade que poderá e deverá ser atingida, sempre que possível e com prioridade, pela transformação do excesso das pastagens ou forragens semeadas em fenos e, em última análise e como recurso, em silagem.

Se esta regularização da alimentação, que possibilita um desmame e uma criação em boas condições, for acompanhada de um adequado programa de selecção, e o método de reprodução for a cobrição natural, estamos convencidos da viabilidade de se conseguir valorizar as nossas raças, tanto no aspecto zotécnico como, principalmente, no económico, bastando que as medidas referidas anteriormente se apoiem na criação e manutenção em funcionamento dos respectivos livros geneológicos.

ALVÃO, MARÃO E PADRELA

MAIO DE 1976



arouquesa

JAIME MACHADO
JOSÉ VALENTE
PEREIRA GASPAR

INQUÉRITO PARA CARACTERIZAÇÃO DAS PRINCIPAIS RAÇAS BOVINAS

E SEU SISTEMA DE EXPLORAÇÃO

1. LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA PRINCIPAL REGIÃO-SOLAR DA RAÇA AROUQUESA

Os efectivos arouqueses encontram-se, de preferência, nos contrafortes das serras da Freita, Gralheira e Caramulo, com centro em Arouca, no distrito de Aveiro.

Os declives acentuados desta zona, a reduzida espessura do solo, a sua pedregosidade, com elevada percentagem de afloramentos rochosos, limitam o uso agrícola desta zona e justificam o aproveitamento florestal da maior parte dos terrenos, quase todos originários do Arcaico e Paleozóico.

Assim, a cultura agrícola está como que confinada aos vales interiores, aos terrenos que marginam as linhas de água e aos socalcos possíveis nos declives menos acentuados.

Deste modo, a raça Arouquesa aparece-nos numa zona montanhosa de acessos difíceis e reduzida densidade populacional como um dos principais factores de valorização económica das explorações agrícolas aí existentes.

São os concelhos de Arouca, Vale de Cambra e Sever do Vouga onde se nota mais interesse pela criação de gado arouquês, especialmente nas freguesias de Burgo, Arouca, Santa Eulália e Rossas, do concelho de Arouca, nas imediações do Alto do Arestal, nos lugares do Borralhal, Sanfins, Rocas, Nespereira, Espinheira, Romesal e Dornelas, em Sever do Vouga, e nas freguesias de Arões, Cepelos, Junqueira e Roge, em Vale de Cambra.

De notar, igualmente, que nos concelhos de Amarante e Baião, no distrito do Porto, e nos de Cinfães, Resende e Castro Daire, no distrito de Viseu, o bovino arouquês tem grande implantação, desfrutando a primazia ao solar da raça como zona de produção.

1.1. No passado

No passado, o gado Arouquês, de grandes tradições, era o único bovino das zonas montanhosas das serras do Nordeste e Leste do distrito de Aveiro, estendendo-se, por assim dizer, a toda a zona a nascente da estrada nacional Porto-Lisboa, abrangendo a totalidade dos concelhos de Castelo de Paiva, Arouca, Vale de Cambra, Sever do Vouga e, ainda, uma grande parte dos concelhos da Feira, Oliveira de Azeméis e Albergaria-a-Velha, dispersando-se até aos concelhos de Águeda, Anadia e Mealhada.

A sua influência atingia, igualmente, e de forma bastante expressiva, os concelhos de Amarante, Marco de Canaveses, Penafiel e Baião, no distrito do Porto, Cinfães, Resende, Lamego, Armamar, Castro Daire, Tarouca, Vila Nova de Paiva, Oliveira de Frades, Vouzela, S. Pedro do Sul, Viseu e Sátão, no distrito de Viseu. A sua presença foi, outrora, igualmente assinalada, mas de uma maneira imprecisa, nos distritos de Vila Real, Coimbra, Guarda, Castelo Branco e Leiria, dizendo-se "La race arouquesa tire son nom du pays d'Arouca dans le district d'Aveiro; mais son aire s'etend de la vallée du Douro à cella du Zêzere" (Bernardo Lima e Paula Nogueira).

Os efectivos Arouqueses dispersavam-se pelos vales do Douro e do Tâmega, atingiam, a norte, o rio Ave e desciam às abas do Marão. Espiravam-se para sul, ocupando a vasta zona serrana entre o Douro e o Vouga. Chegavam à Guarda e desciam pelo vale do Mondego até Coimbra, na parte ocidental deste distrito, entre o Mondego e o Zêzere. Daqui, dispersavam-se até à confluência com o Tejo, onde apareciam nalguns concelhos de Castelo Branco, Leiria e, até Santarém.

Deste modo, fomos levados a concluir por uma profunda evolução deste gado,

tanto no que diz respeito à sua área de dispersão, como no que toca à evidenciação dos seus caracteres morfológicos.

Através das descrições do armentio Arouquês feitas pelos autores veterinários dos fins do século XIX, distinguíam-se, no passado, quatro famílias, a saber: o gado Maiano ou Canavês, mais aparentado com o Barrosão, irradiando a partir de Marco; os Paivotos, nas margens do rio Paiva, caracterizados por mais pernalteiros e possantes; os Sulanos, parece que com melhor fixação de caracteres ao tempo, dispersando-se por toda a bacia do Vouga, atravessando o Douro e indo até às vertentes do Marão; e os Caramuleiros, bovinos arouqueses da serra do Caramulo, em transição para o mirandês destas paragens.

1.2. No presente

A invasão da área do bovino Arouquês por indivíduos de outras raças, principalmente por gado turino, alterou a distribuição dos efectivos no solar da raça, que se encontra, presentemente, confinada às regiões de mais forte relevo nos concelhos de Arouca, Vale de Cambra e Sever do Vouga, em Aveiro, e nos concelhos de Amarante, Baião, Resende, Cinfães e Castro Daire, que concorrem com o solar tradicional do Arouquês.

O bovino Arouquês foi como que expulso das zonas menos agrestes e dos vales férteis, onde outrora se criava, e quedou-se instalado em regiões onde só um animal com especiais características de frugalidade e rusticidade poderia adaptar-se.

Presentemente, o território povoado pelo gado Arouquês é menos extenso e ocupa parte de três distritos: Porto, Aveiro e Viseu. Compreende, por assim dizer, a zona limitada, ao norte, pelo Tâmega e serra do Marão, ao sul, pelo rio Vouga e serra do Caramulo, a nascente, pelo rio Távora e contrafortes da serra de Leomil, numa linha que vai de Lamego ao Távora e endireita ao Vouga, e, a poente, pelo Arda e pelas ondulações montanhosas de Vale de Cambra e Sever do Vouga, sobranceiras ao Caima.

No distrito do Porto, ocupa os concelhos de Baião, Amarante e Marco de Canaveses. As principais áreas de multiplicação encontram-se nas freguesias de Vila Chã, Sanché, Aoadela, Gondar, Várzea, Ansiães, Candemil, Bustelo, Carvalho de Rei, Carneiro e Gouveia, em Amarante; em todas as freguesias de Baião, com especial relevo para as de Loivos do Monte, Ovil, Teixeira e Teixeiró; e na parte mais serrana de Marco de Canaveses, Folhada, Várzea da Ovelha, Tabuaço e Soalhães.

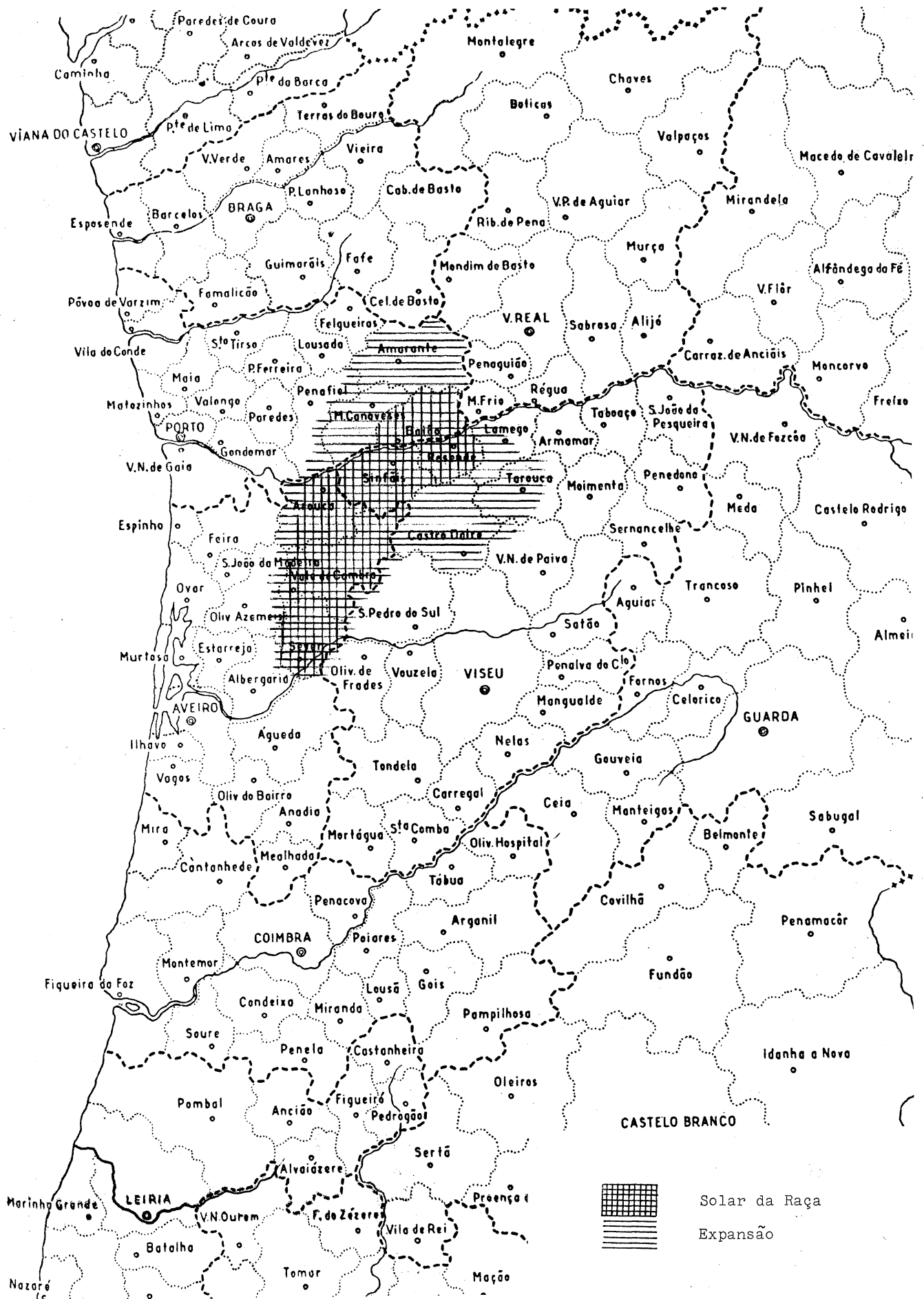
Nas vertentes do Douro, procede-se à recria de vitelos e exploram-se as juntas de bois, enquanto que na parte serrana se recriam as melhores vitelas.

A progressiva infiltração de gado turino alterou a dispersão dos efectivos neste distrito. Em Penafiel e no Marco, perdeu-se o gosto pela criação de gado arouquês, hoje, praticamente, substituído pela raça invasora, como facilmente se pode observar nas feiras e mercados locais, onde o boi turino explorado no trabalho tem geral aceitação. O mesmo se passa nas margens do Douro, onde o turino tem, igualmente, a primazia.

No Norte de Amarante, localiza-se uma zona de transição com gado maronês e barrosão, desaparecendo o arouquês à medida que nos afastamos deste concelho.

No distrito de Aveiro, a zona de multiplicação localiza-se nas regiões de maior relevo dos concelhos de Castelo de Paiva, Arouca - em Arouca, Albergaria das Cabras, Alvarenga, Burgo, Cabreiros, Canelas, Chave, Covelo de Paivô, Espiunca, Janarde, Rossas, Moldes, Santa Eulália, Tropeço, Urrô e Várzea -, Vale de Cambra - em Arões, Cepelos, Junqueira e Roge - e Sever do Vouga - em Couto de Esteves, Rocas e Silva Escura.

Por último, no distrito de Viseu, o efectivo arouquês multiplica-se pelos concelhos de Cinfães, Resende, Lamego, Castro Daire, Tarouca e Tabuaço. Em Cinfães, o maior interesse pela criação de gado arouquês reside nas freguesias de Alhões, Bustelo, Ramires, Oliveira, Ferreiros, Gralheira e Tendais, onde existem somente bovinos arouqueses, e, ainda, nas freguesias de Cinfães, S. Cristóvão de Nogueira, Santiago de Piães, Tarouqueira, Moimenta, Fornelos e Nespereira, onde se observam, de mistura com arouqueses, algumas vacas turinas. Nas freguesias de Espadanedo, Souselo e Travanca, exploram-se, apenas, os



Solar da Raça
Expansão

machos destinados a trabalho e ceva.

No concelho de Resende, procede-se à criação de gado arouquês em todas as freguesias, com excepção de Barrô, junto do Douro, onde se encontram juntas de bovinos mirandeses.

Em Lamego, fora de zona vinhateira, povoada por machos de sangue mirandês, encontramos vacas arouquesas nas freguesias de Lalim, Lazarim, Meijinhos, Melções e, ainda, nas de maior relevo e altitude, como Penude Magueija, Pretarouca e Bigorne. Na zona circunvizinha da cidade de Lamego, em Avões, Almacave, Sé e Cepões, predomina, de mistura com arouqueses, a vaca turina para abastecimento à cidade e à industria de lacticínios local.

Nos concelhos de Castro Daire e Tarouca, encontramos, indistintamente em todas as freguesias, a produção de gado arouquês. Por sua vez, os de Moimenta da Beira, Armamar e Tabuço constituem como que zonas de transição para o mirandês, e, ao norte, encontram-se, também, alguns exemplares maroneses.

Os concelhos de S. Pedro do Sul, Oliveira de Frades e Vouzela - outrora, grande centro de produção da variedade Sulana ou de Lafões - perderam grande parte do interesse pela criação de bovinos arouqueses. Hoje, nos concelhos de Oliveira de Frades e Vouzela, a criação deste tipo bovino em raça pura mantém-se, quase exclusivamente, a norte do rio Vouga.

Atravessando este rio, e à medida que avançamos no Caramulo, a criação de gado arouquês vai dando lugar a animais de sangue mirandês, e a tal ponto que a afamada vitela de Lafões é, na actualidade, de proveniência mirandesa.

1.3. Perspectivas futuras

Numa zona agricolamente pobre, em solos graníticos, não podemos ter grandes esperanças em valorizar os efectivos arouqueses existentes, a menos que pudessem regressar aos vales mais férteis do seu antigo solar, onde a zona de criação se defendia, produzindo animais de assinaladas características creatopoéticas e, de certo modo, galactopóéticas.

Por outro lado, demonstrada a sua grande capacidade de adaptação às regiões serranas mais agrestes e alcantiladas e à pobreza de pascigo do meio, o Arouquês tem que ser encarado como uma solução capaz de valorizar essas mesmas regiões.

A sua robusta constituição permite utilizá-lo nos trabalhos mais rudes; a docilidade torna-o manso e generoso; a conformação confere-lhe assinalado conceito creatóforo; possui, igualmente, capacidade lactígena suficiente para um bom aleitamento das crias, capacidade que, em certas zonas, é aproveitada na produção de leite.

Conformando-se com os poucos recursos forrageiros que se lhe oferecem, o Arouquês está, hoje, implantado num meio que não pode mais ser disputado por outras raças.

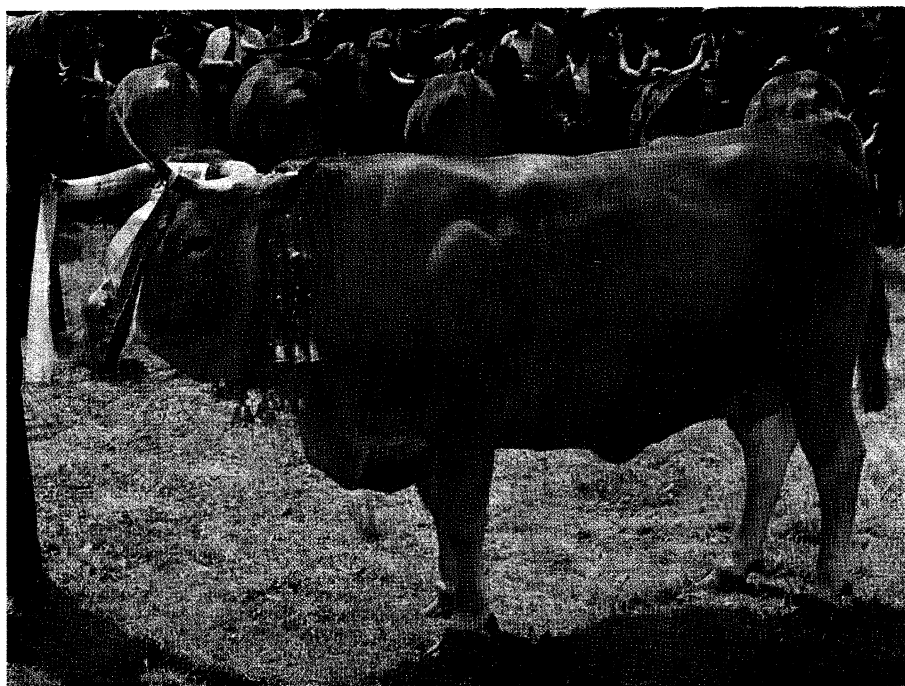
No seu novo solar, encontra-se agora solidamente implantado; aí, só o bovino Arouquês ou nenhum. O que interessa, agora, é preservar as características que teima em exhibir apesar das condições em que é forçado a viver.

2. CARACTERIZAÇÃO-SÍNTESE DA RAÇA

Características gerais

Sendo o Arouquês produto de um mestiçamento em que entraram as raças Barro-sã, Mirandesa e Minhota, a influência maior ou menor de um ou outro destes grupos étnicos explica-nos uma certa variabilidade morfológica, menos notória, presentemente, do que aquela que foi descrita no passado. A sua evolução deu-se no sentido duma maior uniformidade, que hoje é, quanto a nós, suficiente para se lhe conferirem foros de raça.

AROUQUESA



1.º PRÉMIO 1977

É um animal de corpulência meã, formas harmoniosas e roliças, bem embarbelado, pele grossa, elástica e bem destacada, pelagem castanha, não sendo raros os indivíduos de tipo claro (palha), andamentos correctos e fáceis, temperamento dócil, enérgico, caracterizado, sobretudo, pela sua facilidade de adaptação às encostas serranas.

De origem mestiça, como já acentuámos, dominam neles no entanto, os caracteres do tronco Mauritânico: fronte larga, um pouco deprimida e subcôncava, a par duma horizontalidade dorso-lombar.

Do tronco Ibérico, participações do sangue Mirandês, adivinha-se a sua influência nalguns exemplares mais rectilíneos, forma e implantação dos chifres - saída ortócera no eixo da marrafa, com secção circular -, mais frequentes nas imediações do Vouga.

Do tronco Aquitânico, poucos traços restam; alguns raros animais despigmentados, com armações do tipo opistócero.

Na classificação craniométrica de Baron, a raça é eumétrica - variando, mais ou menos, entre os 300 e 350 kg nas fêmeas e os 400 e 600 kg nos machos -, de perfil subcôncavo e mediolínea - índice corporal à volta de 0,78.

Características especiais

O contraste lacto-manteigueiro realizado em tempos, por intermédio da Intendência de Pecuária, em colaboração com o Grémio da Lavoura de Arouca, revelou que a vaca Arouquesa possui uma razoável capacidade leiteira para o meio, tendo sido encontrados animais que evidenciaram produções da ordem dos 2 000 kg de leite, em lactações de 280 dias, com um teor butiroso superior a 4,5%. A média, no entanto, é de 800 kg. de leite, em lactações de cerca de 260 dias.

Os números referentes ao contraste leiteiro de 153 vacas arouquesas com melhores características morfológicas e leiteiras, geralmente premiadas no concurso pecuário de Arouca, apurados em 1959, são os seguintes:

PRODUÇÃO DE LEITE	PRODUÇÃO DE GORDURA	DURAÇÃO DAS LACTAÇÕES
D = 2 800 A = 1 300 Ac=200 Maf = 1 313 Dmf = ± 447 6 = ± 570 V = 43 Ev = ± 8,1	D = 2,7 A = 4,3% Ac= 0,1 Maf = 4,36% Dmf = ± 0,452 6 = ± 0,57 V= 13% Ev = ± 7,9	D = 380 A = 290 Ac=20 Maf = 289,87 Dmf = ± 55 6 = ± 74,2 V = 25,5 Ev= ± 8,1

A vaca Arouquesa expulsa bem a cria, sendo muito raros os partos distócicos que exijam intervenção.

Admite a cria durante muito tempo, índice de excelentes características maternais, o que permite um desmame bastante tardio nas zonas onde a raça não é explorada na função galactopoética.

A raça Arouquesa tornou-se, em tempos, famosa como produtora de carne, tendo sido distinguida com o primeiro prémio na Exposição de Paris de 1878. A engorda de reses arouquesas chegou a constituir uma rendosa operação, pois cevavam-se durante cerca de 5 meses com destino ao mercado britânico. Hoje, apenas temos conhecimento de que se pratica a engorda de bovinos adultos nas encostas do Douro, em Amarante e Baião.

Actualmente, não dispondo dos recursos forrageiros que outrora lhes eram facultados, os bovinos de engorda não atingem os pesos citados por Bernardo Lima, no século passado - 800 a 1 000 kg de peso vivo -, mas, ainda assim, com base em elementos fornecidos pelos delegados da Junta Nacional dos Produtos Pecuários e subintendentes, as suas carcaças rondam a casa dos 200 a 250 kg, sendo, em regra, classificadas em 1ª categoria.

Independentemente das suas características creatóforas, os machos prestam óptimo contributo dinâmico ao realizarem os mais pesados trabalhos num meio em que, pelas suas características, só um animal muito robusto, embora de estatura meã, os pode realizar com relativa facilidade.

3. SISTEMAS DE EXPLORAÇÃO E TIPOS DE PRODUÇÃO

3.1. Grau de dependência do trabalho no campo

A presença do gado Arouquês nas encostas serranas, onde continua a ser indispensável, deve-se, sobretudo, à exigência dum animal de trabalho onde a mecanização dificilmente o pode substituir.

Dentro das actuais estruturas fundiárias da zona serrana, a mecanização só pode ser utilizada numa percentagem reduzidíssima, e em casos especiais e raros de propriedades com extensão e localização adequadas ou, apenas, em certos serviços justificados pelo associativismo agrícola. Duma forma geral, o trabalho do campo e o transporte nas vertentes quase que inacessíveis é realizado pelo bovino arouquês.

3.2. Produção de leite

Quanto à produção do leite, o Arouquês é explorado nesta função apenas no seu solar de origem, nos concelhos de Arouca, Vale de Cambra e Sever do Vouga, e, duma forma pouco significativa, numa reduzida mancha de S. Pedro do Sul.

Como já se referiu, a vaca Arouquesa apresenta lactações médias de 800 a 1 000kg de leite, em cerca de 260 dias de lactação, com um teor butiroso que lhe dá uma forte credencial de raça manteigueira.

3.3. Produção de carne

A produção de carne é mais significativa na zona de dispersão dos concelhos do Porto e Viseu, onde, normalmente, a vaca arouquesa não é explorada na função leiteira. Nestas regiões, são frequentes os novilhos de engorda, amamentados durante largos meses em desmame natural, tardio e progressivo, apelidados de "mamotes", destinados ao açougue, cuja carne é muito apreciada.

Independentemente das crias disponíveis, são adquiridos no solar do distrito de Aveiro para a zona de dispersão, principalmente para Baião, os vitelos com poucas semanas de idade, que vão ser amamentados pelas vacas desta região. É uma forma tradicional de produção de carne das zonas de dispersão à custa dos vitelos recrutados na zona onde as vacas são exploradas na função leiteira.

Não é raro o caso de uma vaca amamentar mais que uma cria, dentro do mesmo esquema de criação.

A produção de carne a partir de machos castrados resulta, a maior parte das vezes, da engorda de animais explorados no trabalho.

3.4. Outras produções

A par do trabalho, leite e carne, os bovinos arouqueses são os principais fertilizadores dos solos graníticos, à custa duma produção de estrumes que vai consentindo o aproveitamento agrícola dos socalcos implantados nas encostas serranas.

3.5. Localização de postos de reprodução natural

- Postos de cobrição existentes em 1975 -

CONCELHOS	Nº DE POSTOS	OBSERVAÇÕES
Castelo de Paiva	-	"Controle" estatal
Arouca	9	" "
Vale de Cambra	12	" "
Sever do Vouga	4	" "
Cinfães		Sem "contrôle" estatal
Castro Daire	31 (a)	" " "
Resende		" " "
Lamego		" " "
Tarouca		" " "
Amarante	7	"Contrôle" estatal
Baião	7	" "
Marco de Canaveses	1	" "

a) Segundo a Intendência de Pecuária de Lamego, existem na região 31 postos de cobrição, mas apenas 10% apresentam animais com características de raça pura, aspecto que será pormenorizado no corrente ano. Nenhum destes postos tem licença de funcionamento.

4. QUANTITATIVO DE ANIMAIS

4.1. Machos e fêmeas

Em 1975

NO SOLAR (CONCELHOS)	MACHOS	FÊMEAS
Castelo de Paiva	1 163	150
Arouca	1 365	2 519
Vale de Cambra	243	4 338
Sever do Vouga	487	1 743
TOTAIS	3 258	8 750

Em 1975

NAS ZONAS FORA DO SOLAR (CONCELHOS)	MACHOS	FÊMEAS
Amarante	800	1 900
Baião	750	2 900
Marco de Canaveses	400	950
Cinfães	787	7 085
Castro Daire	525	5 100
Resende	266	2 261
Lamego	150	900
Tarouca	160	800
TOTAIS	3 828	21 896

4.2. Grupos etários

Em 1975

NO SOLAR (CONCELHOS)	MACHOS			FÊMEAS		
	de menos de 6 meses	de 6 meses a 2 anos	de mais de 2 anos	de menos de 6 meses	de 6 meses a 2 anos	de mais de 2 anos
Arouca	350	487	528	350	396	1 773
Sever do Vouga	300	80	107	300	71	1 372
Castelo de Paiva	40	265	858	20	39	91
Vale de Cambra	150	60	33	800	1 538	2 000
TOTAIS	840	892	1 526	1 470	2 044	5 236

Os elementos apurados para o solar são referentes a 1975, com base na campanha de saneamento efectuada pela Intendência de Pecuária de Aveiro. São, portanto, números merecedores de todo o crédito, dado que essa campanha abrangeu a totalidade dos efectivos arouqueses na zona do solar.

Para fora do solar, utilizámos uma estimativa feita pela Intendência de Pecuária do Porto, para os concelhos de Amarante, Baião e Marco de Canaveses, cujos números condizem, duma maneira geral, com os efectivos que se podem deduzir do último arrolamento geral do gado. Nos restantes concelhos da zona de dispersão, dentro da zona de influência da Intendência de Pecuária de Lamego, no distrito de Viseu, socorremo-nos, igualmente, do último arrolamento e do parecer daquela intendência de Pecuária. De notar que nesta zona, à excepção de Cinfães, Castro Daire e Lamego, onde aparecem bons exemplares em raça pura, os efectivos encontram-se já muito misturados com o mirandês destas paragens.

Em relação aos efectivos existentes em 1959, compilados na monografia da raça Arouquesa, os efectivos diminuiram, duma maneira geral, e, praticamente, foram absorvidos em Armamar, Tabuaço, Moimenta da Beira, S. Pedro do Sul, Vouzela e Oliveira de Frades.

5. NÚMERO DE CABEÇAS POR EXPLORAÇÃO E SUA DEPENDÊNCIA DA EXPLORAÇÃO AGRÁRIA

Apenas no solar da raça, no distrito de Aveiro, com base na campanha de saneamento efectuada, é possível coligir alguns elementos.

Pensamos, no entanto, que, na restante zona de dispersão, as médias apresentadas serão semelhantes.

Assim:

5.1. Número de cabeças por exploração

CONCELHOS	Média de cabeças por exploração	Nº. de explorações
Arouca	2,3	1 659
Vale de Cambra	2,6	1 738
Sever do Vouga	2,0	1 130
TOTAIS	2,4	4 527

5.2. Localização por concelho ou zona geográfica de encabeçamento médio, acima da média e abaixo da média

Não é possível coligir elementos concretos. Na zona de Aveiro, o quadro anterior, com base no número de explorações existentes deduzidas da última campanha de saneamento efectuada, poderia indicar um ligeiro encabeçamento superior à média em Vale de Cambra e inferior em Arouca e Sever do Vouga. Mas supomos que esta dedução não será correcta, pois não dispomos de informações seguras quanto à área com utilização agrícola útil reservada para o bovino arouquês, sabendo-se que na mesma zona está, igualmente, implantado gado turino.

Com estas reservas, indicaremos, no entanto, e apenas, o possível encabeçamento nos concelhos da zona do seu solar.

CONCELHOS	Hectares c/utilização agrícola útil (a)	Efectivos	Encabeçamento
Arouca	4 991	3 884	0,78
Vale de Cambra	3 748	4 581	1,22
Sever do Vouga	2 942	2 230	0,76
Castelo de Paiva	3 084	1 313	0,43
TOTAIS	14 765	12 008	0,81

(a) Reconhecimento efectuado pelo S.R.O.A. (1954-55).

6.5. Índice de mortalidade

CONCELHO OU ZONA	ABORTOS (a)	NO MOMENTO DO PARTO	ATÉ ÀS 3 SEMANAS	DAS 3 SEMA- NAS AOS 3 MESES	DOS 3 MESES AO DESMAME
Em todas as zonas	Mtºpequeno. Abortos aci- dentais.	Mtºpequeno. Partos nor- mais e crias c/vitalidade	Normal. Mortes raras e acidentais	Normal. Mortes raras e acidentais	Normal. Mortes raras e acidentais

(a) Na freguesia de Alvarenga, a percentagem de mortalidade foi, nos últimos anos, maior, devido à eclosão de um surto de brucelose, já em extinção.

6.6. Reprodução6.6.1. Métodos de reprodução (percentagem de utilização)

CONCELHO OU ZONA	COBRIÇÃO NATURAL				INS. ARTIFICIAL	
	Postos (nº)		Privado		Em pureza	Em cruz.
	em pureza	em cruz	em pureza	em cruz.		
Arouca	9	-	-	-	-	-
Sever	4	-	-	-	-	-
Vale de Cambra	12	-	-	-	-	-
I. P. Lamego	-	-	31(a)	(a)	-	-
I. P. Porto	15	-	-	-	-	-
I. P. Viseu	-	-	(a)	(a)	-	(b)

(a) Segundo a Intendência de Pecuária de Lamego, apenas 10% dos animais apresentam características de raça pura. Nenhum reprodutor aprovado. O mesmo na zona da Intendência de Pecuária de Viseu, onde existem postos privados em S. Pedro do Sul.

(b) Os efectivos, outrora considerados como arouqueses, são, em grande número, inseminados artificialmente com sêmen mirandês. Por esta razão, estão de saparecendo os traços de arouquês em Oliveira de Frades, Vouzela, S. Pedro do Sul e Viseu (Bodiosa). O mesmo acontece com os postos de cobrição com padreadores mirandeses ou mestiços.

6.6.2. Índices de reprodução

CONCELHO OU ZONA	Índice de fecundidade	Número de partos/ano	IDADE	
			ao 1º parto	à reforma
Em todas as zonas	elevado + de 80%	1	3 anos	8-10 anos

7. INDICAÇÃO, LOCALIZAÇÃO, E GRAU DE INTERFERÊNCIA DE ORGANIZAÇÕES ESTATAIS, GRÉMIOS, FEDERAÇÕES, COOPERATIVAS E ENTIDADES PRIVADAS NA REGIÃO ESTUDADA

7.1. Sua funcionalidade

A acção estatal tem-se desenvolvido através das intendências de Pecuária e vem incidindo nos seguintes pontos:

- a) Postos de reprodução e recrutamento de reprodutores;
- b) Provas funcionais;
- c) Concursos Pecuários.

Na zona de maior interesse pela criação de arouquês, os postos de cobertura são licenciados e os reprodutores utilizados são inspeccionados antes de aprovados. Sucede, assim, na zona do seu solar, no distrito de Aveiro, e o mesmo nos concelhos do Porto, sob a influência da intendência de Pecuária local.

Em Viseu e em Lamego, o "contrôle" dos reprodutores não é objecto dos mesmos cuidados, pois não existem postos de reprodução licenciados e os reprodutores não estão aprovados. Os postos de cobertura desta zona são todos de iniciativa particular, sem qualquer interferência dos órgãos do Estado.

Em Viseu, funciona, igualmente, um posto de inseminação artificial, que, em tempos, utilizou reprodutores arouqueses, adquiridos em Arouca e Baião. Presentemente, só são usados reprodutores de origem mirandesa.

Quanto a nós, a permanência de efectivos arouqueses em estado de pureza nos distritos do Porto e Aveiro deve-se ao cuidado posto pelas respectivas intendências de Pecuária no "contrôle" e licenciamento dos postos de reprodução. Na zona de Lamego, especialmente em Cinfães, onde se observam, ainda, bons exemplares arouqueses, deve-se à tradição e ao gosto daquelas populações a continuação desta raça.

No que respeita a provas funcionais, no propósito de investigar o conceito funcional da vaca Arouquesa quanto à quantidade e qualidade de leite produzido, a Intendência de Pecuária de Aveiro, em colaboração com o Grémio da Lavoura de Arouca, iniciou, em 1942, um serviço de contraste lacto-manteigueiro, que funcionou até 1959.

Sem abranger muitos animais - por razões de ordem económica e por dificuldades de acesso numa zona montanhosa -, esta prova incidiu, apenas, nas vacas de melhor conformação e com indicações de boas produtoras.

Os concursos pecuários da área de criação arouquesa, patrocinados pela Direcção-Geral dos Serviços Pecuários, e em colaboração com as entidades locais - ex-grémios da Lavoura e câmaras municipais -, realizam-se, habitualmente, nos seguintes concelhos e lugares:

Na área da Intendência de Pecuária de Aveiro

Arouca - Anual, a partir de 1936.

Alvarenga - Em 1938 (já não se realiza).

Sever do Vouga - Anual, a partir de 1936.

Castelo de Paiva - Anual, a partir de 1952 (hoje, sem grande interesse e com mais efectivos turinos).

Vale de Cambra - A partir de 1938.

Na área da Intendência de Pecuária do Porto

Campelo - Anual, a partir de 1938

Amarante - Anual, com mais de 40 anos.

Na área da Intendência de Pecuária de Lamego

Cinfães - Anual e com boas tradições.
Resende - Realizado até há poucos anos.

Na área da Intendência de Pecuária de Viseu, realizaram-se, no passado, concursos de gado arouquês em S. Pedro do Sul, Vouzela e Oliveira de Frades. Com a extinção da raça nesta zona, os concursos, hoje, são dedicados ao Mirandês e ao Holandês.

Como acção estatal, podemos, ainda, referir uma tentativa de estudo efectuada na Estação Zootécnica Nacional com o fim de se avaliar a capacidade lactígena da raça.

O protocolo incidiu num núcleo de vacas com um efectivo inicial de 6 animais - 2 adquiridos em Arouca e 4 em Baião -, a que mais tarde se juntaram outros, totalizando 42 cabeças em Dezembro de 1951.

Dos resultados apurados, parece deduzir-se que este núcleo, embora mais corpulento, não mostrou vacas com a capacidade lactígena que, então, se apurava na região de Baião, mais corpulentos, mas onde não se explora e selecciona a capacidade leiteira da raça.

Por outro lado, as condições de manutenção deste grupo, muito diferentes das existentes no seu "habitat", não eram de molde a permitir qualquer conclusão quanto às múltiplas funções que a exploração tradicional do Arouquês exige.

A participação dos ex-grémios da Lavoura e das câmaras municipais no fomento da raça Arouquesa traduz-se pela colaboração e iniciativa na organização dos concursos pecuários.

Em Arouca e Sever do Vouga, as cooperativas leiteiras existentes interferem, igualmente, no fomento do gado arouquês através dos concursos pecuários locais.

7.2. Perspectivas futuras - indicação, tanto quanto possível, dos meios fáceis de obter, concretizando-os, sobretudo, em matéria de "contrôle" da reprodução.

Como já deixámos antever, o bovino Arouquês conquistou, por mérito próprio, a zona geográfica onde presentemente se instala e onde não é fácil aparecer qualquer concorrente. Pensamos, até, que foi desalojado prematuramente, pela acção dos serviços oficiais, de zonas onde outrora dominava. Referimo-nos aos concelhos serranos de Oliveira de Frades e Vouzela e parte do de S. Pedro do Sul, onde "a pecuração de mestiçagem complicado" que lá existia, mas que tendia para evoluir no sentido duma uniformidade arouquesa, como aconteceu nos concelhos vizinhos de Aveiro, foi desviada da sua tendência.

Portanto, a raça Arouquesa tem quase definida a sua área geográfica, onde o interesse pela sua criação se mantém.

Não podemos pensar em grande valorização dos seus atributos, mas torna-se imperioso que os defendamos e que não sejam contrariadas as suas tendências.

Assim, parece-nos que, de imediato, devem ser, obrigatoriamente, licenciados todos os postos de reprodução particular existentes e se deve diligenciar no sentido de estes serem providos de reprodutores aprovados pelos serviços oficiais.

Para o efeito, deveriam ser levadas à prática as seguintes acções:

- Publicação oficial do Padrão da Raça, definindo-se o tipo morfológico a seleccionar e as aptidões a desenvolver em função das necessidades e dos factores limitativos do meio;
- Organização do Livro Genealógico da Raça Arouquesa, com o fim de assegurar a sua pureza étnica, concorrer para a formação de núcleos de selecção e difundir os melhores caracteres e aptidões na massa dos efectivos, através de

- bons reprodutores;
- Demarcação da área de produção do bovino Arouquês , contrariando-se a entrada nesta zona de outros tipos bovinos, através de compensações para os núcleos explorados em raça pura;
 - Criação dum posto zootécnico na zona serrana do seu solar, com os objectivos que se enunciam:
 - 1 - Promover a recria das descendências dos melhores touros e das vacas com maior interesse zootécnico;
 - 2 - Constituir núcleos de selecção e produção de reprodutores a ceder aos postos de cobrição;
 - 3 - Montar serviços de assistência técnica à lavoura regional;
 - 4 - "Controlar" o funcionamento dos postos de reprodução;
 - 5 - Executar as provas julgadas necessárias para despiste dos animais de melhor capacidade funcional;
 - 6 - Montar os serviços de inseminação artificial, logo que seja possível, e utilizar raçadores de comprovados méritos zootécnicos.

8. MOVIMENTO NA UTILIZAÇÃO DA RAÇA

8.1. Finalidade, Objective a afirmação

No solar da raça, especialmente em Arouca, as vacas adultas não sofrem grande movimentação. Como nesta zona conta muito a função leiteira, a par do trabalho agrícola a que docilmente se submetem, as vacas que satisfazem estes predicados raramente são transaccionadas.

Já o mesmo não acontece com as vitelas e as novilhas. As vitelas que não se destinam ao repovoamento dos efectivos são vendidas para outras zonas de recria ou destinadas ao açougue, por vezes prematuramente.

As vacas de refugo vão para o açougue, quase todas para fora da região.

Quanto aos machos, a maior parte não chega à idade adulta. Com excepção de Castelo de Paiva, onde continua a tradição de possantes juntas de trabalho arouquesas, nas restantes zonas do solar utilizam-se as vacas nos mais variados serviços. As juntas de bois, em menor número, servem os proprietários mais abastados ou os carreteiros que as exploram em longas e penosas viagens.

No distrito do Porto, as juntas de bois arouqueses foram, em tempos, muito preferidas. Eram adquiridas em Castelo de Paiva e Arouca. Hoje em dia, pouco se utilizam, a não ser um pouco ainda em Amarante e no Marco, onde sofrem a concorrência das juntas de turinos castrados. Nas vertentes do Douro, contudo, ainda continuam com alguma aceitação.

A produção de crias é uma das principais finalidades e reveste-se de particular importância, mormente nas áreas onde não se explora a aptidão lactígena da rês arouquesa.

É o que acontece na zona do distrito do Porto, onde os vitelos são amamentados até cerca dos 5 meses de idade e vendidos, depois, nas feiras locais.

A recria é quase apenas a necessária ao repovoamento dos efectivos. Nas margens do Tâmega e do Douro, recriam-se, ainda, alguns adolescentes, os machos com destino à engorda e as fêmeas, em menor quantidade, para regressarem mais tarde aos locais de produção.

Sucedem, assim, em Baião, onde algumas vitelas já desquitadas se vendem pa

ra outras zonas que, por sua vez, cedem novilhas ao centro de origem.

No solar da raça - Arouca, Vale de Cambra e Sever do Vouga -, as crias são enviadas ao talho o mais cedo possível, por vezes clandestinamente, pois pretende-se, fundamentalmente, explorar o leite. As que vão ficando recebem parcimoniosa ração de leite, razão por que não podem competir em desenvolvimento com os magníficos "mamotes" de Baião.

O aproveitamento do leite da vaca arouquesa no seu solar aparece como prática muito remota. Parece que o fabrico de manteiga caseiro naquela região remonta a remotos tempos. Na verdade, conhece-se um foral de D.Manuel I, de 1513, à vila de Arouca, onde se alude à manteiga aí fabricada. Também se conhece que, em 1640, eram pagos foros em manteiga.

O sacrifício prematuro das crias desta raça, no seu solar, foi citado por A.A. dos Santos, antigo Intendente de Pecuária de Aveiro, ao escrever: "Tanto menos se faz esperar semelhante sacrifício, quanto mais qualificada é a criadeira como produtora de leite, o qual se converte em manteiga".

Foi deste incipiente fabrico caseiro de manteiga que nasceu a instalação do estabelecimento de lacticínios no solar da raça.

8.2. Venda de fêmeas

8.3. Venda de novilhos e machos vendidos

Não nos é possível quantificar a venda de animais para o talho nas zonas do Arouquês.

Informa-nos a Delegação da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, em modelo próprio que não responde aos quesitos que nos interessam. O modelo refere, tão-somente, números globais, não especificando por raças.

Quanto a vendas com outras finalidades, não temos quaisquer elementos que nos habilitem a quantificar a movimentação dos efectivos, quer dentro da região, quer fora dela. O que dissemos em 8.1. é tudo quanto podemos adiantar.

9. ESTABELEÇA AS POSSIBILIDADES DA ÁREA DEMARCADA COMO SOLAR DESTA POPULAÇÃO PARA A PRODUÇÃO DE FORRAGENS

Quando da caracterização da região-solar da raça Arouquesa, dissemos já das possibilidades dos solos onde o armentio Arouquês presentemente se instala, pelo que nos dispensamos, aqui, de tecer mais considerações.

9.1. Área existente

CONCELHO	Prados permanentes		Prados temporários (a)	Culturas arvenses		Obs. Tipo e dimensão de propriedade
	Regadio	Sequeiro		Regadio	Sequeiro	
Arouca	-	3	a	3 956	508	
Vale de Cambra	48	31	a)	2 861	256	
Sever do Vouga	-	6	a)	2 442	225	

- a) Os prados temporários estão incluídos na área da cultura arvense de regadio.

Estes dados, fornecidos pelo S.R.O.A., segundo o reconhecimento efectuado em 1954-55, dão-nos a ideia da utilização do solo na totalidade dos concelhos e compo^rtam, por conseguinte, o encabeçamento dos efectivos arouqueses, holandeses e holandiza^dos.

Como tivemos ocasião de referir, os bovinos arouqueses estão, na sua maioria, nas áreas de menor aptidão agrícola, onde os efectivos holandeses dificilmente so^ubreviveriam.

9.2. Áreas a obter facilmente

Dificilmente se poderão obter outras áreas agrícolas úteis, dado o terreno acidentado da zona, com melhor aptidão florestal, cerca de três vezes superior.

Em Arouca e Vale de Cambra, no Planalto da Serra de Freita, têm-se levantado algumas questões relativas ao aproveitamento dos baldios municipais e paroquiais, submetidos ao regime florestal.

Parte dessa área baldia, ainda por florestar, cerca de 2 000 ha de solos xistosos e graníticos revestidos de vegetação espontânea, é, tradicionalmente, aproveitada para pastoreio livre e itinerante dos gados dos seus povos, segundo usos e costumes ancestrais. O aproveitamento é, indistintamente, feito pelos caprinos, ovinos e bovinos, salvo quando se põem limitações à entrada de gado caprino nas áreas flosres^ttadas, situadas nas imediações dos terrenos já arborizados.

O problema está, igualmente, ligado à forma como é conduzida a apascentação tradicional, em que os efectivos são agrupados por "aduas", de constituição diversificada em número e em espécie - de acordo com as afinidades familiares ou de vizinhança entre os seus proprietários -, e se deslocam por toda a extensão do pastoreio livre, vigiados pelo "adueiro" ou pastor.

Em resultado desta forma de apascentação intensiva e desordenada, esta zona planáltica caminha para a degradação da vegetação arbórea.

Parece, pois, evidente a necessidade de se regulamentar este tipo de pastoreio e de se estabelecerem medidas com vista à criação de áreas de pastagens melhoradas - para produção de fenos e pascigo directo -, dentro dum esquema local de desenvolvimento comunitário, com participação efectiva das populações serranas utentes, de modo a assegurar-lhes as condições mínimas para manutenção e desenvolvimento dos seus efectivos pecuários.

Temos para nós que o bovino arouquês teria possibilidades de valorizar toda esta extensa zona baldia e contribuir para a melhoria económica das comunidades que ali estão radicadas, desde que se considerassem as seguintes acções:

- Definir uma área de pastoreio livre a utilizar pelos efectivos pecuários das famílias existentes na comunidade;
- Estabelecer, de acordo com as populações interessadas e através de participação adequada, uma área destinada ao estabelecimento de prados para a produção exclusiva de feno, a distribuir equitativamente.

10. LOCALIZADA NA MELHOR ZONA E DISPONDO DE MEIOS ADEQUADOS, CARACTERIZE O MODELO DE EXPLORAÇÃO VIÁVEL DA POPULAÇÃO EM CAUSA

Para nós, o modelo de exploração viável com base no armentio arouquês, seria o que se pudesse enquadrar num esquema semelhante ao proposto no nº anterior, isto é, localizado junto a uma zona baldia, com direito à sua fruição na qualidade de com^parte. Neste caso, portanto, no Planalto da Serra de Freita, nos concelhos de Arouca ou Vale de Cambra, em plena região-solar da raça, com fortes tradições na exploração

do bovino arrouquês.

Dado o grau de parcelamento desta região, e as suas particulares características, não podemos pensar no modelo de dimensões teóricas e utópicas, com muitos hectares em mancha contínua, onde se poderiam supor efectivos numerosos capazes de responder com sinal positivo, mas irrealizáveis na prática.

Nesta região, uma exploração agrícola com 5 hectares de cultura arvenses de regadio, mesmo parcelados, em geral com o triplo da área em floresta, é capaz de suportar uma carga pecuária suficiente para equilibrar o seu orçamento em moldes dum certo desafogo económico para o nível de vida a que estas populações se habituaram.

Se esta área tiver possibilidades de ser compensada à custa da fruição de terrenos baldios nos moldes enunciados, respeitando-se os hábitos comunitários destes povos, podemos pensar, então, em "optimizar" para o meio o modelo viável da exploração pecuária em causa.

Assim:

10.1. Área

NÚMERO DE HECTARES	PRADOS PERMANENTES ha	PRADOS TEMPORÁRIOS ha	CULTURAS ARVENSES ha
20	Em fruição de baldio (a)	5	15

a) Representada, para o efeito, por cerca de 15 hectares de baldio, resultante duma teórica divisão em glebas.

10.2. Efectivo de manutenção

NÚMERO DE CABEÇAS	MÃES	NOVILHAS ATÉ 6 MESES	NOVILHAS DE MAIS DE 6 MESES	PAIS
62	40	15	6	1

- Índice de fecundidade - 80%
- Números de partos/ano - um
- Idade de desmame - 4 a 6 meses
- Idade de reforma - 7 anos
- Número de pais - um
- Índice de mortalidade - 1%

10.3. Efectivos de engorda

	PESO kg	S I S T E M A (Indique a alimentação e o manejo)
Até ao desmame	150	Aleitamento natural, forragens, palhas e fenos "ad libitum" Regime semiestabular
Do desmame ao abate	400	Pascigo com complementação, no estábulo, de forragens, feno ou palhas e um pouco de concentrado Regime semiestabular

11. CONTRIBUIÇÃO PARA O ABASTECIMENTO NA REGIÃO E FORA DELA

Reflectem-se aqui, as considerações feitas em 8,2 e 8.3, pelas razões a propósito apontadas.

12. ASPECTOS DE MELHORAMENTO

12.1. Animais

Os animais da raça Arouquesa, dum modo geral, satisfazem as exigências das explorações serranas e enquadram-se bastante bem dentro das finalidades para que são criados.

Como motores animais lhes desempenham completamente as tarefas que lhe são exigidas. Estão devidamente adaptados às regiões onde se fixaram. São dóceis e possantes. São, pois, máquinas vivas adequadas para este tipo de explorações.

Como produtores de carne, graças à sua rusticidade, são óptimos transformadores do pobre pascigo das zonas serranas.

São, igualmente, óptimos produtores de crias, graças à sua elevada percentagem de fertilidade e à facilidade de parto.

Como animais de função mista, trabalho e carne, para as zonas de criação e dispersão onde se instalaram, não se lhes apontam quaisquer defeitos.

Como produtores de leite na região-solar, o meio não comporta animais com melhor capacidade produtiva. Tendo em atenção a existência de variantes superiores, na ordem dos 2 000 kg de leite, com 5% de matéria gorda, em 280 dias de lactação, haverá que segui-las numa linha selectiva que possibilite o recrutamento de reprodutores com maior potencialidade leiteira que irão valorizar a massa dos efectivos, através de emparelhamento adequados.

Entre os defeitos que se apontam, dentro das características morfológicas que caracterizam o padrão da raça, são factores de desvalorização os seguintes:

Pelagem escura ou flava, pestanas e borla da cauda louras. Cabeça comprida, fronte estreita, marrafa saliente, cornos desenvolvidos, grossos e mal implantados, focinho estreito; linha dorso-lombar enclada, garupa muito inclinada e estreita, cauda de alta inserção.

A utilização de padreadores isentos dos defeitos apontados e o refugo dos animais portadores de características indesejáveis permitirão uniformizar, geração após geração, os efectivos arouqueses e valorizar as suas características.

12.2. Estruturas de apoio à sua utilização

Apenas as Intendências de Pecuária de Aveiro e Porto têm dedicado ao armento arouquês algum apoio, traduzido no licenciamento dos postos de reprodução, ins-

pecção de reprodutores e organização de concursos pecuários com vista a estimular a lavoura na produção de animais de melhor rendimento económico.

Para o melhoramento destes efectivos, o maior obstáculo tem sido a falta de reprodutores masculinos, em número e qualidade suficientes, que possam ser colocados nos postos de cobrição.

Deste modo, a criação dum posto zootécnico, como se referiu em 7.2., seria, com vista ao futuro, a estrutura adequada ao melhoramento da raça bovina Arouquesa.

12.3. Disponibilidades forrageiras diversificadas, quer para a manutenção de efectivos (pastagens), quer para a engorda (silagem de milho e luzerna)

Tratando-se duma região muito parcelada, de cultura intensiva no regadio, de mistura com solos xistosos cobertos de vegetação arbórea espontânea, não é fácil, nestas condições, inventariar as disponibilidades forrageiras existentes.

De resto, a existência de dois tipos de exploração bovina - turinos, nos terrenos menos agrestes e com melhores disponibilidades forrageiras e arouqueses, nos solos mais alcantilados e de poucos recursos alimentares - não nos permite precisar áreas e quantitativos atribuídos a um e a outro.

Supomos já ter dado uma ideia do que se reserva para sustento do gado Arouquês, ao longo das respostas aos vários quesitos deste inquérito, em especial em 5, 9 e 10.

12.4. Que tipo de organização para a utilização da raça

Como já tivemos ocasião de referir, nas zonas serranas onde o bovino Arouquês se movimenta existe uma forte tradição de entreajuda, diremos como que uma forma primitiva de vivência comunitária.

É o que acontece na utilização tradicional das zonas baldias e no viver do dia a dia daquelas populações.

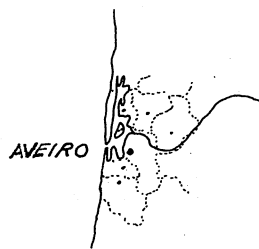
Não nos parece, pois, muito difícil, pelo menos em certas zonas, aca-
rinhar e fomentar esse espírito.

Assim, poderíamos tentar, de certo modo, arranjar formas de agrupar pequenas explorações, a partir de um tipo de apascentação comum, e levá-las até estruturas organizativas de tipo cooperativo na utilização deste gado.

Estamos a pensar em pequenas associações de criadores da raça Arouquesa, ao nível de freguesias ou concelhos, a partir das tradicionais "aduas" como células primárias duma organização que seria estimulada através de compensações emanadas dum agrupamento ou união, onde se centralizariam as acções tendentes ao fomento da raça, com participação do Estado, e à movimentação comercial dos animais e dos seus produtos.

Isto, em linhas gerais. Detalhar todo o esquema, só se nos afigura possível depois de se inventariarem todas as possibilidades de organização para as várias raças, pois não acreditamos que se misturem na mesma zona tipos de organização específicos para cada espécie e raça.

Parece-nos, pois, assunto para demorada meditação, depois de compiladas as várias opiniões que, certamente, irão surgir através da análise dos vários inquéritos em curso.



marinhóa

JAIME MACHADO
JOSÉ VALENTE
PEREIRA GASPAR

INQUÉRITO PARA CARACTERIZAÇÃO DAS PRINCIPAIS RAÇAS BOVINAS E
SEU SISTEMA DE EXPLORAÇÃO

1. LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA PRINCIPAL REGIÃO-SOLAR DA RAÇA MARINHOA

O "habitat" do gado bovino Marinhão ocupa uma área de fácil e precisa demarcação no distrito de Aveiro. De forma sucinta, iremos procurar defini-la e, ao mesmo tempo, relacioná-la com o "modus vivendi" das massas populacionais que a ocupam, as quais, com as suas características etnográficas, as suas habitações, a sua cultura, a natureza dos seus gados, reflectem o que diz Alberto Souto: "paisagem é, essencialmente, o exterior fisionómico de um complexo geográfico".

Assim, temos, no distrito de Aveiro, uma região conhecida por bacia hidrográfica do Vouga, de forma triangular, de vértice na foz do Douro e de base a ligar a serra da Lapa com o cabo Mondego.

Fácilmente se identificam nesta região duas zonas, uma oriental e outra ocidental, separadas por uma faixa natural, que, partindo do vértice, se dirige a Águeda, passando por Vila da Feira, Oliveira de Azeméis e Albergaria-a-Velha, e deixa entre elas uma zona de transição.

A zona oriental é constituída, essencialmente, por terrenos graníticos e xistosos, de relevo marcado, clima irregular e culturas dispostas em anfiteatro. É a região serrana, compreendendo os concelhos de Arouca, Vale de Cambra, Sever do Vouga e parte dos concelhos de Vila da Feira, Oliveira de Azeméis, Albergaria-a-Velha e Águeda.

Na zona de transição, que marca a passagem da serra para a planície, com a sua origem mesozóica e cenozóica, fixam-se os densos aglomerados populacionais da Feira, S. João da Madeira, Oliveira de Azeméis e Águeda.

Por último, a zona ocidental, litoral ou marinha, de origem exclusivamente sedimentar, é, caracterizada pela ausência de relevo, grande humidade e fracas oscilações térmicas.

Por ser esta a que de momento nos interessa, debruçar-nos-emos um pouco mais na sua pormenorização.

Assim, a sua geomorfologia leva-nos a reconhecer-lhe três subzonas:

A RIA - Aqui, englobaremos os terrenos que circundam todo este incomparável e extraordinário lençol de água que se chama Ria de Aveiro e os terrenos que se espriam quer na foz do Antuã quer no Baixo Vouga, formados à custa duma lenta, mas tenaz, luta entre a terra e o mar, em que aquela foi ganhando à custa do carrear constante de materiais terrosos que por erosão se foram acumulando. A ela pertence uma grande parte dos concelhos de Ovar, Murtoza, Estarreja, Albergaria-a-Velha, Aveiro, Ílhavo e Vagos.

A GAFANHA - Extenso areal que atravessa Ílhavo e Vagos, em direcção a Mira, atestando, de forma insofismável, a passagem oceânica; por certo, uma costa em tempos recuados.

A GÂNDARA - Constituída por terrenos de origem pliocénica que vão do Vouga ao

Mondego e se continuam com os medos do litoral até ao mar.

Posta assim, de forma mais que sucinta, a divisão geológica do distrito, cabe-nos dizer como se encontram distribuídas as diferentes castas bovinas.

Na zona oriental, implantou-se, quase exclusivamente, gado arouquês, cuja corpulência e rusticidade se harmonizam perfeitamente com a irregular e pouco abundante massa forrageira.

Na zona de transição, teve franca guarida a primeira raça exótica que apareceu e que, pela sua potencialidade leiteira, maiores proveitos trouxe à população.

A zona ocidental, com particular incidência para a região conhecida por Marinha, comprida faixa plana abundantemente irrigada não só pelos múltiplos cursos de água que a sulcam, mas, ainda, pela pequena profundidade da toalha de água do seu subsolo, é um inesgotável campo para a produção agrícola.

Ora, em terrenos que se apresentavam com estas características, facilmente percebemos que o lavrador de antanho sentisse imediata necessidade do boi para seu companheiro infatigável nos trabalhos agrícolas. E, como corolário lógico, teria de dar preferência a um animal com boas características dinâmoforas.

Surge, então, o bovino mirandês, que se dispersa de norte a sul do país, dando lugar a sub-raças e variedades, todas apodadas de possuírem boas qualidades de trabalho, o que vinha de encontro ao que o lavrador da Marinha precisava.

Assim se fixou nesta região um bovino proveniente do tronco Mirandês e que hoje exhibe características próprias, a raça Marinhoa.

1.1. NO PASSADO

Em termos de bovinicultura, foi esta raça que no passado dominou a zona ocidental do distrito de Aveiro, desde Espinho a Vagos, derivando, por vezes, para o interior, como no caso dos concelhos de Águeda, Anadia, Mealhada, Oliveira do Bairro e, ainda no de certas manchas dos distritos do Porto e Coimbra.

1.2. NO PRESENTE

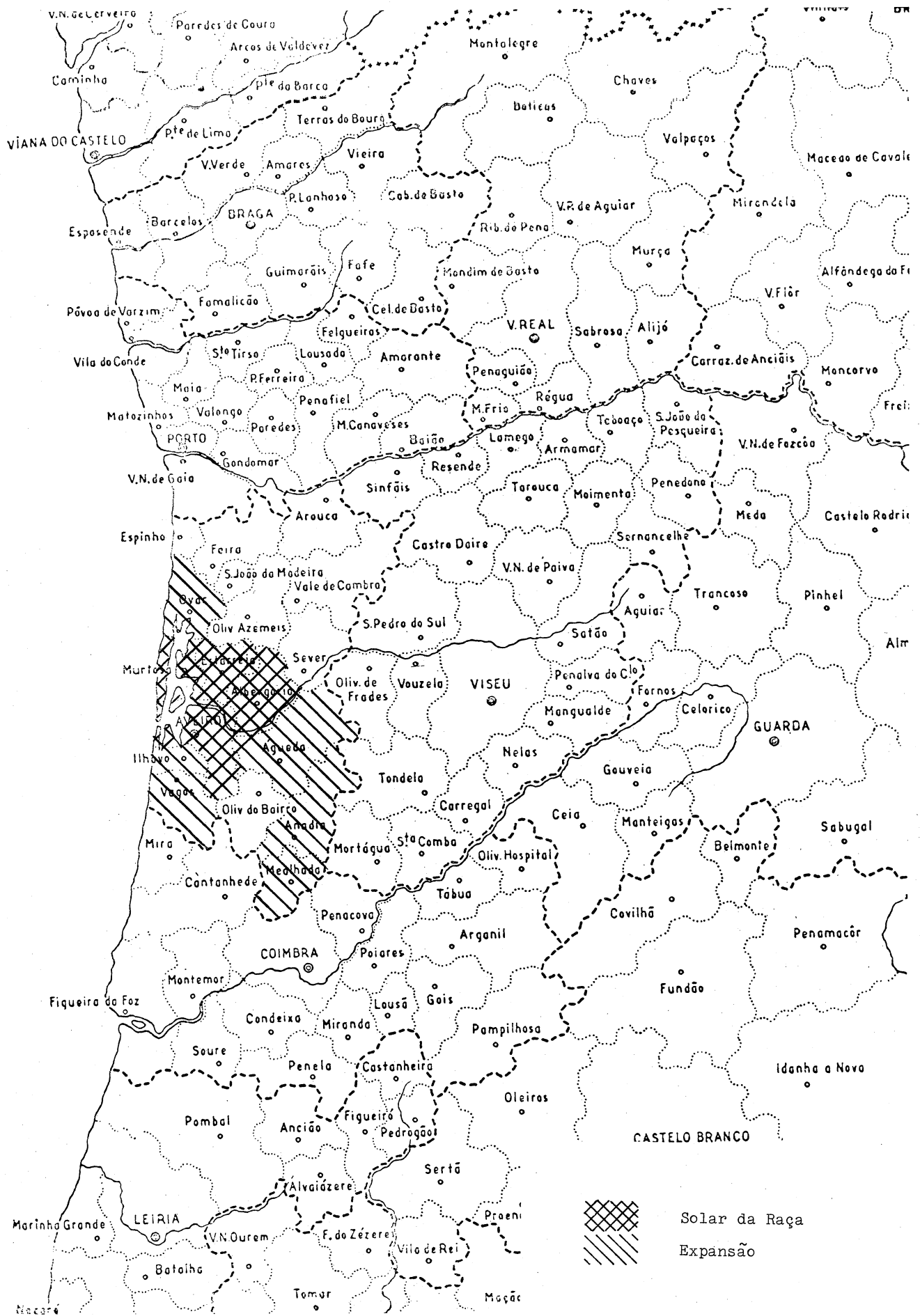
O desenvolvimento da industria de lacticínios originou, como era natural, a fixação em toda esta região, de elevado potencial forrageiro, de uma raça exótica-Holandesa - que, com os seus derivados, foi relegando para segundo plano o gado marinhão, constituindo ele hoje, sem dúvida, o maior efectivo do país.


Assim, temos que, presentemente, o centro de produção e área de dispersão do Marinhão se confinam a alguns concelhos do distrito, com particular realce para os concelhos da Murtosa Estarreja, Albergaria-a-Velha e Aveiro, considerados solar da raça, e os de Ovar, Ílhavo Águeda, Anadia e Mealhada, a sua área de dispersão.

1.3. PERSPECTIVAS FUTURAS

Animais de grande compleição, continuam a dar importante contributo nas tarefas agrícolas da região, com particular relevância naquelas zonas em que, pelas suas características alagadiças e arenosas, a mecanização dificilmente entra.

Por outro lado, dada a divisão da propriedade em retalhos - predomina nesta região o minifúndio -, o pequeno lavrador, embora de posse de terrenos altamente fecundos, não se encontra dimensionado de molde a mecanizar-se individualmente, necessitando, portanto, de animais para o amanho desses terrenos, situação que, aliás,




 Solar da Raça
 Expansão

não prevemos possa vir a modificar-se a curto prazo, pelo que ele não poderá dispensar a valiosa colaboração do gado marinhão nos trabalhos agrícolas.

Realmente, e apesar da implantação nesta área de gado holandês e do avanço da mecanização agrícola, a verdade é que, se cotejarmos os números do arrolamento de 1940 com os do arrolamento de 1972, fácil nos é concluir que os efectivos se equivalem, donde somos de parecer que, em termos de futuro, o Marinhão continuará a ser uma das nossas raças autóctones com real implantação, porquanto no duplo aspecto dinâmico e creativo assenta a razão fundamental da sua exploração.

E, se lhe juntarmos o facto desta raça exigir um muito mais fácil maneio, com menos perda de tempo e menos cuidados dietéticos, antevemos para ela, como já o afirmámos, um futuro promissor.

2. CARACTERIZAÇÃO - SÍNTESE DA RAÇA

CARACTERÍSTICAS GERAIS

Raça, como já referimos, fundamentalmente obtida à custa de uma das nossas raças autóctones - o Mirandês -, embora a morfologia dos animais existentes a inda deixe, por vezes, perceber que na sua constituição houve influência de outras, mormente da Galega ou Minhota, ela encontra-se implantada na zona ocidental do distrito de Aveiro.

É, pois, quanto a nós, uma das sub-raças ou variedades a que o Mirandês, na sua dispersão pelo país, deu origem.

E se é certo que, em função do potencial hereditário, os caracteres se transmitem com uma intensidade pré-estabelecida, também não é menos verdade que, por influência do meio ambiente (solo, clima, alimentação, regime, ginástica funcional etc.); os caracteres podem variar para mais ou para menos.

Realmente, socorrendo-nos dos elementos biométricos obtidos em 1942 pelo Dr. Joaquim Portugal e comparando-os com os apurados na raça Mirandesa pelo Dr. Manuel Leitão em 1940, fácil nos é concluir que os diagramas representativos das médias aritméticas ponderais das diferentes regiões medidas mostram uma semelhança notável; contudo, um exame mais cuidado permite-nos tirar algumas ilações que reputamos de grande importância.

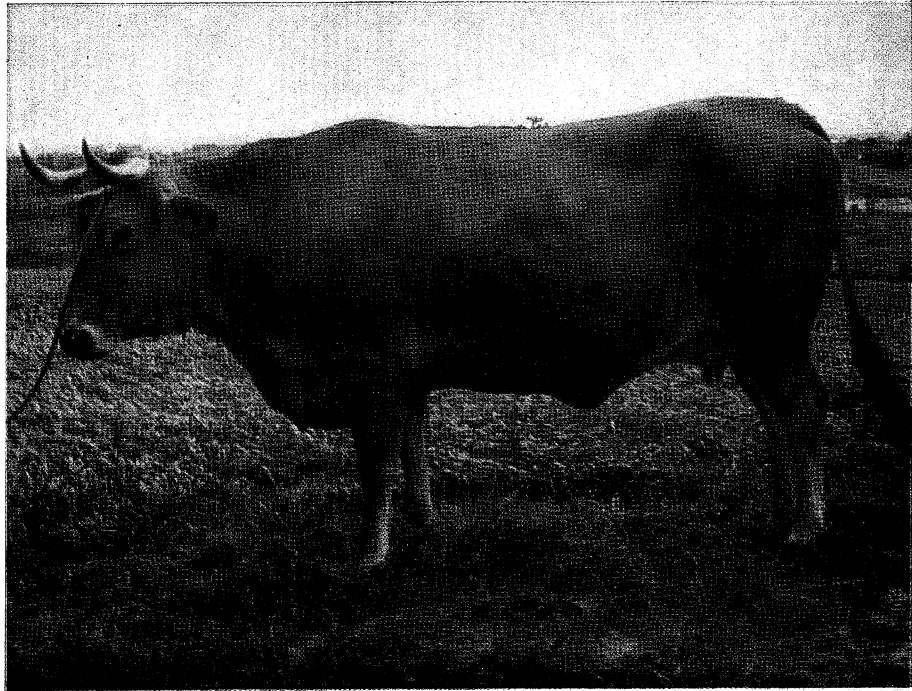
Assim, as médias ponderais correspondentes à altura do esterno ao solo, à largura anterior da garupa e do afastamento das pontas dos chifres são no Marinhão inferiores às do Mirandês, enquanto que as da altura e largura do peito, comprimento do tronco, comprimento e largura da garupa são iguais ou superiores no Marinhão.

Por outro lado, a comparação dos extremos absolutos superiores de um e de outro grupo bovino depõem a favor do Marinhão.

Ora, em animais com as vocações de trabalho e carne como essenciais interessam, sobretudo, estas últimas medidas, em que o Marinhão se apresenta com vantagem.

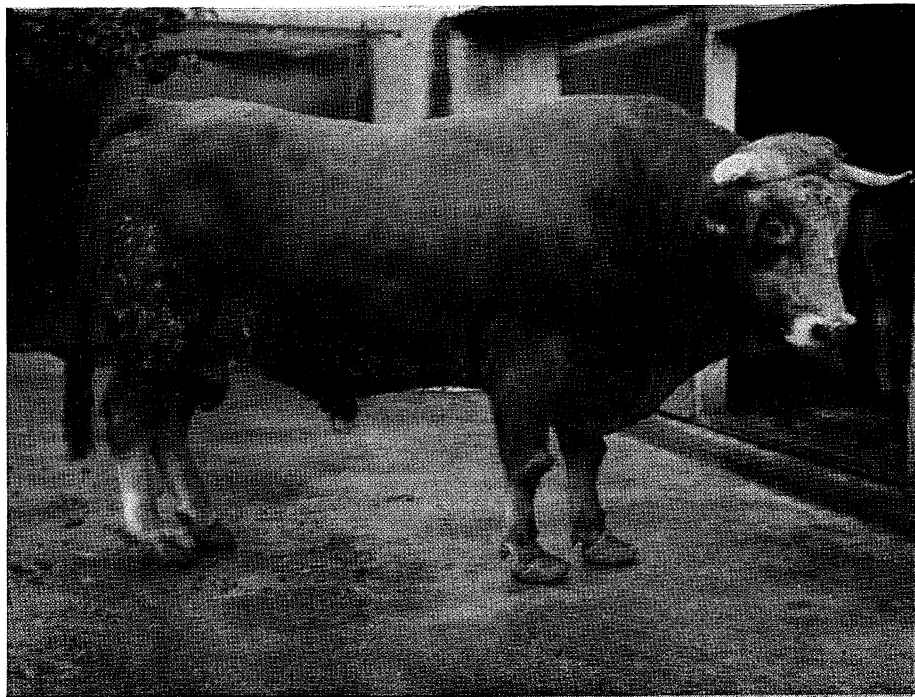
Cabe aqui fazer uma referência aos serviços oficiais, que, através da Intendência de Pecuária de Aveiro, tem procurado melhorar a raça, pela escolha criteriosa de reprodutores destinados a fixar certos caracteres ou a melhorar outros, pretendendo dar-lhe uniformidade, o que se tem conseguido, só assim se entende que esta variedade tenha hoje foros de raça.

E, conquanto não possamos falar de "Standart", podemos, contudo, enun



2.º PRÉMIO 1978

MARINHOA



1.º PRÉMIO 1978

ciar aquelas características que hoje são perfeitamente consideradas como típicas da vaca Marinhoa.

Animais de grande porte, de formas harmoniosas, pele grossa, elástica e bem destacada, pelagem castanha clara, tendente para o palha, temperamento dócil, cabeça relativamente comprida e achatada, fronte subcôncava, chanfro recto, olhos bem aflorados, barbela curta em cima e na parte média, com razoável desenvolvimento à entrada do peito, abdômen volumoso, mas não ventrudo, dorso e costado compridos, largos e fundos, ligeiramente arqueados, membros musculados, fortes e com bons aprumos, enquanto que os posteriores são deficientes no seu desenvolvimento e nos aprumos.

Todas as regiões se encontram harmonicamente ligadas entre si.

CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS

A vaca Marinhoa expulsa bem a cria, sendo raríssimos os partos distócicos que exigem intervenção.

Revela bons sentimentos maternos, produzindo leite suficiente para a amamentação dos filhos, os quais, ao desmame, em regra feito por volta dos 4-5 meses, atingem pesos límpidos acima dos 100 quilos.

A vaca Marinhoa, quando adulta e sujeita à engorda, e já de ter prestado valioso contributo nas fainas agrícolas, chega ao matadouro e dá carcaças com pesos que oscilam entre os 400 e os 500 quilos e de boa qualidade alíbil.

Quanto aos machos, independentemente das suas características creatóforas, prestam óptimos serviços, realizando os trabalhos mais violentos.

3. SISTEMAS DE EXPLORAÇÃO E TIPOS DE PRODUÇÃO

É na sua vocação dinamófora e na sua aptidão creatófora, às quais juntamos a produção de estrumes, que assenta, em exclusivo, a razão da sua exploração.

Cabe, ainda, referir que, em cruzamentos com outras raças - mormente, com a Charolesa - se obtêm belíssimos repositórios de carne.

POSTOS DE COBRICÃO EXISTENTES EM 1975

CONCELHOS	Postos em pureza	"Controlo" Estatal	OBSERVAÇÕES (a)
Águeda	16	"	
Albergaria-a-Velha	2	"	
Anadia	2	"	
Aveiro	7	"	
Estarreja	5	"	
Ílhavo	1	"	
Mealhada	1	"	
Murtosa	3	"	
Oliveira do Bairro	4	"	
Vagos	1	"	
T O T A L	42	"	

a) Quando requisitados os serviços de inseminação artificial da Estação de Fomento Pecuário de Aveiro, é feita a beneficiação com sêmen de charolês.

4. QUANTITATIVO DE ANIMAIS

4.1. Machos e Fêmeas

EFFECTIVO MARINHÃO DA ZONA OCIDENTALARROLAMENTO DE 1940

CONCELHOS	ADOLESCENTES	A D U L T O S		TOTAIS
		MACHOS	FÊMEAS	
Espinho	390	332	61	783
Ovar	832	1 727	290	2 849
Oliveira de Azeméis	230	761	131	1 122
Estarreja	1 312	606	2 454	4 372
Murtosa	608	69	1 396	2 073
Albergaria-a-Velha	729	35	1 316	2 080
Águeda	719	215	1 714	2 648
Aveiro	747	175	2 521	3 443
Ílhavo	430	320	261	1 011
Vagos	1 169	1 565	880	2 614
T O T A I S	7 166	5 805	11 024	23 995

EFFECTIVO MARINHÃOARROLAMENTO DE 1972

CONCELHOS	MACHOS	FÊMEAS	TOTAIS
Águeda	158	4 705	4 863
Albergaria-a-Velha	260	1 282	1 542
Anadia	1 399	1 204	2 603
Aveiro	285	2 336	2 621
Espinho	112	54	166
Estarreja	171	2 672	2 843
Ílhavo	213	572	785
Mealhada	966	71	1 037
Murtosa	50	701	751
Oliveira do Bairro	594	1 902	2 496
Ovar	1 063	330	1 393
Vagos	665	731	1 396
T O T A I S	5 936	16 560	22 496

4.2. GRUPOS ETÁRIOS

EFFECTIVO MARINHÃOFÊMEASARROLAMENTO DE 1972

CONCELHOS	COM MENOS DE 1 ANO	DE 1 ANO A ME NOS DE 2	DE 2 ANOS E MAIS	TOTAIS
Águeda	779	611	3 315	4 705
Albergaria-a-Velha	196	211	875	1 282
Anadia	581	165	458	1 204
Aveiro	326	447	1 563	2 336
Espinho	-	36	18	54
Estarreja	227	613	1 782	2 672
Ílhavo	162	183	227	572
Mealhada	10	9	52	71
Murtosa	78	111	512	701
Oliveira do Bairro	372	154	1 376	1 902
Ovar	17	275	38	330
Vagos	54	286	391	731
T O T A I S	2 852	3 101	10 607	16 560

EFFECTIVO MARINHÃOMACHOSARROLAMENTO DE 1972

CONCELHOS	COM MENOS DE 1 ANO	DE 1 ANO A ME- NOS DE 2	DE 2 ANOS E MAIS	TOTAIS
Águeda	105	29	24	158
Albergaria-a-Velha	186	14	60	260
Anadia	101	506	792	1 399
Aveiro	200	69	16	285
Espinho	-	40	72	112
Estarreja	100	49	22	171
Ílhavo	30	160	23	213
Mealhada	-	66	900	966
Murtosa	28	10	12	50
Oliveira do Bairro	37	103	454	594
Ovar	40	558	465	1 063
Vagos	70	575	20	665
T O T A I S	897	2 179	2 860	5 936

5. NÚMERO DE CABEÇAS POR EXPLORAÇÃO E SUA DEPENDÊNCIA DA EXPLORAÇÃO AGRÁRIA

5.1. NÚMERO DE CABEÇAS POR EXPLORAÇÃO

Não nos é possível dar integral resposta a este quesito. No entanto, baseando-nos em informações colhidas e nos elementos de que dispomos, portanto, um pouco por estimativa, poderemos dar uma ideia aproximada do número de cabeças por exploração, a qual se processa de igual modo na zona considerada do solar e fora dela.

Assim, computamos em 2,4 a média de cabeças por exploração.

5.2. LOCALIZAÇÃO POR CONCELHO OU ZONA GEOGRÁFICA DE ENCABEÇAMENTO MÉDIO, ACIMA DA MÉDIA E ABAIXO DA MÉDIA

Em toda a zona onde se encontra implantado o gado Marinhão, paralelamente e em regime de coabitação, também se encontra gado holandês-português, pelo que, com os elementos de que dispomos, não nos é possível, sem cometer grandes desvios, dar uma ideia concreta do seu encabeçamento médio.

Assim, em nossa opinião, é preferível não aventarmos quaisquer números sem que estes assentem num mínimo de probabilidades.

5.3. DEPENDÊNCIA DO EFECTIVO DA EXPLORAÇÃO AGRÁRIA EM ZONAS MAIS REPRESENTATIVAS

A actual contextura sócio-económica da região, com uma acentuada divisão da propriedade rural, se, por um lado, procura a força motriz no gado de trabalho, por outro, dadas as suas menores exigências de maneio, leva-nos a concluir que o efectivo marinhão pesa ainda de forma efectiva em certas explorações agrárias.

Na verdade, a sua recria é feita, por vezes, aproveitando certos campos do Baixo-Vouga, valorizando desta forma as pastagens, constituídas por ervas espontâneas que, se assim não fosse, se perderiam. É o caso de certa zona que circunda a ria e as margens do Vouga, conhecida por "tapadas", onde durante uma grande parte do ano os animais se instalam, exigindo um único cuidado, o de se lhes fornecer água potável. Nos meses mais agrestes, recolhem ao estábulo, sendo-lhes, então, fornecida alimentação seca, misturada com algum verde que na altura se possua.

Noutras zonas, em que os animais vivem em regime estabular ou semiestabular, são os azevêns, as ferrãs de centeio e de aveia, o milho de monda, a bandeira, as palhas dos cereais e algum feno, consoante a época, que acodem ao seu sustento.

Raramente entram no seu arraçoamento quaisquer concentrados, a não ser quando destinados à engorda.

O sistema de exploração é sempre feito por conta própria, quer na zona do solar, quer fora dela.

5.4. IMPORTÂNCIA DO EFECTIVO NA EXPLORAÇÃO AGRÁRIA EM ZONAS MAIS REPRESENTATIVAS, EM FUNÇÃO DA SUA PARTICIPAÇÃO NO PRODUTO AGRÍCOLA BRUTO

Não temos dados que nos possibilitem quantificar em termos absolutos a participação do gado marinhão na economia do agregado agrícola. Podemos, no entanto, adiantar que, quer pelo trabalho que produz, quer pelas suas crias, quer pelo estrume, quer pelo melhor aproveitamento de certas pastagens, comparticipa validamente no equilíbrio financeiro de certos agregados familiares.

6. ALGUNS DADOS BIOLÓGICOS

6.1. ÍNDICE DE FECUNDIDADE

Tanto no solar como na zona de dispersão, o índice de fecundidade é calculado acima dos 80%.

6.2. DESMAME

Z O N A	D E S M A M E		ÉPOCA DO ANO
	IDADE meses	PESO kg	
Solar e zona de dispersão	4 - 5	200 - 250	Todo o ano

6.3. CRESCIMENTO APÓS O DESMAME

CONCELHO OU ZONA	A B A T E		CRESCIMENTO Mais de 500g/dia	
	Idade meses	Peso kg	Tipo de alimentação	Quantidade
Solar e área de dispersão	20 a 22	500 a 600	Ferrãs, fenos, palha e alguns concentrados	"Ad libitum"
Quando em viteleiros de recria	12 a 16	500 a 600	Fenos, palha e concentrados.	

6.5. ÍNDICE DE MORTALIDADE ATÉ AC DESMAME

CONCELHO OU ZONA	ABORTOS	NO MOMENTO DO PARTO	ATÉ ÀS 3 SEMANAS	DAS 3 SEMANAS AOS 3 MESES	DOS 3 MESES AO DESMAME
Solar e zona de dispersão	Muito pequeno. Abortos acidentais	Muito pequeno. Partos normais e crias viáveis	Normal. Mortes raras e acidentais	Normal. Mortes raras	Normal. Mortes raras e acidentais.

6.6. REPRODUÇÃO6.6.1. MÉTODOS DE REPRODUÇÃO

CONCELHO OU ZONA	COBRIÇÃO NATURAL				INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL	
	POSTOS		PRIVADO		Em pureza	Em cruzamento (a)
	Em pureza	Em cruzamento	Em pureza	Em cruzamento		
Águeda	16					580
Albergaria-a-Velha	2					350
Anadia	2					50
Aveiro	7					360
Estarreja	5					250
Ílhavo	1					30
Mealhada	1					-
Murtosa	3					140
Oliveira do Bairro	4					230
Vagos	1					125
T O T A L	42					2 115

(a) Quando oportunamente pedido, o serviço de I. A. da Estação de Fomento de Pecuário de Aveiro tem beneficiado as fêmeas com sêmen de charolês.

6.6.2. ÍNDICE DE REPRODUÇÃO

CONCELHO OU ZONA	ÍNDICE DE FECUNDIDADE	NÚMERO DE PARTOS/ANO	I D A D E	
			AO 1º PARTO	À REFORMA
Solar e zona de dispersão	Elevado + de 80%	1	3 anos	8 a 10 anos

7. INDICAÇÃO, LOCALIZAÇÃO E GRAU DE INTERFERÊNCIA DE ORGANIZAÇÕES ESTATAIS, GRÊMIOS, FEDERAÇÕES, COOPERATIVAS E ENTIDADES PRIVADAS NA REGIÃO ESTUDADA

7.1. SUA FUNCIONALIDADE

A acção estatal tem incidido, fundamentalmente, no duplo aspecto:

- a) Postos de reprodução;
- b) Concursos pecuários.

Os postos de reprodução, embora explorados por entidades particulares, encontram-se sob o controlo estatal, através da Intendência de Pecuária de Aveiro, que promove o seu licenciamento e faz a escolha e a aprovação dos padreadores.

Os concursos pecuários, patricionados pela Direcção-Geral dos Serviços Pecuários e sob a sua orientação, em colaboração com as entidades locais - ex - grêmios da Lavoura e câmaras municipais -, visam não só a apreciação do actual armentio, como têm, ainda, o objectivo de estimular e orientar os criadores na produção de animais que melhor se ajustem à tendência e procura dos mercados actuais.

Assim, desde 1936 que se realizam, anualmente, concursos nos concelhos considerados solar da raça.

7.2. PERSPECTIVAS FUTURAS - INDICAÇÃO, TANTO QUANTO POSSÍVEL, DOS MEIOS FÁCEIS DE OBTER, CONCRETIZANDO-OS, SOBRETUDO, EM MATÉRIA DE "CONTRÔLE" DA REPRODUÇÃO

Como já referimos, instalou-se na zona ocidental do distrito de Aveiro um bovino que, pelas suas qualidades dinamóforas, veio de encontro às necessidades das gentes da Marinha. Como não podia deixar de ser, foi-se adaptando às condições ecológicas do meio e sofreu, como é óbvio, algumas modificações, evoluindo no sentido de se apresentar, hoje, como o animal de maior corpulência das raças autóctones.

Embora não possamos pensar em valorizar grandemente os seus atributos, a verdade é que esta raça continua a ter forte aceitação nesta região. Haverá, pois, que continuar a dedicar-lhe certa atenção no sentido de corrigir alguns defeitos, até porque o seu cruzamento com as raças de vocação creatófora apontam-nos nesse sentido. Já que os Fl são disputados pelos actuais utentes de viteleiros, pois, no seu dizer, encontram neles belíssimas repositões.

Assim, além dos cuidados que já lhe dispensamos, normente no tocante ao "controlo" e escolha de padreadores, haverá que:

- Organizar o livro genealógico da raça, com o fim de assegurar uma linha pura, concorrendo para a formação de núcleos de selecção, e difundir os melhores caracteres e aptidões;
- Promover a recria das descendências dos melhores touros e das vacas com maior interesse zootécnico;
- Criar núcleos de selecção e produção de reprodutores a ceder aos postos de cobrição;
- "Controlar" o funcionamento dos postos de reprodução;
- Montar serviços de assistência técnica à Lavoura regional;
- Montar serviços de inseminação artificial, logo que seja possível utilizar raçadores de comprovados méritos zootécnicos.

8. MOVIMENTO NA UTILIZAÇÃO DA RAÇA

8.1. FINALIDADES, OBJECTIVE A AFIRMAÇÃO

Duma maneira geral, a movimentação de gado marinhão é, praticamente, confinada ao distrito, processando-se da maneira seguinte:

Das zonas de produção, saem para outras os descendentes ao desmame que excedem a capacidade de recria, com especial realce para os concelhos de Vagos e Ílhavo, onde são recriados e, por vezes, amestrados, até atingirem os 18-24 meses, sofrendo, então, os destinos seguintes:

Ou se dirigem para o matadouro ou são, por vezes, adquiridos pelas próprias zonas de produção - caso de algumas fêmeas - ou, ainda, vão prestar o seu contributo em trabalho nos concelhos que continuam a recorrer a essa sua aptidão.

Os vitelos são, também, procurados pelos utentes de viteleiros, onde, normalmente, entram para engorda intensiva da 3ª fase.

Quanto aos animais de refugio - machos e fêmeas -, vão para os matadouros, quer da região quer de fora da região, depois de terem sido sujeitos a um período de engorda.

8.2. VENDA DE FÊMEAS

Não dispomos de elementos que nos permitam responder concretamente.

8.3. VENDA DE NOVILHOS E MACHOS VENDIDOS

Dada a escassez de elementos de que dispomos, não nos é possível quantificar a venda de animais para o talho na zona de influência do gado Marinhão.

Por outro lado, a Delegação da Junta Nacional dos Produtos Pecuários de Aveiro informa-nos que os elementos respeitantes ao movimento dos matadouros da zona são enviados pelos subintendentes de Pecuária directamente ao Instituto Nacional de Estatística, em modelo próprio, que não responde aos quesitos que nos interessam, porquanto referem números globais sem especificar raças.

Quanto a vendas com outra finalidade, não é possível, em termos quantitativos, pronunciar-nos sobre a movimentação dos efectivos. Nada mais podemos adiantar do que o que foi dito em 8.1..

9. ESTABELEÇA AS POSSIBILIDADES DA ÁREA DEMARCADA COMO SOLAR DESTA POPULAÇÃO PARA A PRODUÇÃO DE FORRAGENS

As características geomorfológicas da região onde se encontra implantada a raça em questão permitem considerá-la como privilegiada no sentido da produção de forragens. E, se em futuro mais ou menos próximo forem realizadas as obras de hidraulica há muito pedidas, que enquadram a bacia do Baixo Vouga, então, sim, sem receio de controvérsia, podemos afirmar que foram criadas as condições para transformar toda esta região na melhor faixa do país para exploração agropecuária.

9.1. ÁREA EXISTENTE (a)

CONCELHOS	PRADOS PERMANENTES		PRADOS TEM- PORÁRIOS (b)	CULTURAS ARVENSES	
	REGADIO	SEQUEIRO		REGADIO	SEQUEIRO
Águeda	2	18		4 216	3 382
Albergaria-a-Velha	1	239		1 455	2 484
Anadia	4	5		2 653	1 422
Aveiro	41	510		3 103	2 485
Estarreja	4	111		3 180	2 350
Ílhavo	33	2		2 065	1 247
Mealhada	-	1		1 398	1 192
Murtosa	-	14		701	1 547
Oliveira do Bairro	11	40		2 259	352
Ovar	-	14		2 854	1 659
Vagos	80	153		4 055	1 644
T O T A I S	176	1 107		27 939	19 764

a) São dados fornecidos pelo S.R.A., segundo reconhecimento efectuado em 1954-55, os quais nos dão uma ideia da utilização do solo e do encabeçamento dos efectivos Ma rinhão, holandês-português e seus cruzamentos.

b) Estão incluídos na cultura de regadio.

9.2. ÁREA A OBTER FACILMENTE

Pelo conhecimento que temos, encontra-se já muito avançado o estudo que pla neia um conjunto de obras de hidráulica-agrícola que visam não só a recuperação de lar gos hectares, como, ainda, a beneficiação de outros que mercê, da irregularidade dos cau dais dos rios Vouga, Antuã, Mondego e seus afluentes, não exibem as suas reais potencia lidades. Assim, uma vez que essas obras sejam tornadas realidade, o que há muito consti tui uma grande aspiração destas gentes, sem dúvida que as áreas destinadas à produção de cereais e forragens será substancialmente alargada.

Baseando-nos em informações colhidas, estas obras virão beneficiar na região conhecida por Baixo Vouga cerca de 11 000 hectares.

As perspectivas futuras são, pois, neste aspecto, extraordinariamente animado ras.

10. LOCALIZADA NA MELHOR ZONA E DISPONDO DE MEIOS ADEQUADOS, CARACTERIZE O MODELO DE EXP-LORAÇÃO VIÁVEL DA POPULAÇÃO EM CAUSA

Em qualquer dos concelhos da zona do solar, teria, quanto a nós, o modo de exploração viável.

No entanto, dado o grau de parcelamento da propriedade nesta região, elegíamos o concelho de Aveiro, já porque é neste onde ainda existem propriedades que pela sua área poderiam dar resposta ao nosso objectivo.

Assim:

10.1. ÁREA

NÚMERO DE HECTARES	PRADOS PERMANENTES	PRADOS TEMPORÁRIOS	CULTURAS ARVENSES
20	3	5	12

10.2. EFFECTIVOS DE MANUTENÇÃO

NÚMERO DE CABEÇAS	M A E S	NOVILHAS ATÉ 6 MESES	NOVILHAS DE MAIS DE 6 MESES	P A I S
62	40	15	6	1

- Índice de fecundidade - 30% 3
- Número de partos/anc - um
- Idade de desmame - 4 a 6 meses
- Idade de reforma - 8 ancs
- Número de pais - um
- Índice de moralidade - 1%

10.3. EFFECTIVOS DE ENGORDA

	P E S O kg	S I S T E M A (Indique a alimentação e o manejo)
Até ac desmame	200 a 300	Aleitamento natural, forragens, palhas e feno "ad libitum"
Do desmame ac abate	500 a 600	Pascigo com complementação, no estábulo, de forragens, feno ou palhas e um pouco de concentrados - regime semiestabular

11. CONTRIBUIÇÃO PARA O ABASTECIMENTO NA REGIÃO E FORA DELA

Não nos é possível, conforme já referimos em 8.1 e 8.2, responder correctamente a este quesito.

12. ASPECTOS DE MELHORAMENTO

12.1. ANIMAIS

Animais que pela sua corpulência e força motriz respondem, plenamente, à exigência primordial que levou à implantação nesta zona da raça em questão, embora esta motivação continue a constituir uma das razões de ser da sua exploração, a verdade é que, hoje, há que dedicar a nossa atenção no sentido de corrigir certos defeitos, dos quais destacamos a má conformação da coxa e da garupa.

Realmente, constituindo estas regiões peças nobres de carne, haverá que as melhorar, procurando responder às necessidades do País no tocante à carência deste produto. Até porque, como já dissemos, há que orientar a nossa intervenção no campo pecuário no sentido de responder ao País, procurando harmonizar todas as implicações.

Queremos com isto dizer que, sem menosprezar o valor dinâmico destes animais, devemos corrigir certos defeitos, até porque, desta forma, estamos não só a valorizar a raça, como, ainda, a responder às exigências actuais e futuras.

Entre os defeitos que se apontam dentro das características morfológicas que caracterizam a raça, são factores de desvalorização os seguintes:

- Pelagem escura, aberturas almaradas, pestanas e berla de cauda louras;
- Perfil que se afaste do subcôncavo;
- Cabeça curta, cornos desenvolvidos e mal implantados, garupa muito inclinada e estreita, cauda de alta inserção e linha dorso-lombar enclada.

A utilização de reprodutores isentos dos defeitos apontados e o refugo de animais que exibam características indesejáveis permitir-nos-ão, geração após geração, uniformizar a raça.

12.2. ESTRUTURAS DE APOIO À SUA UTILIZAÇÃO

A Intendência de Pecuária de Aveiro vem, desde há anos a esta parte, a dedicar ao armentio Marinhão algum apoio, traduzido no licenciamento dos postos de reprodução, escolha e inspecção de reprodutores e organização de concursos pecuários.

Ação, sem dúvida, muito válida, mas que deveria ser completada com as medidas que tivemos oportunidade de expor em 7.2..

12.3. DISPONIBILIDADES FORRAGEIRAS, QUER PARA A MANUTENÇÃO DE EFECTIVOS (PASTAGENS) QUER PARA A ENGORDA (SILAGEM DE MILHO E LUZERNA)

Efectivamente, conforme a estação do ano, assinalaremos que os terrenos se encontram sempre ocupados, ora com milho e feijão, ora com sementeiras de aveia, centeio e, até, trigo, e tudo em cultura intensiva.

Só assim se compreende que numa região como esta, muito parcelada, se encontre implantado o maior efectivo leiteiro do país e, conjuntamente, um razoável efectivo Marinhão.

12.4. QUE TIPO DE ORGANIZAÇÃO PARA A UTILIZAÇÃO DA RAÇA

Com as estruturas sócio-económicas existentes, com o apego destas gen

tes a princípios ancestrais reveladores duma relutância, como que inata, ao espírito associativo, não nos parece muito viável qualquer alteração profunda na organização actual, isto é que leve a moldes diferentes daqueles que até agora se têm vindo a processar.

No entanto, dado o período evolutivo sócio-económico que vivemos, é muito possível que, embora lentamente, possamos ir introduzindo alterações estruturais que nos possibilitem a organização de associações de criadores, a nível de freguesias ou concelhos, onde se centralizariam as acções que permitissem tirar o melhor aproveitamento da raça.

Adiantaremos ainda, que, inventariadas todas as possibilidades de organização para as várias raças, deverá surgir um plano conjunto que nos faculte encontrar a solução que contemple o objectivo previsto.

Assim, porque o assunto merece profundo refelexão, aguardamos as várias opiniões que, por certo, irão surgir no decorrer da análise dos vários inquéritos em curso, pois não acreditamos, no campo pecuário, em soluções individualizadas, mas, antes, em soluções de conjunto.

Aveiro, 30 de Junho de 1970



alentejana

JAIME ROSADO
MENDES DE ALMEIDA
MACHADO GOUVEIA
MARCELINO SOBRAL
SILVA LOBO

INTROITO

Desde o primeiro contacto que tivemos com os quesitos do "INQUÉRITO PARA CARACTERIZAÇÃO DAS PRINCIPAIS RAÇAS BOVINAS E SEU SISTEMA DE EXPLORAÇÃO", assaltou-nos a ideia, e o conseqüente receio, de que este inquérito ficaria, seguramente, muito aquém dos seus propósitos, devido às várias limitantes que se iriam deparar a este grupo de trabalho.

Na verdade, pelos elementos de informação de que dispusemos, para além das limitações merecidas da nossa impreparação, pelo pouco tempo que nos foi dado para um trabalho desta dimensão e pela escolha dos componentes do grupo, sendo quase todas pessoas com múltiplos afazeres, somos, por isso, insuficientes para dar um panorama do passado dos bovinos das raças Alentejana e Algarvia.

Os escritos existentes sobre estas raças são muito poucos e quase todos muito espaçados no tempo, e portanto, reveladores duma observação descontínua, de que ressaltam lacunas de difícil interpretação.

Para a elaboração do trabalho, socorremo-nos, fundamentalmente, dos preciosos trabalhos dos Dr.s Sílvio Arrotêa e Trigo Pereira, que nos deixam por um lado, a mágoa de não terem tido a devida continuidade e, por outro lado, a certeza de se dispor de pessoas competentes, cujos conhecimentos foram inaproveitados, com prejuízo para os interesses do País.

No caso presente, cremos que é impossível contabilizar o que de mal resultou para o País e que põe, a quem tem de deliberar, situações difíceis por carência de elementos suficientes para uma tomada de decisão com a necessária segurança. Contudo, embora tarde, porque já deviam ter sido adoptadas anteriormente, os problemas existentes impõem opções.

Certamente que, se se tivesse agido como se devia, não estaríamos perante situações inexplicáveis e, por vezes, incríveis à luz das realidades actuais, como é o caso do desaparecimento da raça bovina Algarvia e a ameaça de extinção da raça Alentejana.

A moda dos cruzamentos extinguiu, em menos de 15 anos, a raça Algarvia antes de serem conhecidas as suas potencialidades.

Os bovinos da raça Alentejana ainda existentes são em número suficiente para se porem em marcha acções que visem a sua preservação e melhoramento, mas elas têm de ser rápidas e que consigam a adesão dos criadores, porque, senão, a prática dos cruzamentos generalizar-se-á, por os benefícios aparentes arrastarem para esse caminho, e tudo subverterá.

Que nos sirva o exemplo de países evoluídos, que pretendem evitar a todo o custo o desaparecimento das raças autóctones, por serem elas que possibilitam a necessária base de segurança da exploração animal.

São exemplos a Inglaterra, que dispõe para o efeito do "Race Breeds Survival Trust", e a França com "La Societé de Ethnozootecnie".

Resta-nos referir que ficaremos satisfeitos se conseguirmos alertar para a necessidade de evitar que o nosso património genético, hoje seriamente ameaçado, seja destruído.

RAÇA BOVINA ALENTEJANA

INQUÉRITO PARA A SUA CARACTERIZAÇÃO E SEU SISTEMA DE EXPLORAÇÃO

1. LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA PRINCIPAL REGIÃO-SOLAR DA RAÇA

1.1. No passado

No passado, e enquanto foi utilizada na produção de trabalho, esta raça povoou as regiões hoje denominadas Alto e Baixo Alentejo, apresentando, contudo, uma evidente variabilidade de corpulência, consoante o meio onde os animais eram criados e recriados.

Actualmente, o bovino Alentejano ainda se mantém em raça pura nas seguintes regiões, que caracterizaremos por distritos:

a) Portalegre

Esta raça encontra-se representada na região mesopecuária constituída pelos concelhos de Arronches, Avis, Elvas, Fronteira, Monforte e Sousel e no Sul dos concelhos de Alter do Chão, Crato e Portalegre.

Esta região caracteriza-se "por solos pardos sem calcário, quer de quartzo-dioritos, quer de rochas cristalofílicas, quer de granito, ou por solos vermelhos de xistos argilosos ou, ainda, por solos castanhos-avermelhados".

b) Évora

Aqui, os alentejanos exploram-se na região mesopecuária constituída pelos concelhos de Arraiolos, Alandroal, Borba, Estremoz, Montemor-o-Novo, Mourão, Portel, Redondo, Reguengos de Monsaraz, Vendas Novas, Viana do Alentejo e Vila Viçosa.

As características dos solos desta região são idênticas às descritas anteriormente.

c) Beja e Setúbal

Os bovinos transtaganos conhecidos deste Bernardo Lima por variedade grande estão implantados na zona mesopecuária que abrange o Vale do Sado a montante de S. Romão.

Os solos são aí constituídos por terrenos de aluvião.

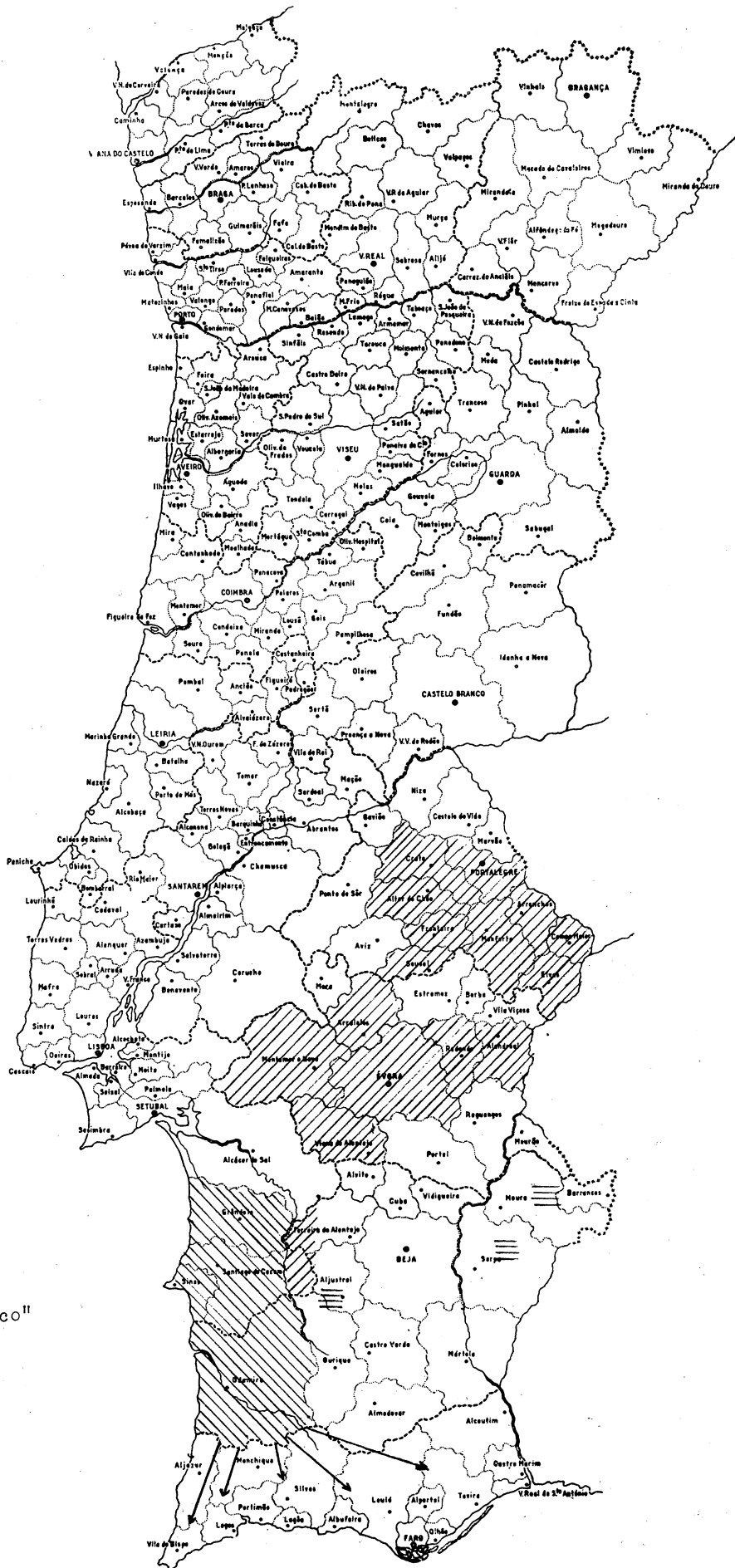
A população bovina denominada por "Chamusco" encontra-se acantonada nos concelhos de Grândola, Santiago do Cacém, Sines e Odemira, do litoral alentejano, cujos solos se caracterizam por terrenos pliocénicos e manchas de carbónico.

1.2. No presente

Dada a evolução verificada, no último decénio, da exploração agrícola no Alentejo, devido a razões de natureza social e económica, verificou-se a utilização dominante de reprodutores de raças exóticas - tipo - carne - que substituíram quase por completo a tradicional população bovina desta região.

Este panorama é já referido no trabalho "Subsídios para a Carta Étnica dos Diferentes Distritos do Alentejo".

Para uma mais correcta avaliação daquela tendência, apresentaremos isoladamente as regiões do Alto e Baixo Alentejo, mencionado em cada uma delas as zonas e respectivos concelhos onde se verifica a predominância de bovinos da raça Alentejana:



Áreas onde o Alentejano é principalmente explorado em raça pura



Variedade grande



População "Chamusco"



Núcleos dispersos

Alto Alentejo

Zona de Portalegre ——— Concelhos de	(Alter do Chão (zona Sul)
	(Avis
	(Arronches
	(Crato (zona Sul)
	(Elvas
	(Fronteira
	(Monforte
	(Portalegre (zona Sul)
	(Sousel

Zona de Évora ——— Concelhos de	(Alandroal
	(Arraiolos
	(Évora
	(Montemor-o-Novo
	(Redondo
	(Viana do Alentejo

Baixo Alentejo

Zona do Alto Sado ——— Concelhos de e Odemira	(Grândola
	(Ourique
	(Santiago do Cacém
	(Odemira

Núcleos dispersos de maior importância ——— Concelhos de	(Aljustrel
	(Moura
	(Serpa

Nesta região, domina a população bovina reconhecida na zona por "Chamusco", que se espalha pelos concelhos do litoral alentejano, Grândola, Santiago do Cacém, Sines e Odemira.

Igualmente, devemos anotar a expansão destes animais para a região algarvia, nomeadamente para o Norte dos concelhos de Silves e Loulé, zona esta que tem sido indicada pelos autores como sendo de implantação do bovino Serrano.

Seguidamente, e com o mesmo critério atrás exposto, apresentamos elementos obtidos, por estimativa, a partir do Arrolamento Geral do Gado de 1972 e do Plano de Emergência para a Defesa Sanitária dos Gados do Alentejo, no final de 1975, e que nos dão o quadro deveras alarmante da população bovina alentejana, constituída hoje, maioritariamente, por mestiços, devido à prática dos cruzamentos e à falta de critério na melhor utilização dos seus produtos e na conveniente salvaguarda da raça local:

- Zona de Portalegre

Os números que se indicam referem-se, unicamente, aos concelhos de Alter do Chão, Crato e Portalegre:

SEXO	ANIMAIS REPRODUTORES PARA PRODUÇÃO DE CARNE	ANIMAIS REPRODUTORES DA RAÇA ALENTE- JANA	
		NÚMERO	%
Fêmeas	3 797	2 312	61
Machos	97	45	46

- Zona de Évora

Os números que se apontam dizem respeito a todos os concelhos do distrito de Évora:

SEXO	ANIMAIS REPRODUTORES PARA PRODUÇÃO DE CARNE	ANIMAIS REPRODUTORES DA RAÇA ALENTE- JANA	
		NÚMERO	%
Fêmeas	25 137	6 909	27
Machos	565	108	19

- Baixo Alentejo

Os números que se apresentam abrangem todos os concelhos do Baixo Alentejo:

SEXO	ANIMAIS REPRODUTORES PARA PRODUÇÃO DE CARNE	ANIMAIS REPRODUTORES DA RAÇA ALENTE- JANA	
		NÚMERO	%
Fêmeas	32 482	10 950	34
Machos	1 268	91	7

É de salientar que dos 10 950 animais alentejanos cerca de 6 000 pertencem à variedade "Chamusco" (ver mapa atrás).

1.3. Perspectivas futuras

Dado que nos parece indispensável a permanência desta população bovina na sua região-solar e que se tem verificado, nos últimos anos, a sua rápida destruição através da sistemática introdução de reprodutores de raças exóticas sem qualquer programa que vise objectivos realistas de desenvolvimento que olhe para além do lucro imediato e a curto prazo e tenha em conta a salvaguarda e manutenção dos efectivos-base, considera-se que é necessária a tomada urgente de medidas que conduzam ao verdadeiro fomento e melhoramento da nossa pecuária.

2. CARACTERIZAÇÃO-SÍNTESE DA RAÇA

Baseados nos vários elementos existentes na Estação de Fomento Pecuário do Alto Alentejo, no Regulamento do Livro Genealógico da Raça Bovina Alentejana e dos coligidos por Sílvio Arrotêa em "Subsídios para a Carta Étnica do País", passamos a responder:

2.1. Características gerais

O Alentejano tem a sua origem no tronco Aquitânico e, segundo Dechambre, é uma raça convexilínea, eumétrica e do tipo longilíneo. É representada por animais rústicos, enérgicos e mansos que, num passado recente, foram utilizados, fundamentalmente, na produção de trabalho.

Os resultados dos testes realizados para conhecimento dos potenciais produtivos da raça permitem concluir que ela tem todos os caracteres para vir a ser uma boa "raça de carne". Podemos, assim, encarar com certo optimismo o seu melhoramento nesse sentido.

É evidente que os animais desta raça apresentam defeitos condizentes com o seu biótipo e com o fim para que eram explorados - trabalho.

a) Padrão da raça

Corpulência e conjunto de formas - Animais de grande formato e proporções médias, de regular musculatura, constituindo no seu todo um conjunto harmónico.

Pelagem - Vermelha, com tons que vão desde o claro (trigueiro) até ao retinto (cor de mogno); borla da cauda geralmente interpolada. A cor das aberturas naturais vai desde a do vermelho-tijolo até à do âmbar levemente rosado. Pele solta e elástica.

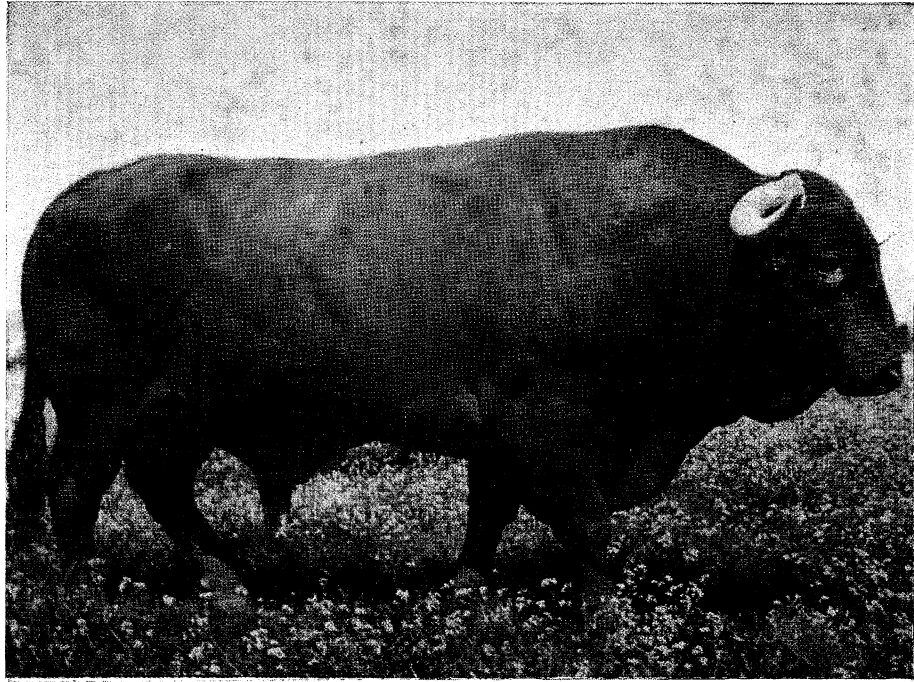
Andamentos - Fáceis, correctos, sem vacilação das ancas.

Temperamento - Animais rústicos, enérgicos e dóceis.

Cabeça - De regular desenvolvimento, de perfil convexo ou subconvexo, com acentuado morfismo sexual; coberta de pêlos lisos. A sua maior largura situa-se por cima dos olhos, enquanto que, em relação ao comprimento, a região frontal é mais curta do que a face.

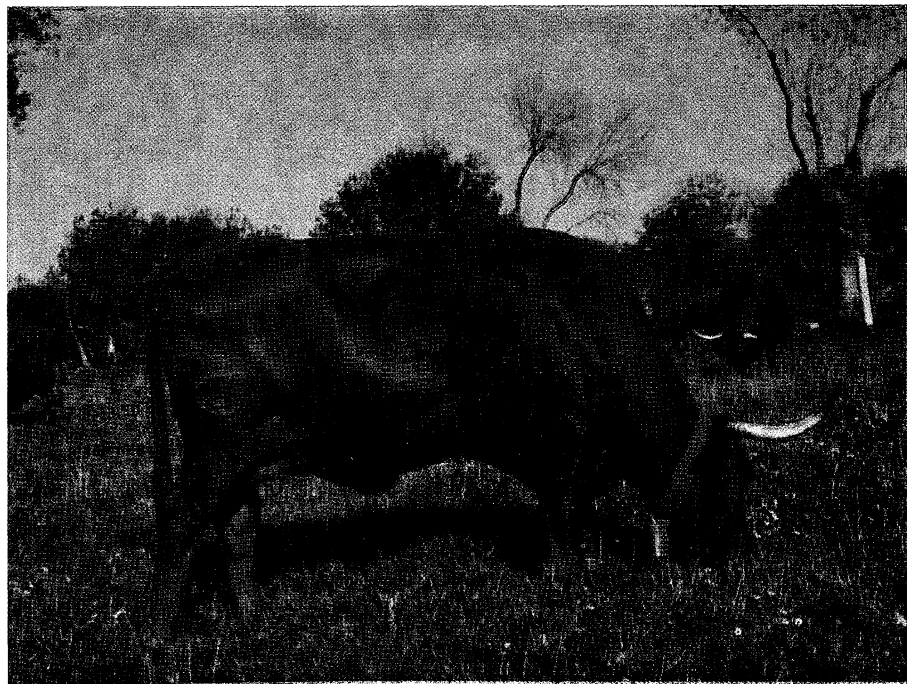
Cornos - De regular tamanho, branco-sujo, com as pontas de tonalidade que vai do âmbar-claro até ao afoqueado, simétricos e de secção elíptica. Saem do crânio no prolongamento da marrafa, dirigem-se para trás e para baixo e recurvam-se, depois, para a frente e para cima.

Marrafa - Pouco saliente e arredondada, coberta de pêlos compridos e lisos ou, por vezes, encaracolados (nos machos).



FAÍSCO — 6 ANOS — 1185 Kg

ALENTEJANA



TENDEIRA — 7 ANOS — VÁRIOS 1.^{os} PRÉMIOS
(13 ANOS — 10 CRIAS)

Fronte - Ligeiramente convexa, sobretudo no sentido transversal.
 Orelhas - Bem inseridas, horizontais e revestidas de pêlos compridos na face interna.
 Olhos - Á flor das faces.
 Chanfro - Ligeiramente convexo, ou mesmo recto, e bem delimitado.
 Faces - Secas, deixando o focinho destacado.
 Focinho - Desenvolvido, com espelho de coloração idêntica à das restantes mucosas ou ligeiramente pigmentado.

Tronco:

Pescoço - Nos machos, é espesso, curto e horizontal, provido de barbela, que se prolonga em larga dobra desde o mento até ao cilhadouro, tendo apenas uma pequena reacção depois de passada a zona da garganta. Nas fêmeas, é muito menos espesso, de bordo superior estreito e barbela menos desenvolvida.
 Cernelha - De largura média e pouco saliente.
 Dorso - Comprido e medianamente largo.
 Lombo ou rim - Relativamente largo.
 Garupa - Comprida, de boa largura anterior e regularmente musculada.
 Cauda - Fina, caindo regularmente em curva suave a partir da sua inserção e terminado numa borla bem encabelada.
 Peito - Relativamente destacado.
 Costado - Alto, pouco convexo, mas alargando e arredondando gradualmente à medida que se aproxima da região abdominal.
 Flanco - Curto.
 Úbere - Relativamente desenvolvido e regularmente implantado.
 Forro - Comprido e desenvolvido.
 Membros - De tamanho e grossura médios, bem musculados e regularmente aprumados.
 Espádua - Comprida e larga.
 Braço e antebraço - Fortes.
 Coxa - Larga e comprida, mas de massas musculares pouco profundas.
 Nádega - Relativamente descida e tendendo para convexilínea.
 Extremidades (mãos e pés) - Sólidas, de largas articulações.
 Unhas - Bem conformadas, sólidas e lisas, cuja cor vai do âmbar ao afoqueado.

Cabe aqui referir novamente, por constituir uma população de certa expressão numérica, o "Chamusco", que representa dois terços do efectivo bovino transtagano nos concelhos de Grândola, Santiago do Cacém, Sines e Odemira. Para além disto, e como facto saliente, há que anotar a sua expansão para a província do Algarve.

Trata-se de animais que apenas divergem do padrão em aspectos morfológicos, trazidos por uma menor corpulência e pela característica particular da existência da cor preta em maior ou menor extensão nas regiões da cabeça, no pescoço e nas extremidades. É de realçar que, normalmente, o espelho é despigmentado.

b) Defeitos principais

- 1º Deficiente desenvolvimento da garupa, da coxa e da nádega;
- 2º Membros desaprumados, sobretudo os posteriores;
- 3º Predomínio do terço anterior sobre o posterior;
- 4º Estrangulamento e achatamento do costado na sua união com a espádua;
- 5º Inclinação lateral do lombo e ligação defeituosa com o dorso e a garupa;
- 6º Cabeça e cornos grandes;
- 7º Barbela exageradamente desenvolvida.

c) Principais correcções a fazer

- 1º Aumento da largura posterior da garupa e redução das suas inclinações lateral e ântero-posterior;
- 2º Desenvolvimento da nádega, tornando-a convexa e fazendo-a descer mais, até ao curvilhão;
- 3º Aumento das massas musculares das coxas;
- 4º Melhoramento dos aprumos;
- 5º Aumento da largura e espessura do rim;
- 6º Correcção da linha dorso-lombar com o objectivo de a tornar horizontal;
- 7º Diminuição do achatamento e do estrangulamento do costado, sobretudo na zona de ligação com a espádua;
- 8º Aumento da largura da cernelha;
- 9º Desenvolvimento e melhoria da conformação do úbere;
- 10º Redução do tamanho da cabeça, dos cornos e da barbela.

3. SISTEMAS DE EXPLORAÇÃO E TIPOS DE REPRODUÇÃO

3.1. Grau de dependência do trabalho no campo

Devemos apenas mencionar, e com relativo interesse, a utilização destes animais no trabalho, na orla marítima alentejana.

3.2. Produção de carne

Como sabemos, esta raça é hoje utilizada, fundamentalmente, para a produção de carne, quer em linha pura, quer em cruzamento. Os sistemas de recria para tal vão desde o extensivo ao intensivo.

3.3. Esquemas de acções estatais existentes

1)- Estação de Fomento Pecuário do Alto Alentejo

Desde há longos anos vem este departamento realizando um trabalho de selecção, multiplicação e cedência de reprodutores para o melhoramento massal da raça.

2)-Livro Genealógico da Raça Bovina Alentejana.

3)-Testes de "Performance".

4)-Dotação de Conservação, 1º parto.

4. QUANTITATIVO DE ANIMAIS

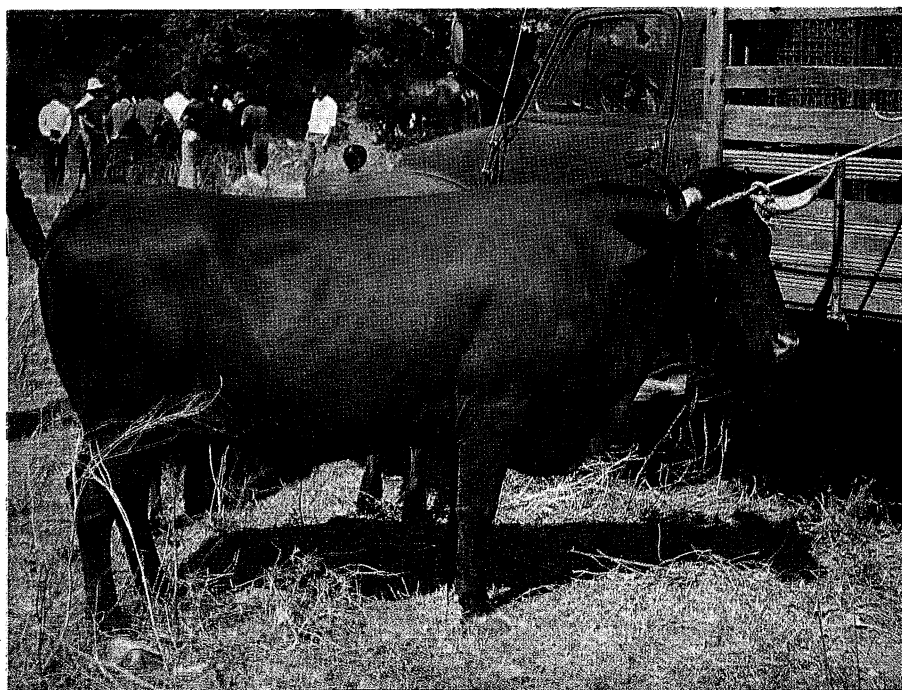
Com base em todas as fontes de informação a que nos foi possível recorrer, apresentamos os quadros que se seguem, pensando que poderão dar uma ideia bastante aproximada da situação actual da raça bovina Alentejana, sob o ponto de vista quantitativo.

Pelos números agora apurados, constata-se, mais uma vez, a regressão do efectivo bovino da raça Alentejana, tendência esta que se mantém, atendendo ao pouco número de núcleos mantidos em raça pura e à crescente utilização em reprodução de touros de raças exóticas e de fêmeas cruzadas.



PIMPÃO — 3 ANOS — 997 Kg

ALENTEJANA



VARIÉDADE CHAMUSCO
(Grândola, Santiago do Cacém, Sines, Odemira)

RELAÇÃO DOS EFFECTIVOS DE REPRODUÇÃO

Quadros - 1

189

Distrito de Portalegre

Concelhos	Fêmeas em reprodução		Touros
	Efectivo Total	Alentejanas	Alentejanos
Alter do Chão	1 017	701	3
Arronches	694	616	12
Avis	775	310	6
Campo Maior	452	292	5
Crato	1 520	871	20
Elvas	2 890	1 020	20
Fronteira	1 258	1 003	12
Monforte	2 136	1 366	25
Portalegre	1 260	740	22
Sousel	837	495	9
Outros concelhos	3 000	1 000	-
Totais	15 839	8 414	134

Distrito de Évora

Alandroal	1 251	472	12
Arraiolos	2 256	555	11
Borba	308	28	1
Estremoz	1 049	402	7
Évora	5 301	950	12
Montemor o Novo	4 437	1 015	20
Mora	754	514	12
Mourão	1 337	253	3
Portel	1 384	369	2
Redondo	766	271	6
Reguengos de Monsaraz	1 640	191	1
Vendas Novas	1 378	670	-
Viana do Alentejo	2 774	897	15
Vila Viçosa	502	322	6
Totais	25 137	6 909	108

Distrito de Beja

Aljustrel	1 021	200	2
Almodôvar	430	150	3
Alvito	1 073	180	-
Barrancos	1 124	120	-
Beja	2 106	180	-
Castro Verde	325	120	-
Cuba	207	30	-
Ferreira do Alentejo	1 403	120	2
Mértola	482	100	2
Moura	3 053	250	8
Odemira	6 300	5 080	25
Ourique	1 680	500	8
Serpa	1 836	100	5
Vidigueira	158	20	-
Totais	21 198	7 150	55

Distrito de Setúbal (zona alentejana)

Alcacer do Sal	6 239	1 000	6
Grandola	900	500	6
Santiago do Cacém	3 626	2 000	20
Sines	519	300	4
Totais	11 284	3 800	36

Total Geral

73 458

26 273

333

Quadro - 2
Machos em reprodução

Em cada distrito, por nos parecer elucidativo, determinámos a percentagem de touros alentejanos existentes nas vacadas da raça, relativamente ao total dos que estavam a ser utilizados nestas como reprodutores.

Distrito	% de touros alentejanos
Portalegre	46
Évora	19
Beja	7
Setúbal (zona alentejana)	10

Quadro - 3

Fêmeas da raça transtagana nos concelhos do litoral alentejano

Concelhos	Vacas
Alcácer do Sal	1 000
Grândola	500
Odemira	5 080
Santiago do Cacém	2 000
Sines	300
Total	8 880

5. NÚMERO DE CABEÇAS POR EXPLORAÇÃO E SUA DEPENDÊNCIA DA EXPLORAÇÃO AGRÁRIA

Em relação a este ponto, igualmente não dispomos de dados concretos para preenchimento dos quadros exigidos por isso, apenas faremos algumas considerações em relação a 5.1. e 5.3.

5.1. Número de cabeças por exploração

A maioria das explorações com bovinos da raça Alentejana possuem um efectivo superior a vinte cabeças.

Devemos, contudo, referenciar os concelhos da orla marítima alentejana, onde a maioria dos núcleos são constituídos por 2 a 6 animais.

Para além desta zona, mas de reduzida expressão, encontramos, também, grupos de 2 a 6 cabeças nos concelhos de Castelo de Vide e Marvão.

5.3. Dependência do efectivo da exploração agrária em zonas mais representativas.

Como fenómeno lógico, sob o ponto de vista económico, o grau de dependência desta raça da exploração agrária está intimamente ligado à aptidão cultural dos solos das diversas regiões.

Assim, temos que, nas zonas de maior capacidade de produção cerealífera, a pecuária é subsidiária, enquanto que noutras, como o triângulo de Arraiolos e a orla marítima, o sector da produção animal constitui a base da empresa agrícola.

6. ALGUNS DADOS BIOLÓGICOS

Em relação a este ponto, apresentamos os valores médios de toda a região, obtidos a partir do nosso conhecimento directo ou de indicações fornecidas pelas intendências de pecuária.

6.1. Índice de fecundidade

De acordo com os elementos recolhidos pela Estação de Fomento Pecuário do Alto Alentejo, nas condições habituais de exploração o índice oscila de 70 a 80%, estando muito dependente dos recursos alimentares, que como se sabe, variam conforme os anos.

6.2. Desmame

IDADE	PESO	ÉPOCA DO ANO
6 a 8 meses	160 a 200 kg	Maior a Julho

6.3. Crescimento após o desmame

Dado que, na prática, já foi abandonada a recria em regime extensivo, não se verificam reposições diárias inferiores a 500 gramas. Devemos anotar a existência dos regimes semi-intensivo e intensivo.

No primeiro caso, temos como base de alimentação as pastagens semeadas, os fenos e os concentrados, recorrendo-se também, nalgumas unidades de produção, ao uso de silagens, e no segundo caso, temos o concentrado e a palha ou feno.

No sistema à base de cereais, consideramos como mais interessante a utilização do concentrado nos níveis de 2,5 kg por 100 kg de peso vivo.

6.4. Partos

ÉPOCA DO ANO MAIS FREQUENTE	INTERVALO ENTRE PARTOS	TIPO DE ALIMENTAÇÃO
Outono-Inverno	14 - 15 meses	Prados naturais Palhas Fenos Silagens

Normalmente, os partos decorrem sem incidentes, registando-se, contudo, alguns casos de prolapso uterino, que parecem ligar-se a problemas alimentares.

A mortalidade é muito baixa, em condições normais, não podendo, no entanto, quantificar-se por falta de elementos.

6.5. Reprodução

6.6. Métodos de reprodução (percentagens de utilização)

A cobrição natural é o único método seguido por ser o mais adequado ao sistema de exploração.

O touro anda todo o ano na vacada ou é retido durante os meses de Agosto, Setembro e Outubro.

6.6.1. Índice de reprodução

ÍNDICE DE FE CUNDIDADE	NÚMERO DE PARTOS/ANO	I D A D E	
		Ao 1º parto	À reforma
70 a 80%	0,8	± 3 anos	± 9 anos

7. INDICAÇÃO, LOCALIZAÇÃO E GRAU DE INTERFERÊNCIA DE ORGANIZAÇÕES ESTATAIS, GRÉMIOS, FEDERAÇÕES, COOPERATIVAS E ENTIDADES PRIVADAS NA REGIÃO ESTUDADA

7.1. Sua funcionalidade

Os departamentos estatais existentes, quer no sector do melhoramento, quer no sector da comercialização, deverão ser aperfeiçoados e reestruturados para melhor poderem cumprir a missão para que foram criados.

7.2. Perspectivas futuras

Consideramos extremamente urgente que a Direcção-Geral dos Serviços Pecuários defina e ponha em prática uma política de defesa e preservação da raça bovina Alentejana, enquadrada num amplo plano de manutenção das raças nacionais.

8. MOVIMENTO NA UTILIZAÇÃO DA RAÇA

8.1. Finalidades

Como se trata duma população que interessa para o aproveitamento de alimentos muito variáveis no que respeita a qualidade e quantidade, pensamos que o seu melhoramento se deve orientar para a produção de carne, por ser a mais consentânea com o sequeiro alentejano.

12. ASPECTOS DE MELHORAMENTO

Para permitir que o melhoramento da raça se concretize, é necessário:

- 1) Dinamizar o livro genealógico;
- 2) Pôr à disposição dos criadores reprodutores testados;
- 3) Estabelecer prémios aos criadores que façam a criação em raça pura;
- 4) Constituir a Associação dos Criadores da Raça Bovina Alentejana.
- 5) Dispor dum centro de testagem dedicado a esta raça;
- 6) Prosseguir nos estudos destinados ao conhecimento das potencialidades da raça;
- 7) Tentar o seu melhoramento por selecção.

NOTA DE ACTUALIZAÇÃO

De entre todas as raças bovinas autóctones, a raça Alentejana é aquela que mais cedo foi objecto de acções de melhoramento.

O resultado de todas as acções de defesa e melhoramento da raça estão bem patentes nos quadros e gráficos que a seguir se expõem, na qualidade e número de explorações aderentes ao Livro Genealógico e no valor em capital dos animais inscritos. As explorações com criação em raça pura atingem as seis dezenas, distribuídas pelo Alto e Baixo Alentejo, com uma excepção que existe na Companhia das Lezírias, na Região do Ribatejo e Oeste. O preço de uma novilha inscrita e cheia chega a ultrapassar os 100 contos, o que prova o alto valor que estes animais atingiram no mercado.

ANIMAIS INSCRITOS NO LIVRO GENEALÓGICO

ANO	FÊMEAS	MACHOS
1973	812	21
1974	154	9
1975	335	16
1976	921	21
1977	751	14
1978	534	7
1979	400	18
1980	719	26
1981	91	1

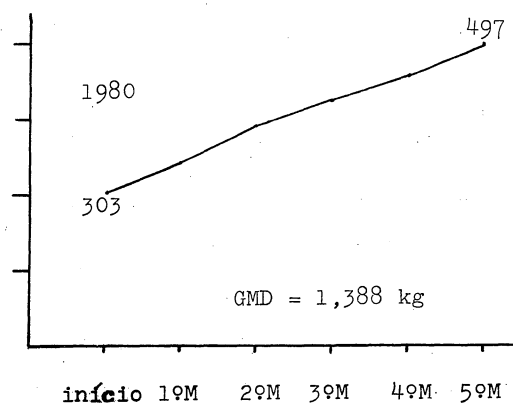
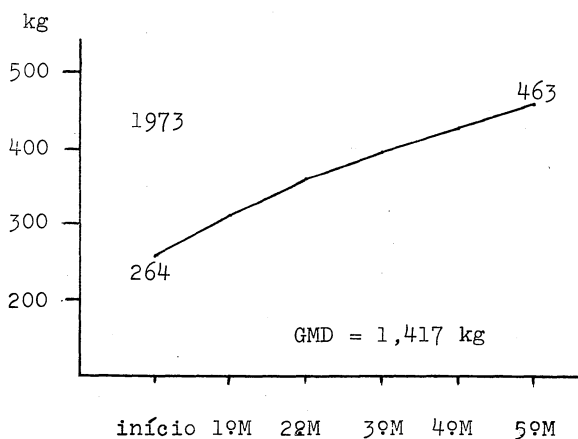
O número de animais inscritos no livro genealógico desde 1973, ano em que se iniciaram os registos, atinge actualmente 4 717 fêmeas e os 133 machos.

Nestes últimos anos, a Direcção Geral dos Serviços Veterinários tem comprado vitelos na altura do desmame que depois de recriados e avaliados nas suas performances, pelos técnicos da Estação de Fomento Pecuário do Alto Alentejo, os que atingem melhores valores, são distribuídos pelos criadores que o solicitarem desde que sejam aderentes ao livro genealógico.

ANIMAIS TESTADOS

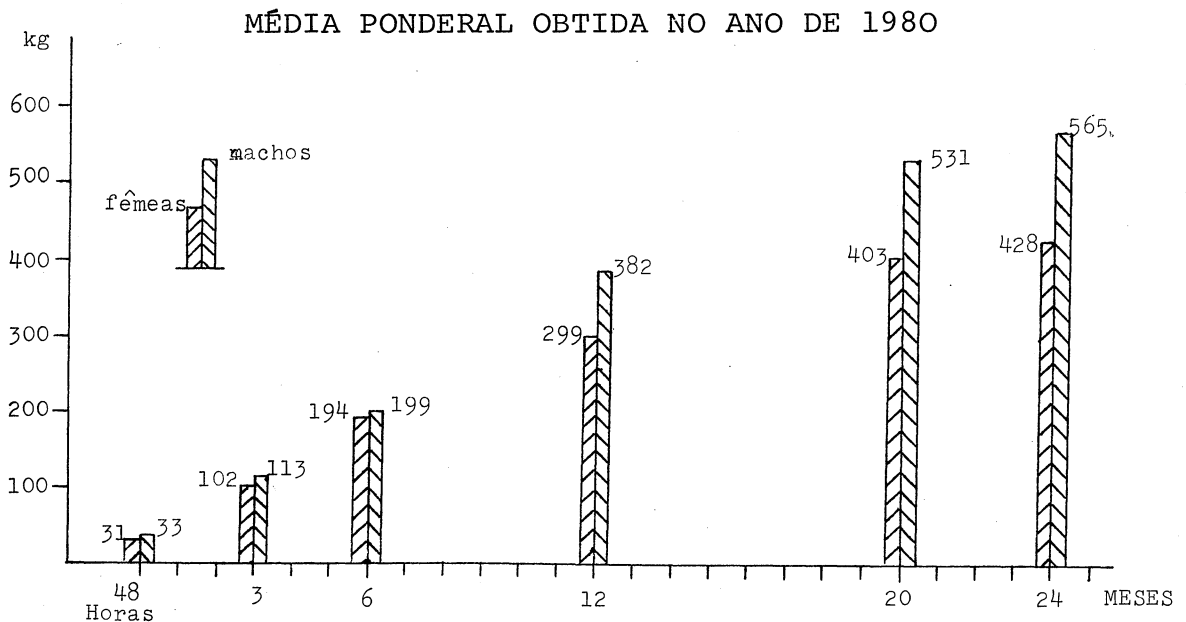
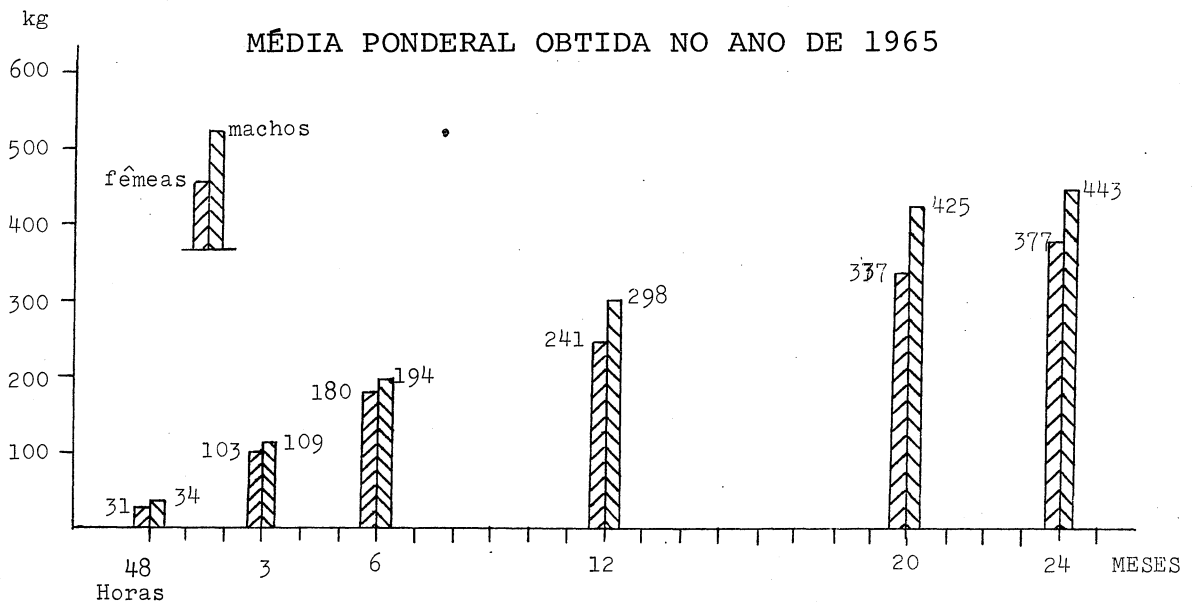
ANO	TOTAL DE TESTADOS	APROVADOS	ELIMINADOS
1973	30	11	19
1974	60	34	26
1975	-	-	-
1976	40	21	19
1977	40	21	19
1978	44	22	22
1979	40	20	20
1980	44	21	23
TOTAL de 8 anos	298	150	148

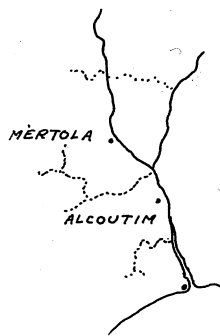
Os valores encontrados nos testes de performance realizados na EFPA, Coudelaria de Alter, ao longo destes últimos anos, provam o alto valor zootécnico desta raça bovina, sendo de destacar os números encontrados para o ganho médio diário que se situa ao nível das melhores raças mundiais.



A diferença de valor encontrada tem a sua justificação no tipo de alimentação utilizado durante o teste. No ano de 1973 a alimentação consistiu em 2Kg de palha por animal/dia e concentrado à descrição, enquanto que no ano de 1980 a palha foi mantida nos 2Kg/animal/dia, mas o concentrado foi reduzido para 2Kg por cada 100Kg de peso vivo/dia. Os testes foram realizados em períodos de 140 dias, que equivalem a 5 períodos de 28 dias.

A comparação da Média Ponderal obtida ao longo dos anos, dá-nos também indicações preciosas para apreciação do progresso verificado nesta população bovina.





mertolenga

PENA MONTEIRO
JOSÉ BETTENCOURT
REIS PEREIRA

RAÇA BOVINA MERTOLENKA

INQUÉRITO PARA A SUA CARACTERIZAÇÃO E SEU SISTEMA DE EXPLORAÇÃO

1. LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA PRINCIPAL REGIÃO-SOLAR DA RAÇA

1.1. No passado

Podemos considerar como principal solar desta raça no passado longínquo o termo de Mértola, Alcoutim e Martinlongo, tal como o relata Silvestre Bernardo Lima. Só que o bovino descrito por este autor não corresponde ao actualmente existente, o que atribuímos a cruzamentos diversos, consoante as regiões secundárias para onde irradiou e que pelo seu maior dimensionamento constituíram, por assim dizer, os solares secundários deste tipo de bovino na sua forma actual.

Assim, mencionam-se quatro origens, que são além de primária, que continua a existir, mas com pouca expressão numérica, todo o concelho de Barrancos e as zonas mais pobres dos de Serpa e Beja, o Vale do Sado e o Vale do Sorraia.

Com características morfológicas um pouco diferenciadas nestas quatro regiões, tanto no que respeita a pelagem como aos caracteres cefálicos, são estes bovinos muito semelhantes no que se refere às características funcionais.

Foi a partir destas zonas que nos meados do século se assistiu à sua maior difusão, verdadeiramente explosiva, por todo o Alentejo, substituindo, em parte, o bovino Alentejano, raça que, pelo seu porte, é muito mais exigente. Esta substituição operou-se, principalmente, nas zonas de pastagens mais fracas, embora também se tenham encontrado alguns núcleos a pastar nos barros de Beja e Elvas.

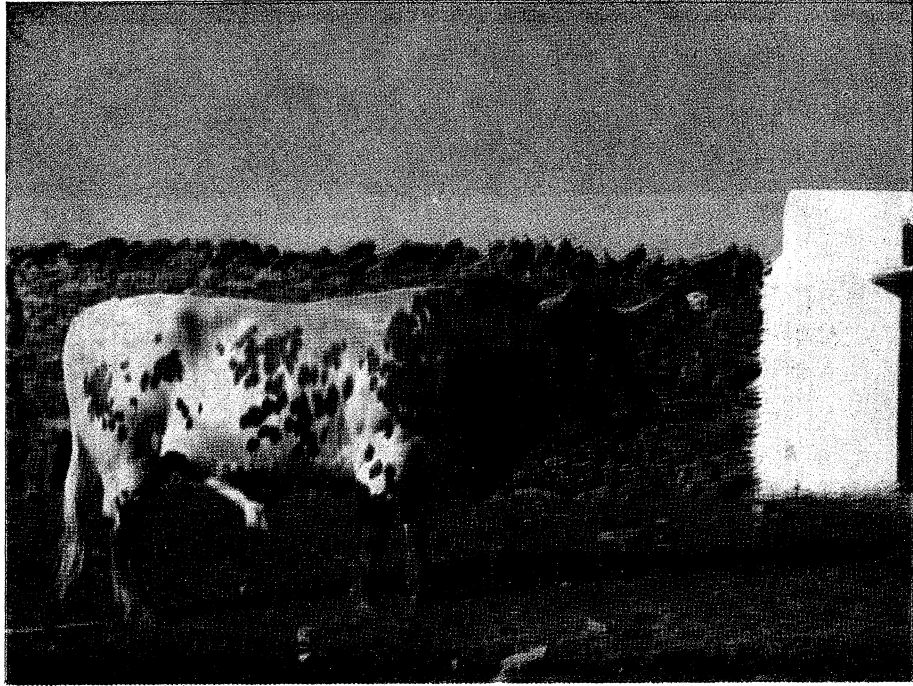
1.2. No presente

Apesar da sua boa fertilidade e notável rusticidade, aliadas a uma regular produção leiteira, suficiente para a amamentação das crias, e a uma quase inexistência de partos distócicos, o fraco desenvolvimento das crias em raça pura tornou esta etnia muito vulnerável à introdução de outras, mais pesadas, de melhor conformação e maior velocidade de crescimento, principalmente da Charolesa, Andaluza e "Limousine", inicialmente, apenas em cruzamentos de tipo industrial, e, mais tarde, de absorção. Entrou-se, então, numa verdadeira anarquia, que condicionou uma muito sensível diminuição dos efectivos puros a partir da década de 70 e a sua substituição por cruzados em diversos graus de absorção. Deve, no entanto, referir-se que esta anarquia foi mais sensível nos solos pascigosos. A introdução do "Limousine" e do Andaluz, de pelagens afins, pode mesmo motivar dificuldades futuras de enquadramento étnico, pondo em risco a já precária pureza desta raça.

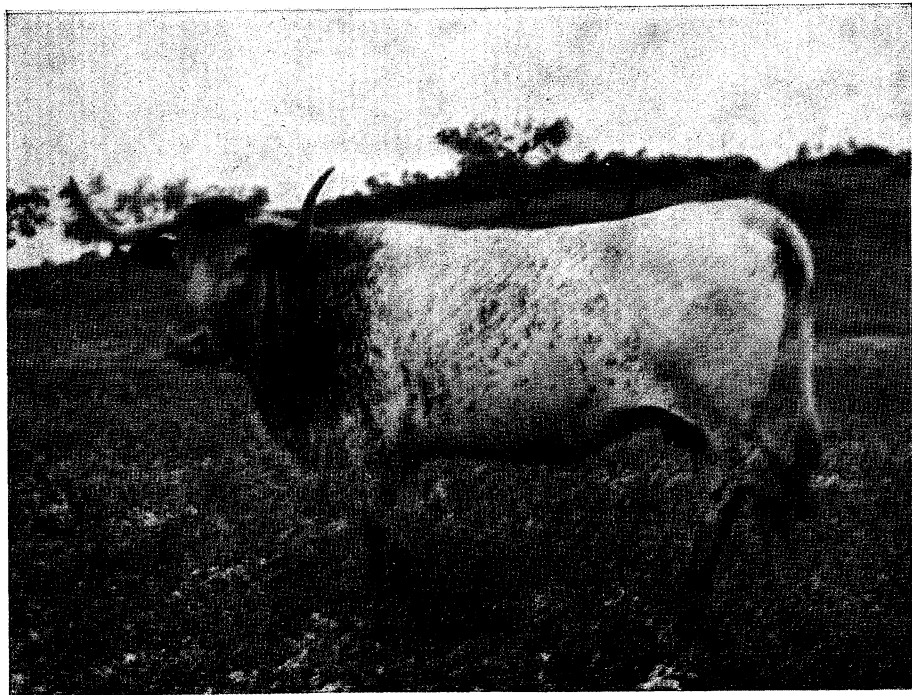
Como consequência desta orientação, e resumindo, constata-se:

- a) diminuição dos efectivos puros;
- b) aumento do número de cruzados, presentes, mesmo, em vacadas consideradas puras;
- c) dispersão do mertolengo nas zonas limítrofes do Tejo, entre este rio e a charneca, apenas vindo à lezíria transitoriamente para aproveitamento de pastagens.

1.3. Perspectivas futuras



MERTOLENGA



Estando a área de difusão do bovino Mertolengo quase totalmente englobada na zona de intervenção da Reforma Agrária, difícil se torna prever perspectivas futuras sem que este processo seja totalmente definido. A substituição empresarial verificada, se for totalmente "controlada" pelos Serviços Oficiais, o que de momento se não dá, pode permitir um melhor aproveitamento desta etnia, disciplinando os cruzamentos e ampliando as multiplicações em raça pura para substituição dos efectivos-base, facto que, em nosso entender, permitirá aumentos substanciais na produção de carne de bovino, por hectare, em regime extensivo.

Se não se conseguir levar a bom termo tal política, por persuasão ou imposição, corre-se o risco da extinção da raça a curto prazo, pela prática mais aliciante, e de momento mais rendível, dos cruzamentos.

2. CARACTERIZAÇÃO - SÍNTESE DA RAÇA

Transcreve-se o padrão da raça, aprovado em Conselho Técnico da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários:

Corpulência e conjunto de formas: tamanho mediano e de formas harmoniosas; esqueleto fino.

Pelagem: vermelha, rosilho mil-flores, vermelho-malhada e malhada de vermelho; contorno das aberturas naturais e mucosas, de cor clara ou ligeiramente pigmentada; são defeitos eliminatórios as cabeças malhadas e cabos brancos.

Andamento: fáceis, enérgicos e correctos.

Temperamento: nervoso.

Adaptabilidade: muito rústica.

Cabeça: tamanho mediano, de frente larga, perfil subconvexo ou recto, espelho claro, por vezes ligeiramente pigmentado, olhos grandes, oblíquos e bem implantados; cornos finos, brancos, escuros nas pontas, de secção elíptica, em forma de gancho, acabados ou em lira baixa; orelhas bem inseridas e providas de pêlos compridos.

Pescoço: curto, bem ligado, com barbela pouco desenvolvida.

Cernelha: de largura média e pouco saliente.

Peito: relativamente destacado; costado bem arqueado.

Região dorso-lombar: recta, horizontal, regularmente musculada e com boa ligação à garupa.

Ventre: muito volumoso.

Garupa: mais comprida que larga, regularmente musculada e com tendência para a horizontalidade.

Nádega: bem descida e convexa.

Coxa: regularmente larga e musculada.

Cauda: fina e de média inserção.

Úbere: bem implantado.

Membros: finos, bem proporcionados e musculados, aprumados, providos de unhas lisas e rijas.

Possui esta raça boas características maternas, até quando as condições de alimentação são deficientes. De referir que a produção leiteira é suficiente para a alimentação das crias, mesmo que provenientes de cruzamentos industriais.

Os machos são muito enérgicos e activos na cobrição.

3. SISTEMAS DE EXPLORAÇÃO E TIPOS DE PRODUÇÃO

Inicialmente muito empregada na produção de trabalho, nomeada-

mente no Vale do Sado e em Alcoutim, no momento actual esta raça é quase exclusivamente utilizada na produção de carne em regime de sequeiro extensivo, tanto em raça pura, como, muito principalmente, em cruzamentos de tipo industrial com as raças exóticas mencionadas atrás e, também, com a Hereford e a Holando-Portuguesa. Apenas, repetimos, no seu primário solar de origem, os pequenos efectivos existentes, na posse de explorações de tipo familiar, são parcialmente utilizados em terrenos não passíveis de mecanização, tanto pelo seu dimensionamento, como, sobretudo, pelos declives existentes.

Além da produção de carne, deve referir-se que os machos castrados desta raça são usados como cabrestos na condução dos rebanhos de raça brava e para recolha dos toiros nos espectáculos taurinos. O pequeno porte do Mertolengo, dando projecção ao toiro, que constitui a figura principal, torna-o preferido para esta função.

Como acções estatais de carácter generalizado, temos a definição do padrão da raça, que será seguida, esperamos, da criação do Livro Genealógicos, que se torna urgente, e os testes de "performance" já realizados na E.Z.N. e na Estação de Fomento Pecuário do Alto Alentejo.

A nível de estabelecimentos zotécnicos, durante a curta vigência da Estação de Fomento Pecuário do Baixo Alentejo, foi levado a efeito trabalho selectivo no efectivo aí existente, esse trabalho teve certa continuidade durante a administração da mesma exploração pela Junta de Colonização Interna, mas foi totalmente interrompido após a integração deste Organismo no Centro Regional da Reforma Agrária de Beja e, a tal ponto que, actualmente, aquele núcleo, que consideramos de real valor, está a ser utilizado em cruzamento industrial com a raça Charolesa. Assim, perder-se-á, se novas normas não forem estabelecidas, um trabalho de quase dez anos que julgamos válido.

A nível de intendências de Pecuária, alguns núcleos têm sido seguidos com programas de selecção fenotípica, contrastes ponderais e registos genealógicos, os quais, também, de momento, estão interrompidos pelo processo revolucionário em curso.

No que se refere a postos de reprodução, não existem nenhuns licenciados, nem se justificam a nível da grande exploração. Pensamos, contudo, como aliás, um dos responsáveis por este escrito já referiu num trabalho apresentado em Beja durante uma feira da Primavera, que seria aconselhável o seu estabelecimento na região de Alcoutim, dadas as características especiais das explorações aí existentes.

4. QUANTITATIVO DE ANIMAIS

Apenas nos é possível apresentar elementos quantitativos deste tipo de bovino em relação ao ano de 1975, os quais, certamente, pecam por defeito, uma vez que foram obtidos durante o inquérito que se realizou no fim do referido ano, integrado no Plano de Emergência do Alentejo. Por, na maioria dos casos, nos não merecerem confiança quanto a pureza étnica, os números apurados em relação ao efectivo em produção - bezerros e bezerras, novilhos e novilhas -, apenas se referem os efectivos em reprodução.

INTENDÊNCIAS DE PECUÁRIA	MACHOS	FÊMEAS
Faro	6	60
Beja	16	1 393
Serpa	42	2 303
Évora	55	7 567
Elvas	14	1 711
Portalegre	4	612
Setubal	60	5 506
Santarém	62	5 500
Castelo Branco	1	30
TOTAL	260	24 682

5. NÚMERO DE CABEÇAS POR EXPLORAÇÃO E SUA DEPENDÊNCIA DA EXPLORAÇÃO AGRÁRIA

É total a dependência do bovino Mertolengo da exploração agrária, sendo mesmo muito reduzida a sua participação em raça pura nas engordas intensivas. Salvo a excepção da zona alcoutineja, que pouca influência exerce no cômputo geral do efectivo, o dimensionamento das explorações é sempre superior a 20 animais. Como número médio, pensamos que este rondará os 50 animais por rebanho.

Dadas as suas características de agrupamento muito rústico, a sua alimentação é, quase exclusivamente, constituída por pastos naturais, apenas suplementada, durante os períodos de carência, com palhas de cereais, pouco feno, e, ainda menos, ração de concentrados. Variáveis são estes períodos, muito dependentes da região a que respeitam e, até da capacidade económica, competência e interesse do empresário. Estimamos, no entanto, que os meses de Outubro a Fevereiro corresponderão aos limites máximos dos períodos referidos.

6. ALGUNS DADOS BIOLÓGICOS

6.1. Índice de fecundidade

É muito elevado o índice médio de fertilidade desta população bovina. Embora a dependência em que este gado está, das pastagens naturais condiciona, por vezes, em anos de fraca ou mal distribuída pluviosidade, o abaixamento, deste índice, repetimos que, apesar disso, Nele é sempre elevado. Julgamos ser de referir que, quando esta etnia é utilizada em cruzamentos industriais, nomeadamente com a raça Charolesa, igualmente se verifica certa quebra de fertilidade, principalmente se as desmamas são tardias e se a zona onde se encontra inserida a exploração é de fracos recursos forrageiros.

6.2. Desmame

Variável é, de uma região para outra, a época das desmamas, condicionadas, como é lógico, pela presença permanente ou não do toiro na vacada. No inquérito mais pormenorizado que em 1968 foi efectuado em grande número de explorações do Alentejo e Ribatejo, verificou-se serem muito díspares neste capítulo os elementos colhidos, não sendo possível estabelecer qualquer motivação válida para os processos usados. Consideramos como mais frequente, nomeadamente nas regiões de fracas possibilidades forrageiras, as desmamas entre Abril e Junho.

Os pesos médios observados em animais com cerca de 6 a 8 meses rondam os 130 quilos para os machos e 115 para as fêmeas, isto no que se refere à raça pura. Variantes superiores têm sido detectadas, mas mais, dependentes, em nosso parecer, da riqueza de pascigo da exploração do que da própria variabilidade da raça, quando seguramente pura.

6.3. Crescimento após o desmame

Dado o pequeno porte desta raça, os crescimentos médios observados após a desmama nas explorações tradicionais são inferiores a 500 gramas diários. A dependência em que estes animais estão da exploração agrária, a natureza dos solos onde mais frequentemente são apascentados, de Primaveras curtas, tal também condicionam. Desmamado o vitelo no fim desta estação, quando ele mais necessitaria, para suprir a perda do leite materno, de uma alimentação mais rica, apenas encontra para se nutrir depauperados restos de gramíneas. A sua boa rusticidade permite-lhe no entanto, subsistir nestas condições adversas, mas com nitida quebra na curva de crescimento, de que apresentamos, no fim deste trabalho, alguns exemplos colhidos em explorações dos concelhos de Barrancos e Moura.

Geralmente não suplementados, aguardam o início da Primavera seguinte para só então terminarem o seu ciclo biológico, com pesos que, por vezes, não atingem os mínimos estabelecidos para poderem ser classificados como novilhos. Tal motivou, em tempos, exposições, dirigidas ao Secretário de Estado da Agricultura no sentido da diminuição daqueles mínimos, que tiveram parecer favorável.

6.4. Partos

A época mais frequente dos partos corresponde aos meses de Novembro a Fevereiro, com intervalos médios de 380 dias.

6.5. Índice de mortalidade até ao desmame

Salvo casos de processos infecciosos, as percentagens de aborto não ultrapassam os 3%, sendo o maior índice de mortalidade verificado entre o nascimento e os 3 meses, que computamos em cerca de 2%. Desta data ao desmame, são raras as baixas, pelo que indicamos apenas 0,5% como valor médio.

6.6. Reprodução

Dado que não se trata de uma raça precoce, a idade ao primeiro parto situa-se na proximidade dos 3 anos. Deve, porém, notar-se que este facto está mais condicionado pelo desenvolvimento corporal do que, propriamente, pela precocidade sexual. Procuram deste modo os criadores, lançando unicamente na reprodução as novilhas aos 2 anos, suprir as carências alimentares por que, em regra este agrupamento animal passa durante o ano, excepto na Primavera.

De um modo geral, o método de reprodução seguido é a cobrição natural, não havendo notícia de postos de reprodução. Como atrás já fizemos referência, a grande maioria dos efectivos estão a ser utilizados em cruzamentos industriais com raças exóticas, numa percentagem que estimamos em cerca de 70%.

Como índice de fertilidade média, aponta-se o valor de 75%, e a idade de reforma, salvo raras excepções, calcula-se que rondará os 9 anos.

7. INDICAÇÃO, LOCALIZAÇÃO E GRAU DE INTERFERÊNCIA DE ORGANIZAÇÕES ESTATAIS, GRÉMIOS, FEDERAÇÕES, COOPERATIVAS E ENTIDADES PRIVADAS NA REGIÃO ESTUDADA

7.1. Sua funcionalidade

Reportando-nos apenas ao sector pecuário, só a Direcção-Geral dos Serviços Pecuários tem tido interferência neste ramo da produção agrária, através

de trabalhos selectivos e de contrastes funcionais.

No caso particular da população bovina Mertolenga, a acção dos Serviços tem sido circunscrita às explorações de criadores mais entusiastas, com todas as limitações que são bem fáceis de avaliar. Apenas na Estação de Fomento Pecuario do Baixo Alentejo, e só durante a sua curta existência, foi possível, como atrás já referimos, trabalhar com certa profundidade o efectivo aí existente.

7.2. Perspectivas futuras

Sem uma definição concreta do processo revolucionário em curso, não vemos possibilidade do estabelecimento de métodos conducentes a uma melhor esquematização da exploração deste tipo de bovino.

Com todo um sistema comercial defeituoso, tanto no que respeita aos animais destinados à reprodução, como para abate para consumo público, a vaca mertolenga é indiscriminadamente utilizada em cruzamentos industriais, que, evidentemente propiciam maiores lucros.

Urge, portanto, e a curto prazo: tentar reproduzir em linha pura, sem grandes exigências selectivas no que respeita às fêmeas, o efectivo existente para a obtenção de novilhas que deverão vir a substituir as inúmeras vacas cruzadas que actualmente, povoam o Alentejo; a estabelecer nas três maiores regiões de produção - Vale do Sorraia, Vale do Sado e Baixo Alentejo - explorações "controladas" pelos Serviços, com núcleos de estudo e selecção, onde, inclusivamente, se deverão levar em linha de conta programas de cruzamentos com contrastes ponderais, índices de transformação, encabeçamentos, etc...

Mais urgente é, ainda, a criação do Livro Genealógico, complementada por testes de "performance", tanto em raça pura como nos diferentes cruzamentos, e pelo "progeny-test".

8. MOVIMENTO NA UTILIZAÇÃO DA RAÇA

8.1. Finalidades

A principal finalidade da exploração desta raça é a produção de carne em regime extensivo de sequeiro, nomeadamente em zonas de menor capacidade de forrageira.

8.2. Venda de fêmeas

Difícil se torna, por falta de elementos responder objectivamente a este quesito. Como atrás já referimos, é reduzida a percentagem de animais explorados em raça pura (cerca de 30%), e daí se pode concluir que, salvo casos de excepção (refugos), todas as fêmeas se destinam à reprodução.

8.3. Venda de novilhos

De igual modo, não podemos especificar o destino dos novilhos produzidos. Dadas as características desta raça, as engordas são de tipo extensivo e finalizadas nos locais de produção. As idades de abate rondam os 2 anos, com pesos de carcaças que dificilmente atingem os 150 quilos.

9. ESTABELEÇA AS POSSIBILIDADES DA ÁREA DEMARCADA COMO SOLAR DESTA POPULAÇÃO PARA A PRODUÇÃO DE FORRAGENS

É difícil pormenorizar, por de certo modo ser muito diversificada, a área de pastagem onde esta população existe. Com efeito, desde os esqueléticos terrenos de xisto de Alcoutim e Barrancos até às lezírias do Tejo, passando pelas arei-

as dos distritos de Évora e Beja e pelas aluviões dos vales do Sorraia e Sado, existe toda uma diversidade de solos onde este bovino permanece e se reproduz, tanto em pureza como em cruzamento. São, no entanto, os pastos naturais que constituem a base da sua alimentação, apenas abundante na Primavera e quase sempre qualitativamente deficiente. A sua adaptação às regiões onde se encontra implantado permite-lhe subsistir e, até, em alguns casos, ser aí considerado como a única opção pecuária possível. O desbravamento de matos, que ainda existem nalgumas dessas regiões, poderá permitir ampliar a área de pascigo disponível.

10. LOCALIZADA NA MELHOR ZONA E DISPONDO DE MEIOS ADEQUADOS CARACTERIZE O MODELO DE EXPLORAÇÃO VIÁVEL DA POPULAÇÃO EM CAUSA

Totalmente dependente da exploração de pastagens naturais, as quais, por seu lado, são condicionadas por diversos factores (solos, rotações culturais e clima), difícil se torna a esquematização solicitada. Inclusive, o modo de pastoreio, que também motiva a dimensão da unidade de exploração, poderá ser alterado pelo parqueamento das pastagens. A diversidade dos encabeçamentos possíveis na vasta zona onde é explorada esta população mais dificulta, ainda a indicação do módulo ideal.

Tratando-se, porém de uma pecuária destinada à produção de carne em sistema extensivo, quanto maior for o dimensionamento da sua exploração mais fácil será o estabelecimento de técnicas de manejo apropriadas e o cabal aproveitamento das suas reais potencialidades.

Em relação ao efectivo de manutenção, as oscilações sofridas ao longo dos dois últimos decénios invalidam qualquer cálculo estimativo tornando-se necessário, para o efeito, a definição de directrizes para a produção de carne em sequeiro e sua relação com a exploração cerealífera. Considerando, portanto, impossível definir, de momento, o efectivo necessário de fêmeas em reprodução, podem, sim, estabelecer-se percentagens necessárias à sua manutenção. Devido à necessidade da adopção de medidas tendentes ao melhoramento zootécnico, é nosso parecer ser necessária uma taxa de renovação entre os 10 e 15% e condicionar como deve ser o ciclo reprodutivo. Perante a dependência deste gado das pastagens naturais, em relação ao efectivo-base consideram-se necessários 2 a 3% de toiros de cobrição.

Reportando-nos apenas à produção em raça pura, a engorda dos novilhos é feita, geralmente, em regime de pastoreio primaveril, dependendo a sua duração da capacidade forrageira das diferentes regiões, sobre as quais já tecemos considerações.

Tem-se, ultimamente, observado que no fim da Primavera, nas zonas mais pobres, o acabamento é feito à custa de concentrados. No vale do Tejo, com a mesma finalidade, existe transumância para as lezírias e, mesmo, para o norte, deste rio.

11. CONTRIBUIÇÃO PARA O ABASTECIMENTO DA REGIÃO E FORA DELA

Continuando a reportar-nos apenas aos animais criados em raça pura, o seu consumo para abastecimento público é feito, principalmente, junto dos grandes centros - Lisboa, Porto e Setúbal - e, de um modo geral, em todo o Ribatejo. Difícil, igualmente, se torna determinar o seu quantitativo, dada a elevada percentagem da utilização desta raça em cruzamentos.

12. ASPECTOS DE MELHORAMENTO

Devido à grande heterogeneidade morfológica da população em cau

sa, é difícil considerar o seu melhoramento sob as formas mais clássicas, quiçá, até, já ultrapassadas pelas técnicas actuais da produção bovina.

Havendo, como atrás já referimos, certa uniformidade nas suas características funcionais, é principalmente sobre elas que devemos desenvolver a nossa acção, sem introdução de outras etnias, que, podendo melhorar a conformação, iriam, certamente, exercer papel nefasto nalguns dos seus melhores atributos - rusticidade, prolificidade e pequeno porte. Através de criteriosa selecção nos núcleos puros existentes, deverá tentar-se melhorar a conformação. As estruturas existentes de apoio a esta população bovina estão radicadas nas intendências de Pecuária, as quais apenas têm contado com a boa vontade e o espírito de colaboração de alguns criadores mais entusiastas. Os condicionalismos resultantes das acções assim desenvolvidas inutilizaram grande parte do trabalho produzido, sempre dependente da vontade, nem sempre firme, desses criadores. Vários técnicos, ao longo dos anos, têm-se dedicado ao estudo deste tipo de bovino, quer fazendo o seu enquadramento étnico, quer definindo as suas condições de exploração, quer intervindo até mais directamente em núcleos que procuraram estudar e melhorar. Existindo entre eles, como de certo modo é natural, algumas divergências quanto a definições de tipo e métodos particulares do seu melhoramento, todos eles, e, até, alguns criadores mais evoluídos, são concordes na necessidade da criação de um Livro Genealógico que até à data não foi possível pôr em funcionamento. Esta será, quanto a nós, a acção prioritária a desenvolver.

Como forma de apoio a este livro, mister se torna que sejam estabelecidos, em explorações estatais a criar nas regiões que atrás referimos, núcleos bem dimensionados, a fim de preservar a raça e mais profundamente a estudar nas suas diversas formas de utilização - raça pura e cruzamentos industriais. A testagem dos sementais poderá, dessa forma, ser feita, assim como testes de "performance" de animais puros e cruzados.

Tentar definir um tipo de organização racional desta raça é papel sedutor com que já temos sonhado e que, até, a nível privado, foi possível pôr em execução numa exploração bem dimensionada. Consideramos que este tipo de bovino, de pequeno porte, boa fertilidade, excelente rusticidade, produção leiteira suficiente para alimentação das crias e quase inexistência de distócias é aquele que em cruzamentos industriais maior aptidão possui para a produção de carne em regime extensivo nos mais variados tipos de solo.

Num resumido esquema de utilização, que repetimos, já foi ensaiado com êxito numa exploração privada e que o processo revolucionário em curso permitirá generalizar, a raça pura seria explorada nas regiões de solos mais fracos para a produção do efectivo-base, daí saindo as fêmeas excedentes, após o primeiro parto, para outras explorações implantadas em melhores solos, que apenas fariam os cruzamentos industriais com as raças exóticas a eleger, entre as quais julgamos ser de dar preferência à Charolesa e à "Limousine". Todos os produtos aí obtidos, machos e fêmeas, teriam o destino obrigatório do abate, após operação de engorda, extensiva ou intensiva, condicionada, uma e outra, à disponibilidade do País em matérias-primas. Mesmo independente do processo em curso, as explorações dedicadas à raça pura teriam de receber pela menor valorização dos machos uma compensação adequada nas fêmeas destinadas à reprodução. Bem dimensionados e localizados estes núcleos de fêmeas reprodutoras, muito facilitada seria a acção de melhoramento e, até, de luta antibrucélica, com a obrigatoriedade de vacinar com a vacina B19 todas as vitelas nascidas, tarefa da mais fácil execução dado o "contrôle" a que estariam sujeitas.

Julgamos, para já, ser fácil a utilização deste esquema no concelho de Barrancos, onde é tradicional e ainda bem dimensionada a exploração deste tipo bovino e onde existem efectivos de muito regulares caracterís-

ticas étnicas. A substituição dos núcleos cruzados existentes nas regiões vizinhas será então mais fácil, embora tenha de ser gradual, facto que poderá, até, ter vantagens, por demonstrativo, na melhor aceitação do método. Maiores encabeçamentos poderão ser obtidos, dada a menor ração de conservação que este bovino exige, quando comparado, nomeadamente, com os cruzados de Charolês em diversos graus de absorção, e até, o futuro o dirá, em relação à raça Alentejana. Consequentemente, aumentará a rentabilidade da exploração bovina, devido aos menores custos da ração de conservação e à maior produtividade por hectare.

Serpa, 21 de Junho de 1976

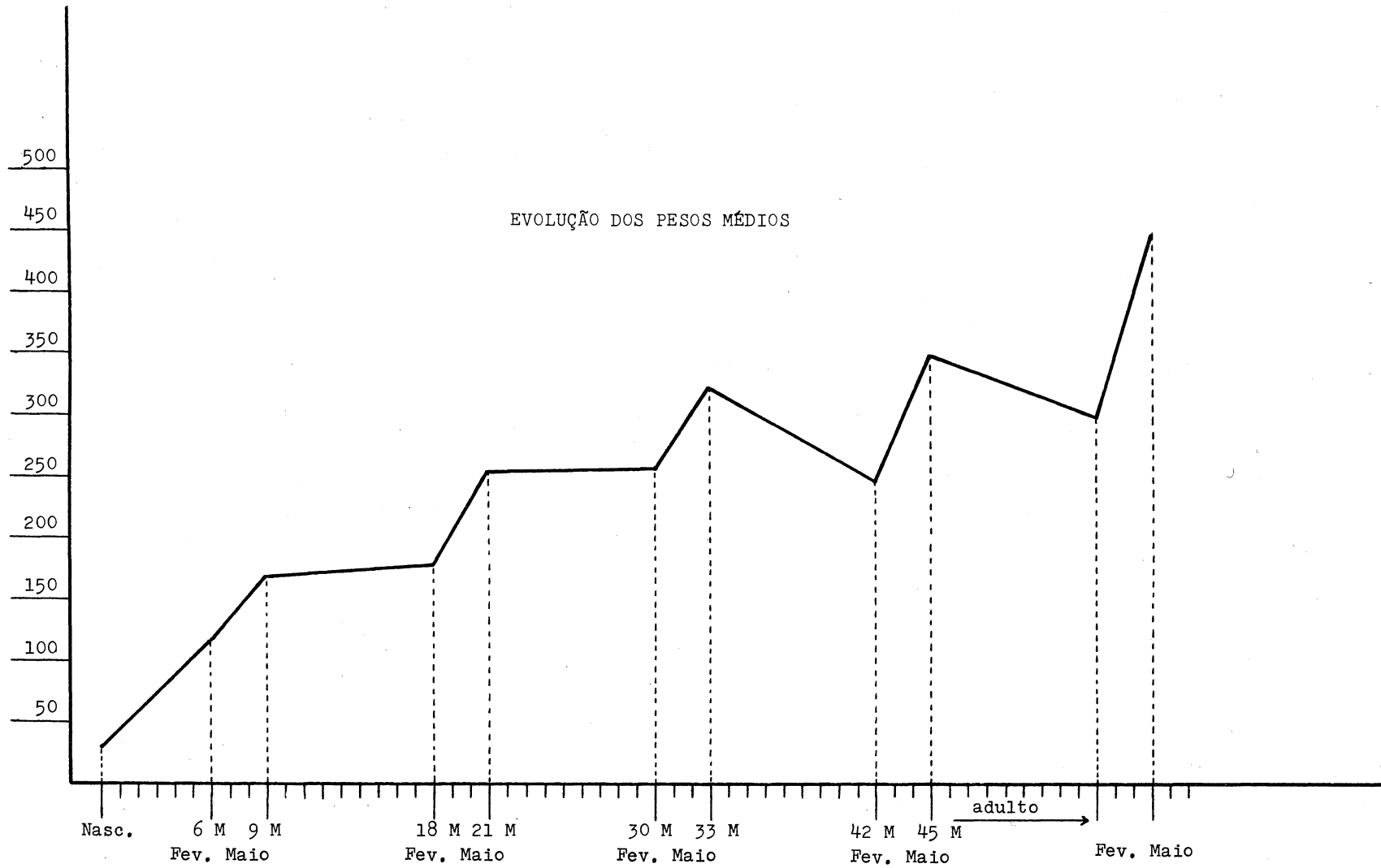
PESOS MÉDIOS DE ANIMAIS NAS DIVERSAS IDADES

RAÇAS	PESO MÉDIO À NASCENÇA Kg		PESO MÉDIO AOS 6 MESES Kg		PESO MÉDIO AOS 12 MESES Kg	
	DEZEMBRO A MAIO	JUNHO A NOVEMBRO	DEZEMBRO A MAIO	JUNHO A NOVEMBRO	DEZEMBRO A MAIO	JUNHO A NOVEMBRO
Mertolenga	M= 25,8 F= 23,1	M= 24,7 F= 24,1	M= 137,2 F= 110	M= 124 F= 121,4	M=170,7 F=175	M= 199,5 F= 160,7
Charolesa x Mertolenga	M= 32,5 F= 30	M= 30,5 F= 27,8	F= 137	M= 143,8 F= 142		
	M= 32,3 F= 29,1	M= 29 F= 27,6	M= 178,9 F= 169,5	M= 179,3 F= 167,6	M= 263,1 F= 224,4	M= 292,5 F= 240
Hereford x Mertolenga	M= 27,6 F= 25,1		M= 152 F= 138,6		M= 153,6 F= 151,3	
Stª Gertrudes x Mertolenga	M= 29,5 F= 27,6	M= 27,6 F= 24	M= 170 F= 128,6	M= 151,3 F= 135	M= 266 F= 206,4	M= 298,3 F= 236

PESOS MÉDIOS DE ANIMAIS ADULTOS - VACAS - , REFERENTES ÀS ÉPOCAS
 DE ABUNDÂNCIA E PENÚRIA DE PASTAGENS

LOCALIZAÇÃO DA EXPLORAÇÃO	Nº DE ANIMAIS PE- SADOS (ADULTOS)	PESO MÉDIO EM MAIO Kg	PESO MÉDIO EM FEVEREIRO Kg	DIFERENÇAS EM %
Barrancos	63	441,700	295,500	33,1
Barrancos	55	450,100	314,000	30,2
Moura	50	432,250	357,700	17,2

EVOLUÇÃO DOS PESOS MÉDIOS



NOTA DE ACTUALIZAÇÃO

A população bovina Mertolenga pertence ao grupo daqueles que correm sérios riscos de extinção.

Estes animais cuja definição como raça, é matéria que até hoje ainda não deixou de ser pacífica, em virtude da sua heterogenidade, estão a ser seriamente ameaçados pelo valor económico impostos pelos marchantes aos animais cruzados em especial com o charolês.

Tendo em vista preservar e melhorar os animais existentes, a Direcção-Geral dos Serviços Veterinários instituiu em 1977 o Registo Zootécnico. De então para cá e de colaboração com a Direcção Regional do Alentejo foram inscritos 1 968 fêmeas e 56 machos, distribuídos pela seguinte forma.

ANO	FÊMEAS	MACHOS
1978	934	26
1979	314	6
1980	159	10
1981*	561	14
*(meados)		
TOTAL	1 968	56

Foi igualmente neste período que se desenvolveu, dando uma certa continuidade, uma outra acção de grande interesse zootécnico que são os testes de performance.

Os resultados são os que a seguir se apresentam e que são bem elucidativos quanto às potencialidades contidas naquela população bovina.

DESCRIÇÃO	ANO		
	1978/79	1979/80	1980/81
Animais Entrados	36	12	10
" Reprovados	24	4	2
" Aprovados	12	8	8
Média peso inicial	211 kg	252 kg	228 kg
" " final	340 "	393 "	387 "
Aumento médio diário	0,714"	0,714 "	0,881 "
Média da reposição	129 "	141 "	159 "
Variante superior	402 "	510 "	420 "
" inferior	270 "	300 "	285 "

Anteriormente a estes testes, foram feitos uns outros de colaboração com a Estação Zootécnica Nacional, mas devido às diferentes condições de manejo e alimentação os resultados encontrados foram bastante diferentes, pelo que não nos parece legítimo comparar com os que atrás estão expostos.

algarvia

JAIME ROSADO
MENDES DE ALMEIDA
MACHADO GOUVEIA
MARCELINO SOBRAL
SILVA LOBO

RAÇA ALGARVIA

INQUÉRITO PARA A SUA CARACTERIZAÇÃO E SEU SISTEMA DE EXPLORAÇÃO

1. LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA PRINCIPAL REGIÃO-SOLAR DA RAÇA

1.1. No passado

A área de exploração da raça Algarvia "encontra-se perfeitamente definida por uma linha que, partindo de Aljezur, contorna a zona do seu planalto, segue o limite do barrocal até Portimão, inflecte-se para o norte até Monchique, circunda ao largo as alturas de Fôia e da Picota, regressa ao barrocal, que não mais larga até ao concelho de Castro Marim, para aí se espriar ao longo dos seus sapais e margem direita do Guadiana".

Esta zona, com cerca de 170 000 hectares, é composta por terrenos secundários relativamente férteis e por pequenas manchas modernas encostadas a formações terciárias e pelo afloramento eruptivo constituído por foiaito. Caracterizam esta zona os solos derivados dos sianitos, também relativamente férteis, que, devido a uma forte pluviosidade e abundância de nascentes, produzem muita forragem.

Para além desta zona, por todo o Algarve fazia-se mais ou menos a multiplicação da raça, dependendo fundamentalmente, das flutuações do mercado - preço e consequente procura.

1.2. No presente

Actualmente, quase não existem bovinos da raça Algarvia com as características descritas pelos autores. Hoje, povoam o Algarve, inclusive a área descrita na alínea anterior, bovinos "Chamuscos", cruzados de "Limousin" e de "Charolês". Em menos de 10 anos, foi radical a transformação que se operou na bovinicultura algarvia, muito mais do que a operada no Alentejo.

A transformação deve-se, por um lado, à modificação que sofreu o sector agrícola, traduzida no aumento das culturas horto-industriais e da fruticultura e na consequente diminuição das áreas dedicadas às forragens, e, por outro, à comodidade que representa "fazer novilhos" segundo o sistema concentrado + palha.

É natural que assim tenha acontecido e que essa zona, portanto, tenha passado a ser de multiplicação, de recria e engorda, porque a zona afectada pela transformação agrícola corresponde àquela onde se fazia a exploração da raça Algarvia.

Consequentemente, as zonas tradicionalmente de multiplicação do algarvio, ficando sem possibilidades de se abastecerem ali de fêmeas, procuraram, como é óbvio, outros mercados, tendo assim passado, por razões determinantes, os animais a ser fornecidos a partir do Alentejo, e, por aí haver mais, dos concelhos do litoral.

Assim se explica que se encontrem, hoje, chamuscos por todo o Algarve.

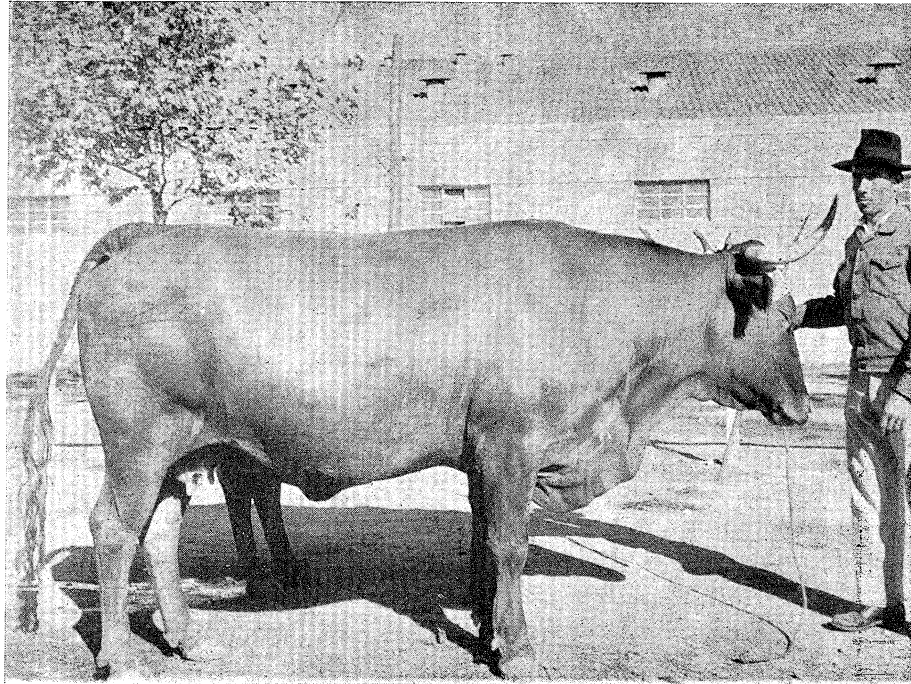
Contribuiu ainda, para o total desaparecimento da raça Algarvia, um outro fenómeno, que afectou os núcleos de fêmeas que se mantiveram; a introdução de reprodutores "Limousin", puros ou com infiltração desta etnia.

É isto que se nos oferece dizer sobre o que nos foi pedido acerca da raça bovina Algarvia.

EVOLUÇÃO DO EFECTIVO BOVINO NO ALGARVE

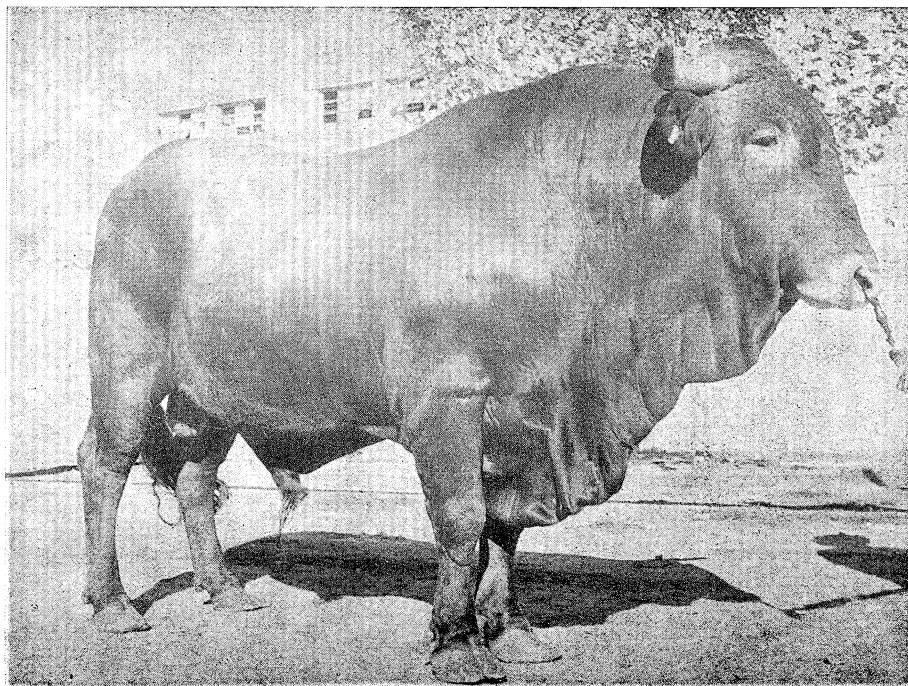
1940	- {	N/ Leiteiros	{ Machos	5 213	TOTAL	{	Machos -	5 628		
			{ Fêmeas	16 532			Fêmeas -	18 469		24 097
	- {	Leiteiro	{ Machos	415		{	Fêmeas -	<u>18 469</u>		<u>24 097</u>
			{ Fêmeas	1 937						
1955	-	Leiteiros e não Leiteiros	-		{	Machos -	5 548			
					{	Fêmeas -	<u>22 575</u>	<u>28 123</u>		
1972	- {	N/ Leiteiros	{ Machos	9 031		{	Machos -	10 363		
			{ Fêmeas	9 951			Fêmeas -	18 725		29 088
	- {	Leiteiro	{ Machos	332 (pelo menos)		{	Fêmeas -	<u>18 725</u>		<u>29 088</u>
			{ Fêmeas	8 774						

Por este quadro, podemos verificar que houve redução das fêmeas em reprodução, em benefício dos machos em recria e engorda, devido às razões enunciadas no texto.

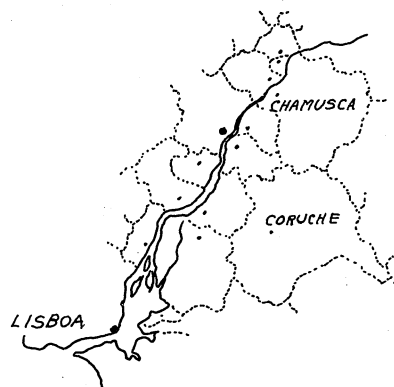


1.º PRÉMIO FÊMEAS ADULTAS — LAGOS

ALGARVIA



1.º PRÉMIO NOVILHOS — LAGOS



brava

PENA MONTEIRO
JAIME ROSADO
ALMEIDA LUCAS

RAÇA BOVINA BRAVA

INQUÉRITO PARA A SUA CARACTERIZAÇÃO E SEU SISTEMA DE EXPLORAÇÃO

1. LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA PRINCIPAL REGIÃO-SOLAR DA RAÇA

1.1. No passado

Podemos considerar como solar da raça Brava, no passado, toda a vasta região do Vale do Tejo, desde Vale de Figueira (Santarém) a Alcochete.

Em nossa opinião, atendendo a um passado remoto, esta raça fixou-se na região que, de acordo com as características rústicas que lhe são inerentes, alia a extensão despovoada e florestada (zona de charnecas), a proximidade de água e períodos de pastagens abundante após as cheias, então frequentes (zona de lezírias).

Portanto, havia uma complementação da alimentação com o esconderijo exigido pelo estado selvagem dos animais.

1.2. No presente

1.2.1. Posteriormente, num presente remoto, quando iniciado o desbravamento das terras de alta potencialidade, conseqüente ao aumento populacional e fixação demográfica, houve necessidade de recorrer a animais que, além de rústicos, tivessem esquelito e índole para superarem as dificuldades que oferecia o arroteamento das terras, constituíram-se, assim, as chamadas "tralhoadas", frequentes há poucas dezenas de anos e só ultrapassadas pela mecanização, as quais não eram mais que juntas desses animais, em número variável, castrados e amansados, que tiravam charruas na subsolagem e posteriores lavras.

Mas, como esta raça na preparação para o trabalho anteriormente referido apresentava características de acometividade que permitia a diversão das gentes, vulgarizou-se a realização, em recintos fechados, das operações de manejo, surgindo, então, o espectáculo tauromáquico como conseqüência da acometividade exibida noutra operação. Permitindo a exaltação da destreza de alguns pelo seu cunho popular, esse espectáculo rapidamente se difundiu e aperfeiçoou, merecendo que os proprietários mantivessem a raça na sua região-solar não só para o trabalho, mas, também, como fonte de rendimento através das características de bravura.

1.2.2. Iniciada a selecção de gado para esse fim pelo carácter bravura e fixada a raça para o espectáculo tauromáquico, verifica-se paralelamente uma mecanização da agricultura que leva à sua exclusão como fonte de trabalho da terra.

Logo, impõe-se a raça como produto para a lide, ocorrendo naturalmente a dispersão do seu solar, conforme mapa anexo.

1.2.3. A dispersão do solar fundamenta-se em múltiplas causas. Contudo, parecem-nos dever realçar as seguintes:

- a) alargamento da zona de aceitação do espectáculo tauromáquico, e, concomitantemente, não só a necessidade de criação de núcleos animais aí, para mais fácil utilização, mas, também, o entusiasmo de proprietários diversificados pela raça Brava.
- b) valorização das terras de cultura e aproveitamento do terreno de inferior qualidade com base na rusticidade da raça.
- c) progressivo conhecimento da fisiologia animal que conduz à preferência de pastos de sequeiro, pequenos e finos, ricos em nitrogénio, em oposição aos pastos de regadio ou de terrenos pluviosos, produtores de

erva de escasso poder nutritivo, implicativo de refeição muito abundante com o conseqüente desenvolvimento do abdómen e encurtamento das formas.

1.2.4. Assim, actualmente, surge-nos a raça bovina Brava com um solar que ocupa o Ribatejo, o distrito de Setúbal, o Alto e o Baixo Alentejo. (ver mapa anexo)

1.3. Perspectivas futuras

A instalação de uma ganadaria brava exige terreno adequado em qualidade e extensão, mas, sobretudo, em extensão, pois não esqueçamos que esta raça bovina pressupõe um adrestamento muscular que lhe é inerente.

Sem esse adrestamento, o animal deixará a desejar em aptidão e bravura, ressentindo-se o coração e o sistema circulatório; o alvéolo pulmonar acusará um ritmo mínimo de trabalho nas trocas gasosas; o fígado não terá as reservas de glicogénio necessárias ao "stress" da lide; os ligamentos articulares e os músculos não estarão exercitados funcionalmente; o sistema nervoso não actuará psico-instintivamente; etc.

É, assim, que, integrado numa ecologia, digamos, de extensão, nos surge a raça Brava, condicionada, futuramente, pela Reforma Agrária.

As serras de inaptidão cultural, os terrenos xistosos de má clivagem, portanto, de difícil aproveitamento, e a diversa florestação com implantação de sofríveis pastagens no sobcoberto poderão ser albergues de futuras ganadarias bravas.

Portanto, cremos que o solar da raça Brava virá a ser condicionado a estas características ecológicas, e, como tal, sofrerá várias dispersões.

2. CARACTERIZAÇÃO-SÍNTESE DA RAÇA

Os bovinos da raça Brava pertencem a uma arcaica variedade zoológica que poderemos classificar de anacrónica, extirpada radicalmente em quase todo o mundo, excepção da Península Ibérica, Sul da França, México e alguns países da América do Sul.

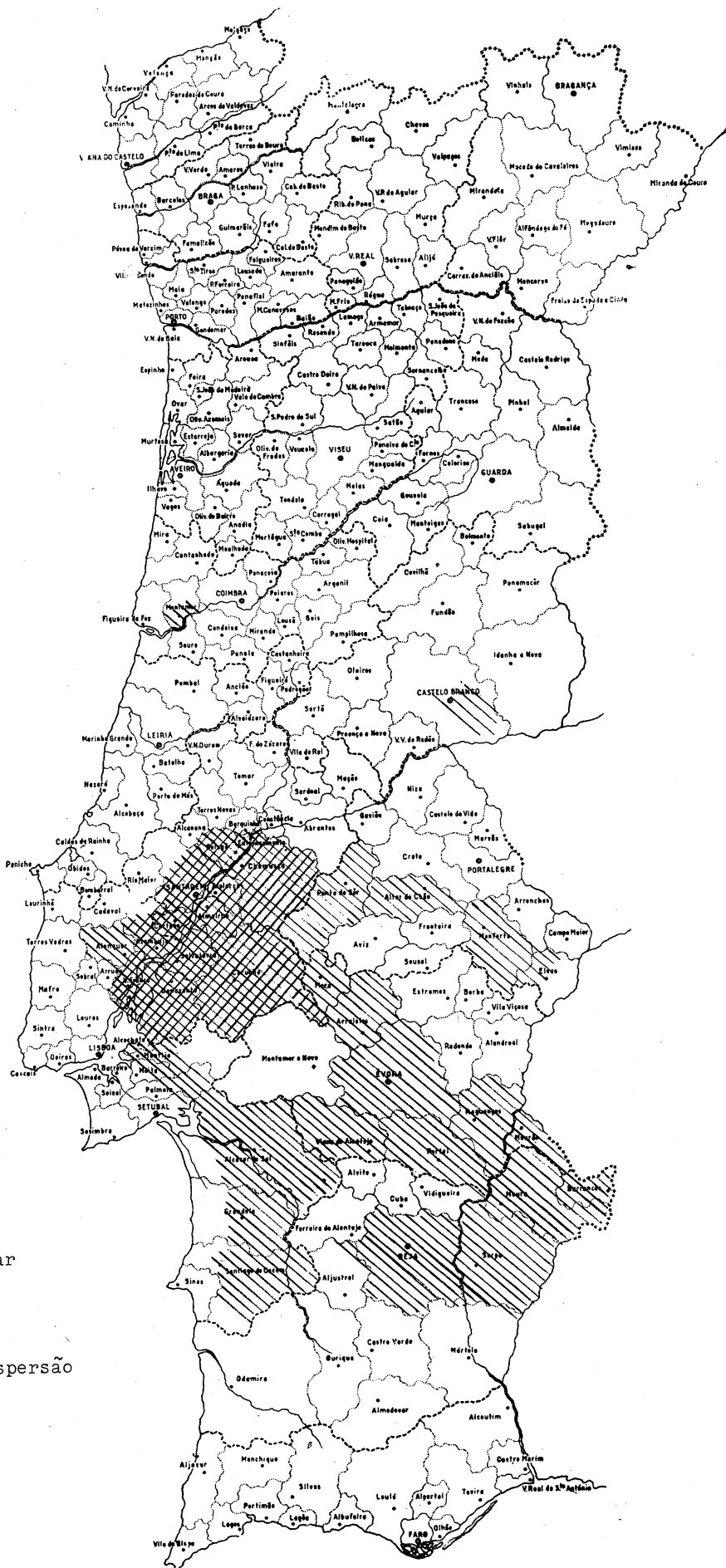
O tipo originário foi um "Bos primigenius" chamado pelos alemães "aurochs" e que os primitivos germânicos e celtas designavam com um nome que, aos ouvidos latinos, soava como "URURS", animal feroz e de grande tamanho.


Foi o cultivo da qualidade de ferocidade, adjuvado pelos acidentes externos do clima, vegetação e alimentação, que perpetuou a raça na Península Ibérica.


O bovino Bravo é um animal completo, de valiosa aptidão psicofísica com atributos biotemperamentais que o singularizavam das demais raças bovinas, requerendo para a sua criação um delicado processo que visa o equilíbrio do seu património biológico - tamanho, força e carácter bravura.

J.M.Cossio, no seu tratado "Los Toros", define-o como um "mamífero ruminante, com cerca de 2,5 metros de comprimento, desde o focinho à inserção da cauda, e cerca de 1,5 metros de altura. Cabeça grossa, armada de dois cornos, pele dura com pêlo curto e cauda cerdosa. Membros finos e feroz quando provocado."

Contudo, podemos afirmar que, como bovino de porte médio, a raça Brava varia muito morfológicamente, em tipo, tamanho e pelagem, conforme as castas de origem;



 Região Solar

 Área de Dispersão

a Andaluza, a Castelhana, A Navarra e as exóticas de Portugal e França.

A terminar, registre-se a ficha zoológica da raça Brava, no grupo dos animais metazoários:

TIPO	VERTEBRADO	FAMÍLIA	CAVICÓRNEOS
Classe	Mamífero	Subfamília	Bovino
Subclasse	Monodelfo	Género	Bos L.
Ordem	Ungulado	Espécie	Bos taurus L
Subordem	Artiodáctilo	Raça	Bos taurus africanus
Secção	Ruminante	Sub-raça	Brava

3. SISTEMAS DE EXPLORAÇÃO E TIPOS DE PRODUÇÃO

Dadas as características da raça, como se depreende, o sistema da exploração é, forçosamente, extensivo.

3.1. Grau de dependência do trabalho no campo

Como a raça impõe propriedades vedadas e compartimentadas, a mão-de-obra é, circunstancialmente, reduzida.

Resume-se a uma vigilância de ordem geral, não ocupando mais que duas ou três pessoas fixas, ajudadas quando necessário, nos trabalhos de apartação, ferras, tentas, desmames, etc., por indivíduos trabalhadores de outras actividades ou colegas de explorações vizinhas.

Dentre os considerados fixos, existe um - o maioral - que, naturalmente, é pessoa entendida em assuntos ganadeiros e caracterizada pela honradez e carinho pela exploração. É um conhecedor de todas as reses e da sua ascendência, colaborando, eficazmente, com o ganadeiro, e dele dependerão os outros trabalhadores fixos, os quais saberão, por certo, montar a cavalo para maneio da ganadaria. É esta, portanto, a dependência do trabalho (mão-de-obra) em relação a uma ganadaria brava, visto que a outra dependência, encarada no sentido inverso que o título do capítulo pode sugerir, ou seja, a contribuição da raça para o trabalho de preparação de outras produções agrícolas, foi ultrapassada pela mecanização, como já se referiu.

3.2. Produção de leite

Pelas características da raça, obviamente, será impossível indicar números relativos a esta produção, destinada, exclusivamente, ao aleitamento das crias, pois não se conceberá outro aproveitamento, como é natural.

Normalmente, as fêmeas produzem leite suficiente para 8 a 9 meses de recria, verificando-se, nalgumas, alta produção, pois já temos encontrado vacas que criam 4 e 5 vitelos rejeitados por outras mães.

3.3. Produção de carne

A carne não é uma das formas de aproveitamento primordial desta raça,

mas, sim, um subproduto. No entanto, a boa conformação morfológica destes animais traduz-se num elevado rendimento de carcaça, que rivaliza com o de qualquer outra raça bovina.

Além disso, a rusticidade da raça, que se alimenta e cresce em terre nos onde o encabeçamento de qualquer outra é sempre menor, levam-nos a encará-la como uma fonte de produção de interesse económico considerável, até porque a qualidade de súpida é excelente, pois a engorda é progressiva e o touro não tem "o grão" nem a gordura provocada pelas engordas precoces e de outra natureza.

A obtenção do Fl, neste sector carne, é também importante, visto que no âmbito duma vacada brava são de considerar os resultados de cruzamento com outras raças tipicamente de aptidão de carne, nomeadamente a "Hereford", Turina, "Limousine" e "Aberdeen-Angus". Em Espanha, obtêm-se resultados excelentes, que já constituem uma directiva, aproveitando a rusticidade e adaptação ambiental da raça Brava e a precocidade e desenvolvimento das raças referidas. Assim, o aproveitamento de fêmeas da raça Brava para esse cruzamento processa-se através dos refugos de tenta, que, em vez de seguirem o caminho do matadouro, vão engrossar o património pecuário nacional.

3.4. Outras produções

Aqui se insere a verdadeira aptidão desta raça, ou seja, através do coeficiente de bravura, cuja alta valorização dependerá do grau de selecção das várias ganadarias.

Registe-se que esta valorização tem aumentado progressivamente em Portugal, e, em Espanha, excede largamente o valor carne.

3.5. Esquemas de acções estatais existentes

Não houve até ao momento qualquer intervenção estatal de apoio ou fomento da raça, pois a existência, no âmbito da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários, de um livro de Registo de Nascimento de machos traduz-se, apenas, num esquema de arrolamento.

O acentuado índice de bravura da maioria das nossas ganadarias deve-se, exclusivamente, à esforçada "aficcion" dos criadores.

Contudo, a convulsão político-social que atravessamos, atingindo zonas onde se encontram excelentes ganadarias faz perigar tanto o nível como a sobrevivência de algumas. Daí, ser importante afirmar a imprescindibilidade duma intervenção imediata do Estado na definição de uma política tendente a salvaguardar aquele património.

4. QUANTITATIVO DE ANIMAIS

Os efectivos que se indicam são os que se submeteram à Campanha de Saneamento da Tuberculose dos Bovinos de Castas não Leiteiras nos anos de 1966, 1970 e 1974.

4.1. Machos e Fêmeas

ZONAS DO SOLAR	Machos			Fêmeas		
	1966	1970	1974	1966	1970	1974
Ribatejo	2 055	2 549	2 493	3 786	4 136	4 344
Setúbal	524	764	884	1 082	1 459	1 629
Alto Alentejo	652	1 287	1 566	1 560	2 547	2 496
Baixo Alentejo	365	446	561	730	611	948
TOTAIS	3 596	5 046	5 504	7 158	8 753	9 417

ZONAS FORA DO SOLAR	Machos			Fêmeas		
	1966	1970	1974	1966	1970	1974
Castelo Branco	17	14	8	30	43	24
Coimbra	92	111	59	58	215	232
Açores						

4.2. Grupos etários

ZONAS DO SOLAR	MACHOS								
	Até 2 anos			De 2 a 3 anos			Mais de 3 anos		
	1966	1970	1974	1966	1970	1974	1966	1970	1974
Ribatejo	626	721	795	797	816	830	632	1 012	868
Setúbal	204	268	275	238	300	352	82	196	257
Alto Alentejo	277	499	529	227	398	479	148	390	558
Baixo Alentejo	120	139	193	108	81	124	137	226	244
T O T A I S	1 227	1 627	1 792	1 370	1 595	1 785	999	1 824	1 927

ZONAS DO SOLAR	FÊMEAS								
	Até 2 anos			De 2 a 3 anos			Mais de 3 anos		
	1966	1970	1974	1966	1970	1974	1966	1970	1974
Ribatejo	636	631	717	635	783	779	2 515	2 722	2 848
Setúbal	206	250	298	161	367	425	715	842	906
Alto Alentejo	285	402	482	141	402	349	1 134	1 743	1 665
Baixo Alentejo	138	104	208	125	78	121	467	429	619
T O T A I S	1 265	1 387	1 705	1 062	1 630	1 674	4 831	5 736	6 038

5. NÚMERO DE CABEÇAS POR EXPLORAÇÃO E SUA DEPENDÊNCIA DA EXPLORAÇÃO AGRÁRIA

5.1. Número de cabeças por exploração (em 1974)

ZONAS	De 20 a 50	De 51 a 100	De 101 a 200	De 201 a 300	De 301 a 500	Mais de 500
Ribatejo	3	6	18	3	4	-
Setúbal	-	-	1	2	1	2
Alto Alentejo	1	2	6	4	3	1
Baixo Alentejo	-	-	-	2	1	1
Castelo Branco	1	-	-	-	-	-
Coimbra	3	-	-	-	-	-

5.3. Dependência do efectivo da exploração agrária (em épocas de complementação necessária ou de acabamento)

(Quantitativos referidos a 100Kg de peso vivo)

FÊMEAS		MACHOS			
		Novilhos/Touros		Touros ou Sementais	
ALIMENTO	Quantitativo kg/1000kg p.v.	ALIMENTO	Quantitativo kg/1000kg p.v.	ALIMENTO	Quantitativo kg/1000kg p.v.
Feno	12	Fava	3	Fava	4
Palha	2	Aveia	4	Aveia	3
Sêmea	4	Palha	15	Verde	40
-	-	-	-	Palha	10

6. ALGUNS DADOS BIOLÓGICOS

6.1. Índice de fecundidade

É uma raça que manifesta os seus instintos sexuais precocemente. A fêmea possui um tipo de placentação que dificulta o aborto, não apresentando complicações de parto. No entanto, só raramente se verificam partos gemelares. Podemos situar o índice de fertilidade entre 75 e 80%, o que, atendendo à rusticidade da raça, é bastante bom.

6.2. Desmame

Os desmames verificam-se, em regra, entre os 8 e 9 meses, tal o período de lactação da fêmea, variando, contudo, com as disponibilidades forrageiras da época. Normalmente, situam-se nos meses de Abril e Maio e os bezerros rondam os 70 a 90 kg por cabeça.

6.3. Crescimento após o desmame

Na altura do desmame, os vitelos são, normalmente, suplementados e medi

cados com vitaminas, operação do máximo interesse, visto o fim a que se destinam.

Portanto, regra geral, não existe uma quebra da sua curva de crescimento e reposição, pois a rusticidade rústica permite-lhes uma completa adaptação aos pastos inferiores onde se irão instalar até à suplementação de acabamento para a lide.

6.4. Partos

Como já referimos, a fertilidade desta raça é apreciável, com um intervalo de 12 a 14 meses entre partos.

Procura-se, como é natural, condicionar esta ocorrência às condições climáticas e forrageiras da zona, de modo a que as fêmeas e vitelos tenham a menor suplementação possível, que, a verificar-se, consta, normalmente, de palha de arroz, no Ribatejo, e de fenos, no Alentejo.

Assim, no solar da raça e distrito de Setúbal, os partos ocorrem na época de Novembro a Fevereiro, enquanto que nas zonas transtaganas vão de Setembro a Dezembro.

6.5. Índice de mortalidade até ao desmame

Salvo casos de processos infecciosos, o índice de mortalidade é pouco significativo, de 1 a 2%, e verifica-se até às 3 semanas, como regra.

6.6. Reprodução

O método de reprodução é, exclusivamente, a cobrição natural e o índice de fertilidade média, como já referimos, ronda os 75 a 80%.

O primeiro parto ocorre, em regra, aos 3 anos e a reforma depende da testagem da descendência, não existindo, talvez, uma idade concreta de reforma, visto que uma vaca boa poderá parir um touro bravo e como tal merece ser conservada, mesmo sujeita a alguns insucessos de fertilidade. No entanto, como valor médio, podemos apontar os 15 anos.

8. MOVIMENTO NA UTILIZAÇÃO DA RAÇA

A principal finalidade desta raça é a produção de bravura, aparecendo a carne como um subproduto. Sendo assim, difícil se torna pormenorizar sobre a sua contribuição no abastecimento público, embora não devamos esquecer o seu apreciável rendimento, entre 55 e 60%.

10. LOCALIZADA NA MELHOR ZONA E DISPONDO DE MEIOS ADEQUADOS. CARACTERIZE O MODELO DE EXPLORAÇÃO VIÁVEL DA POPULAÇÃO EM CAUSA

Atendendo a que o poder de encabeçamento desta raça é superior ao de outras pela sua rusticidade, podendo estimar-se em 3 vacas bravas para a área de 2 mertolengas ou de 1 alentejana, vivendo, no entanto, em terrenos de condições muito semelhantes às da raça Mertolenga, além das suas próprias características serem semelhantes, permitimo-nos transcrever algumas passagens do que, a tal respeito, foi referido pelo Grupo de Trabalho desta última raça. Assim:

"Dependente da exploração de pastagens naturais, condicionadas por diversos factores (solos, rotações culturais e clima), difícil se torna a esquematização solicitada. A diversidade dos encabeçamentos possíveis na vasta zona onde é explorada esta população mais dificulta, ainda, a indicação do módulo ideal. Dadas as características da produção desta raça em sistema extensivo, quanto maior for o seu dimensionamento mais fácil será o estabelecimento de técnicas de manejo

apropriadas e o cabal aproveitamento das suas reais potencialidades."

Contudo, opinam os tratadistas espanhóis que o encabeçamento da raça Brava poderá ser de 1,5 cabeças/hectare para os pastos de melhor qualidade e de 0,5 cabeças/hectare para os piores.

Sob o ponto de vista comercial, cremos que uma ganadaria deverá ser rentável com uma vacada-base superior a 100 animais, que assegurará, no momento actual, o rendimento de bravura, em machos para a lide, de cerca de 1 500 contos/ano.

12. ASPECTOS DE MELHORAMENTO

12.1. Animais

12.1.1. Indique os defeitos

Atendendo à finalidade, muito concreta, da criação destes animais, o seu principal defeito será a escassez de características que os tornem capazes de corresponder às exigências da lide.

Sendo assim, a primeira exigência será uma correcta selecção de bravura, tendente a conseguir o máximo de características que permitam um espectáculo ideal.

Mas, não só a bravura, exclusivamente, conseguirá aguentar o "stress" completo da lide. Assim, será necessário que exista um correcto ordenamento da ganadaria, de modo que o conjunto, alimentação - espaço físico, consiga o justo equilíbrio para tal fim.

Além disso, poderemos mencionar a questão de dimensionamento da ganadaria como factor importante em relação à viabilidade de uma rendibilidade justa.

12.2.2. Preconize soluções para a sua correcção

Cremos que a correcção dos defeitos mencionados, de modo a conseguir-se um justo equilíbrio, seria a solução ideal.

Solução complicada no contexto actual, a merecer uma inserção devida no complexo da Reforma Agrária, não descurando uma intervenção estatal nalgumas ganadarias, com contemplanções nos Planos de Fomento, para que não se delapide um valioso património nacional.

12.2. Estruturas de apoio à sua utilização

12.2.1. Existência

No nosso País é quase nula.

Existe um registo de nascimento de machos no âmbito da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários, o qual é facultativo e serve só de apoio à "Associação de Criadores de Toros de Lida", em Espanha, organismo que exige esse registo para os machos a lidar nesse território.

Portanto, as ganadarias portuguesas inscritas em tal organismo obrigam-se a esse registo. (ver lista em anexo)

Estas ganadarias associadas adquirem o direito de os touros nelas produzidos serem lidados indistintamente em Portugal ou Espanha, país onde o touro está devidamente valorizado, além de outras regalias consignadas no referido convénio.

Contrariamente ao que se passa em Portugal, a Associação Espanhola impõe rigoroso "controlo" aos seus membros, tendente à salvaguarda e valorização do património bovino da raça Brava.

12.2.2. Hipóteses para o futuro

Consideramos fundamental para a salvaguarda, melhoria e valorização da raça bovina Brava, no contexto sócio-político do processo da Reforma Agrária, e numa global dinamização agro-pecuária, uma tomada de medidas, visando, para já, os seguintes aspectos:

a) alteração da Portaria nº.23 992, de 27/3/69, sobre o regulamento do registo de nascimento de bovinos de raça Brava, de modo que este torne obrigatório o registo de machos e fêmeas de todas as ganadarias bravas, mencionando a sua afiliação, tanto pai como mãe, pois só assim se poderá ter um arrolamento correcto, que possibilite evitar fugas a uma indiscriminada delapidação.

b) Existência de mapas semestrais, de preenchimento obrigatório, em colaboração com as intendências de Pecuária ou organismos equivalentes, mencionando os acréscimos ou abates de cada efectivo, bem como as origens ou destinos respectivos, com identificação individual, o mais completa possível, desses animais.

c) Revisão do Regulamento do Espectáculo Taurino, obrigando à inscrição na Direcção-Geral dos Serviços Pecuários de todos os animais a lidar, bem como a imposição de determinados parâmetros de idade para esses animais, conforme a categoria das funções.

A Direcção-Geral dos Espectáculos obrigar-se-ia a comunicar à Direcção-Geral dos Serviços Pecuários a identificação desses animais, assim como o seu destino pós-espectáculo.

d) Intervenção estatal de modo a salvaguardar a existência e pureza das ganadarias, contemplando-as nos Planos de Fomento, criando medidas tendentes ao estudo dum ordenamento e dimensionamento correctos, sob o ponto de vista de rentabilidade económica, criando novos mercados, salvaguardando o convénio com a Espanha e garantido uma assistência técnica isenta, não descurando, como sucede na actualidade, que a única entidade oficial capaz de oferecer esse "controlo" e apoio é a Direcção-Geral dos Serviços Pecuários.

Lisboa, Junho de 1976

GANADARIAS DE RAÇA BRAVAEXISTENCIAS EM 1976A - REGIÃO DA BEIRA LITORAL

As ganadarias existentes na Região da Beira Litoral (Campos do Mondego) não têm expressão como animais para a função tauromáquica.

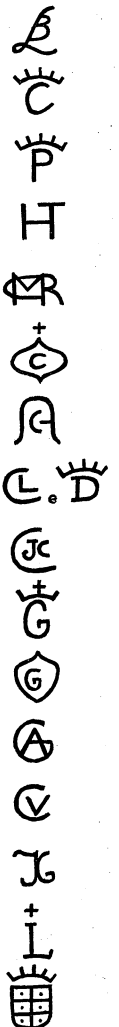
Destinam-se ao aproveitamento das crias para carne.





















B - REGIÃO DA BEIRA INTERIOR

A Região da Beira Interior (Campos de Castelo Branco), embora considerada tradicionalmente e desde tempos remotos como solar da raça, não tem na actualidade qualquer ganadaria.










C - REGIÃO DO RIBATEJO E OESTE

- 1 - BRANCO, HDS. *João Lopes Teles (Coruche)* -
- 2 - CABRAL, HDS. *Conde (Pancas-Samora-Correia)* -
- 3 - CAMARATE, *Herdade (Alcochete)* -
- 4 - CASTRO CANELAS, *Maria Fernanda (Chamusca)* -
- 5 - CÉSAR RODRIGUES, *Manuel (Alhandra)* -
- 6 - COELHO CAPAZ, *João (Coruche)* -
- 7 - COIMBRA, *Manuel Assunção (Requeixada-Golegã)* -
- 8 - COMPANHIA DAS LEZÍRIAS, *(Vila Franca de Xira)* -
- 9 - CUNHA E CARMO, *Maria (Ota-Alenquer)* -
- 10- GOES DU BOCAGE, *Francisco (Olhalvo-Alenquer)* -
- 11- GONÇALVES, *Rui M. Santos (Almeirim)* -
- 12- HENRIQUES DA SILVA, *António M. (Couço-Coruche)* -
- 13- INFANTE DA CAMARA, *José (Vale de Figueira-Santarém)* -
- 14- LICO, *Herdeiros José da Silva (Alpiarça)* -
- 15- LIMA MONTEIRO, *Herdeiros Joaquim (Vale de Santarém)* -
- 16- MURÇA, *Herdeiros Conde (Agolada-Coruche)* -

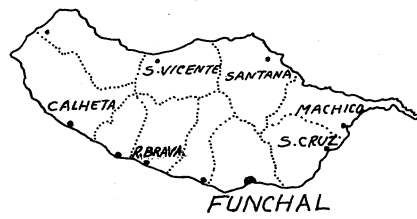


- 17- OLIVEIRA, *Irmãos (Samora Correia)* - 
- 18- PALHA, *Francisco W. Pereira (Vila Franca de Xira)* - 
- 19- PEDROSA, *José Marques (Benavente)* 
- 20- PEDROSO, *José Norberto (Chamusca)* - 
- 21- PINTO BARREIROS, *Hdºs. José Lacerda (Carregado)* - 
- 22- PORTO ALTO, *Ganadaria (Porto Alto-Benavente)* - 
- 23- RAMALHO, *João (Salvaterra de Magos)* - 
- 24- RIO FRIO, *Soc. Agric. (Rio Frio-Palmela)* - 
- 25- RIO MAIOR, *Hdºs. Marquês (Mato Miranda-Golegã)* - 
- 26- ROSA RODRIGUES, *José Pedroso (Chamusca)* - 
- 27- SILVA, *António Henriques (Coruche)* - 
- 28- SILVA, *Hdºs. Paulino da Cunha (Alcanhões)* - 
- 29- SILVA SANTOS, *Prudêncio (Almeirim)* - 
- 30- SOC. AGRICOLA, *Santos Est. (Stº. Estevão-Benavente)* - 
- 31- TELES, *David Ribeiro (Torrinha-Coruche)* - 
- 32- TOMÁS DA COSTA, *Jorge (Vila Franca de Xira)* - 
- 33- VALE DO SORRAIA, *Ganadaria da Soc. Agric. (Coruche)* - 
- 34- VAZ MONTEIRO, *José Rodrigues (Carregado)* - 
- 35- VEIGA, *Manuel e Carlos. (Golegã)* - 
- 36- XAVIER, *Alberto (Benavente)* - 

D - REGIÃO DO ALENTEJO

- 1 - ANDRADE, *José Luis Sommer (Fontalva-Elvas)* - 
- 2 - ANDRADE, *José Manuel (Sousa da Sé-Évora)* - 
- 3 - ANDRADE SALGUEIRO, *Maria M. (Zambujal do Duque-Évora)* - 
- 4 - BARREIRO, *Antónir A. (Brdial da Rainha-Arraiolos)* - 
- 5 - BRITO PAÍS, *António (Beja):* - 
- 6 - CABRAL ASCENÇÃO, *António (Brinches-Serpa)* - 
- 7 - CALDEIRA, *Vicente (Vila Boim-Elvas)* - 
- 8 - CASTRO, *Ernesto Louro F. (Ervideira-A do Sal)* - 
- 9 - CHARRUA, *António C. (S. Marcos da Abóboda-Évora)* - 

- | | |
|--|------|
| 10- COUTINHO, Luis Dias (St ^o .Aleixo-Monforte) - | DC |
| 11- COUTO DE FORNILHOS, Soc. Agric. (Mercês-Barrancos) - | FE |
| 12- CRUZ E CRUJO, Irmãos (Serpa) - | C |
| 13- CUNHAL PATRICIO, Hd ^{os} . Alberto (Torre dos C.-Évora) - | P |
| 14- DIAS, Agostinho Pontes (Portalegre) - | P.D. |
| 15- GRAVE, Joaquim Murteira (Hde. Galiana-Mourão) - | U |
| 16- MALTA, Simão Reis (Montemor-o-Novo) - | X |
| 17- MOURA, Irmãos (Monforte) - | 3 |
| 18- NUNCIO, Hd ^{os} . João Branco (Alcaçovas) - | BN |
| 19- ORTIGÃO COSTA, Luis Herdade (Alcobaça-Elvas) - | G |
| 20- PASSANHA, Luis (Hde. Pina-Alcaçovas) - | P |
| 21- PASSANHA SOBRAL, Mariana Braancamp (Qta. S.P.-Beja) - | S |
| 22- TEIXEIRA, Antônio Veiga (Hde. Pedrogão-Lavre) - | U |
| 23- VALE DO SADO, Soc. Agricola (Grândola) - | M |
| 24- VINHAS, Manuel e Mário (Hde. do Zambujal-Setúbal) - | W |
| 25- ZARCO DA CAMARA, Conde da R. Grande (Portalegre) - | RG |



FRANÇA DORIA
ALCINO DRUMMOND

INQUÉRITO PARA CARACTERIZAÇÃO DAS PRINCIPAIS RAÇAS

BOVINAS E SEU SISTEMA DE EXPLORAÇÃO

Ao debruçarmo-nos sobre o questionário a que se refere o inquérito em causa, deparámos desde logo com a impossibilidade de responder a todos os quesitos que o informam, tanto quanto seria mister, dadas as características "sui generis" da região, quer do ponto de vista fisiográfico e aspectos sócio-económicos, quer da própria natureza e constituição do efectivo bovino que vem sendo explorado desde remota data.

Assim, há aspectos que estão naturalmente prejudicados e outros que só parcialmente poderão ser referidos, por virtude dos condicionalismos que antes se apontam ou por absoluta carência de informação de pormenor, a que o inquérito se refere, e, daí, se concluir pela necessidade de adaptarmos este trabalho às circunstâncias do caso específico madeirense, tendo, ainda, em atenção a orientação seguida pelo Instituto Nacional de Estatística, quanto à elaboração dos dados estatísticos.

1. LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA PRINCIPAL REGIÃO-SOLAR DA RAÇA

Praticamente, podemos considerar o Arquipélago da Madeira como uma só zona, dado que a população bovina se encontra dispersa, hoje, como no passado, por quase toda a sua superfície, embora a sua densidade se acentue mais nas áreas compreendidas entre a orla marítima e as serras, até uma altitude de cerca de 600 metros, o que não quer dizer que não haja, esporadicamente ou sem significado económico, criação de algumas cabeças de gado, em regime de liberdade, acima da altitude referida...

Como perspectivas futuras, porém, há que assinalar a tendência para se modificarem hábitos tradicionais, embora com as dificuldades advenientes duma estrutura agrária anacrónica a que a própria orografia do Arquipélago empresta cunho peculiar, através de uma série de iniciativas de carácter oficial e particular, em curso, no sentido da densificação e desenvolvimento da bovinicultura por via de explorações mais bem dimensionadas, aproveitando certas parcelas de terreno que, apesar dos seus acidentes, oferecem, ainda assim, condições para o efeito.

Neste contexto, a Junta Geral do Distrito está a elaborar diversos projectos de explorações bovinas e a incentivar a criação de associações do tipo cooperativo em regime de estabulação colectiva, o que virá a contribuir, certamente, para a satisfação daquele objectivo.

2. CARACTERIZAÇÃO - SÍNTESE DA RAÇA

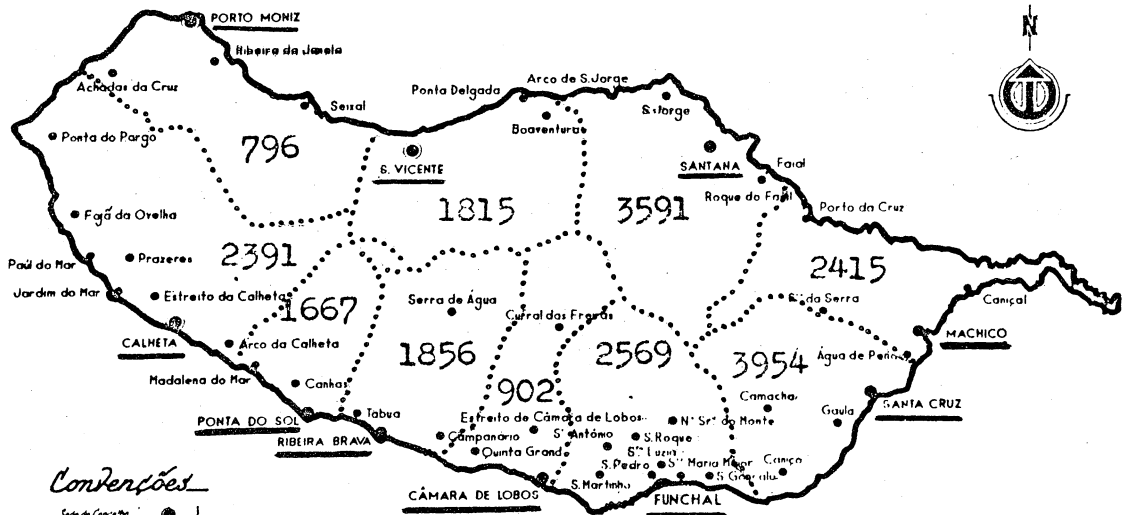
O efectivo bovino madeirense, segundo os arrolamentos de 1965 e 1973, cifra-se em 20 831 e 23 312 cabeças, respectivamente, e tem por base o chamado "gado da Terra", que é resultante do cruzamento de animais de várias raças nacionais - provenientes, sobretudo, do Minho e do Algarve, bem como a Turina - e estrangeiras (Holandesa, Ayrshire, Schwitz, Alderney, Jersey, Guernsey, Normanda e, ainda, outras), importadas desde os anos mais recuados após a descoberta do Arquipélago até quase aos nossos dias. De fraca produção leiteira e de pequena corpulência, mas de grande sobriedade é rusticidade, características estas que parecem derivar das condições

EFFECTIVO BOVINO POR CONCELHO (1973)

TOTAL = 23 312

ILHA DA MADEIRA

21 956



Condições

- Sede de Concelho
- Limite de Concelho
- Sede de Freguesia

ILHA DO PORTO SANTO ... 1 356

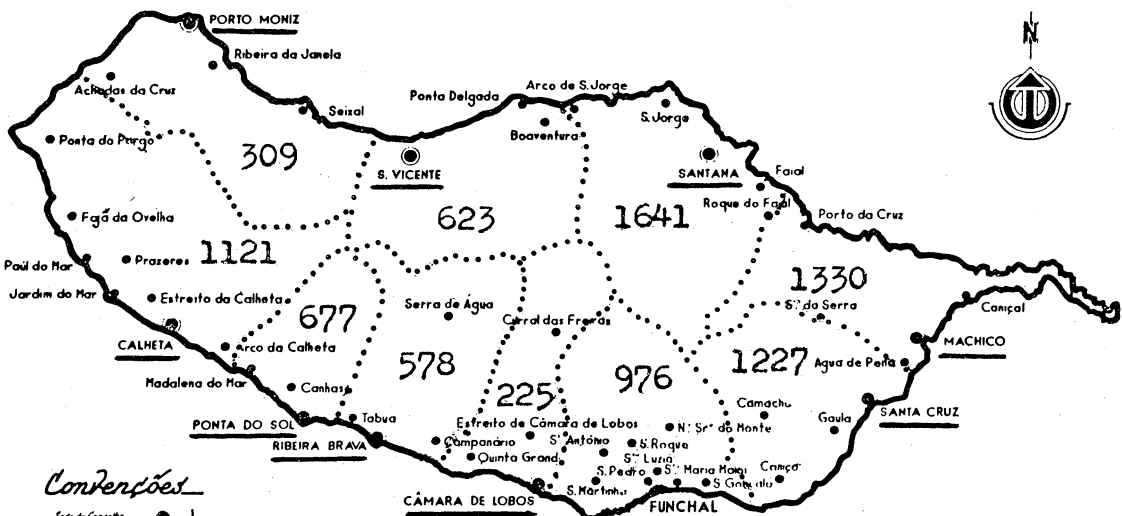
Escala Gráfica

FEMEAS BOVINAS LEITEIRAS (2 ANOS E MAIS) POR CONCELHO

TOTAL = 9 160

ILHA DA MADEIRA

8 707



Condições

- Sede de Concelho
- Limite de Concelho
- Sede de Freguesia

ILHA DO PORTO SANTO ... 453

Escala Gráfica

mesológicas locais, os animais deste tipo, que representam cerca de 35% (12 355) do efectivo actual, foram, outrora, considerados, do ponto de vista étnico, sub-raça (Tierno), distinguindo-se, quanto à pelagem, duas variedades: vermelha e alvaça.

Explorado, na sua quase generalidade, em regime estabular permanente, com a tripla finalidade de produzir leite, carne e estrumes para as terras de cultura intensiva, o gado bovino ocupa, apesar dos factores adversos ao seu desenvolvimento, lugar de primazia entre diferentes espécies que constituem a estrutura pecuária do Arquipélago.

Além deste tipo de bovino, também conhecido por "mestiço madeirense", existem alguns núcleos holandizados, introduzidos, posteriormente (hoje, a sua percentagem é de cerca de 17% do efectivo total), com vista à produção de leite, embora o respectivo teor butiroso se cifre muito abaixo do gado da Terra, que é muito elevado - em média, 4,5%.

Várias tentativas foram levadas a efeito por entidades particulares, designadamente estrangeiras, com o fim de melhorarem os seus efectivos, mas sem influência decisiva no armentio geral.

Só a partir de 1960, e por deliberação da Junta Geral do Distrito do Funchal, se deu início a um trabalho de fundo dirigido naquele sentido, tendo sido importados alguns exemplares da raça Red Danish, cujos resultados se têm manifestado assaz satisfatórios não só no que respeita às produções "per capita" dos produtos resultantes dos cruzamentos, mas, também, no que se refere às qualidades de resistência e de sobriedade herdadas, em parte, do gado autóctone. Efectivamente, os dados estatísticos relativos aos trabalhos mencionados permitem-nos, já, ajuizar da melhoria resultante da introdução do sangue dinamarquês no nosso armentio. Comparando as médias dos pesos dos produtos de cruzamento à nascença com as da raça local, verificamos que aquelas são muito superiores, quase o dobro. O mesmo acontece em relação à produção de leite.

Conta-se já por alguns milhares o número de cabeças obtido com os trabalhos em curso (cerca de 30% do efectivo total), para o que muito tem contribuído o método de inseminação artificial, iniciado em 1966, método que, também, vem sendo aplicado no melhoramento do gado de tipo holandês, com líquidos fecundantes provenientes da Estação de Estudos de Reprodução Animal, da Direcção Geral dos Serviços Pecuários, que, neste sector, vem emprestando valiosa e indispensável colaboração.

Ainda que de pouca expressão, regista-se a existência de alguns exemplares da raça Charolesa, importados ou já nascidos localmente, bem como a tendência para apurar um tipo de bovino conhecido entre nós por "Jambono", que parece derivar da introdução remota de uma raça marcadamente produtora de carne. Embora de iniciativa particular restrita, estão os serviços oficiais interessados na apreciação do comportamento daquele tipo de bovino, acompanhando de perto as respectivas explorações. Os primeiros ensaios, realizados em 1971/72, deram resultados apreciáveis, pois o rendimento em carne foi de 64%.

Além do que vimos a relatar, verifica-se que há, já, tendência para a criação de animais de talho, sendo de salientar as iniciativas levadas a efeito neste campo, registando-se a existência de instalações, de certo dimensionamento, para a recria de vitelos. No entanto, no momento actual, nota-se um decréscimo sensível na produção de novilhos, por virtude de dificuldades de ordem económica.

Relativamente ao efectivo bovino da Ilha do Porto Santo, verifica-se, ainda a existência de alguns núcleos com acentuação dos caracteres fenotípicos da raça

Mirandesa, outrora, introduzido, e que, atentas as suas boas qualidades de trabalho e de adaptação foram, também, objecto de trabalhos de melhoramento, através do renovamento do sangue com a aquisição de reprodutores oriundos de Miranda do Douro.

Há que assinalar outros tipos de bovinos que pouco diferem dos que constituem os efectivos da Ilha da Madeira, em virtude da evolução que se tem dado nestes últimos anos nos hábitos e costumes da população porto-santense, em resultado da mecanização e da necessidade de obtenção de maiores quantitativos de leite para a população local e turística.

3. SISTEMAS DE EXPLORAÇÃO E TIPOS DE PRODUÇÃO

A bovinicultura na Madeira debate-se com dificuldades de vária ordem, entre as quais avulta a falta ou ausência de pastagens naturais ou artificiais, em resultado da conhecida orografia, caprichosamente acidentada, e da extraordinária pulverização da propriedade agrícola, que mal consente, na maioria dos casos, áreas suficientes para o cultivo dos produtos agrícolas indispensáveis à subsistência dos respectivos agregados familiares.

Os animais são alimentados, em grande parte, com ervas espontâneas e sobras das culturas, acrescidas, nalguns casos, de uma pequena parcela de sêneas ou de alimentos compostos.

A falta de rações equilibradas a preço compatível com o rendimento da exploração leiteira e, bem assim, a da mão-de-obra indispensável e competente para o respectivo manejo, em consequência do êxodo da população rural, constituem, por outro lado, fortes óbices à exploração do gado bovino.

Todavia, regista-se já, no caso da criação de mais de um animal por proprietário e por "palheiro", o uso de rações adequadas aos diferentes fins da exploração bovina. Mas é, designadamente, nas explorações mais bem dimensionadas, embora, ainda, em pequeno número, que as referidas rações vêm entrando nos hábitos dos criadores de gado, sobretudo dos que se dedicam à recria de vitelos e à engorda intensiva de novilhos ou à produção de leite para consumo em natureza, o mesmo acontecendo em relação à produção de forragens, sobretudo à base de ferra, milho e serradela.

Quanto à produção de leite do mestiço madeirense, como já referido, ela é manifestamente inferior ao mínimo económico desejável, não obstante o seu elevado teor butiroso, porquanto aquela se cifra à volta dos 5 litros diários.

No que concerne à produção de carne, esta é, igualmente, inferior, uma vez que o peso vivo médio duma rês adulta é, aproximadamente, de 350 kg., o que está em conformidade com a fraca estatura, aliás já notória nos vitelos à nascença, que raramente excedem os 20 kg.

4. QUANTITATIVO DE ANIMAIS

Só é possível fornecer elementos estatísticos referentes aos anos de 1965 e 1973, de acordo com os respectivos arrolamentos levados a efeito pelo Instituto Nacional de Estatística, com a colaboração desta intendência de Pecuária.

4.1. Machos e Fêmeas

O quadro que se segue reporta-se aos bovinos (machos e fêmeas) existentes em todos os concelhos deste distrito.

CONCELHOS	MACHOS		FÊMEAS	
	1963	1973	1963	1973
Funchal	125	979	1539	1590
Câmara dos Lobos	878	585	586	317
Ribeira Brava	327	961	599	895
Ponta do Sol	92	75	2272	1592
Calheta	117	283	2510	2108
Porto Moniz	114	212	830	584
São Vicente	376	695	1556	1120
Santana	71	575	3366	3016
Machico	38	245	2483	2170
Santa Cruz	95	1403	2210	2551
Porto Santo	81	284	566	1072
TOTAIS	2314	6297	18517	17015

Em resumo:

1965 20 831 cabeças

1973 23 312 "

4.2. Grupos etários

Não é possível, por insuficiência de elementos, responder integralmente a todos as questões do quadro que nos é proposto pelo inquérito.

Todavia, apresentamos um quadro composto a partir dos dados estatísticos que possuímos.

1965

1973

CONCELHOS	MACHOS			FÊMEAS			MACHOS			FÊMEAS		
	Com - de 1 ano	De 1 ano a - de 2	De 2 anos e +	Com - de 1 ano	De 1 ano a - de 2	De 2 anos e +	Com - de 1 ano	De 1 ano a - de 2	De 2 anos e +	Com - de 1 ano	De 1 ano a - de 2	De 2 anos e +
Calheta	4	95	17	65	770	1660	193	77	13	454	533	1121
Câmara de Lobos	198	606	61	77	181	328	173	244	168	37	55	225
Funchal	47	38	39	214	358	946	660	242	77	323	291	976
Machico	16	6	16	399	334	1743	147	67	31	358	482	1330
Ponta do Sol	67	10	13	681	328	1267	40	22	13	306	609	677
Porto Moniz	54	33	25	99	190	525	129	79	4	129	146	309
Porto Santo	34	25	20	113	98	346	234	25	25	212	407	453
Ribeira Brava	82	213	24	46	219	329	458	486	17	165	152	578
Santa Cruz	52	18	23	693	462	1035	1000	344	59	871	453	1227
Santana	22	24	23	633	517	2169	330	188	57	605	770	1641
São Vicente	204	153	18	292	284	978	182	324	189	195	302	623
TOTAIS	780	1221	279	3312	3741	11326	3546	2098	653	3655	4200	9160

5. NÚMERO DE CABEÇAS POR EXPLORAÇÃO E SUA DEPENDÊNCIA DA EXPLORAÇÃO AGRÁRIA

A maioria das explorações, como adiante se poderá verificar, possui uma ou duas cabeças de gado, em estabulação permanente, o que está em relação com a exígua dimensão da propriedade que é explorada agricolamente, quer em culturas arvenses e hortícolas de rotação, quer em culturas permanentes.

Com efeito, sabe-se que cerca de 95% das explorações agrícolas recenseadas têm área abaixo do 1 hectare. Em 82,51% dos casos, essa área é inferior a 5 000 m² e 36,60% das explorações possuem uma superfície de menos de 1 000 m². Isto dá bem a ideia da fragmentação da propriedade, de tipo minifundiário.

A produção de forragens verdes, com base em culturas anuais, é manifestamente escassa e limita-se a alguma ferrã e a algum milho. Os trevos e a luzerna, bem como a serradela, depois dos ensaios realizados nos postos agrários, começam agora a ser cultivados nas novas explorações pecuárias.

No sector dos cereais, a produção local visa colmatar uma pequena parte das necessidades da própria exploração, importando-se, habitualmente, grandes quantidades, quer com destino à alimentação do homem, quer dos animais.

Como já referimos, os animais são mantidos, em regra, com os subprodutos das culturas agrícolas, sendo, ainda, pouco significativo o papel desempenhado pelas culturas forrageiras na sustentação dos efectivos.

Resta observar que, normalmente, os lavradores utilizam para camas do gado a palha da cana de açúcar e da bananeira ou fetos (feiteira), estas colhidas nos incultos ou nas zonas florestadas.

Esclarece-se, ainda, que 92% das empresas agrícolas existentes na região são do tipo familiar, sendo os restantes 8% do tipo patronal. Se é certo que 56% das explorações são administradas por conta própria, não é menos certo que nos restantes 44% se assinala a existência da "colónia", arrendamento, parceria ou formas mistas de exploração.

5.1. Número de cabeças por exploração

Na página seguinte, insere-se, o respectivo quadro, elaborado com os elementos de que dispomos, não sendo, por isso, possível responder rigorosamente ao solicitado.

5.2. Localização por concelho ou zona geográfica de encabeçamento médio, acima da média e abaixo da média.

5.3. Dependência dos efectivos da exploração agrária em zonas mais representativas.

Não é possível dar satisfação a estas questões por virtude de não possuímos elementos que nos habilitem à sua resposta.

5.4. Importância do efectivo na exploração agrária em zonas mais representativas, em função da sua participação no produto agrícola bruto.

Por elementos fornecidos pela Comissão de Planeamento, constata-se que na Madeira o produto bruto agrícola é da ordem de 1 200 000 contos e o produto bruto pecuário é de 443 850 contos, o que corresponde a 36,99% daquele.

ANO DE 1965

ANO DE 1973

CONCELHOS	1	2	3 e 4	5 a 9	10 a 19	20 e +		1	2	3 e 4	5 a 9	10 a 19	20 e +	
Calheta	1682	333	65	6	1	-		1318	374	66	14	2	-	
Câmara de Lobos	873	177	50	8	-	-		480	103	34	9	3	-	
Funchal	435	221	124	20	8	1		343	197	78	53	7	4	
Machico	1113	467	127	3	1	1		1148	405	108	11	-	2	
Ponta do Sol	1122	419	90	2	-	-		781	341	60	2	-	-	
Porto Moniz	409	179	37	1	2	-		335	157	40	1	1	-	
Porto Santo	15	15	44	38	11	-		38	31	33	39	6	3	
Ribeira Brava	597	97	35	1	-	-		799	318	97	10	2	1	
Santa Cruz	1160	407	92	1	-	-		945	499	187	28	3	7	
Santana	897	723	278	13	1	-		872	669	348	36	-	1	
São Vicente	817	385	99	1	1	-		824	307	104	8	-	-	
T O T A I S	9120	3423	1041	94	25	2		7883	3401	1155	211	24	18	
TOTAL GERAL						
TOTAL GERAL						
Em % do Total Geral													
66,54 24,98 7,60 0,69 0,18 0,01								66,11 26,80 9,10 1,66 0,19 0,14						

Em relação ao efectivo bovino, a sua participação no produto bruto agrícola é de 20,15% (241 800). O mesmo efectivo representa 54,48% do valor atribuído ao produto bruto pecuário.

6. ALGUNS DADOS BIOLÓGICOS

De poucos elementos dispomos em relação ao que nos é solicitado, pelo que não podemos focar em pormenor todas as questões postas.

6.1. Índice de fecundidade

Neste aspecto, os dados que possuímos abaixo expressos, dizem apenas respeito à inseminação artificial, relativamente à primeira intervenção.

ANOS	INSEMINAÇÕES REALIZADAS	PERCENTAGENS DE FECUNDAÇÕES à 1ª
1970	2604	66,3
1971	2614	61,9
1972	2590	60,1
1973	2795	57,5
1974	2339	55,3
1975	1927	57,5 (a)

(a) Apenas até Setembro

6.2. Desmame

Duma maneira geral, verifica-se que o desmame das crias se opera por volta da idade de um mês e com o peso vivo compreendido entre 30 e 35 kg para o gado da Terra e entre 48 e 55 kg para o gado melhorado.

Não há, dum modo geral, época do ano demarcada para o desmame. No entanto, na zona Norte da Ilha da Madeira, tal ocorre, geralmente, entre princípios e meados do Outono.

6.3. Crescimento após o desmame

Por virtude de se ter iniciado recentemente este estudo, não temos, ainda, dados

concretos referentes ao crescimento/dia dos vitelos após o desmame, qualquer que seja o seu tipo étnico.

Quanto ao abate dos mestiços madeirenses, ele verifica-se a partir dos 6 meses de idade, altura em que os vitelos apresentam um peso vivo compreendido entre os 130 e os 140 kg. Se aquele se processar aos 12 meses, as reses terão um peso vivo entre 200 e 220 kg mas, se o abate só tiver lugar aos 18 meses, alcançarão um peso vivo que oscilará entre 320 e 340 kg para fêmeas e entre 400 e 440 kg para os machos.

Se se tratar de vitelos melhorados ou das raças Red Danish e Holandesa que estejam submetidos à chamada "fase de acabamento", o abate fez-se normalmente, por volta dos 12 meses, com um peso vivo de 380 a 400 kg.

6.4. Partos

Não se pode dizer que haja, propriamente, uma época do ano em que os partos sejam mais frequentes, salvo na região Norte, onde as partições se fazem quase sempre a partir de Setembro.

O intervalo entre os partos é, geralmente, de um ano, mas, por vezes, estende-se até aos quinze meses.

6.5. Índice de mortalidade

Não dispomos de dados relativos ao índice de mortalidade desde o momento do parto até o desmame, assim como no que se refere a abortos, aliás pouco frequentes nesta região.

6.6. Reprodução

Como já referido, a reprodução nos bovinos é realizada quer por "maréis", aprovada pelos Serviços de Melhoramento Animal, através dos chamados postos particulares de cobrição, cujos proprietários possuem alvará para esse efeito, quer por intermédio da inseminação artificial, exclusivamente a nosso cargo, utilizando-se líquidos fecundantes enviados pela Estação de Estudos de Reprodução Animal, da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários.

6.6.1. Métodos de reprodução (percentagens de utilização)

Só no que respeita à inseminação artificial é que possuímos elementos exactos, da do estar sob "controlo" directo da Intendencia de Pecuária.

Verifica-se que 28,2% das vacas existentes são beneficiadas por este método de reprodução.

INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL		
ANO	EM PUREZA %	POR CRUZAMENTO %
1970	20,8	79,2
1971	24,2	75,8
1972	22,8	77,2
1973	27,0	73,0
1974	28,0	72,0
1975	24,5	75,5

6.6.2. Índices de reprodução

O índice de fecundidade médio (1ª inseminação) registado nos últimos seis anos é de 59,77%.

Quanto ao número de partos/ano, é, sensivelmente, igual a 1, tendo as novilhas por altura do 1º parto uma idade compreendida entre 25 e 30 meses. A reforma ocorre, normalmente, entre os 8 e os 10 anos.

7. INDICAÇÃO, LOCALIZAÇÃO E GRAU DE INTERFERÊNCIA DE ORGANIZAÇÕES ESTATAIS, GRÉMIOS, FEDERAÇÕES, COOPERATIVAS E ENTIDADES PRIVADAS NA REGIÃO ESTUDADA.

Para já, assinalamos a existência do Posto Zootécnico, localizado no sítio da Nogueira, freguesia da Camacha, concelho de Santa Cruz, ao qual estão cometidas as seguintes acções:

- a) Estudo da produção animal, em colaboração com os restantes departamentos agrários, oficiais e privados;
- b) Melhoramento da bovinicultura, através da produção, distribuição e "controlo" de reprodutores masculinos, ou do respectivo sémen, e femininos, a partir do contraste lacto-manteigueiro;
- c) Fomento de outras espécies pecuárias, nomeadamente a suína, a ovina e a caprina, visando o repovoamento do Arquipélago;
- d) Formação e aperfeiçoamento profissional no sector pecuário, quer a nível de empresário agrícola, quer a nível de mão-de-obra especializada.

Além do referido posto zootécnico, dispõe ainda a Intendência de Pecuária de uma rede de postos de inseminação artificial distribuídos pelas zonas de maior densidade pecuária: Funchal, Canhas, Calheta, Porto Moniz, S.Vicente, S.Jorge, Santana, Porto da Cruz e Camacha. Cada um destes postos é dotado de um auxiliar de inseminação, a cargo de quem está além da prática daquele método de reprodução, a assistência à lavoura, sobretudo no tocante à vulgarização de normas hígio-sanitárias.

Por outro lado, existem 121 postos de cobrição natural (particulares), dispersos por toda a Ilha e licenciados de acordo com a legislação em vigor. Estes postos beneficiam de assistência técnica e estão sujeitos a fiscalização, no sentido de se assegurar o seu bom funcionamento para defesa do fomento da bovinicultura das respectivas áreas de influência.

Há, ainda, a crescer a estas estruturas, a existência dos postos agrários localizados em Bom Sucesso (Funchal), Caniçal (Machico). Queimadas e Pico (Santana), Lugar de Baixo (Ponta do Sol) e Santa (Porto Moniz), que colaboram nas acções de fomento pecuário, designadamente no que se refere à produção de forragens e criação de vacas leiteiras.

Finalmente, há que contar com o Fundo de Previdência Pecuária, na dependência da Delegação da Junta Nacional dos Produtos Pecuários no Funchal, com a Cooperativa Agrícola do Funchal e com a União de Cooperativas de Produtores de Leite e de Lacticínios da Ilha da Madeira, cujas acções se referem mais adiante.

8. MOVIMENTO NA UTILIZAÇÃO DA RAÇA

Não podemos dar satisfação a esta questão porquanto os bovinos explorados

são, na sua generalidade, de produção mista-carne e leite -, distribuídos por toda a região considerada. Nesta ordem de ideias, impossível é a elaboração dos quadros referidos em 8.2. (Venda de fêmeas) e 8.3. (Venda de novilhos e machos vendidos).

9. ESTABELEÇA AS POSSIBILIDADES DA ÁREA DEMARCADA COMO SOLAR DESTA POPULAÇÃO PARA A PRODUÇÃO DE FORRAGENS.

10. LOCALIZADA NA MELHOR ZONA E DISPONDO DE MEIOS ADEQUADOS: CARACTERIZE O MODELO DE EXPLORAÇÃO VIÁVEL DA POPULAÇÃO EM CAUSA.

Não dispomos de documentação suficiente para responder às questões integradas nestes capítulos.

11. CONTRIBUIÇÃO PARA O ABASTECIMENTO NA REGIÃO E FORA DELA

A participação do gado bovino da Terra no abastecimento local é de ordem dos 70%. Há, pois, um "deficit", em relação ao consumo, de cerca de 30%, que é preenchido com gado adquirido nos Açores (12,8%) e carne congelada (17,2%). Porém, se considerarmos a sua participação no total dos diferentes espécies, ela é, aproximadamente, de 47%.

Quanto ao gado bovino abatido no distrito e correspondente peso das carcaças, verificamos os quantitativos seguintes:

Ano de 1965	12 443 reses	1 445 toneladas
"	"	1970	12 149 " 2 160 "
"	"	1974	10 238 " 1 983 "

12. ASPECTOS DE MELHORAMENTO

O problema pecuário da Madeira está a ser encarado com particular cuidado, dada a grande necessidade de se aumentarem as produções de carne, leite e lacticínios, cujos índices de consumo actuais estão muito abaixo dos níveis considerados normais nas dietas das populações, o que se nos afigura viável, em virtude de se julgar possível, ainda, a expansão, em certa medida, da criação de gado bovino neste distrito.

A satisfação de tal desiderato reveste-se, por outro lado, do maior interesse quando se tenham em mente as vultosas e valiosas importações daqueles produtos, que, em 1974, atingiram o montante de 84 475 contos, com forte incidência no já conhecido desequilíbrio da balança comercial madeirense. Efectivamente, a actual produção de carne de bovino não cobre as necessidades locais, sendo o seu "deficit" de 30%, "deficit" este que vem sendo coberto com o recurso à aquisição de gado vivo nos Açores e de carne congelada do estrangeiro, recebida esta através da Junta Nacional dos Produtos Pecuários.

Outro tanto sucede em relação às produções de leite e lacticínios, que são por demais insuficientes, obrigando à importação de grandes quantidades, que, em relação ao ano anterior, se cifraram em 300 toneladas de leite em pó, 200 toneladas de queijo e mais de 200 toneladas de manteiga.

Desta situação, resultou a necessidade de se tentar a modificação de hábitos tradicionais, que, por absoletos, têm vindo a dificultar o objectivo dos trabalhos de fomento em curso. Estão neste caso, entre outros óbices ao desenvolvimento do sector, as primitivas e deficientes condições hígio-sanitárias da maioria das explorações, a exígua dimensão da propriedade e a fraca produtividade dos animais que constituem os respectivos efectivos, que raramente excedem uma ou duas cabeças por estábulo.

É certo que algo se tem já conseguido, para o que muito têm contribuído os esforços das entidades oficiais, através da concessão de estímulos e de acções de carácter técnico, expressos, respectivamente, na atribuição de subsídios nas campanhas de sanidade, na inseminação artificial e noutras medidas que estão na base do melhoramento animal.

Porém, impõe-se acelerar os trabalhos decorrentes, tendo em vista a melhoria sensível da produção "per capita" e da sua qualidade, de molde a satisfazer a procura total e a defender a saúde pública, para o que já vimos procedendo, conforme se segue:

- Definição, dentro da zona considerada (distrito), de áreas de exploração em termos económicos defensáveis, elaborando-se para cada uma projectos de desenvolvimento realistas e de execução rápida, admitindo-se a possibilidade de financiamento suficiente, a curto e a médio prazo, por parte do Governo;
- Assistência técnica eficiente e generalizada a todas as fases do funcionamento das explorações;
- Esclarecimento dos criadores de gado quanto aos benefícios do associativismo;
- Fomento da produção forrageira pelo aproveitamento de terrenos baldios e de outras áreas sujeitas ao programa de reconversão agrícola, sem o que não será possível alcançar o desenvolvimento da bovinicultura nos termos desejados;
- Melhoria dos serviços de reprodução animal, utilizando na inseminação artificial sêmen congelado e dotando os postos particulares de cobrição com reprodutores de bom nível zootécnico, a partir do Posto Zootécnico.

Para a consecução destas acções, contamos com o Posto Zootécnico, já em vias de pleno desenvolvimento, bem como com a rede de postos de inseminação artificial e de cobrição natural distribuídos pelos sítios de maior população bovina, como já referido, e, ainda, com os Postos Agrários e o Fundo de Previdência Pecuária, esta na parte respeitante à assistência mutualista, veterinária e medicamentosa.

Por outro lado, espera-se que as associações agrícolas existentes (Cooperativa Agrícola do Funchal e União de Cooperativas de Produtores de Leite e de Lactícínios da Ilha da Madeira) emprestem o seu contributo, que poderá ser valioso, na execução deste plano de tão vasto alcance, através de financiamentos para a compra de animais, bem como de facilidades na aquisição de produtos, tais como rações e alfaias agrícolas.

Desta linha de orientação, definida pelo Grupo de Trabalho de Desenvolvimento Pecuário da Junta Geral do Funchal, espera-se que o armentio bovino madeirense evolua no sentido da sua densificação e, bem assim, da melhoria das suas produções, em termos de vermos amenizado o "deficit" de leite e de carne com que se debate o Arquipélago na presente conjuntura.

Funchal, 16 de Fevereiro de 1976

FRÍSiA

BRAGANÇA PARREIRA
GUILHERME PEREIRA
JAIME MACHADO
DOMINGOS BORREGO
JERÓNIMO QUEIROGA
JOAQUIM MOREIRA

RESPOSTA AO INQUÉRITO PARA A CARACTERIZAÇÃO DAS PRINCIPAIS RAÇAS BOVINAS

E SEU SISTEMA DE EXPLORAÇÃO

RAÇA FRÍSIA

O esquema do "INQUÉRITO PARA A CARACTERIZAÇÃO DAS PRINCIPAIS RAÇAS BOVINAS E SEU SISTEMA DE EXPLORAÇÃO" foi deliberadamente gizado em ordem a proporcionar elementos que permitam o estudo das raças autóctones, com solar próprio e vocação creatopoética. Assim, natural é que se ajuste mal ao caso da raça Frísia, originariamente importada e hoje espalhada por todo o país e na qual a vocação creatopoética, ainda que notável, é superada pela lactígena.

Assim mesmo, constituiu precioso guia no rápido inquérito para caracterização desta raça, lamentavelmente incompleto pela impossibilidade de obter, a curto prazo, ou com o mínimo de garantia, algumas das informações pedidas. É, concretamente, o caso dos quesitos nºs 7 a 11, de inegável interesse para o estudo das raças que o inquérito especialmente contempla, mas dificilmente adaptáveis à raça Frísia, razão por que não foram considerados.

1. LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA PRINCIPAL REGIÃO-SOLAR DA RAÇA

Diz J. Tierno que as primeiras vacas da raça Frísia entraram em Portugal por meados do século XVII, oriundas dos Países Baixos, e foram instaladas em Lisboa e seus arredores próximos. Aqui se fixaram e multiplicaram, sob os nomes de turinas ou holandesas sempre exploradas na sua vocação lactígena.

Com o andar dos anos o efectivo foi crescendo, de quando em quando reforçado e refrescado por novas importações.

Entretanto, a facilidade de adaptação ao nosso meio e a real vocação lactígena que a distingue de todas as raças nacionais, a par da procura cada vez maior de leite para consumo em natureza, levaram a conservar todas as fêmeas enquanto a sua exploração fosse remuneradora.

Assim se explica a progressão geométrica que caracterizou a evolução deste efectivo que, em 1921, atingia já, só na zona abastecedora de leite à cidade de Lisboa (distritos de Lisboa e concelhos de Almada e Seixal), perto de treze mil fêmeas.

Entretanto, o interesse suscitado pela rês Turina de há muito havia transposto os arrabaldes de Lisboa. Algumas foram levadas para mais longe, invadindo os concelhos de Cascais, Oeiras, Loures, Sintra e Mafra, começando, também, a aparecer em Aveiro e no Porto, a princípio ao redor destas cidades para logo se espriarem pelos concelhos do litoral e, a curto prazo, por todo o país.

É, assim, que a Campanha de Saneamento dos Bovinos Leiteiros, que, obrigatoriamente regista todos os bovinos de mais de 18 meses e nos vai, ano a ano, mostrando a evolução deste efectivo, regista, hoje, cerca de 190 000 cabeças.

Quanto às perspectivas futuras, elas dependerão, necessariamente, das condições económicas que forem proporcionadas à indústria da produção de leite.

Reconhece-se que o mercado nacional está insuficientemente abastecido de leite e de alguns lactícínios e que, por razões de vária ordem, todas supríveis na sua maior incidência, a capitação em leite é, no nosso país, excessivamente baixa.

Por outro lado sabe-se que a vaca leiteira pode ser explorada em regime de dependência mínima da exploração agrícola - embora em condições económicas, talvez, menos favoráveis -, o que permite admitir a intensificação da sua exploração em regiões que demonstraram já ser-lhe acessíveis e onde ele tem, ainda vasto campo para se expandir; e, mais do que isso, certas zonas regadas - lezíria de Vila Franca, vales do Mondego, Vouga e Sado, como os regadios resultantes das obras de hidráulica agrícola - podem comportar efectivos leiteiros que, no conjunto, quase permitiriam duplicar os agora existentes se outras culturas não encontrarem, nessas mesmas regiões, melhores condições económicas de exploração.

E se um dia for possível dispor neste país de um ordenamento agro-pecuário que atribua à vaca leiteira, em exploração estreme ou integrada em planos conjunturais, as áreas onde a produção de leite ofereça melhores condições económicas, poder-se-á, então, quantificar, em bases seguras, as perspectivas que se abrem ao fomento do bovino leiteiro.

2. CARACTERIZAÇÃO-SÍNTESE DA RAÇA

- Características gerais

Originária da Holanda, como o seu nome indica, esta raça bovina expandiu-se rapidamente por toda a Europa e América, tendo penetrado já, e nalguns casos com representação vultosa, nos países do Terceiro Mundo.

Mais tarde, mercê de trabalhos de melhoramento zootécnico a que foi sujeita a vaca Frísia adquiriu características morfológicas e funcionais diferenciadas, consoante o sentido da selecção feita nos diferentes países em que se fixou.

Assim, enquanto na América do Norte se praticou um melhoramento exclusivamente orientado no sentido da produção do leite, que conduziu à obtenção de vacas de grande corpulência, ampla capacidade digestiva, correcto desenho do úbere e alta vocação galactogénica, aparece-nos no extremo oposto a vaca alemã, baixa, larga de garupa e de musculatura maciça, melhor adaptada à produção de carne, mas com marcado prejuízo da função lactígena. A vaca inglesa, mais aligeirada de porte, mas virada, dominantemente, à produção de leite, constitui tipo intermédio que está a concitar as atenções gerais e a creditar-se, segundo pensamos, como a que reproduz o tipo que, na conjuntura actual, dominada pela exigência de intensificar as produções de carne e leite, se nos afigura do maior interesse para vastas áreas do nosso país.

Ora, como temos feito importações consideráveis de vacas de todas estas origens e, mais ainda, de sêmen, natural é que os nossos efectivos leiteiros evidenciem, em maior ou menor grau, as características resultantes dos trabalhos de melhoramento levados a efeito naqueles países.

Assim, a par de núcleos de origem alemã explorados em estado de pureza, possuímos outros originários da Holanda, outros, ainda, da Inglaterra e, em maior número, os que atravessaram o Atlântico, quer oriundos do Canadá, quer da América do Norte.

Concomitantemente, tem-se recorrido na última década, em escala crescente, à importação de sêmen das mesmas origens, e os próprios Serviços estão utilizando, na inseminação artificial, novilhos adquiridos naqueles países.

Assim, a Turina, tal como foi descrita por Bernardo Lima e, depois, por J. Tierno, foi praticamente segregada, dando lugar a uma vaca leiteira cuja morfologia percorre todas as gradações intermédias dos fenótipos americano e alemão, mas com evidente predomínio do holandizado.

Nestas circunstâncias, e enquanto não for possível decidir sobre o tipo de vaca que mais interessa ao país, houve que definir um padrão de raça suficientemente elástico para que todas estas variantes possam ser inscritas no Livro Genealógico.

Esse padrão, tal como foi aprovado pela Portaria nº 19 144, de 25 de Abril de 1962, está assim definido:

PADRÃO DA RAÇA BOVINA HOLANDESA

Conjunto de formas: animais de boa corpulência, compridos, de linha superior horizontal, esqueleto apto para sustentar e conter um tórax amplo e um abdómen volumoso, no qual se implanta um vasto úbere, que revela boa vocação leiteira.

O conjunto é harmónico, dando a impressão de robustez, sem excluir finura.

Os caracteres próprios do sexo bem definidos.

Pelagem: preta malhada ou malhada de preto, sendo as malhas vastas e bem limitadas; os membros, de Joelhos e curvilhões abaixo, o úbere, o escroto e a borla da cauda serão de preferência brancos.

Pele: fina, macia e solta.

Temperamento: calmo.

Cabeça: de mediano comprimento, perfil subcôncavo; fronte larga; arcadas orbitárias salientes; olhos grandes; orelhas finas e horizontais; chanfro rectilíneo; focinho largo, boca grande, narinas bem abertas; cornos pequenos, finos, arqueados para a frente e para dentro.

Tronco: pescoço bem ligado, de barbela reduzida; cernelha de regular desenvolvimento, dorso comprido e rectilíneo; lombo largo e bem ligado; garupa comprida, lar

ga em toda a sua extensão e horizontal; cauda média inserção, fina e comprida; tórax profundo, alto e largo; costelas compridas, bem separadas e arqueadas; ventre volumoso e flanco bem descido. Úbere grande, bem inserido, estendido para a frente e bem elevado atrás, quartos cheios e simétricos, abundante irrigação aparente, pele fina elástica e coberta de pêlos sedosos; tetos de tamanho conveniente, uniformes e bem implantados; veias mamárias sinuosas e bem desenvolvidas.

Membros: bem aprumados, sendo os posteriores suficientemente afastados; espádua pouco destacada; coxas e nádegas compridas; unhas correctas e duras.

- Características especiais

a) Maternais

Como todos os animais dóceis e de alta produção lactígena, a vaca leiteira é boa mãe.

Por isso, em certas zonas, onde a recolha do leite é ainda difícil, utilizam a vaca Frísia como ama, sendo frequente levar até à desmama, dos 4 aos 7 meses, 2, 3 e mesmo, 4 vitelos, em cada lactação.

b) Paternais

Normalmente dóceis, os Turinos não criam dificuldades aos seus tratadores. Isto não exclui a possibilidade de aparecerem alguns exemplares de índole menos calma, que se tornam difíceis e, por vezes, agressivos, circunstância a que não é de todo estranha, pelo menos em muitos casos, a própria índole dos tratadores.

No aspecto reprodutivo, o touro Frísia tem comportamento perfeitamente normal. Regra geral, exhibe boa apetência sexual, tem salto fácil e, quando mantido em regulares condições de manejo, raro exhibe problemas de infertilidade.

Neste ponto de vista, as insuficiências que lhe possam ser notadas advêm quase sempre de carências alimentares, por um lado, ou de excessos na sua utilização na função reprodutiva, por outro.

Qualquer destes aspectos é observado, com alguma frequência, em certos postos de cobrição do Norte Litoral e, mais raramente, nas explorações que possuem reprodutores privados.

3. SISTEMAS DE EXPLORAÇÃO E TIPOS DE PRODUÇÃO

No país, praticam-se dois tipos de exploração distintos:

a) Na região do minifúndio, com coeficiente de posse médio por produtor da ordem de 1,5, a vaca leiteira vive na directa dependência da exploração agrícola, suplementando-se a sua alimentação com palhas de cereais, adquiridas na sua maior parte, no Alentejo e concentrados, sob a forma de farinhas ou granulados, sempre de quantidade moderada.

Este tipo de exploração não permite que os animais evidenciem toda a sua capacidade produtiva; provam-no os resultados do contraste lacto-manteigueiro nas diferentes regiões do país e confirmam-no o comportamento dos exemplares deslocados do minifúndio para as vacarias dos arredores das grandes cidades, designadamente de Lisboa. A com prová-lo, ainda, o comportamento dos animais outrora escolhidos para serem apresentados nos concursos pecuários regionais, em que o suplemento da ração fornecido na fase de preparação para o concurso se traduziu, sempre em significativo aumento da produção leiteira.

Este facto, que é do conhecimento geral, só merece ser realçado porque constitui factor a ter em conta na planificação das acções a empreender para o melhoramento dos efectivos desta região.

b) Nas grandes explorações, onde o binómio alimentação - custo de mão-de-obra incide, de forma decisiva, na rentabilidade do empreendimento, a defesa económica está em explorar vacas de alta produção, aproveitando ao máximo, na medida em que os conhecimentos técnicos do empresário o permitem, a capacidade produtiva desses animais.

Daí, o interesse manifestado por muitos destes empresários nas técnicas de melhoramento, na aquisição de sêmen de qualidade e na recria das suas novilhas. Daí, também, o uso de concentrados em muito maior escala, chegando, num ou noutro caso, a exceder não só as necessidades do animal, mas, até, a própria capacidade de aproveitamento.

Estarão no primeiro caso, com pequenas excepções nada significativas, todo o Norte Litoral - distritos de Coimbra, Aveiro, Porto, Viana do Castelo e Braga, bem como alguns concelhos dos arredores de Lisboa (Mafra e Sintra). No segundo caso, os grandes estábulos das cercanias de Lisboa e quase todo o Alentejo, com largo predomínio das áreas das Intendências de Pecuária de Évora, Beja, Portalegre e Elvas, situando-se Faro na zona de transição, em que, a par de estábulos de efectivos numerosos e de qualidade (núcleos importados), a exploração de pequeníssimos efectivos é corrente, principalmente na faixa serrana do distrito.

3.1. Grau de dependência do trabalho no campo

Como regra, pode dizer-se que a vaca leiteira não trabalha. É o que se observa em todo o país, quando o efectivo ultrapassa as 5 cabeças por possuidor.

Na região do minifúndio, e, mais concretamente, nos concelhos agricolamente mais pobres, casos de Vagos, do distrito de Aveiro, de Mira, Cantanhede e Montemor-o-Velho, do de Coimbra e, também no de Viana do Castelo, a vaca leiteira é, ainda, hoje, utilizada com alguma frequência em trabalhos agrícolas, normalmente, leves, como pequenos carretos.

É já muito raro vê-la lavar, apesar da ligeireza do solo destas regiões.

3.2. Produção de leite

A produção de leite é, por excelência, a vocação da vaca Turina.

Com efeito, quando explorada em condições de manejo razoáveis, as produções médias de estábulo ultrapassam, quase sempre, os 4 000 kg/ano.

Em condições de exploração menos evoluídas, mormente no que toca a alimentação, ainda assim a sua vocação lactígena é manifesta, como se apurou no contraste lacto-manteigueiro levado a efeito em meia centena de salas de ordenha da zona de Aveiro, a que afluíram mais de mil vacas, cuja média geral de produção ultrapassa já os 3 300 kg em 305 dias.

Quando lhe são proporcionadas melhores condições de manejo - e tenha-se em conta que mesmo neste caso há ainda muito a corrigir em matéria de arraçoamento -, as produções registadas atingem cifras sensivelmente mais altas.

É o que se verifica no contraste lacto-manteigueiro efectuado em cerca de 7 000 vacas, alojadas, como regra, em explorações de mais de 20 cabeças - e aqui figuram, também, as salas de ordenha-que proporcionou uma média geral de produção, por vaca, superior a 4 000 kg em 305 dias.

De notar, também, que no inquérito realizado entre Março de 1971 e Março de 1972, abrangendo mais de 22 000 vacas, distribuídas por grupos de idades, lactações e fases da lactação por forma a constituírem amostra estatisticamente válida do efectivo em produção, se apurou a média geral de 3 325 kg em 305 dias, número que está perfeitamente de acordo com os que atrás citámos.

Neste aspecto, parece-nos haver ainda, interesse em apontar as médias gerais obtidas nas áreas das intendências de Pecuária e confrontá-las com as médias obtidas pelos serviços de contraste nas intendências onde estes últimos funcionam, como se faz no quadro seguinte:

INTENDÊNCIAS	RESULTADOS DO INQUÉRITO DE 1971 - 1972		RESULTADOS DO CONTRASTE EM 1973	
	LEITE kg	MATÉRIA GORDA %	LEITE kg	MATÉRIA GORDA %
AVEIRO	2 837	3,62	3 640	3,46
BEJA	3 172	3,17	3 703	3,28
BRAGA	3 020	3,40	3 857	3,57
BRAGANÇA	3 233	3,44	-	-
CASTELO BRANCO	3 538	3,50	-	-
CHAVES	3 172	3,59	-	-
COIMBRA	3 233	3,44	3 757	3,36
ELVAS	3 081	3,42	3 655	3,16
ÉVORA	4 148	3,29	4 149	3,23
FARO	3 782	3,33	4 072	3,22
GUARDA	2 928	4,78	-	-
LAMEGO	3 081	3,47	-	-
LEIRIA	4 179	3,55	3 872	2,85
LISBOA	4 392	3,70	4 387	3,38
MIRANDELA	3 020	3,53	-	-
PORTALEGRE	3 386	3,63	3 818	3,34
PORTO	3 050	3,67	3 792	3,55
SANTARÉM	3 782	3,41	5 634	3,36
SERPA	3 325	3,06	-	-
SETÚBAL	3 203	3,43	3 799	3,70
TOMAR	3 691	3,35	3 950	3,64
VIANA DO CASTELO	2 410	3,43	-	-
VILA REAL	3 081	3,35	-	-
UIXEU	3 233	3,45	-	-
MÉDIAS	3 325	3,52	4 059	3,37

Quanto a médias de estábulo, o contraste lacto-manteigueiro relativo a 1972 mostra que as melhores obtidas foram respectivamente:

	Leite em 305 dias kg	Teor Butiroso %
De 20 a 50 vacas	5 890	3,60
De 5 a 100 vacas	5 373	3,57
De mais de 100 vacas	5 337	3,59

Em 1973, essas médias exprimem-se pelos números seguintes:

	kg	%
De 20 a 50 vacas	5 590	3,29
De 5 a 100 vacas	5 509	3,30
De mais de 100 vacas	5 688	3,35

É animador constatar estes resultados porque daí se infere a alta potencialidade galactopoética da nossa Turina, a forma como se adaptou ao meio e as perspectivas extraordinárias que se lhe antevêm quando for possível melhorar-lhe as condições de manejo.

Como elementos de estudo, apresentam-se, ainda, os mapas seguintes, o primeiro registrando, por intencências de Pecuária, os resultados globais do contraste lacto-manteigueiro, no quadriênio de 1970 a 1973, e o último dando conta do leite recolhido pelas organizações da Lavoura, em 1975:

RESULTADOS GLOBAIS DO CONTRASTE LACTO-MANTEIGUEIRO APURADOS NO QUADRIÉNIO DE 1970 A 1973

INTENDÊNCIAS	1970				1971				1972				1973			
	Vacas contrastadas	Prod. em 305 dias kg	Matéria gorda kg	Teor butiroso %	Vacas contrastadas	Prod. em 305 dias kg	Matéria gorda kg	Teor butiroso %	Vacas contrastadas	Prod. em 305 dias kg	Matéria gorda kg	Teor butiroso %	Vacas contrastadas	Prod. em 305 dias kg	Matéria gorda kg	Teor butiroso %
Aveiro	440	3 460	117	3,40	775	3 347	116	3,44	1 214	3 266	114	3,47	1 952	3 640	126	3,46
Beja	449	3 136	106	3,41	589	3 397	112	3,31	727	3 435	111	3,23	713	3 703	121	3,28
Braga	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	50	3 857	138	3,57
Coimbra	53	3 690	125	3,42	48	3 916	137	3,52	29	3 552	118	3,31	68	3 757	126	3,36
Elvas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	326	3 655	116	3,16
Évora	592	4 137	142	3,47	779	3 944	132	3,37	1 119	3 955	133	3,37	1 232	4 149	134	3,23
Faro	322	3 026	99	3,30	347	3 217	107	3,35	212	3 791	126	3,30	119	4 072	132	3,22
Leiria	14	3 717	130	3,50	92	3 276	119	3,65	127	3 367	102	3,02	46	3 872	110	2,85
Lisboa	1 779	4 252	141	3,34	1 716	4 296	147	3,45	1 969	4 361	157	3,61	2 220	4 387	149	3,38
Portalegre	6	3 636	120	3,37	14	5 264	167	3,19	84	3 486	119	3,42	98	3 818	128	3,34
Porto	30	4 095	153	3,77	184	3 797	142	3,78	354	3 699	134	3,61	400	3 792	135	3,55
Santarém	282	4 902	166	3,41	406	4 545	158	3,50	359	5 081	182	3,57	367	5 634	189	3,35
Setúbal	190	3 818	142	3,73	215	3 910	145	3,71	168	3 932	140	3,54	117	3 799	141	3,70
Tomar	149	3 843	131	3,41	129	3 746	127	3,39	152	3 816	134	3,51	172	3 950	144	3,64
TOTAIS	4 306	-	-	-	5 294	-	-	-	6 514	-	-	-	7 880	-	-	-
MÉDIAS		3 946	133	3,40		3 889	133	3,44		3 911	136	3,48		4 059	137	3,37

LEITE RECOLHIDO DIRECTAMENTE PELAS ORGANIZAÇÕES DA LAVOURA E PELOS INDUSTRIAIS

"CONTROLADO PELA J.N.P.P.", EM 1975

ÁREAS	CLASSIFICADO						Não clas sificado kg	TOTAL GERAL kg
	A kg	B kg	C kg	Total kg	Especial kg	Total kg		
UCAL	50 349 616,0	3 446 448,0	208 290,5	54 004 354,5	15 463 083,5	69 467 438,0	2 869 929,0	72 337 367,0
ZONA	32 043 277,5	2 402 876,5	127 834,5	34 573 988,5	10 733 526,0	45 307 514,5	330 375,0	45 637 889,5
SUBZONA	18 306 338,5	1 043 571,5	80 456,0	19 430 366,0	4 729 557,5	24 159 923,5	2 539 554,0	26 699 477,5
BEJA	2 460 055,0	99 899,0	24 248,0	2 584 202,0	5 471 906,0	8 056 108,0	3 038 544,1	11 094 652,1
Federação dos Grémios da Lavoura de Entre Douro e Minho	61 792 843,7	15 594 301,0	4 026 906,0	81 414 050,7	240 166,0	81 654 216,7	2 655 939,3	84 310 156,0
Federação do Nordeste Transmontano	187 034,0	-	-	187 034,0	-	187 034,0	5 083 668,0	5 270 702,0
Federação dos Grémios da Lavoura da Beira Alta	1 939 827,2	995 635,0	26 977,6	2 962 439,8	-	2 962 439,8	17 298 115,5	20 260 555,3
Federação dos Grémios da Lavoura da Beira Baixa	-	-	-	-	-	-	2 113 902,6	2 113 902,6
Federação dos Grémios da Lavoura da Beira Litoral	86 185 761,4	12 771 637,7	755 417,7	99 712 816,8	-	99 712 816,8	224 191,0	99 937 007,8
Federação dos Grémios da Lavoura do distrito de Portalegre	8 814 455,5	757 560,0	22 914,0	9 594 929,5	234 457,0	9 829 386,5	165 485,5	9 994 872,0
Algarve	4 631 854,0	293 428,0	23 266,0	4 948 548,0	-	4 948 548,0	58 273,7	5 006 821,7
TOTAIS	216 361 446,8	33 958 908,7	5 088 019,8	255 408 375,3	21 409 612,5	276 817 987,8	33 508 048,7	310 326 036,5

3.3 Produção de carne

O movimento de abate de bovinos da raça Frísia nos matadouros do continente, segundo as "Estatísticas Agrícolas", cifrou-se, nos anos de 1972, 1973, e 1974, nos quantitativos seguintes:

BOVINOS TURINOS E HOLANDESES ABATIDOS NOS

MATADOUROS DO CONTINENTE

ANOS	CATEGORIAS	Nº DE CABEÇAS	PESO (CARÇAÇAS) TONELADAS
1972	Adultos	106 073	25 765
	Adolescentes	27 366	5 567
1973	Adultos	112 447	27 548
	Adolescentes	30 000	6 092
1974	Adultos	132 240	33 645
	Adolescentes	33 852	7 237

Confrontando estes números com o que representa o efectivo de fêmeas adultas em 1972 - 178 611 (que supomos estável, muito embora os números da Campanha de Saneamento de Bovinos Leiteiros reflectam certa tendência para o aumento) -, conclui-se que o número de crias nascidas, anualmente, tem de ser, pelo menos, igual ao de fêmeas adultas e que a mortalidade intra e extra-uterina até aos 2 anos de vida não ultrapassa os 7%.

Estas conclusões não nos surpreendem porque sabemos que as vacas que se inutilizam para a produção de leite (mastites) e as inférteis são prontamente substituídas por outras, em regra novilhas a termo de gestação, que fornecem crias, normalmente, antes da data em que as fêmeas substituídas teriam as suas.

Isto explica a alta taxa de renovação do efectivo adulto, que será superior a 20%.

O número de crias nascidas, anualmente, corresponde, assim, ao de fêmeas adultas, podendo mesmo ultrapassá-lo.

Quanto ao índice de mortalidade até aos dois anos, calculado em 7% (abortos incluídos), esse, sim, talvez nos tenha surpreendido.

No entanto, em inquérito que decorreu durante o ano de 1975, a Cooperativa Agrícola de Oliveira de Azeméis encontrou os seguintes índices, num efectivo de 3 858 vacas abrangidas pelo inquérito:

Abortos	12	-	0,3%
Nado-mortos	67	-	1,7%
Mortos no 1º mês	106	-	2,7%
Mortos no 2º e 3º meses	8	-	0,2%
			4,9%

Ora, se a percentagem de mortes entre o 4º e o 24º meses for idêntica à registrada no 2º e 3º meses, isto é, 0,1% por mês, - e nada faz pressupor que não seja assim -, teremos, para o período dos 21 meses que se sucedem ao 3º mês de vida, exactamente 2,1%.

Quer isto dizer que o índice de mortalidade para os primeiros 24 meses de vida (aborto incluído) será de $4,9\% + 2,1\% = 7,0\%$, como anteriormente se achara.

Este trabalho da Cooperativa de Oliveira de Azeméis, embora incidindo num número de vacas relativamente pequeno - 3858 -, tem muito interesse, pois é, já, algo de concreto a permitir formar uma ideia menos fluída da situação presente nesta matéria.

E, nesta ordem de ideias, conclui-se que o número de animais anualmente disponíveis para abate, sem delapidação do efectivo-base, antes com algum acréscimo é, pelo menos, igual a 93% do número de fêmeas adultas existentes. E tenha-se em conta que não entraram nos cálculos os bovinos abatidos fora dos matadouros, sem "controle" da Junta Nacional dos Produtos Pecuários.

Outro ponto que interessa considerar é o do rendimento em carne.

As "Estatísticas Agrícolas" de 1972 a 1974 referem o número de cabeças "Turinas e Holandesas" abatidas e o peso das respectivas carcaças.

Tendo por base esses números, elaborámos o quadro seguinte, em que se calcularam as percentagens, em número de cabeças, com que adultos e adolescentes concorreram para o total dos animais da raça abatidos naqueles anos e, também, o peso médio da carcaça fornecida por cada uma daquelas classes de bovinos:

GADO "TURINO E HOLANDÊS" ABATIDO NOS MATADOUROS DO CONTINENTE.

ANOS	C L A S S E S	ANIMAIS		PESO DAS CARÇAÇAS	
		Número	%	Total t	Médio kg
1972	Adultos	106 073	79,5	25 765	242,9
	Adolescentes	27 366	20,5	5 567	203,4
T O T A I S		133 439	100,0	31 332	234,8
1973	Adultos	112 447	78,9	27 548	245,0
	Adolescentes	30 000	21,1	6 092	203,1
T O T A I S		142 447	100,0	33 640	236,2
1974	Adultos	132 240	79,6	33 645	254,4
	Adolescentes	33 852	20,4	7 237	213,8
T O T A I S		166 092	100,0	40 882	246,1

Este mapa mostra que:

- A percentagem de participação, em cabeças, de adolescentes e adultos nos totais abatidos manteve-se, sensivelmente, constante ao longo do triénio:
- O peso médio das carcaças mostra tendência para subir - em adultos, de 242,9 para 254,4 kg e, em adolescentes, de 203,4 para 213,8 kg:
- As diferenças entre os pesos médios das carcaças dos adultos e dos adolescentes são relativamente pequenas - 39,5 41,6 kg -, o que mostra bem a tendência actual para levar os machos ao termo da fase de acabamento e as fêmeas, pelo menos, ao 1º parto, só não chegando a tal, como regra, as que se mostraram inférteis:
- Para a totalidade da carne bovina de produção continental consumida naqueles anos, a contribuição da "turina holandesa" atingiu os números seguintes:

Vejamos o Mapa:

BOVINOS ABATIDOS NOS MATADOUROS DO CONTINENTE

(PESO DAS CARÇAÇAS, EM TONELADAS)

ANOS	C L A S S E S	PESOS DAS CARÇAÇAS		
		TOTAIS t	DAS TURINAS E HOLANDESAS	DAS TURINAS E HOLANDESAS %
1972	Adolescentes	13 831	5 567	40,3
	Adultos	60 138	25 765	42,8
	T O T A I S	73 969	31 332	42,4
1973	Adolescentes	15 961	6 092	38,2
	Adultos	65 618	27 548	42,0
	T O T A I S	81 579	33 640	41,2
	Adolescentes	16 998	7 237	42,6
	Adultos	67 772	33 645	49,6
	T O T A I S	84 770	40 882	48,2

Para um efectivo de fêmeas bovinas de todas as raças e idades, cifrado, segundo o Arrolamento de 1972, em 771 141 cabeças, a "Turina e Holandesa" contribui, apenas, com 37,6%, mas produziu em 1972, 1973 e 1974, além de 500 a 600 milhões de litros de leite por ano, 42,4%, 41,2% da carne produzida e consumida no país, sem delapidação dos efectivos-base, antes reforçando-os.

Conclusões destas impõem, necessariamente, profunda meditação a quem tenha de definir medidas de fomento para a bovinicultura nacional.

4. QUANTITATIVOS DE ANIMAIS. SE POSSÍVEL, INDICAR VALORES PARA 1965, 1970 e 1975

São de duas origens os elementos que serviram de base à elaboração dos quadros com que se responde a este quesito.

Os primeiros, respigados dos sucessivos arrolamentos efectuados no nosso país, muito desigualmente distanciados no tempo, sempre demasiadamente afastados e seguindo critérios diferentes na classificação dos animais, não permitem, mesmo com um mínimo de aproximação, apresentar a curva da evolução deste efectivo no decénio referido.

Os últimos, extraídos dos registos da Campanha de Saneamento dos Bovinos Leiteiros, são anuais, mas reportam-se apenas a fêmeas de mais de um ano de idade.

Assim mesmo, afiguram-se-nos do maior Interesse, já que nos dão conta da evolução do efectivo em reprodução.

4.1. Machos e fêmeas

EFFECTIVOS TURINOS E HOLANDESES, SEGUNDO OS ARROLAMENTOS

CONTINENTE E DISTRITOS	MACHOS			FÊMEAS			
	1934	1940	1972 (só re- produto- res	1870	1934	1940	1972
Continente	40 363	11 590	5 014	3 937	118 648	118 708	290 290
Aveiro	4 865	625	248	42	24 293	31 299	52 667
Beja	287	360	338	20	985	1 361	16 864
Braga	7 844	655	405	448	16 355	6 200	30 181
Bragança	416	37	126	6	925	306	4 665
Castelo Branco	1 038	38	150	-	770	174	5 536
Coimbra	1 250	606	117	23	2 781	3 502	22 963
Évora	495	435	288	1	1 296	1 484	13 467
Faro	420	415	332	4	1 476	1 937	8 774
Guarda	656	239	188	-	1 467	700	12 112
Leiria	804	317	229	21	1 778	2 028	8 344
Lisboa	2 179	1 004	608	1 885	14 655	18 296	29 064
Portalegre	788	463	318	14	1 108	1 053	12 464
Porto	12 230	3 390	795	916	30 641	33 592	36 372
Santarém	760	326	355	19	1 807	1 877	9 903
Setúbal	1 054	806	320	-	3 751	4 111	10 570
Viana do Castelo	2 570	383	27	529	8 391	4 331	5 403
Vila Real	1 108	275	92	7	2 866	1 709	4 330
Viseu	1 599	1 224	78	2	3 303	4 748	6 611

4.2. Grupos etários

FÊMEAS BOVINAS DO TRONCO FRISIA INSCRITAS NA CAMPANHA DE SANEAMENTO

DOS BOVINOS LEITEIROS

DISTRITOS	1967		1968		1969		1970		1971		1972		1973		1974		1975	
	De 1 ano	Total	De 1 ano	Total	De 1 ano	Total	De 1 ano	Total	De 1 ano	Total	De 1 ano	Total	De 1 ano	Total	De 1 ano	Total	De 1 ano	Total
Aveiro	132	26 467	31	28 104	44	29 836	25	29 987	108	28 476	116	29 140	92	31 072	42	31 862	18	33 188
Beja	372	7 310	228	7 932	218	8 695	197	9 640	159	9 060	197	9 669	99	11 369	136	12 192	17	7 644 a)
Braga	-	7 049	12	8 287	152	10 025	-	11 631	50	12 254	53	13 277	-	15 224	-	16 509	1 771	17 628
Bragança	55	1 421	81	1 614	61	1 691	274	1 898	366	2 151	219	3 028	452	3 982	775	5 117	587	5 804
Castelo Branco	125	2 054	144	2 166	56	2 396	-	2 565	180	2 594	213	2 825	204	3 610	290	4 263	349	4 698
Cóimbra	3	11 209	-	11 598	-	13 101	-	13 481	-	12 958	-	12 340	-	13 192	-	13 978	2 024	15 015
Évora	-	6 185	48	7 931	53	9 781	827	10 668	543	9 675	309	9 501	362	10 004	403	9 972	331	9 571
Faro	-	5 130	-	5 729	-	6 406	-	6 452	-	5 450	-	5 566	-	5 842	-	6 305	1 266	6 271
Guarda	-	3 195	-	3 862	-	4 354	-	4 567	-	4 632	-	5 666	-	7 570	-	8 416	1 045	9 123
Leiria	225	3 335	221	3 681	295	4 765	3	5 078	273	4 825	233	4 877	-	5 540	335	5 964	336	6 191
Lisboa	887	17 881	1 029	19 493	1 257	21 586	1 017	21 745	1 030	19 530	1 038	19 542	1 248	19 843	1 735	19 054	1 640	18 850
Portalegre	1 146	7 946	1 820	9 415	1 660	10 354	1 560	10 335	1 435	9 255	1 553	9 434	1 748	10 444	1 658	11 131	913	5 517 b)
Porto	55	19 630	55	20 637	27	21 638	10	21 791	6	20 251	27	20 683	22	22 129	7	22 644	19	23 726
Santarém	146	5 040	239	5 961	277	6 823	350	6 861	269	6 204	379	6 726	677	7 872	373	8 245	356	8 743
Setúbal	246	5 420	366	6 163	349	6 906	348	7 089	290	6 443	265	6 255	149	6 801	66	6 887	117	7 154
Viana do Castelo	-	1 696	-	1 794	-	1 929	2	2 090	52	2 113	1	2 362	-	2 648	-	2 958	-	3 392
Vila Real	228	2 125	185	2 164	257	2 316	97	2 356	85	2 162	210	2 447	217	2 798	221	3 055	118	3 311
Viseu	38	2 816	95	3 084	59	3 235	53	3 434	75	3 320	319	3 605	240	4 178	298	4 891	752	5 458
TOTAIS	3 658	135 909	4 554	149 615	4 765	165 837	4 763	171 668	4 921	161 353	5 132	166 943	5 510	184 118	6 339	193 443	11 659	191 284

a) Não inclui a Intendência de Pecuária de Serpa

b) Não inclui a Intendência de Pecuária de Portalegre

EFFECTIVOS TURINOS E HOLANDESES SEGUNDO OS ARROLAMENTOS, POR SEXOS E IDADES

CONTINENTE E DISTRITOS	1870	1934									1940									1972								
	Fêmeas Adultas	MACHOS				FÊMEAS					MACHOS				FÊMEAS					MACHOS (só reprodutores)			FÊMEAS					
		TOTAL	Até 6 me- ses	De 6 meses a 1 ano	De + de 1 ano	Total	Até 6 me- ses	De 6 meses a 1 ano	De + de 1 ano	TOTAL	Até 6 me- ses	De 6 a 18 meses	De + de 18 meses	TOTAL	Até 6 me- ses	De 6 a 18 meses	De + de 18 meses	TOTAL	De 1 ano a menos de 2	De 2 anos e mais	TOTAL	Com menos de 1 ano	De 1 ano a menos de 2	De 2 anos e mais				
		Continente	3 937	40 363	6 153	11 314	22 896	118 648	13 893	22 248	82 507	11 590	5 141	2 892	3 557	118 638	13 495	18 810	86 333	5 014	2 458	2 556	290 290	67 083	44 596	178 611		
Aveiro	42	4 865	638	1 255	2 972	24 293	2 570	4 322	17 401	625	461	81	83	31 299	2 817	3 938	24 544	248	127	121	52 667	12 896	7 982	31 789				
Beja	20	287	87	87	113	985	149	128	708	360	180	84	96	1 361	177	210	974	338	134	204	16 864	3 843	2 424	10 597				
Braga	448	7 844	1 336	2 311	4 197	16 355	1 816	3 250	11 289	655	361	187	107	6 200	883	1 221	4 096	405	201	204	30 181	6 091	4 938	19 152				
Bragança	6	416	93	146	177	925	98	170	657	37	24	6	7	306	28	34	244	126	62	64	4 665	796	836	3 033				
Castelo Branco	-	1 038	113	321	604	770	84	165	521	30	10	8	12	174	8	41	125	150	65	85	5 536	1 325	822	3 389				
Coimbra	23	1 250	140	352	758	2 781	373	544	1 864	606	192	135	279	3 502	534	716	2 252	117	44	73	22 963	7 026	2 902	13 035				
Évora	1	495	203	129	163	1 296	213	253	830	435	233	121	81	1 484	223	221	1 040	288	132	156	13 467	2 967	2 203	8 297				
Faro	4	420	128	161	131	1 476	177	317	982	415	204	102	109	1 937	338	406	1 193	332	167	165	8 774	1 956	1 134	5 684				
Guarda	-	656	144	206	306	1 467	171	363	933	239	74	65	100	700	117	125	458	188	85	103	12 112	2 570	1 733	7 809				
Leiria	21	804	82	312	410	1 778	167	459	1 152	317	125	77	115	2 028	280	349	1 399	229	96	133	8 344	2 033	1 310	5 001				
Lisboa	1 885	2 179	237	571	1 371	14 655	1 621	2 938	10 096	1 004	225	194	585	18 296	1 694	3 045	13 557	608	324	284	29 064	6 061	4 487	18 516				
Portalegre	14	788	159	226	403	1 108	165	210	733	463	158	131	174	1 053	155	121	777	318	132	186	12 464	2 515	2 136	7 813				
Porto	916	12 230	1 641	3 017	7 572	30 641	3 863	5 184	21 594	3 390	1 730	863	797	33 522	4 081	5 361	24 080	795	539	256	36 372	7 802	5 313	23 857				
Santarém	19	760	119	193	448	1 807	207	249	1 351	326	100	90	136	1 877	257	255	1 365	355	154	201	9 903	1 813	1 493	6 597				
Setúbal	-	1 054	211	309	534	3 751	584	750	2 417	806	376	214	216	4 111	615	1 010	2 486	320	115	205	10 570	2 520	1 636	6 414				
Viana do Castelo	529	2 570	367	818	1 385	8 391	846	1 535	6 010	383	97	110	176	4 331	354	692	3 285	27	5	22	5 403	799	1 355	3 249				
Vila Real	7	1 108	164	345	593	2 866	355	635	1 876	275	133	86	56	1 709	234	313	1 162	92	40	52	4 330	1 156	957	2 217				
Viseu	2	1 599	291	555	752	3 303	434	776	2 093	1 224	458	338	428	4 748	700	752	3 296	78	36	42	6 611	2 914	935	2 762				

5. NÚMERO DE CABEÇAS POR EXPLORAÇÃO E SUA DEPENDÊNCIA DA EXPLORAÇÃO AGRÁRIANÚMERO DE ESTÁBULOS POR CLASSES DE EFECTIVOSNOS ANOS DE 1967 A 1974

ANOS	FÊMEAS ABRANGIDAS PELA C. S. B. L.	DE 1 A 5 VACAS	DE 6 a 11 VACAS	DE 11 a 20 VACAS	DE 21 a 50 VACAS	+ DE 50 VACAS	TOTAIS DE ESTÁBULOS	VACAS POR ESTÁBULO (Média)
1967	135 909	68 670	1 506	655	343	67	71 241	1,91
1968	149 641	72 059	2 188	857	326	61	75 491	1,98
1969	165 840	77 336	2 195	857	357	88	80 833	2,05
1970	171 668	79 586	2 045	708	326	101	82 766	2,07
1971	161 353	74 561	1 945	700	357	94	77 657	2,08
1972	166 943	75 528	2 016	695	340	80	78 659	2,12
1973	184 120	79 473	2 282	872	352	105	83 084	2,22
1974	193 443	81 477	2 622	882	391	105	85 477	2,26

NÚMERO DE ESTÁBULOS POR CLASSES DE EFECTIVOS, NOS DIFERENTES DISTRITOS.

NO ANO DE 1967

DISTRITOS	FÊMEAS ABRANGI- DAS PELA C.S.B.L.	DE 1 a 5 VACAS	DE 6 a 11 VACAS	DE 11 a 20 VACAS	DE 21 a 50 VACAS	+ DE 50 VACAS	TOTAIS DE ESTÁBULOS	VACAS POR ESTÁBULO (média)
Aveiro	26 467	19 552	26	8	5	3	19 594	1,35 -
Beja	7 310	1 726	132	52	33	13	1 956	3,74 +
Braga	7 049	4 872	21	12	1	1	4 907	1,44 -
Bragança	1 421	709	29	8	-	-	746	1,90 -
Castelo Branco	2 054	959	29	21	1	-	1 010	2,03 +
Coimbra	11 209	8 841	9	11	6	-	8 867	1,26 -
Évora	6 185	1 584	108	53	35	7	1 787	3,46 +
Faro	5 130	1 637	113	55	14	-	1 819	2,82 +
Guarda	3 195	2 003	27	8	-	-	2 038	1,57 -
Leiria	3 335	1 597	40	13	7	1	1 658	2,01 +
Lisboa	17 881	5 166	297	197	111	27	5 798	3,08 +
Portalegre	7 946	2 210	125	86	69	6	2 496	3,18 +
Porto	19 630	10 192	241	22	7	2	10 464	1,88 -
Santarém	5 040	1 375	122	45	13	3	1 558	3,23 +
Setúbal	5 420	1 323	149	51	41	4	1 568	3,46 +
Viana do Castelo	1 696	1 317	7	-	-	-	1 324	1,28 -
Vila Real	2 125	1 457	20	8	-	-	1 485	1,43 -
Viseu	2 816	2 150	11	5	-	-	2 166	1,30 -
TOTAIS	135 909	68 670	1 506	655	343	67	71 241	1,91

NÚMERO DE ESTÁBULOS POR CLASSES DE EFECTIVOS, NOS DIFERENTES DISTRITOS,

NO ANO DE 1974

DISTRITOS	FÊMEAS ABRANGI- DAS PELA C.S.B.L.	DE 1 a 5 VACAS	DE 6 a 11 VACAS	DE 11 a 20 VACAS	DE 21 A 50 VACAS	+ de 50 VACAS	TOTAIS DE ESTÁBU- LOS	VACAS POR ESTÁBULO (média)
Aveiro	31 862	19 384	126	32	15	5	19 562	1,63 -
Beja	12 192	2 716	221	89	33	16	3 075	3,96 +
Braga	16 509	8 508	114	33	10	4	8 669	1,90 -
Bragança	5 117	2 643	75	19	3	-	2 740	1,87 -
Castelo Branco	4 263	1 527	97	32	9	1	1 666	2,56 +
Coimbra	13 987	9 313	28	18	7	-	9 366	1,49 -
Évora	9 972	2 137	120	96	74	12	2 439	4,09 +
Faro	6 305	2 046	115	46	19	1	2 227	2,83 +
Guarda	8 416	4 903	52	5	-	-	4 960	1,70 -
Leiria	5 964	2 393	87	29	10	1	2 520	2,37 +
Lisboa	19 054	3 859	548	134	40	19	4 600	4,14 +
Portalegre	11 131	2 726	159	83	71	18	3 057	3,64 +
Porto	22 644	9 064	459	115	31	7	9 676	2,34 +
Santarém	8 245	1 964	152	64	26	12	2 218	3,72 +
Setúbal	6 887	1 456	203	68	34	6	1 767	3,90 +
Viana do Castelo	2 958	1 735	7	4	1	1	1 748	1,69 -
Vila Real	3 055	1 906	38	8	1	1	1 954	1,56 -
Viseu	4 891	3 197	21	7	7	1	3 233	1,51 -
TOTAIS	193 443	81 477	2 622	882	391	105	85 477	2,26

5.2. Localização por concelhos ou Zona Geográfica de encabeçamento médio, acima da média e abaixo da média

Em 1974 - e as variações observadas ao longo do último decénio, embora muito lentas, têm o seu significado -, a média apurada foi de 2,26 cabeças por estábulo.

O ordenamento dos distritos em função deste coeficiente tem, em 1974, a expressão seguinte:

1) Abaixo da média

Aveiro	1,63
Braga	1,90
Bragança	1,87
Coimbra	1,49
Guarda	1,70
Viana do Castelo	1,69
Vila Real	1,56
Viseu	1,51

2) Acima da média

Beja	3,96
Castelo Branco	2,56
Évora	4,09
Faro	2,83
Leiria	2,37
Lisboa	4,14
Portalegre	3,64
Porto	2,34
Santarém	3,72
Setúbal	3,90

6. ALGUNS DADOS BIOLÓGICOS

6.1. Índices de fecundidade

Não existem números que permitam calcular o índice de fecundidade para as diferentes regiões do país, com relativo rigor.

Assim, socorremo-nos das informações dos técnicos regionais, que, numa forma geral, situam esse índice entre os 70 e os 80%, com excepção do Algarve, onde se pensa não atingir os 70%.

6.2. Desmame

Como para 6.1. as informações obtidas permitem situar a desmama - fim do período de aleitamento, ainda que com leites de substituição - entre os 2,5 e os 3,5 meses, para a generalidade das regiões do país. No Algarve, o desmame será um tanto mais tardio - cerca dos 4 meses -, havendo, ainda, casos onde, por dificuldade na comercialização do leite, as vacas são utilizadas como amas, chegando, em tais casos, a observar-se desmames entre os 5 e os 7 meses. Estes casos, embora não muito frequentes, também não podem considerar-se raros.

Quanto a pesos, pensa-se, com base nos elementos registados nos vitelheiros de 1ª fase, que a desmama se processa aos 3 meses e meio, com pesos vivos que variam entre 118,8 e 127,8 kg, conforme consta dos mapas seguintes:

RECRIA DE VITELOS - 1971

1ª FASE

INTENDENCIAS	VITELOS																										
	ENTRADOS			VENDIDOS						MORTOS						REPROVADOS						SAÍDOS					
	M	F	T	M		F		T		M		F		T		M		F		T		M		F		T	
				Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Aveiro	698	144	842	3	0,4	-	-	3	0,4	34	4,9	5	3,5	39	4,6	35	5,0	5	3,5	40	4,7	626	89,7	134	93,0	760	90,3
Beja	836	638	1 474	-	-	1	0,2	1	0,1	11	1,3	6	0,9	17	1,1	9	1,1	7	1,1	16	1,1	816	97,6	624	97,8	1 440	97,7
Castelo Branco	25	16	41	-	-	-	-	-	-	1	4,0	-	-	1	2,4	-	-	-	-	-	-	24	96,0	16	100,0	40	97,6
Coimbra	2 264	144	2 408	-	-	-	-	-	-	3	0,1	3	2,1	6	0,2	1	0,1	1	0,7	2	0,1	2 260	99,8	140	97,2	2 400	99,7
Elvas	81	86	167	-	-	-	-	-	-	5	6,2	1	1,2	6	3,6	1	1,2	-	-	1	0,6	75	92,6	85	98,8	160	95,8
Évora	1 009	521	1 530	-	-	-	-	-	-	14	1,4	11	2,1	25	1,6	39	3,9	26	5,0	65	4,3	956	94,7	484	92,9	1 440	94,1
Faro	189	144	333	12	6,4	-	-	12	3,6	-	-	-	-	-	-	1	0,5	-	-	1	0,3	176	93,1	144	100,0	320	96,1
Guarda	144	16	160	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	144	100,0	16	100,0	160	100,0
Lamego	36	5	41	-	-	-	-	-	-	-	-	1	20,0	1	2,4	-	-	-	-	-	-	36	100,0	4	80,0	40	97,6
Leiria	878	83	961	-	-	-	-	-	-	36	4,1	1	1,2	37	3,9	3	0,3	1	1,2	4	0,4	839	95,6	81	97,6	920	95,7
Lisboa	3 543	824	4 367	45	1,3	8	1,0	53	1,2	111	3,1	17	2,1	128	3,0	99	2,8	7	0,8	106	2,4	3 288	92,8	792	96,1	4 080	93,4
Porto	547	144	691	-	-	-	-	-	-	8	1,5	3	2,1	11	1,6	-	-	-	-	-	-	539	98,5	141	97,9	680	98,4
Santarém	2 200	300	2 500	9	0,4	1	0,3	10	0,4	73	3,3	9	3,0	82	3,3	79	3,6	9	3,0	88	3,5	2 039	92,7	281	93,7	2 320	92,8
Setúbal	721	-	721	-	-	-	-	-	-	1	0,1	-	-	1	0,1	-	-	-	-	-	-	720	99,9	-	-	720	99,9
Tomar	391	22	413	-	-	-	-	-	-	73	18,7	-	-	73	17,7	20	5,1	-	-	20	4,8	298	76,2	22	100,0	320	77,5
Viana do Castelo	40	-	40	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	40	100,0	-	-	40	100,0
Viseu	284	77	361	-	-	-	-	-	-	1	0,4	-	-	1	0,3	-	-	-	-	-	-	283	99,6	77	100,0	360	99,7
T O T A L	13 886	3 164	17 050	69	0,5	10	0,3	79	0,5	371	2,7	57	1,8	428	2,5	287	2,1	56	1,8	343	2,0	13 159	94,7	3 041	96,1	16 200	95,0

RECRIA DE VITELOS - 1971

1ª FASE

INTENDÊNCIAS	VITELOS QUE CONCLUÍRAM A RECRIA			DIAS DE RECRIA (MÉDIA)			PESO INICIAL MÉDIO (kg)			PESO FINAL MÉDIO (kg)			REPOSIÇÃO DURANTE A RECRIA (kg)			REPOSIÇÃO MÉDIA DIÁRIA (kg)		
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T
	Aveiro	626	134	760	78	77	78	54,6	52,9	54,3	126,1	109,6	123,2	71,5	56,7	68,9	0,917	0,736
Beja	816	624	1 440	75	75	75	54,3	53,2	53,8	122,8	117,7	120,6	68,5	64,5	66,8	0,913	0,860	0,891
Castelo Branco	24	16	40	76	76	76	60,9	58,9	60,1	110,6	109,4	110,1	49,7	50,5	50,0	0,654	0,664	0,658
Coimbra	2 260	140	2 400	81	81	81	58,7	57,9	58,7	117,9	115,6	117,8	59,2	57,7	59,1	0,731	0,712	0,730
Elvas	75	85	160	75	75	75	49,7	48,2	48,9	116,2	109,5	112,6	66,5	61,3	63,7	0,887	0,817	0,849
Évora	956	484	1 440	78	74	77	51,1	47,9	50,0	118,8	108,7	115,4	67,7	60,8	65,4	0,868	0,822	0,849
Faro	176	144	320	81	79	80	46,3	44,1	45,3	107,2	107,4	107,3	60,9	63,3	62,0	0,752	0,801	0,775
Guarda	144	16	160	76	77	76	49,9	52,3	50,1	118,5	121,4	118,8	68,6	69,1	68,7	0,903	0,897	0,904
Lamego	36	4	40	75	75	75	47,3	45,0	47,1	115,5	115,5	115,5	68,2	70,5	68,4	0,909	0,940	0,912
Leiria	839	81	920	79	86	80	56,7	53,9	56,5	128,0	117,8	127,1	71,3	63,9	70,6	0,903	0,743	0,883
Lisboa	3 288	792	4 080	80	78	80	55,5	53,2	55,1	123,7	119,6	122,9	68,2	66,4	67,8	0,853	0,851	0,848
Porto	539	141	680	79	79	79	50,8	47,9	50,2	115,0	110,8	114,1	64,2	62,9	63,9	0,813	0,796	0,809
Santarém	2 039	281	2 320	75	75	75	53,2	46,3	52,4	112,7	100,2	111,2	59,5	53,9	58,8	0,793	0,719	0,784
Setúbal	720	-	720	76	-	76	54,0	-	54,0	114,5	-	114,5	60,5	-	60,5	0,796	-	0,796
Tomar	298	22	320	75	75	75	55,1	48,8	54,7	112,3	100,1	111,5	57,2	51,3	56,8	0,763	0,684	0,757
Viana do Castelo	40	-	40	78	-	78	57,1	-	57,1	129,4	-	129,4	72,3	-	72,3	0,927	-	0,927
Viseu	283	77	360	90	90	90	47,8	45,0	47,2	140,7	137,2	140,0	92,9	92,2	92,8	1,032	1,024	1,031
T O T A L	13 159	3 041	16 200	79	77	78	54,7	50,9	54,0	119,9	114,0	118,8	65,2	63,1	64,8	0,825	0,819	0,831

RECRIA DE VITELOS - 1972

1ª FASE

INTERMUNICÍCIAS	- VITELOS -																										
	ENTRADOS			VENDIDOS						MORTOS						REPROVADOS						SAÍDOS					
	M	F	T	M		F		T		M		F		T		M		F		T		M		F		T	
				Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Aveiro	1 081	200	1 281	2	0,2	-	-	2	0,1	18	1,7	1	0,5	19	1,5	54	5,0	6	3,0	60	4,7	1 007	93,1	193	96,5	1 200	93,7
Beja	809	498	1 307	-	-	-	-	-	-	15	1,8	8	1,6	23	1,8	66	8,2	18	3,6	84	6,4	728	90,0	472	94,8	1 200	91,8
Braga	115	46	161	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,9	-	-	1	0,6	114	99,1	46	100,0	160	99,4
Castelo Branco	238	62	300	-	-	-	-	-	-	6	2,5	1	1,6	7	2,3	12	5,0	1	1,6	13	4,3	220	92,5	60	96,8	280	93,4
Coimbra	3 454	125	3 579	-	-	-	-	-	-	15	0,4	3	2,4	18	0,5	-	-	1	0,8	1	0,0	3 439	99,6	121	96,8	3 560	99,5
Elvas	47	36	83	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	4,3	1	2,8	3	3,6	45	95,7	35	97,2	80	96,4
Évora	1 382	199	1 581	-	-	-	-	-	-	16	1,2	15	7,5	31	2,0	28	2,0	2	1,0	30	1,9	1 338	96,8	182	91,5	1 520	96,1
Faro	241	226	467	12	5,0	-	-	12	2,6	9	3,7	6	2,7	15	3,2	-	-	-	-	-	-	220	91,3	220	97,3	440	94,2
Guarda	149	14	163	-	-	-	-	-	-	3	2,0	-	-	3	1,8	-	-	-	-	-	-	146	98,0	14	100,0	160	98,2
Lamego	105	15	120	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	105	100,0	15	100,0	120	100,0
Leiria	467	45	512	-	-	-	-	-	-	7	1,5	4	8,9	11	2,1	21	4,5	-	-	21	4,1	439	94,0	41	91,1	480	93,8
Lisboa	2 958	1 058	4 016	26	0,9	2	0,2	28	0,7	84	2,8	16	1,5	100	2,5	102	3,4	6	0,6	108	2,7	2 746	92,9	1 034	97,7	3 780	94,1
Porto	687	151	838	-	-	-	-	-	-	24	3,5	1	0,7	25	3,0	13	1,9	-	-	13	1,5	650	94,6	150	99,3	800	95,5
Santarém	2 514	207	2 721	10	0,4	3	1,4	13	0,5	21	0,8	4	2,0	25	0,9	40	1,6	3	1,4	43	1,6	2 443	97,2	197	95,2	2 640	97,0
Serpa	83	3	86	-	-	-	-	-	-	4	4,8	-	-	4	4,7	2	2,4	-	-	2	2,3	77	92,8	3	100,0	80	93,0
Setúbal	884	40	924	-	-	-	-	-	-	16	1,8	1	2,5	17	1,8	47	5,3	-	-	47	5,1	821	92,9	39	97,5	860	93,1
Tomar	80	2	82	-	-	-	-	-	-	1	1,3	-	-	1	1,2	1	1,3	-	-	1	1,2	78	97,4	2	100,0	80	97,6
Viana do Castelo	64	21	85	-	-	-	-	-	-	5	7,8	-	-	5	5,9	-	-	-	-	-	-	59	92,2	21	100,0	80	94,1
Viseu	370	71	441	-	-	-	-	-	-	1	0,3	-	-	1	0,2	-	-	-	-	-	-	369	99,7	71	100,0	440	99,8
T O T A L	15 728	3 019	18 747	50	0,3	5	0,2	55	0,3	245	1,6	60	2,0	305	1,6	389	2,5	38	1,2	427	2,3	15 044	95,6	2 916	96,6	17 960	95,8

RECRIA DE VITELOS - 1972

1ª FASE

INTENDÊNCIAS	VITELOS QUE CONCLUÍRAM A RECRIA			DIAS DE RECRIA (MÉDIA)			PESO INICIAL MÉDIO (kg)			PESO FINAL MÉDIO (kg)			REPOSIÇÃO DURANTE A RECRIA (kg)			REPOSIÇÃO MÉDIA DIÁRIA (kg)		
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T
Aveiro	1 007	193	1 200	77	77	77	56,1	53,9	55,7	123,4	110,4	121,3	67,3	56,5	65,6	0,874	0,734	0,852
Beja	728	472	1 200	75	75	75	51,9	53,6	52,6	116,4	117,1	116,7	64,5	63,5	64,1	0,860	0,847	0,855
Braga	114	46	160	75	75	75	53,3	50,6	52,5	113,6	111,6	113,0	60,3	61,0	60,5	0,804	0,813	0,807
Castelo Branco	220	60	280	76	76	76	58,3	56,6	57,9	119,0	110,2	117,1	60,7	53,6	59,2	0,799	0,705	0,779
Coimbra	3 439	121	3 560	80	80	80	55,4	54,5	55,4	121,9	112,3	121,6	66,5	57,8	66,2	0,831	0,722	0,827
Elvas	45	35	80	75	75	75	50,8	49,9	50,4	114,0	107,7	111,2	63,2	57,8	60,8	0,843	0,771	0,811
Évora	1 338	182	1 520	77	77	77	53,5	51,6	53,3	120,0	120,6	120,1	66,5	69,0	66,8	0,864	0,896	0,868
Faro	220	220	440	80	80	80	53,1	47,7	50,4	122,0	112,6	117,3	68,9	64,9	66,9	0,861	0,811	0,836
Guarda	146	14	160	76	76	76	50,7	46,6	50,3	116,9	101,4	115,5	66,2	54,8	65,2	0,871	0,721	0,858
Lamego	105	15	120	75	75	75	48,1	46,7	47,9	123,2	121,8	123,0	75,1	75,1	75,1	1,001	1,001	1,001
Leiria	439	41	480	76	76	76	56,8	50,5	56,3	128,6	110,0	127,0	71,8	59,5	70,7	0,945	0,783	0,930
Lisboa	2 746	1 034	3 780	80	79	80	55,2	52,5	54,5	127,6	118,4	125,1	72,4	65,9	70,6	0,905	0,834	0,882
Porto	650	150	800	79	79	79	52,0	50,1	51,6	116,7	107,7	115,0	64,7	57,6	63,4	0,819	0,729	0,803
Santarém	2 443	197	2 640	75	75	75	54,8	47,5	54,3	120,6	104,5	119,4	65,8	57,0	65,1	0,877	0,760	0,868
Serpa	77	3	80	77	79	77	45,9	55,3	46,3	104,0	111,3	104,3	58,1	56,0	58,0	0,755	0,709	0,753
Setúbal	821	39	860	75	75	75	52,9	52,8	52,9	120,1	113,9	119,8	67,2	61,1	66,9	0,896	0,815	0,892
Tomar	78	2	80	75	75	75	55,1	58,0	55,2	125,6	134,5	125,8	70,5	76,5	70,6	0,940	1,020	0,941
Viana do Castelo	59	21	80	84	76	82	57,3	70,6	60,8	135,8	145,7	138,4	78,5	75,1	77,6	0,935	0,988	0,946
Viseu	369	71	440	90	90	90	47,7	45,6	47,4	126,9	121,2	126,0	79,2	75,6	78,6	0,880	0,840	0,873
T O T A L	15 044	2 916	17 960	78	78	78	54,4	51,9	54,0	122,2	115,2	121,1	67,8	63,3	67,1	0,869	0,812	0,860

RECRIA DE VITEL0 - 1973

1ª FASE

INTENDENCIAS	VITEL0S																										
	ENTRADOS			VENDIDOS						MORTOS						REPROVADOS						SAÍDOS					
	M	F	Total	M		F		Total		M		F		Total		M		F		Total		M		F		Total	
				Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Aveiro	1 644	174	1 818	2	0,1	-	-	2	0,1	22	1,3	4	2,3	26	1,4	108	6,6	2	1,1	110	6,1	1 512	92,0	168	96,6	1 680	92,4
Beja	960	646	1 606	1	0,1	-	-	1	0,1	16	1,7	8	1,2	24	1,5	51	5,3	10	1,6	61	3,8	892	92,9	628	97,2	1 520	94,6
Braga	423	67	490	-	-	-	-	-	-	15	3,5	-	-	15	3,1	33	7,8	2	3,0	35	7,1	375	88,7	65	97,0	440	89,8
Castelo Branco	138	32	170	-	-	-	-	-	-	5	3,6	-	-	5	2,9	5	3,6	-	-	5	2,9	128	92,8	32	100,0	160	94,2
Chaves	23	21	44	-	-	-	-	-	-	-	-	2	9,5	2	4,5	1	4,3	1	4,8	2	4,5	22	95,7	18	85,7	40	91,0
Coimbra	4 760	96	4 856	-	-	-	-	-	-	13	0,3	2	2,1	15	0,3	-	-	1	1,0	1	0,0	4 747	99,7	93	96,9	4 840	99,7
Elvas	46	36	82	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2,2	1	2,8	2	2,4	45	97,8	35	97,2	80	97,6
Évora	1 528	203	1 731	4	0,3	16	7,9	20	1,2	8	0,5	29	14,3	37	2,1	12	0,8	2	1,0	14	0,8	1 504	98,4	156	76,8	1 660	95,9
Faro	194	199	393	31	16,0	1	0,5	32	8,1	1	0,5	-	-	1	0,3	-	-	-	-	-	-	162	83,5	198	99,5	360	91,6
Guarda	110	11	121	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,9	-	-	1	0,8	109	99,1	11	100,0	120	99,2
Lamego	111	9	120	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	111	100,0	9	100,0	120	100,0
Leiria	685	55	740	8	1,2	-	-	8	1,1	15	2,2	2	3,6	17	2,3	16	2,3	-	-	16	2,2	646	94,3	53	96,4	699	94,4
Lisboa	2 880	974	3 854	42	1,5	12	1,2	54	1,4	66	2,3	9	0,9	75	1,9	96	3,3	9	0,9	105	2,7	2 676	92,9	944	97,0	3 620	94,0
Portalegre	311	23	334	-	-	-	-	-	-	13	4,2	-	-	13	3,9	-	-	1	4,3	1	0,3	298	95,8	22	95,7	320	95,8
Porto	654	93	747	-	-	-	-	-	-	9	1,4	-	-	9	1,2	18	2,7	-	-	18	2,4	627	95,9	93	100,0	720	96,4
Santarém	2 885	217	3 102	7	0,2	-	-	7	0,2	13	0,5	1	0,5	14	0,4	54	1,9	7	3,2	61	2,0	2 811	97,4	209	96,3	3 020	97,4
Setúbal	1 402	305	1 707	-	-	-	-	-	-	22	1,6	3	1,0	25	1,5	93	6,6	9	2,9	102	6,0	1 287	91,8	293	96,1	1 580	92,5
Tomar	184	41	225	-	-	-	-	-	-	4	2,2	-	-	4	1,8	34	18,5	3	7,3	37	16,4	146	79,3	38	92,7	184	81,8
Viana do Castelo	43	38	81	-	-	-	-	-	-	1	2,3	-	-	1	1,2	-	-	-	-	-	-	42	97,7	38	100,0	80	98,8
Viseu	619	34	653	-	-	-	-	-	-	12	1,9	1	2,9	13	2,0	-	-	-	-	-	-	607	98,1	33	97,1	640	98,0
T O T A L	19 600	3 274	22 874	95	0,5	29	0,9	124	0,5	235	1,2	61	1,8	296	1,3	523	2,7	48	1,5	571	2,5	18 747	95,6	3 136	95,8	21 883	95,7

RECRIA DE VITELOS - 1973

1ª FASE

INTENDÊNCIAS	VITELOS QUE CONCLUÍRAM A RECRIA			DIAS DE RECRIA (MÉDIA)			PESO INICIAL MÉDIO (kg)			PESO FINAL MÉDIO (kg)			REPOSIÇÃO DURANTE A Recria (kg)			REPOSIÇÃO MÉDIA DIÁRIA (kg)		
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T
	Aveiro	1 512	168	1 680	78	78	78	57,0	57,0	57,0	129,6	120,7	128,7	72,6	63,7	71,7	0,931	0,817
Beja	892	628	1 520	75	75	75	55,8	53,9	55,0	124,4	116,0	120,9	68,6	62,1	65,9	0,915	0,828	0,879
Braga	375	65	440	75	75	75	57,2	53,4	56,6	126,1	109,0	123,6	68,9	55,6	67,0	0,919	0,741	0,893
Castelo Branco	128	32	160	76	76	76	58,9	53,4	57,8	128,6	117,5	126,4	69,7	64,1	68,6	0,917	0,843	0,903
Chaves	22	18	40	76	76	76	58,4	55,8	57,2	114,8	108,3	111,9	56,4	52,5	54,7	0,742	0,691	0,720
Coimbra	4 747	93	4 840	81	80	81	56,5	54,6	56,5	127,8	120,8	127,7	71,3	66,2	71,2	0,880	0,827	0,879
Elvas	45	35	80	75	75	75	59,9	55,3	57,9	130,0	120,1	125,7	70,1	64,8	67,8	0,935	0,864	0,904
Évora	1 504	156	1 660	77	77	77	59,8	55,7	59,4	126,3	121,4	125,8	66,5	65,7	66,4	0,864	0,853	0,862
Faro	162	198	360	80	80	80	59,0	51,7	55,0	127,6	103,3	114,2	68,6	51,6	59,2	0,857	0,645	0,740
Guarda	109	11	120	78	76	78	58,3	59,3	58,4	126,9	123,1	126,6	68,6	63,8	68,2	0,879	0,839	0,874
Lamego	111	9	120	78	79	78	49,9	50,4	49,9	129,1	129,8	129,2	79,2	79,4	79,3	1,015	1,005	1,017
Leiria	646	53	699	77	75	77	60,7	63,5	60,9	139,8	139,0	139,7	79,1	75,5	78,8	1,027	1,007	1,023
Lisboa	2 676	944	3 620	81	82	81	60,0	56,5	59,1	137,2	123,3	133,6	77,2	66,8	74,5	0,953	0,815	0,920
Portalegre	298	22	320	75	75	75	53,2	47,2	52,8	119,3	105,9	118,4	66,1	58,7	65,6	0,881	0,783	0,875
Porto	627	93	720	78	77	78	53,4	51,4	53,1	121,7	110,8	120,3	68,3	59,4	67,2	0,876	0,771	0,862
Santarém	2 811	209	3 020	75	75	75	59,5	53,4	59,1	130,2	117,5	129,3	70,7	64,1	70,2	0,943	0,855	0,936
Setúbal	1 287	293	1 580	75	75	75	57,5	51,5	56,4	128,0	110,8	124,8	70,5	59,3	68,4	0,940	0,791	0,912
Tomar	146	38	184	75	75	75	57,1	52,4	56,1	124,0	110,8	121,3	66,9	58,4	65,2	0,892	0,779	0,869
Viana do Castelo	42	38	80	78	78	78	50,3	48,0	49,2	136,0	126,0	131,3	85,7	78,0	82,1	1,099	1,000	1,053
Viseu	607	33	640	90	90	90	51,3	52,0	51,3	129,4	123,3	129,1	78,1	71,3	77,8	0,868	0,792	0,864
T O T A L	18 747	3 136	21 883	79	78	78	57,6	54,5	57,2	129,5	117,9	127,8	71,9	63,4	70,6	0,910	0,813	0,905

RECRUTA DE VITELOS - 1971

2ª FASE

INTENDÊNCIAS	V I T E L O S																										
	ENTRADOS			VENDIDOS						MORTOS						REPROVADOS						SAÍDOS					
	M	F	T	M		F		T		M		F		T		M		F		T		M		F		T	
				Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Aveiro	472	90	562	1	0,2	1	1,1	2	0,3	1	0,2	-	-	1	0,2	-	-	-	-	-	-	470	99,6	89	98,9	559	99,5
Beja	729	471	1 200	23	3,1	2	0,4	25	2,1	10	1,4	-	-	10	0,8	-	-	-	-	-	-	696	95,5	469	99,6	1 165	97,1
Coimbra	1 564	133	1 697	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1 564	100,0	133	100,0	1 697	100,0	
Évora	235	227	462	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	235	100,0	227	100,0	462	100,0	
Faro	152	128	280	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	152	100,0	128	100,0	280	100,0	
Guarda	111	12	123	20	18,0	-	-	20	16,3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	91	82,0	12	100,0	103	83,7	
Lamego	30	-	30	2	6,7	-	-	2	6,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	28	93,3	-	-	28	93,3	
Leiria	779	18	797	82	10,5	-	-	82	10,3	12	1,5	-	-	12	1,5	-	-	-	-	-	685	88,0	18	100,0	703	88,2	
Lisboa	2 037	616	2 653	93	4,6	3	0,5	96	3,6	29	1,4	12	1,9	41	1,5	36	1,8	9	1,5	45	1,7	1 879	92,2	592	96,1	2 471	93,2
Porto	692	148	840	26	3,7	2	1,3	28	3,3	2	0,3	1	0,7	3	0,4	-	-	-	-	-	664	96,0	145	98,0	809	96,3	
Santarém	608	106	714	44	7,2	-	-	44	6,2	1	0,2	-	-	1	0,1	-	-	-	-	-	563	92,6	106	100,0	669	93,7	
Setúbal	615	49	664	4	0,7	-	-	4	0,6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	611	99,3	49	100,0	660	99,4	
Tomar	590	43	633	40	6,8	-	-	40	6,3	20	3,4	-	-	20	3,2	2	0,3	-	-	2	0,3	528	89,5	43	100,0	571	90,2
Viana do Castelo	40	-	40	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	40	100,0	-	-	40	100,0	
Viseu	382	74	456	8	2,1	-	-	8	1,8	1	0,3	-	-	1	0,2	-	-	-	-	-	373	97,6	74	100,0	447	98,0	
TOTAL	9 036	2 115	11 151	343	3,8	8	0,4	351	3,1	76	0,8	13	0,6	89	0,8	38	0,4	9	0,4	47	0,4	8 579	95,0	2 085	98,6	10 664	95,7

RECRIA DE VITELOS - 1971

2ª FASE

INTENDÊNCIAS	VITELOS QUE CONCLUÍRAM A RECRIA			DIAS DE RECRIA (MÉDIA)			PESO INICIAL MÉDIO (kg)			PESO FINAL MÉDIO (kg)			REPOSIÇÃO DURANTE A RE- CRIA (kg)			REPOSIÇÃO MÉDIA DIÁRIA (kg)		
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T
Aveiro	470	89	559	77	76	77	123,1	109,7	121,0	214,3	179,6	208,8	91,2	69,9	87,8	1,184	0,920	1,140
Beja	696	469	1 165	75	75	75	124,1	119,5	122,2	196,4	168,6	185,2	72,3	49,1	63,0	0,964	0,655	0,840
Coimbra	1 564	133	1 697	78	76	78	119,0	117,3	118,9	212,5	203,7	211,8	93,5	86,4	92,9	1,199	1,137	1,191
Évora	235	227	462	76	76	76	115,7	112,3	114,0	182,6	177,8	180,2	66,9	65,5	66,2	0,880	0,862	0,871
Faro	152	128	280	80	80	80	105,7	104,1	105,0	170,1	168,9	169,6	64,4	64,8	64,6	0,805	0,810	0,807
Guarda	91	12	103	80	79	80	121,8	120,5	121,6	213,7	188,5	210,8	91,9	68,0	89,2	1,149	0,861	1,115
Lamego	28	-	28	75	-	75	119,0	-	119,0	161,6	-	161,6	42,6	-	42,6	0,568	-	0,568
Leiria	685	18	703	102	77	101	124,4	111,2	124,1	245,3	193,3	244,0	120,9	82,1	119,9	1,185	1,066	1,187
Lisboa	1 879	592	2 471	81	80	81	123,9	122,9	123,7	215,2	186,6	208,3	91,3	63,7	84,6	1,127	0,796	1,044
Porto	664	145	809	79	79	79	114,5	109,9	113,7	187,5	170,2	184,4	73,0	60,3	70,7	0,924	0,763	0,895
Santarém	563	106	669	76	75	76	111,3	98,3	109,2	183,9	155,5	179,4	72,6	57,2	70,2	0,955	0,763	0,924
Setúbal	611	49	660	77	78	77	116,0	103,1	115,0	211,3	164,3	207,8	95,3	61,2	92,8	1,238	0,785	1,205
Tomar	528	43	571	75	75	75	112,9	96,1	111,6	182,1	151,4	179,8	69,2	55,3	68,2	0,923	0,737	0,909
Viana do Castelo	40	-	40	90	-	90	132,4	-	132,4	206,6	-	206,6	74,2	-	74,2	0,824	-	0,824
Viseu	373	74	447	75	75	75	137,3	131,9	136,4	215,3	195,0	211,9	78,0	63,1	75,5	1,040	0,841	1,007
TOTAL	8 579	2 085	10 664	80	77	79	120,3	115,9	119,4	207,1	177,7	201,4	86,8	61,8	82,0	1,085	0,803	1,038

RECRIA DE VITELOS - 1972

2ª FASE

INTENDENCIAS	V I T E L O S																										
	ENTRADOS			VENDIDOS						MORTOS						REPROVADOS						SAÍDOS					
	M	F	T	M		F		T		M		F		T		M		F		T		M		F		T	
				Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Aveiro	845	221	1 066	2	0,2	1	0,4	3	0,3	2	0,2	-	-	2	0,2	5	0,6	1	0,4	6	0,5	836	99,0	219	99,2	1 055	99,0
Beja	751	449	1 200	35	4,7	42	9,4	77	6,4	2	0,3	-	-	2	0,2	13	1,7	9	2,0	22	1,8	701	93,3	398	88,6	1 099	91,6
Braga	110	45	155	1	0,9	-	-	1	0,6	-	-	-	-	-	-	4	3,6	-	-	4	2,6	105	95,5	45	100,0	150	96,8
Castelo Branco	51	23	74	5	9,8	1	4,3	6	8,1	-	-	-	-	-	-	4	7,8	-	-	4	5,4	42	82,4	22	95,7	64	86,5
Coimbra	1 939	125	2 064	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1 939	100,0	125	100,0	2 064	100,0
Elvas	55	93	148	5	9,1	6	6,5	11	7,4	-	-	2	2,1	2	1,4	-	-	-	-	-	-	50	90,9	85	91,4	135	91,2
Évora	242	110	352	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	242	100,0	110	100,0	352	100,0
Faro	219	221	440	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	219	100,0	221	100,0	440	100,0
Guarda	144	16	160	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	144	100,0	16	100,0	160	100,0
Lamego	64	16	80	-	-	-	-	-	-	-	-	1	6,2	1	1,2	-	-	-	-	-	-	64	100,0	15	93,8	79	98,8
Leiria	459	28	487	117	25,5	26	92,9	143	29,4	1	0,2	-	-	1	0,2	-	-	-	-	-	-	341	74,3	2	7,1	343	70,4
Lisboa	2 087	884	2 971	72	3,5	9	1,0	81	2,7	24	1,1	4	0,5	28	0,9	20	1,0	6	0,7	26	0,9	1 971	94,4	865	97,8	2 836	95,5
Porto	405	113	518	1	0,2	4	3,5	5	1,0	1	0,2	2	1,8	3	0,6	9	2,3	-	-	9	1,7	394	97,3	107	94,7	501	96,7
Santarém	710	247	957	45	6,3	2	0,8	47	4,9	1	0,2	-	-	1	0,1	22	3,1	2	0,8	24	2,5	642	90,4	243	98,4	885	92,5
Setúbal	207	5	212	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	3,4	-	-	7	3,3	200	96,6	5	100,0	205	96,7
Tomar	78	2	80	10	12,8	-	-	10	12,5	-	-	-	-	-	-	14	18,0	-	-	14	17,5	54	69,2	2	100,0	56	70,0
Viana do Castelo	59	21	80	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	59	100,0	21	100,0	80	100,0
Viseu	360	80	440	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	360	100,0	80	100,0	440	100,0
TOTAL	8 785	2 699	11 484	293	3,3	91	3,4	384	3,3	31	0,4	9	0,3	40	0,4	98	1,1	18	0,7	116	1,0	8 363	95,2	2 581	95,6	10 944	95,3

RECRIA DE VITELOS - 1972

2ª FASE

INTENDÊNCIAS	VITELOS QUE CONCLUÍRAM A RECRIA			DIAS DE RECRIA (MÉDIA)			PESO INICIAL MÉDIO (kg)			PESO FINAL MÉDIO (kg)			REPOSIÇÃO DURANTE A RE- CRIA (kg)			REPOSIÇÃO MÉDIA DIÁRIA (kg)		
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T
Aveiro	836	219	1 055	78	77	78	119,8	110,8	117,9	211,7	184,7	206,1	91,9	73,9	88,2	1,178	0,960	1,131
Beja	701	398	1 099	75	75	75	117,8	117,3	117,6	185,4	170,2	179,9	67,6	52,9	62,3	0,901	0,705	0,831
Braga	105	45	150	75	75	75	113,1	114,0	113,4	193,9	179,4	189,6	80,8	65,4	76,2	1,077	0,872	1,016
Castelo Branco	42	22	64	75	75	75	118,3	117,8	118,1	167,0	164,4	166,1	48,7	46,6	48,0	0,649	0,621	0,640
Coimbra	1 939	125	2 064	78	76	78	120,7	111,4	120,1	204,8	192,2	204,0	84,1	80,8	83,9	1,078	1,063	1,076
Elvas	50	85	135	75	75	75	116,4	113,2	114,4	190,8	166,6	175,6	74,4	53,4	61,2	0,992	0,712	0,816
Évora	242	110	352	77	76	77	120,9	118,1	120,0	202,7	192,7	199,6	81,8	74,6	79,6	1,062	0,982	1,034
Faro	219	221	440	80	80	80	117,4	110,5	113,9	191,7	178,6	185,1	74,3	68,1	71,2	0,929	0,851	0,890
Guarda	144	16	160	77	78	77	115,1	106,7	114,3	199,2	171,5	196,4	84,1	64,8	82,1	1,092	0,831	1,066
Lamego	64	15	79	75	76	75	120,1	120,0	120,1	210,5	206,2	209,7	90,4	86,2	89,6	1,205	1,134	1,195
Leiria	341	2	343	78	79	78	136,5	106,0	136,3	244,8	195,0	244,5	108,3	89,0	108,2	1,388	1,127	1,387
Lisboa	1 971	865	2 836	81	85	82	124,2	117,7	122,2	216,4	186,6	207,3	92,2	68,9	85,1	1,138	0,811	1,038
Porto	394	107	501	78	79	78	114,0	110,3	113,2	189,6	176,4	186,8	75,6	66,1	73,6	0,969	0,837	0,944
Santarém	642	243	885	75	75	75	114,3	102,2	111,0	190,0	160,0	181,8	75,7	57,8	70,8	1,009	0,771	0,944
Setúbal	200	5	205	75	76	75	110,8	107,8	110,7	200,1	213,8	200,4	89,3	106,0	89,7	1,191	1,395	1,196
Tomar	54	2	56	75	76	75	129,4	134,5	129,6	200,8	217,0	201,4	71,4	82,5	71,8	0,952	1,086	0,957
Viana do Castelo	59	21	80	82	79	81	135,9	146,6	138,7	204,5	211,7	206,4	68,6	65,1	67,7	0,837	0,824	0,836
Viseu	360	80	440	77	77	77	128,2	130,2	128,6	216,5	199,3	213,4	88,3	69,1	84,8	1,147	0,897	1,101
TOTAL	8 363	2 581	10 944	78	79	78	121,0	114,7	119,5	205,9	180,6	199,9	84,9	65,9	80,4	1,088	0,834	1,031

RECRIA DE VITELOS - 1973

2ª FASE

INTENDÊNCIAS	VITELOS																										
	ENTRADOS			VENVIDOS						MORTOS						REPROVADOS						SAÍDOS					
	M	F	T	M		F		T		M		F		T		M		F		T		M		F		T	
				Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Aveiro	1 384	130	1 514	97	7,0	7	5,4	104	6,9	15	1,1	4	3,1	19	1,2	56	4,0	1	0,8	57	3,8	1 216	87,9	118	90,7	1 334	88,1
Beja	634	566	1 200	39	6,1	50	8,9	89	7,4	8	1,3	3	0,5	11	0,9	73	11,5	8	1,4	81	6,8	514	81,1	505	89,2	1 019	84,9
Braga	189	51	240	2	1,1	-	-	2	0,8	3	1,6	-	-	3	1,3	7	3,7	-	-	7	2,9	177	93,6	51	100,0	228	95,0
Chaves	20	14	34	1	5,0	-	-	1	2,9	1	5,0	-	-	1	2,9	6	30,0	2	14,3	8	23,6	12	60,0	12	85,7	24	70,6
Coimbra	1 571	53	1 624	-	-	-	-	-	-	1	0,1	-	-	1	0,1	-	-	-	-	-	-	1 570	99,9	53	100,0	1 623	99,9
Elvas	45	35	80	3	6,7	-	-	3	3,7	1	2,2	-	-	1	1,3	8	17,8	2	5,7	10	12,5	33	73,3	33	94,3	66	82,5
Évora	1 370	183	1 553	198	14,4	2	1,1	200	12,9	3	0,2	-	-	3	0,2	190	13,9	14	7,6	204	13,1	979	71,5	167	91,3	1 146	73,8
Faro	144	176	320	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	144	100,0	176	100,0	320	100,0
Guarda	70	10	80	3	4,3	-	-	3	3,8	1	1,4	-	-	1	1,2	-	-	-	-	-	-	66	94,3	10	100,0	76	95,0
Lamego	63	6	69	-	-	-	-	-	-	2	3,2	-	-	2	2,9	-	-	-	-	-	-	61	96,8	6	100,0	67	97,1
Leiria	80	-	80	-	-	-	-	-	-	1	1,2	-	-	1	1,2	-	-	-	-	-	-	79	98,8	-	-	79	98,8
Lisboa	2 093	715	2 808	182	8,7	3	0,4	185	6,6	31	1,5	4	0,5	35	1,2	91	4,3	9	1,3	100	3,6	1 789	85,5	699	97,8	2 488	88,6
Portalegre	273	21	294	-	-	-	-	-	-	1	0,4	-	-	1	0,3	1	0,4	-	-	1	0,3	271	99,2	21	100,0	292	99,4
Porto	685	108	793	59	8,6	3	2,8	62	7,8	6	0,9	-	-	6	0,8	49	7,1	-	-	49	6,2	571	83,4	105	97,2	676	85,2
Santarém	926	162	1 088	80	8,6	10	6,2	90	8,3	1	0,1	-	-	1	0,1	24	2,6	10	6,2	34	3,1	821	88,7	142	87,6	963	88,5
Serpa	77	3	80	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	38	49,4	-	-	38	47,5	39	50,6	3	100,0	42	52,5
Setúbal	431	50	481	-	-	-	-	-	-	2	0,5	-	-	2	0,4	45	10,4	-	-	45	9,4	384	89,1	50	100,0	434	90,2
Viana do Castelo	42	38	80	-	-	-	-	-	-	1	2,4	-	-	1	1,2	-	-	-	-	-	-	41	97,6	38	100,0	79	98,8
Viseu	510	30	540	-	-	-	-	-	-	1	0,2	-	-	1	0,2	-	-	-	-	-	-	509	99,8	30	100,0	539	99,8
TOTAL	10 607	2 351	12 958	664	6,3	75	3,2	739	5,7	79	0,7	11	0,5	90	0,7	588	5,5	46	1,9	634	4,9	9 276	87,5	2 219	94,4	11 495	88,7

RECRIA DE VITELOS - 1973

2ª FASE

INTENDÊNCIAS	VITELOS QUE CONCLUÍRAM A RECRIA			DIAS DE RECRIA (MÉDIA)			PESO INICIAL MÉDIO (kg)			PESO FINAL MÉDIO (kg)			REPOSIÇÃO DURANTE A RECRIA (kg)			REPOSIÇÃO MÉDIA DIÁRIA (kg)		
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T
Aveiro	1 216	118	1 334	78	78	78	130,9	119,7	129,9	226,9	189,5	223,6	96,0	69,8	93,7	1,231	0,895	1,201
Beja	514	505	1 019	75	75	75	127,2	117,9	122,6	210,6	176,0	193,5	83,4	58,1	70,9	1,112	0,775	0,945
Braga	177	51	228	75	75	75	121,3	106,4	118,0	219,3	179,2	210,3	98,0	72,8	92,3	1,307	0,971	1,231
Chaves	12	12	24	76	76	76	117,2	109,6	113,4	203,2	179,8	191,5	86,0	70,2	78,1	1,132	0,924	1,028
Coimbra	1 570	53	1 623	77	75	77	126,3	117,8	126,0	217,6	190,6	216,7	91,3	72,8	90,7	1,186	0,971	1,178
Elvas	33	33	66	75	75	75	133,6	122,9	128,2	202,2	179,1	190,7	68,6	56,2	62,5	0,915	0,749	0,833
Évora	979	167	1 146	77	77	77	134,0	120,7	132,1	200,1	197,0	199,6	66,1	76,3	67,5	0,858	0,991	0,877
Faro	144	176	320	80	80	80	130,7	117,3	123,3	204,2	187,4	195,0	73,5	70,1	71,7	0,919	0,876	0,896
Guarda	66	10	76	77	77	77	125,9	125,6	125,9	205,5	200,5	204,8	79,6	74,9	78,9	1,034	0,973	1,025
Lamego	61	6	67	76	76	76	127,7	125,8	127,5	208,0	207,5	208,0	80,3	81,7	80,5	1,057	1,075	1,059
Leiria	79	-	79	76	-	76	135,2	-	135,2	231,6	-	231,6	96,4	-	96,4	1,268	-	1,268
Lisboa	1 789	699	2 488	81	80	81	137,9	129,2	135,5	224,3	195,4	216,2	86,4	66,2	80,7	1,067	0,828	0,996
Portalegre	271	21	292	75	75	75	119,4	107,0	118,5	203,1	178,0	201,3	83,7	71,0	82,8	1,116	0,947	1,104
Porto	571	105	676	78	76	78	122,8	109,9	120,8	206,6	174,1	201,6	83,8	64,2	80,8	1,074	0,845	1,036
Santarém	821	142	963	75	75	75	134,9	121,4	132,9	218,9	185,6	214,0	84,0	64,2	81,1	1,120	0,856	1,081
Serpa	39	3	42	77	79	77	104,6	111,3	105,1	179,4	182,0	179,6	74,8	70,7	74,5	0,971	0,895	0,968
Setúbal	384	50	434	75	75	75	128,9	120,7	128,0	214,7	186,4	211,4	85,8	65,7	83,4	1,144	0,876	1,112
Viana do Castelo	41	38	79	76	76	76	136,5	126,1	131,5	206,7	183,0	195,3	70,2	56,9	63,8	0,924	0,749	0,839
Viseu	509	30	539	75	75	75	130,2	123,0	129,8	225,7	211,1	224,9	95,5	88,1	95,1	1,273	1,175	1,268
T O T A L	9 276	2 219	11 495	77	77	77	130,7	121,5	128,9	216,7	187,4	211,1	86,0	65,9	82,2	1,117	0,856	1,068

6.3. Crescimento após o desmame.

A resposta a este quesito pode ser facilmente encontrada nos quadros que acabamos de expor.

6.4. Partos

Não há época preferencial para a ocorrência dos partos. Normalmente, a vaca é coberta ou inseminada no primeiro cio que exibe depois de decorridos dois meses sobre a parição, voltando a sê-lo nos seguintes, até ficar cheia, se tal não aconteceu na primeira tentativa.

Sendo assim, o intervalo entre partos raro é inferior a doze meses, ultrapassando com alguma frequência os catorze, embora na grande maioria dos casos se situe entre aqueles limites.

6.5. Índice de mortalidade

Os elementos de que dispomos foram já apresentados quando respondemos ao quesito nº.3. - PRODUÇÃO DE CARNE.

6.6. Reprodução

6.6.1. Métodos de reprodução

Embora os serviços de I.A. funcionem já com certa expansão em quase todo o país, beneficiando cerca de um terço das fêmeas em idade reprodutiva - 61 504, em 1974 -, a reprodução dos restantes dois terços está ainda na dependência da cobrição natural.

Esta circunstância mostra bem a importância que a cobrição natural ainda tem no nosso país, o que impõe o maior rigor no licenciamento de postos de cobrição e na repressão da cobrição clandestina.

Ao mesmo tempo, traz ao primeiro plano o problema da produção de reprodutores de qualidade, destinados àqueles postos.

O quadro seguinte dá conta do movimento deste serviço nos diferentes distritos, em 1974.

6.6.1. - REPRODUTORES BOVINOS PARTICULARES INSPECIONADOSE APROVADOS NO CONTINENTE

= EM 1974 =

INTENDÊNCIAS DE PECUÁRIA		T O U R O S								
		To- tal	Arou- esa	Barro- sã	Gale- ga	Holan- desa	Mari- nho	Maro- nesa	Miran- desa	Ou- tros
	760	799	79	37	12	386	57	39	186	3
Aveiro	144	178	33	-	-	88	57	-	-	-
Beja	4	2	-	-	-	2	-	-	-	-
Braga	88	108	-	34	11	62	-	1	-	-
Bragança	49	36	-	-	-	3	-	-	33	-
Castelo Branco	11	11	-	-	-	8	-	-	3	-
Chaves	67	50	-	2	-	4	-	17	27	-
Coimbra	63	72	-	-	-	37	-	-	35	-
Elvas	5	5	-	-	-	5	-	-	-	-
Évora	2	2	-	-	-	2	-	-	-	-
Faro	14	7	-	-	-	4	-	-	-	a)3
Guarda	48	50	-	-	-	43	-	-	7	-
Lamego	69	68	42	-	-	19	-	-	7	-
Leiria	20	14	-	-	-	7	-	-	7	-
Lisboa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Mirandela	13	11	-	-	-	2	-	-	9	-
Portalegre	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Porto	63	65	-	1	1	63	-	-	-	-
Santarém	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Serpa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Setúbal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Tomar	2	2	-	-	-	2	-	-	-	-
Viana do Castelo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Vila Real	31	31	-	-	-	10	-	21	-	-
Viseu	67	87	4	-	-	25	-	-	58	-

a) - Raça Algarvia

I N S E M I N A Ç Ã O A R T I F I C I A L

- 1.ªs Inseminações, em 1974 -

Com sêmen de touros da Raça Frísia, importado ou de produção nacional

DISTRITOS	Nº DE 1.ªs INSEMINAÇÕES	EFFECTIVOS DA CAM PANHA DE SANEA- MENTO DE 1974	% DO EFFECTIVO IN SEMINADO EM RELA ÇÃO AO EFFECTIVO DE 1974
Aveiro	15 853	31 862	49,8
Beja	1 998	12 192	16,4
Braga	8 761	16 509	53,1
Bragança	430	5 117	8,4
Castelo Branco	909	4 263	21,3
Coimbra	7 185	13 978	51,4
Évora	3 008	9 972	30,2
Faro	847	6 305	13,4
Leiria	1 404	5 964	23,5
Lisboa	1 906	19 054	10,0
Portalegre	1 533	11 131	13,8
Porto	8 443	22 644	37,3
Santarém	2 644	8 245	32,1
Setúbal	1 104	6 887	16,0
Viana do Castelo	2 400	2 958	81,1
Vila Real (Chaves)	1 559	1 954	79,8
Viseu	1 520	4 891	31,1
TOTAIS	61 504	183 926	33,4

NOTA: Não tem havido inseminações na Guarda

6.6.2. - Índices de reprodução

ZONAS	Índice de fecundidade	Nºde partos por ano	Idade mais frequente	
			Nº 1º parto	Reforma
Algarve	70%	0,8	22-27 meses	6-8 anos
Resto do país	80%	0,9	22-27 meses	6-8 anos

Convém anotar que os números referentes à idade de reforma e frequência dos partos traduzem apenas estimativas resultantes da análise do movimento de substituição de vacas em alguns estábulos, do qual, infelizmente, não se conhecem, para cada caso, as causas determinantes.

x x x + x x x

Os elementos que nos foi possível obter relativos aos quesitos nºs 7 a 11, foram já apresentados no decurso deste trabalho, quando tratámos o ponto nº 3 - "PRODUÇÃO DE CARNE" e "ESQUEMAS DE ACÇÕES ESTATAIS EXISTENTES" -, pelo que nos dispensamos de as reproduzir aqui.

Quanto aos assuntos ainda não focados, designadamente os que respeitam a áreas ocupadas ou facilmente adaptáveis a culturas arvenses - prados permanentes e prados temporários - e movimentação de efectivos, compreender-se-à com facilidade que, dada a extensão da área por que se expande o bovino da raça Frísia - quase todo país -, com zonas geológicas e agro-climáticas tão diferenciadas, não tenha sido possível obter elementos que ofereçam o indispensável mínimo de garantia.

Assim, pareceu-nos mais honesto passar directamente ao último dos quesitos, o nº.12.

12. ASPECTOS DE MELHORAMENTO

12.1. Animais

A vaca Turina pode apresentar defeitos que se reflectem directamente na economia da sua produção lactígena, outros que afectam o seu rendimento em carne e, ainda, outros de que apenas resulta o seu mau enquadramento no padrão da raça.

É, assim, que a má conformação e textura do úbere, o inconveniente tamanho ou a má implantação dos tetos e os membros e unhas fracos ou mal aprumados, repercutindo-se, uns, na capacidade de produção ou facilidade de ordenha e, os outros, na sua longevidade como produtora, figuram, e pela ordem por que os citámos, como os principais defeitos da Turina.

Já sem tão directo e acentuado reflexo na produção de leite, mas afectando,

principalmente, o rendimento em carne, citam-se a má conformação geral e a da garupa em especial.

Por último, e só porque uma raça deve ter características próprias que definam o seu padrão, surgem os defeitos relacionados com a conformação da cabeça, malhado da pelagem e cor do pêlo.

Sabe-se que, recorrendo a emparelhamentos convenientemente orientados e a selecção nas descendências, é possível corrigir nestas os defeitos dos progenitores. Mas sabe-se, também, que os progressos no melhoramento de cada factor são tanto mais lentos quanto maior for o número de factores com que se trabalha.

Nesta ordem de ideias, e tendo presente que, em condições normais, a capacidade de produção é, na vaca leiteira, o factor fundamental da rentabilidade da exploração, há que orientar os emparelhamentos em obediência a conseguir, sem prejuízo da produção de leite, e pela ordem indicada, o melhoramento das características seguintes:

- 1º - Conformação do úbere, tetos incluídos, e facilidade de ordenha;
- 2º - Unhas e aprumos;
- 3º - Conformação geral, e da garupa, em especial;
- 4º - Cabeça e pelagem.

Ora, não existindo no país touros testados, toda a acção a empreender terá de apoiar-se na importação de sêmen com características previamente definidas, de entre as quais a vocação para corrigir úberes será factor dominante na escolha dos dadores do sêmen a importar, muito embora se dê preferência - ainda que com pequeno sacrificio desta qualidade - aos que, simultaneamente, exibam índices positivos no que respeita a capacidade leiteira, correcção de aprumos e conformação geral.

Só mais tarde, quando o nível atingido pela conformação dos úberes for julgado satisfatório, poderá, então, pensar-se na correcção de outros defeitos, sem deixar de ter sempre em conta as prioridades estabelecidas e a necessidade de garantir a continuidade, ainda que mais lenta, da melhoria dos factores já anteriormente trabalhados.

Convém dizer, ainda, que, para além da definição do critério a seguir na escolha do sêmen e da existência de disponibilidade para o adquirir, há um outro factor a reflectir-se no êxito do empreendimento: a extensão e eficiência que for possível imprimir aos Serviços de I.A..

No que toca ao primeiro aspecto, julgamos ter-se conseguido já uma rede que cobre as mais importantes zonas de exploração do bovino leiteiro, e não se afigura serem de grande monta as correcções ou ampliações a fazer.

Quanto à eficiência, é que parece de sugerir a planificação de um serviço que permita, com a maior oportunidade, despistar causas de insucesso imputáveis ou não aos diversos escalões da actividade da I.A. e, fundamentalmente, dar a conhecer o resultado "real" da actividade de cada inseminador, em termos de se promover a sua reciclagem ou mudança de actividade, quando for caso disso.

Este "contrôle" não pode continuar a fazer-se pelo enganador sistema do "não retorno", sem dúvida muito cómodo, mas muito pouco realista.

ACÇÕES DE MELHORAMENTO

Definido o sentido a imprimir ao melhoramento do nosso bovino leiteiro, parece oportuno apresentar o esquema a pôr em prática, e que passa pelas acções seguintes:

- 1º. - Seleccção das explorações produtoras de reprodutores, escolhidas entre as que, com um efectivo mínimo a estabelecer, tenham atingido médias de produção, em 305 dias, superiores a 4 000 kg de leite e 140 kg de matéria gorda:
- 2º. - Seleccção dos núcleos de produção de reprodutores, constituídos pelas fêmeas daquelas explorações que hajam ultrapassado os 4 000 kg de leite em 305 dias, com o mínimo absoluto de 3% de matéria gorda, e tenham merecido pontuação fenotípica igual ou superior a 75 pontos, sem que nenhum considerando haja sido classificado com menos de 6 valores;
- 3º. - Emparelhamento destas fêmeas com touros capazes de corrigir os seus defeitos na descendência, mediante, evidentemente, a importação de sémen desses touros;
- 4º. - Identificação de todos os vitelos nascidos destes emparelhamentos, aproveitando-se, anualmente, os melhores 120 a 150, que serão adquiridos nos primeiros três meses de vida e recriados nos nossos estabelecimentos zootécnicos até cerca de 1 ano de idade, altura em que se procederá à escolha dos melhores 10 ou 12, com genealogia que os recomende, para efeitos de testagem, reservando-se os restantes para substituição dos que se forem inutilizando nos postos de cobrição;
- 5º. - Testagem anual desses 10 ou 12 reprodutores, de que se colherão doses de sémen em número aconselhável para ulterior emprego no melhoramento massal, desde que os resultados dessa testagem sejam positivos nos aspectos fundamentais.

Sem contar com as despesas inerentes ao funcionamento dos serviços da I.A.e do contraste lacto-manteigueiro, que, com ou sem testagem de reprodutores, já estão a ser suportados pelos Serviços, a execução deste esquema de trabalho, incluindo o "progeny testing", acarretaria os investimentos seguintes:

DESPESAS

1) - Aquisição de 1 500 doses de sémen (importadas) a 2 000\$00	3 000	contos
2) - Aquisição de 150 vitelos aos três meses de idade, à razão de 1\$50 por cada litro de leite dado pela mãe na sua melhor lactação	1 350	"
3) - Rações - 150 x 3,5 kg x 270 dias x 4\$00=	485	"
4) - Subsídio de 50% sobre o preço de custo, para 120 vitelos	540	"
5) - Subsídio de 200% sobre o preço de custo, relativo aos 4 vitelos considerados melhoradores	72	"
	<hr/>	
Despesa total	5 447	"

RECEITA

Venda de 140 vitelos com 1 ano, a 20 000\$00	2 800 contos
Venda de 10 novilhos com 2 anos, a 30 000\$00	300 "
	<hr/>
	3 100 contos

Investimento anual: cerca de 2 347 contos.

Há a notar que a principal despesa, cerca de 3 000 contos, respeita à aquisição de sêmen, com o qual, além dos 150 vitelos adquiridos, se obterão mais 250 da melhor ascendência e 400 fêmeas do mesmo nível zotécnico, que ficarão nas explorações e servirão, no seu maior número, para renovação e aumento dos efectivos dos núcleos de produção de reprodutores.

12.2. Estruturas de apoio à sua utilização

As estruturas de apoio à utilização da raça repartem-se por vários sectores, a saber:

- 1) - Ministério da Agricultura e Pescas
 - Direcção-Geral dos Serviços Pecuários, com os organismos regionais;
 - Intendências de Pecuária e Estações de Fomento Pecuário;
 - Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas - Brigadas Técnicas;
 - Instituto de reorganização Agrária - Delegações Regionais.
- 2) - Secretaria de Estado de Abastecimento e Preços - Junta Nacional dos Produtos Pecuários.
- 3) - Organização Cooperativa (em liquidação) - Grémios da Lavoura e suas Federações
- 4) - Cooperativas Agrícolas.

De todos estes organismos, a Direcção-Geral dos Serviços Pecuários é, sem dúvida, o que dá mais destacado apoio à utilização do bovino Frísia, com uma estrutura que comporta:

- No campo de sanidade, as campanhas de saneamento e profilaxia das enzootias e epizootias que afectam a bovinicultura, com especial relevância para a profilaxia da tuberculose bovina;
- No melhoramento animal;
 - a) A assistência técnica e vulgarização;
 - b) Os serviços de inseminação artificial, já com larga implantação em todas as zonas onde a exploração do bovino leiteiro tem maior interesse;
 - c) O contraste lacto-manteigueiro, que pouco a pouco vai ganhando expressão e "controla" já, hoje, um efectivo de cerca de 15 000 fêmeas;
 - d) O Livro Genealógico, com estrutura capaz de fazer face às exigências

nacionais na matéria, uma vez que a descentralização operada com a criação de delegações no Porto e em Évora permite, com ligeiros reforços em meios humanos e materiais, responder às necessidades do presente e do futuro próximo;

- e) A realização de cursos de formação profissional e de reciclagem;
- f) A produção e congelação de sêmen e a criação de reprodutores selectos, para distribuição à Lavoura.

No que respeita à Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, cuja acção se exerce através das Brigadas Técnicas Regionais, citam-se especialmente:

- a) A assistência técnica à produção forrageira, embora muito limitada e, consequentemente, pouco operante;
- b) A assistência técnica às Cooperativas Agrícolas.

Quanto ao I.R.A.:

- a) Acções de reconversão cultural;
- b) Elaboração de projectos e orçamentos;
- c) Formação profissional;
- d) Atribuição de subsídios.

Quanto aos organismos corporativos (Grémios e suas Federações, em liquidação):

- a) Recolha, concentração e comercialização do leite;
- b) Montagem de salas de ordenha colectivas.

Por último, as Cooperativas Agrícolas, em número ainda restrito, estão interessadas, também, na instalação de salas de ordenha colectivas e na recolha do leite dos seus associados. Algumas chamaram a si todo o circuito do leite e ocupam-se, por isso, da sua recolha transporte, tratamento, distribuição e comercialização, dentro da área social respectiva.

HIPÓTESES PARA O FUTURO

Na conjuntura actual, é muito difícil formular hipóteses para o futuro, quanto a estruturas de apoio à utilização do bovino leiteiro no nosso país.

Com efeito, desconhecendo-se, ainda, qual o programa político a impor à governação do País, é-nos vedado prever o que irá passar-se no campo da reconversão agrícola, mormente nos aspectos que colidem com a propriedade da terra, dimensionamento das explorações e sistemas de exploração.

Sendo assim, natural é que nos limitemos a abordar aqui acções específicas, a nosso ver sempre necessárias, seja qual for o regime futuro. E, nesta ordem de ideias, parece merecerem especial destaque:

- a) No campo da sanidade veterinária, há que salientar, em primeiro lugar, a falta de um serviço eficiente de combate à infertilidade.

Mas, para que tal serviço possa funcionar, parece fundamental proceder previamente à diagnose da situação actual nas diferentes regiões do país.

E, nesta matéria, julgamos que as brigadas de profilaxia da tuberculose bovina poderiam dar muito útil contribuição, realizando sistemático inquérito sobre ca-

da vaca presente à campanha, através do preenchimento de um impresso simples, a elaborar pela Estação de Estudos de Reprodução Animal.

Para colmatar a lacuna resultante da não existência, nas intendências de Pecuária, de veterinários suficientemente preparados neste ramo, um técnico da Estação percorreria aqueles departamentos onde essa carência mais se fizesse sentir, para, em cursos rápidos, promover a actualização dos chefes de brigada, quer em matéria de diagnóstico quer no que toca à terapêutica a aplicar às vacas que o inquérito mostrasse carecerem de assistência imediata, que seriam retiradas até final da concentração, intervindo, então, o chefe da brigada, que daria os seus concelhos.

Mui útil seria que os clínicos veterinários da região, muitos deles, também, pouco esclarecidos quanto a diagnóstico e tratamento da infertilidade, fossem convidados a assistir aos cursos acima referidos, a fim de mais eficientemente poderem intervir quando para isso fossem solicitados.

Parece da maior importância, também, a definição de um plano de combate sistemático à mastite, visando, prioritariamente, a profilaxia da doença através da realização periódica de provas de despiste dos casos sub-clínicos.

Para esta campanha, poderiam, mediante prévia habilitação na matéria, mobilizar-se os contrastadores, as brigadas de saneamento e de vulgarização e os responsáveis pelas salas de ordenha colectivas.

- b) No que respeita a melhoramento, importa promover, desde já, o licenciamento dos postos de cobertura e o combate à cobertura clandestina.

Convém, ainda, que as intendências de Pecuária vão mentalizando os proprietários destes postos para a necessidade de adquirirem reprodutores inscritos no Livro Genealógico, quando os houver, e logo que esteja em pleno funcionamento o esquema proposto em 12.1, passem a fornecer mensalmente àqueles organismos relação dos reprodutores disponíveis para venda em cada um dos nossos estabelecimentos zootécnicos.

Será essa a altura de negar a aprovação de reprodutores sem genealogia registada e de impor a substituição dos que, entretanto, hajam sido aprovados, mas não satisfaçam aquela condição.

Ainda no campo do melhoramento animal, têm-se como medidas de alto interesse:

- 1 - O rigoroso "contrôle" dos concentrados, a fim de, por um lado, evitar as toxinfecções alimentares, hoje tão frequentes, e, por outro lado, garantir o fabrico de rações especialmente compostas para suplementar a alimentação dos animais, tendo em conta o tipo da sua ração de balastro.
- 2 - Paralelamente, promover-se-ão as medidas necessárias para que as embalagens em que esses concentrados são vendidos exibam de forma bem explícita, e compreensível, até, para os analfabetos, a classe de animais a que se destinam. É que acontece, com muita frequência, por ignorância ou falso espírito de economia, alimentarem-se vitelos de dois ou três meses de idade com farinhas fabricadas para vacas leiteiras ou, o que é pior ainda, para animais na fase de acabamento, em muitos casos, com certeza, só porque esta última é mais barata.
- 3 - Ainda, sobre o mesmo tema, parece-nos útil encarar outro aspecto que pode ter

grande repercussão na economia da exploração leiteira do minifúndio e no aumento da produção global de leite: referimo-nos à quantidade de concentrados a fornecer a cada vaca, em função do nível da sua produção e da ração de ba lastro que lhe é atribuída.

É evidente que a divulgação das normas de alimentação racional é tecnicamente aconselhável se queremos conseguir que a vaca leiteira do minifúndio passe a ser explorada em termos de se aproveitar toda a sua capacidade de produção.

Mas será isso económico, tendo em conta a cotação dos concentrados?

E será conveniente fomentar o consumo de concentrados, na conjuntura económica actual, se, para tanto, for necessário aumentar a importação das matérias-primas necessárias ao seu fabrico?

Creemos que a resposta a tais questões passa pela realização de prévio estudo no terreno, visando confrontar custos de produção nas condições actuais ou com alimentação corrigida.

Destes estudos, cujo interesse se nos afigura indiscutível, poderiam encarregar-se as estações de Fomento Pecuário, segundo protocolo previamente elaborado e contando com rações bem estudadas e honestamente fabricadas, preferivelmente a ceder pela Estação Zootécnica Nacional.

Desnecessário será dizer que, tal como o concebemos, estes estudos seriam realizados em estábulos representativos da região, pertencentes a lavradores de reconhecida honestidade, e deveriam, no mínimo, dilatar-se por três fases com a duração de um ano cada uma, sendo a primeira, dedicada ao registo sistemático de produção, ração de balastro e suplemento dado, nas condições, cor rentes - portanto, sem intervenção dos Serviços na técnica de explorações -, a segunda, visando os mesmos registos, com exploração orientada, e subsidiada, no que toca a concentrados, pelos Serviços, e a terceira, em que con tinuariam a registar-se os mesmos elementos, depois de retirada a assistência técnica e o subsidio de ração.

Creemos que, então, sim, poderíamos com segurança definir o caminho a trilhar pela bovinicultura leiteira do minifúndio, no sentido de lhe imprimir a maior rentabilidade económica.

12.3. Disponibilidades forrageiras diversificadas, quer para a manutenção de efectivos (pastagens) quer para a engorda (silagem de milho e luzerna).

Nas circunstancias actuais, não é fácil calcular, sequer com um mínimo de realismo, as disponibilidades forrageiras diversificadas das regiões onde os efectivos leiteiros têm certa representatividade e que, em boa verdade, abran gem vastas áreas do país.

De resto, mesmo que fosse possível tal cálculo, como estas disponibilidades são fortemente condicionadas pela forma como correm os anos agrícolas e, por outro lado, há vários concorrentes ao seu consumo - outras raças ou espécies animais e, para o caso da luzerna, a industrialização para fabrico de concentrados -, julga-se de importância secundária procurar resposta para este quesito.

Contudo, já veríamos muito interesse no estudo das possibilidades agrícolas de zonas como os Vales do Vouga, do Mondego, do Tejo e do Sado, bem como dos regadios artificiais conseguidos pela implantação de barragens.

Aqui, sim, deveriam, mediante estudo agrológico aprofundado e ponderadas as mais instantes necessidades do País em produtos da terra, definir-se planos de exploração, onde a vaca Turina teria, pensamos, vasto campo para se expandir.

12.4. Que tipo de organização para a utilização da raça?

Sabendo-se que os dois factores que mais oneram a exploração da vaca Turina são a alimentação e a mão-de-obra, natural seria concluir-se por um dimensionamento da exploração leiteira que permita a mecanização da maior parte da trbalho diário e a integral ocupação de, no mínimo, uma unidade de trabalho.

Isso levar-nos-ia a pensar num módulo de produção de 20 a 30 vacas, com os correspondentes efectivos em recria.

Mas, como implantar tal módulo no minifúndio, onde o número de vacas por possuidor ronda 1,5 e a área média da propriedade agrícola não atinge 1 hectare, sabendo-se que, para além disto, a vaca vive na directa dependência da exploração agrícola, aproveitando os sub-produtos menos valiosos das culturas?

Por outro lado, quando pensamos no emparcelamento agrícola através do cooperativismo ou condicionado por outros meios, não estamos seguros que as vantagens a conseguir - aumento da rentabilidade por melhoria técnica e, fundamentalmente, por economia de trabalho (mão-de-obra incluída) não agravem consideravelmente o problema do desemprego com a libertação de grande parte da mão-de-obra, então desnecessária aos trabalhos agrícolas.

Sendo assim, afigura-se-nos que, para a zona de minifúndio, onde a vaca de leite entra com maior cota na formação do produto bruto agrícola, há que intervir no aspecto educacional das populações antes de modificar estruturas com raízes multisseculares.

A confirmar este conceito, a dificuldade de instalar e manter cooperativas agrícolas a funcionar como tal e a série de fracassos a que tais tentativas têm conduzido, não obstante o amparo material e técnico de que têm desfrutado por parte do Estado.

Assim, parece ser melhor caminho o de prosseguir com a instalação de salas de ordenha colectivas, que a experiência demonstrou já darem resultados francamente positivos, não só no que toca à higiene e economia da recolha do leite, mas também, como meio de contacto com a Lavoura, a permitir intervenções de resultados muito promissoras, até hoje muito pouco exploradas. Sem falar no vasto campo que oferecem para o alargamento do contraste lacto-manteigueiro, muito poderão permitir fazer no aspecto educacional, em geral, e, em especial, no que toca ao maneo da vaca leiteira, à profilaxia das mamites, à profilaxia e combate à brucelose, à luta contra a infertilidade, etc., desde que dispunhamos de contrastadores convenientemente habilitados para, através de sucinto inquérito directo, descobrir os casos que reclamem pronta intervenção técnica.

Quanto às zonas de grande e média propriedade, o problema reveste aspecto diferente: aqui, já a adopção de um módulo de exploração se mostra aconselhável, mas, mesmo assim, precedida de estudo prévio da sua adaptabilidade a cada caso.

Lisboa, 6 de Maio de 1976

NOTA DE ACTUALIZAÇÃO

A raça bovina Frísia é, de entre todas as raças bovinas existentes no país, aquela que tem demonstrado maior capacidade de expansão. Tão vasta, que hoje não existe zona do país onde não se veja um bovino preto e branco.

Este facto deve-se não só às suas características próprias, já enunciadas ao longo do trabalho atrás apresentado, mas também ao facto de sempre ter sido a raça mais fomentada e apoiada. Quase toda a legislação sobre bovinos existente no nosso país tem sido feita a pensar nesta vasta população.

Vamos referir apenas aquela que se publicou após a elaboração do trabalho.

No último dia do mês de Dezembro de 1976, foi publicado, em suplemento à I Série do Diário da República, o Despacho Ministerial de 17 de Dezembro dos Ministérios da Agricultura e Pescas e do Comércio e Turismo, que acabou com os subsídios de conservação, recria e acabamento, mas que, em contrapartida, criou um prémio de defesa e melhoramento da raça Frísia no valor de 1 000\$00 a atribuir por cada vitelo ou vitela proveniente de todos os partos de fêmea inscrita, a título definitivo ou inicial, no livro genealógico da raça. Criou também um outro estímulo de enorme alcance, que consiste no fornecimento gratuito de sêmen, proveniente de touros testados com resultado favorável, para a inseminação das vacas inscritas naquele Livro Genealógico.

Infelizmente, este estímulo só começou a ser aproveitado no ano de 1980, e, mesmo assim, ainda de forma deficiente.

Com a publicação da portaria nº.385/77, de 25 de Junho, contendo as Normas Regulamentares do Decreto-Lei nº.37/75, de 31 de Janeiro, sobre reprodução animal, Livros Genealógicos e contrastes funcionais, saiu vasta doutrina que serviu de base às mais diversas acções de fomento e melhoramento da raça Frísia, sendo de destacar aquelas que permitiram o arranque para a testagem de reprodutores.

Tendo por base a 54a. norma daquela portaria, foi criada uma Comissão de Testagem constituída por três técnicos dos serviços oficiais e três criadores eleitos pela sua estrutura associativa, que elaborou o "Protocolo de Testagem" e o critério a seguir na ordenação prioritária dos novilhos a testar.

Ao publicar-se em 25 de Julho de 1979 o despacho conjunto dos Ministérios das Finanças e do Plano e da Agricultura e Pescas de 17 daquele mês e ano, ficou completa a trilogia legislativa necessária e suficiente para o total desenvolvimento do esquema de testagem anteriormente proposto.

Este despacho, para além de subvencionar "as organizações da lavoura a que tenha sido dada a delegação prevista na norma 53a., nº.2, do capítulo A, do Regulamento Relativo às Normas sobre Reprodução Animal, Livros Genealógicos e Contrastes Funcionais, aprovado pela Portaria nº.835/77, de 25 de Junho, com a importância correspondente ao valor de 35 litros de leite da classe A, de teor butiroso equivalente ao estabelecido para base oficial do preço do leite à produção, pela realização do contraste de cada lactação completa e válida", criou igualmente, o prémio da testagem.

Este último prémio, atribuído aos criadores que tenham aderido ao esquema de testagem de reprodutores estabelecido pela Direcção-Geral dos Serviços Veterinários, tem o valor de 3 500\$00, mas dividido em três fases.

A primeira fase é no valor de 500\$00 por cada cria, macho ou fêmea, proveniente de touros que se encontrem em testagem e cujo nascimento tenha sido comunicado aos serviços regionais de agricultura no prazo máximo de oito dias.

A segunda fase tem o valor de 1 000\$00 atribuído por cada fêmea ao primeiro parto e que já tenha beneficiado do prémio da primeira fase.

A terceira fase é no valor de 2 000\$00 por cada fêmea a que tenha sido atribuído o prémio da segunda fase e que termine a primeira lactação com produção comprovada oficialmente.

Podemos dizer que com a legislação saída depois de 1976 e com os prémios instituídos se criaram as condições necessárias para que o progresso zootécnico da nossa população Frísia se processasse de acordo com os actuais conhecimentos da genética que permitem dispôr de animais cada vez mais eficazes.

A evolução conseguida, melhor que em palavras, fica espelhada nos números contidos nos quadros que a seguir se apresentam.

EVOLUÇÃO DO EFECTIVO DA RAÇA FRÍSIA E DO NUMERO DE
FÊMEAS BENEFICIADAS POR INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

ANO	EFECTIVO C.S.B.	1a. INSEMINAÇÃO		
		TOTAL	R.FRÍSIA	% Frísia/total
1975	200 430	99 522	70 166	70,5
1976	206 066	109 421	74 742	68,3
1977	219 275	122 155	92 642	75,8
1978	222 950	129 925	102 838	79,2
1979	214 362	133 911	109 717	81,9

IMPORTAÇÃO DE ANIMAIS DE RAÇA FRÍSIA

Região	1975	1976	1977	1978	1979	1980
Entre Douro e Minho	NÃO HOUE IMPORTAÇÕES		1 308	22	120	66
Trás-os-Montes			-	-	22	-
Beira Litoral		10	679	325	34	30
Beira Interior		10	212	50	69	203
Ribatejo e Oeste			308	95	268	591
Alentejo			431	64	98	735
Algarve			680	-	-	51
TOTAL		20	3 618	556	611	1 676

SÊMEN IMPORTADO

(Frísia)

TIPO	1976	1977	1978	1979	1980
Americano	5 401	4 795	6 393	7 098	5 290
Europeu	2 400	7 505	2 867	3 620	4 910
TOTAL	7 801 _{a)}	12 300	9 260	10 718	10 200

a) Neste ano, oferecidas pelo URSS, deram entrada mais 1 000 doses.
Este sêmen não foi contabilizado porque não foi utilizado.

INSCRIÇÕES NO LIVRO GENEALÓGICO

ANO	L.N.	L.A.	
		Femeas	Machos
1970	655	491	26
1971	751	475	18
1972	674	558	27
1973	681	494	19
1974	850	1 034	26
1975	657	593	4
1976	603	628	14
1977	3 342	5 592	33
1978	5 312	3 004	69
1979	4 188	1 874	113
1980	6 696	1 656	70

Para terminar esta pequena nota, resta acrescentar que, neste momento, meados do ano de 1981, as explorações com condições para Núcleo de Produção de Reprodutores se encontram na fase de classificação sanitária, seguindo-se-lhe a da avaliação individual das fêmeas, futuras mães dos touros a testar.

Com a distribuição do sêmen por todo o país e a respectiva aplicação em vacas localizadas nas zonas de contraste leiteiro oficial, foram iniciados os trabalhos de testagem de nove animais (cinco de origem Inglesa e quatro de origem Holandesa).

**exóticas
e
cruzamentos**

CARRILHO RALO
ALCANTARA GUERREIRO

RAÇAS BOVINAS ESTRANGEIRAS

INQUÉRITO SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

As notas que vão seguir-se são relativas à sondagem feita à representação das raças bovinas estrangeiras exploradas no país com o sentido da produção de reprodutores para serem empregados em cruzamento com as raças autóctones ou, até, interferirem no seu melhoramento, como se pretende nalguns casos.

Esta sondagem enquadra-se no oportuno e mais completo inquérito dirigido às raças bovinas nacionais, com vista, sobretudo, ao conhecimento da sua representatividade e posição actual na pecuária bovina do país.

2. QUANTITATIVO DE ANIMAIS

Por anotação directa dos animais existentes nalgumas explorações, por informações fornecidas pelos proprietários e pelos intendentes de Pecuária e, ainda, por colheita no registo dos livros genealógicos, apurámos a existência de animais das raças bovinas estrangeiras exploradas com os objectivos atrás definidos.

O quadro 1 dá conta dessa existência por classes, estabelecidas em função da idade e de acordo com a forma mais corrente de agrupar os animais deste tipo por explorações: até ao desmame, mais ou menos aos 6 meses de idade, são vitelos ou vitelas e dos 6 aos 24 meses consideram-se novilhos ou novilhas.

EFECTIVO EXISTENTE

Fevereiro de 1976

QUADRO 1

RAÇAS CLASSES	CHAROLESA	"HEREFORD"	"LIMOUSINE"	"SALERS"
Toiros	58	11	8	7
Novilhos	154	38	16	1
Vitelos	101	12	20	7
Vacas	711	196	96	46
Novilhas	167	61	64	18
Vitelas	136	15	22	9
TOTAL	1 327	333	226	88
Machos	313	61	44	15
Fêmeas	1 014	272	182	73
Fêmeas %	76,4	81,7	80,5	83,0

Anota-se a existência de machos e fêmeas e, ainda, a percentagem que a estas cabe em relação ao efectivo total, índice que nos esclarece quanto ao potencial deste em matéria de multiplicação.

Admitimos que a representação numérica apurada em cada uma das raças peque por defeito e que o possível erro varie em relação a cada uma delas.

A margem de erro admitida não deverá afastar-se muito dos 10% nos efectivos das raças Charolesa, "Limousine" e "Salers" e ascenderá a 20% ou mais na representação da raça "Hereford". Na verdade, e em relação a esta última, existem, ainda, alguns núcleos - restos da importação dos Estados Unidos de animais de tipo comercial - de duvidosa garantia quanto à pureza dos animais que os compõem, enquanto se crê serem raros e de reduzida dimensão os núcleos de animais existentes, mas não considerados, das restantes três raças.

O comportamento dos animais "Hereford" do tipo comercial de origem americana veio agravar muito a injusta reputação atribuída à raça no país, até então formada por animais de qualidade, com genealogia, adquiridos em Inglaterra, conceito derivado da má aceitação desses animais por parte dos comerciantes de gado de corte, da desvalorização atribuída aos produtos com a influência, com reflexos na procura de reprodutores, e, ainda, do desinteresse e do pouco cuidado da parte de alguns dos principais criadores de "Hereford" em raça pura.

Com escassa presença, mas de larga acção no Minho, existe entre nós a representação da raça Gelbvieh ou Amarela da Francónia, utilizada no cruzamento e melhoramento da raça Minhota ou Galega. Apenas é de apontar a existência de toiros produtores de sêmen, pois não conseguimos averiguar se há no país um grupo de três ou quatro fêmeas.

2.1. Número de cabeças por exploração

Os núcleos dispersos no país, em particular no Sul e no Centro, das etnias consideradas apresentam expressão numérica, por exploração, muito diferenciada, como se pode observar no quadro 2.

NÚMERO DE CABEÇAS POR EXPLORAÇÃO

QUADRO 2

ETNIAS	Nº DE CABEÇAS POR EXPLORAÇÃO				NÚMERO DE EXPLORAÇÕES
	Até 10	De 11 a 20	De 21 a 50	+ de 50	
Charolesa	15	11	9	7	42
"Hereford"	-	-	1	4	5
"Limousine"	-	-	2	1	3
"Salers"	-	-	-	1	1

Em relação às duas primeiras raças, o número de explorações aumentou progressivamente até cerca de 1969-1970, mantendo-se daí em diante, estacionário. No caso da raça Charolesa, tem havido equilíbrio entre o movimento de desistências e de adesões de criadores ao livro genealógico respectivo. Contrariamente, na raça "Hereford", o número de explorações tem diminuído, restringindo-se, no momento a cinco das quais duas pertencem ao Estado.

A raça "Salers" segregada em raça pura integra-se numa única exploração, embora no Alentejo se conte uma outra com efectivo bovino de marcada influência "Salers".

3. DISPERSÃO

As explorações de bovinos das raças exóticas, visando objectivos de segregação em raça pura, dispersam-se, sobretudo, no Centro e Sul do país, e, dentro desta área, cabe predomínio a esse respeito à província transtagana.

No Norte, e para além Douro, existem quatro pequenas explorações, uma com animais da raça "Hereford" e três com animais Charoleses. Destas últimas, a de maior dimensão encontra-se em reconversão para gado bovino do tipo leiteiro.

4. OBJECTIVO E SISTEMAS DE EXPLORAÇÃO

O objectivo principal da exploração dos animais destas raças é a produção de reprodutores para venda aos criadores do país, interessados na prática do cruzamento.

Inicialmente, para Espanha e, nos últimos anos, para Angola, foram vendidos lotes de reprodutores de ambos os sexos, sobretudo da raça Charolesa.

O sistema de exploração mais corrente é o da semiestabulação, embora os animais vão à pastagem durante o dia na maior parte do ano.

O regime de pastoreio, fora da Primavera, é suplementado pela administração de feno, silagem e, por vezes, concentrado.

A recria, a partir dos 6 a 8 meses de idade (desmame), é feita, por via de regra, em estabulação, com os animais presos ou em liberdade e à base de concentrado e forragens verdes ou conservadas. Normalmente, os machos prosseguem neste sistema até serem vendidos e as fêmeas regressam aos efectivos de base entre os 10 e os 12 meses de idade.

Os bovinos das raças exóticas são, na grande maioria dos casos, mantidos e criados em condições de alimentação e de manejo muito diferentes das oferecidas aos efectivos das raças do país.

5. DADOS BIOLÓGICOS

5.1. Índice de fecundidade

O índice de fecundidade - percentagem de vacas fecundas - situa-se entre os 90 e os 93% e o índice de produção - percentagem de animais ao desmame - vai desde os 74 aos 85%, sendo mais baixo - 74 a 80% - no Charolês.

Em matéria de fecundidade, salvo alguns casos, o comportamento dos efectivos das raças estrangeiras pode considerar-se normal.

Assinala-se, no entanto, o número ainda apreciável de partos difíceis - sobretudo por excessivo volume dos fetos - na raça Charolesa e a consequente perda de parte das crias.

A incidência dos partos difíceis é variável de exploração para exploração.

Ainda, na raça Charolesa, é de referir a taxa de 4 a 5,3% de nascimentos gemelares, muito superior à obtida em qualquer das raças bovinas exploradas no país.

O acréscimo de crias derivado dos partos gemelares não compensa, no entanto, infelizmente, o número de crias perdidas por dificuldade nos partos - derivada da incompatibilidade existente entre o volume do feto e a abertura da cavidade pélvica materna.

5.2. Desmame

O desmame é feito entre os 6 e os 8 meses de idade. Até então, os animais são mantidos em aleitamento.

Um criador ou outro recorrem a vacas leiteiras para amamentar crias charolesas, sobretudo no caso de primíparas, com pouco leite, ou fornecem concentrado às crias a partir dos 4 meses de idade.

5.3. Crescimento

No "contrôle" efectuado durante 10 anos em duas explorações, verificou-se que a evolução em peso vivo das crias dos dois sexos nascidas no país não se afastava da evolução encontrada no solar da raça.

Acentua-se, no entanto, que à COMISSÃO DE INSCRIÇÃO NO LIVRO GENEALÓGICO DO CHAROLÊS E "HEREFORD" se deparam alguns animais que exibem deficiente conformação e insuficiente desenvolvimento.

Estas situações ocorrem, principalmente, nas explorações de criadores que se iniciam nesse tipo de produção e são quase sempre determinadas por causas comuns - alimentação insuficiente ou defeituosa e, por vezes, inadequado manejo.

Anota-se, todavia, que os bovinos das raças exóticas criados no país, mesmo aqueles que são mantidos em condições aceitáveis, apresentam tendência para adelgaçarem o osso e diminuírem de estatura.

Assinala-se na raça Charolesa ou nos produtos seus derivados o aparecimento de "culards" (garupa dupla) com vários graus de intensidade. Este carácter constitui uma raridade na raça Holandesa.

O Charolês tem sido o continuador do "SHORTHORN" na dispersão desse carácter.

5.4. Partos

Acontecendo no período de Dezembro a Abril em 40% do efectivo e ocorrendo em 60% ao longo do ano, nota-se a tendência para o seu condicionamento a partir de Novembro até Abril.

5.5. Métodos de reprodução

Predomina a cobertura natural, à mão ou em liberdade. O recurso à inseminação artificial tem vindo a criar adeptos e pratica-se já com apreciável frequência nalguns efectivos.

6. APRECIÇÃO FINAL

Os efectivos das raças bovinas estrangeiras referenciadas são formados por animais de nível zotécnico que os capacita, quando mantidos em condições adequadas de alimentação e de manejo, para a produção de reprodutores e dispõem de representação suficiente para ocorrer às solicitações nacionais em matéria de reprodutores.

A manutenção desses efectivos só se aceita e justifica na medida em que as necessidades e o interesse do País os reclamam ou impõem.

Como pensamos que esses efectivos são necessários ao aumento da produção de carne, permitimo-nos recomendar as seguintes medidas:

- Acautelares, por todas as formas, o património valioso que, no momento, esses efectivos representam;

- Evitar a importação de fêmeas com vista à ampliação dos efectivos, optando, antes, dada a dimensão e a dispersão dos efectivos, pelo recurso à compra de sêmen ou de reprodutores masculinos, consoante a economicidade da operação, de forma a que seja evitada a consanguinidade e assegurado o melhoramento genético dos efectivos.

A compra de sêmen ou a compra de reprodutores masculinos deverão ser rodeadas das garantias de qualidade exigidas no Regulamento próprio, e, no caso do Charolês, permitimo-nos sugerir que o dador do sêmen ou o reprodutor sejam adaptados à produção de fêmeas aptas à parição natural e fácil.

7. OUTRAS RAÇAS BOVINAS DE ORIGEM ESTRANGEIRA

Cabe deixar aqui expressa breve referência às raças bovinas estrangeiras que regressaram em representação no país ou, mesmo, se diluíram no mar vasto dos cruzamentos e mestiçamentos que avassalam a nossa pecuária bovina, principalmente depois dos meados do século.

Nessa situação, encontram-se as meritórias e famosas raças leiteiras de origem britânica - Ayrshire, Guernsey e Jersey -, praticamente desaparecidas sem legarem nenhuma influência sobre as raças autóctones.

O mesmo, cremos, terá acontecido com as raças "Schwitz" e Normanda, esta ainda não completamente expurgada numa região limitada do Alentejo.

As raças especializadas na produção de carne - "Aberdeen", Santa Gertrudes e "Devon" - igualmente se podem considerar eliminadas, embora ainda se notem vestígios claros da influência das duas últimas, particularmente evidentes na estatura e resistência das fêmeas com interferência da Sta. Gertrudes e na conformação e características dos produtos de cruzamento em que interveio o Devon.

A estas raças haverá de juntar-se a profusão de animais de várias raças de origem espanhola, que veio complicar, ainda mais, o xadrez das raças bovinas da nossa vasta região meridional.

Aí se reconhecem, ainda, núcleos dispersos com marcada influência desses tipos bovinos, exibindo mesmo as características fenotípicas que os definem, não obstante a incerta ou duvidosa constituição.

Estão nesse caso a raça Berrendo em Negro ou Aracena e os grupos de raças espanholas de pelagem negra, identificandoas, aqui, simplesmente, como pertencentes à raça Salamanquina, quando mais se ligam às raças Andáluza e Avilenga, dada a diminuição ou o quase desaparecimento em Espanha do Morucho ou Salamantino.

Ação mais extensa e intensa foi sem dúvida, a devida aos reprodutores das raças "vermelhas" do Sul de Espanha - Retinta Andaluza, Rubia Andaluza e Extremadura -, que por vezes, foram empregados em cruzamentos sucessivos ou de substituição.

Reconhece-se ter havido, nos últimos anos a intenção, da parte dos criadores, de expungar a influência dessas raças conquanto um criador ou outro tivessem mesmo procurado formar núcleos puros.

Não é fácil contabilizar os efeitos dessas raças no nosso efectivo, mas consideramo-los perniciosos, pelo menos quanto ao concurso prestado para o abastardamento de parte da população bovina, que, em idênticas condições de meio ambiente, não seria facilmente superada no seu real valor produtivo.

De assinalar, ainda, que na população bovina designada "Mertolenga" entram os malhados e os rosilhos, que outra coisa não são, por si ou pelas suas descendências, do que berrendos em colorado e salineros, de origem espanhola.

- Evitar a importação de fêmeas com vista à ampliação dos efectivos, optando, antes, dada a dimensão e a dispersão dos efectivos, pelo recurso à compra de sêmen ou de reprodutores masculinos, consoante a economicidade da operação, de forma a que seja evitada a consanguinidade e assegurado o melhoramento genético dos efectivos.

A compra de sêmen ou a compra de reprodutores masculinos deverão ser rodeadas das garantias de qualidade exigidas no Regulamento próprio, e, no caso do Charolês, permitimo-nos sugerir que o dador do sêmen ou o reprodutor sejam adaptados à produção de fêmeas aptas à parição natural e fácil.

7. OUTRAS RAÇAS BOVINAS DE ORIGEM ESTRANGEIRA

Cabe deixar aqui expressa breve referência às raças bovinas estrangeiras que regressaram em representação no país ou, mesmo, se diluíram no mar vasto dos cruzamentos e mestiçamentos que avassalam a nossa pecuária bovina, principalmente depois dos meados do século.

Nessa situação, encontram-se as meritórias e famosas raças leiteiras de origem britânica - Ayrshire, Guernsey e Jersey -, praticamente desaparecidas sem legarem nenhuma influência sobre as raças autóctones.

O mesmo, cremos, terá acontecido com as raças "Schwitz" e Normanda, esta ainda não completamente expurgada numa região limitada do Alentejo.

As raças especializadas na produção de carne - "Aberdeen", Santa Gertrudes e "Devon" - igualmente se podem considerar eliminadas, embora ainda se notem vestígios claros da influência das duas últimas, particularmente evidentes na estatura e resistência das fêmeas com interferência da Stª. Gertrudes e na conformação e características dos produtos de cruzamento em que interveio o Devon.

A estas raças haverá de juntar-se a profusão de animais de várias raças de origem espanhola, que veio complicar, ainda mais, o xadrez das raças bovinas da nossa vasta região meridional.

Aí se reconhecem, ainda, núcleos dispersos com marcada influência desses tipos bovinos, exibindo mesmo as características fenotípicas que os definem, não obstante a incerta ou duvidosa constituição.

Estão nesse caso a raça Berrendo em Negro ou Aracena e os grupos de raças espanholas de pelagem negra, identificandoas, aqui, simplesmente, como pertencentes à raça Salamanquina, quando mais se ligam às raças Andaluza e Avilenha, dada a diminuição ou o quase desaparecimento em Espanha do Morucho ou Salamantino.

Acção mais extensa e intensa foi sem dúvida, a devida aos reprodutores das raças "vermelhas" do Sul de Espanha - Retinta Andaluza, Rubia Andaluza e Extremanha -, que por vezes, foram empregados em cruzamentos sucessivos ou de substituição.

Reconhece-se ter havido, nos últimos anos a intenção, da parte dos criadores, de expungar a influência dessas raças conquanto um criador ou outro tivessem mesmo procurado formar núcleos puros.

Não é fácil contabilizar os efeitos dessas raças no nosso efectivo, mas consideramo-los perniciosos, pelo menos quanto ao concurso prestado para o abastecimento de parte da população bovina, que, em idênticas condições de meio ambiente, não seria facilmente superada no seu real valor produtivo.

De assinalar, ainda, que na população bovina designada "Mertolenga" entram os malhados e os rosilhos, que outra coisa não são, por si ou pelas suas descendências, do que berrendos em colorado e salineros, de origem espanhola.

INQUÉRITO SUMÁRIO

EFFECTIVOS BOVINOS

Produtos de Cruzamento

1. São pouco precisas e raramente concordantes as informações recolhidas no inquérito sumário feito aos efectivos bovinos indicados em epígrafe.

Importava, no momento, conhecer, sobretudo, a representação em fêmeas cruzadas mantidas com vista ao seu emprego em multiplicação, em complemento da existência detectada de fêmeas das raças do país.

Como é sabido, a prática do cruzamento exige a presença de duas raças puras, e, daí, a importância de que se reveste o conhecimento da existência de fêmeas das raças do país, para serem segregadas com vista à normal substituição dos efectivos, e a existência destes com representação suficiente para assegurarem continuidade ao sistema posto em prática.

Por outro lado, desejava-se saber em que medida as fêmeas cruzadas vinham ocupar o lugar daquelas e comprometer o ciclo normal do cruzamento de 1ª geração, sem dúvida aquele em que aparece com maior evidência a heterose ou vigor híbrido.

Um inquérito desta natureza, mesmo sumário que seja, não se compadece com limitações de tempo ou de espaço. Com efeito, além de impor prazos mais dilatados, exige extensão conveniente e ainda uniformidade na recolha e arrumação dos elementos.

Mesmo assim, é de sublinhar o interesse e a boa vontade dos intendentes de Pecuária do Centro e do Sul do país, regiões onde, como se sabe, a prática do cruzamento se encontra mais generalizada.

Deste modo, as resumidas notas que vão seguir-se carecem de base objectiva mais segura e ampla, e assumem, por isso, carácter meramente informativo.

2. Nos distritos de Beja, Évora, Portalegre e concelhos do Sul do distrito de Setúbal, cerca de 50% das fêmeas de multiplicação existentes são produtos de cruzamento ou de mestiçagem entre as raças do país e várias raças de origem estrangeira, com predomínio da Charolesa, "Limousine e "Salers".

Se considerarmos ainda a influência das raças de origem espanhola, sobretudo da Retinta, aquela percentagem poderá rondar mesmo, nalgumas zonas, os 55 ou 60%.

Como exemplo, indicamos os elementos relativos aos concelhos da Intendência de Pecuária de Beja, por nos parecerem elucidativos acerca da actual situação.

VACAS EXPLORADAS NA FUNÇÃO CARNE NO DISTRITO DE BEJA

CONCELHOS	TOTAL DO CONCELHO	CRUZADAS
Aljustrel	1 021	671
Almodôvar	430	150
Alvito	1 073	713
Barrancos	1 124	180
Beja	2 106	1 706
Castro Verde	325	105
Cuba	207	177
Ferreira do Alentejo	1 403	1 163
Mértola	482	70
Moura	3 033	1 500
Odemira	6 300	1 183
Ourique	1 680	1 060
Serpa	1 836	900
Vidigueira	158	138
Total	21 178	9 716
Percentagem das cruzadas em relação ao total 45,9%		

O aspecto económico derivado do maior peso e mais alta valia dos produtos de cruzamento, ou com simples sinais dessa origem, não pode deixar de impressionar os criadores.

A dominância, mesmo exuberância, na expressão dos caracteres morfológicos mais dirigidos à produção de carne que surge nos animais provenientes do cruzamento de 1ª geração, o vigor híbrido de que são portadores e o comportamento desses animais, na recria e engorda, na fecundidade e na resistência às condições do meio, conferem-lhes supremacia e justificam, em certa medida, a crescente preferência dada a esse método de reprodução.

No nosso país, assiste-se, desde há anos, a uma verdadeira onda de entusiasmo pelos cruzamentos entre raças bovinas, onda que só não tem tido mais larga expansão pela dedicação de muitos criadores às raças autóctones, pelos esquemas de utilização preconizados para essas raças, e ainda, pela natureza e dimensão das explorações, permitindo a organização e o "controlo" mais eficientes da reprodução e da escolha e emprego de reprodutores masculinos.

O problema não é exclusivo do nosso país. Verifica-se em muitos outros e conduz quase sempre à degradação ou, mesmo, ao desaparecimento das raças autóctones, por dificuldade na renovação de fêmeas para multiplicação.

Compreende-se, pois, que, hoje, se ligue tanta importância às raças autóctones, altamente adaptadas ao meio ambiente onde vivem, se procure, através de programas ou esquema de actuação e do "contrôle" eficiente do cruzamento, salvaguardar esse património, com vista a assegurar a sua continuidade e a manter a base capaz de alimentar a prática daquele método de reprodução.

Atrás (pág. ant.) anotámos os dados relativos ao distrito de Beja, aqueles que melhor ideia dão da posição dos efectivos na provincia transtagana.

3. Na provincia mais meridional, a variedade ou sub-raça Algarvia, que vinha assumindo foros de raça, viu-se em poucos anos, "inundada" pela prática do cruzamento, e, tanto, que, salvo os animais mais idosos em multiplicação, se encontra como população abastardada ou com marcada influência estranha, sobretudo "Limousine".

O aspecto económico esteve, aqui, igualmente, na base da situação criada.

As informações que nos foram fornecidas pelos subintendentes de Pecuária da região não deixam lugar a dúvidas quanto à dificuldade de encontrar animais do tipo local segregados em linha pura, e, assim,, quanto ao inevitável desaparecimento desse tipo bovino.

4. Em toda a região do Centro do país, particularmente no Vale do Tejo e na zona de multiplicação compreendida entre Pombal e Caldas da Rainha, o cruzamento é praticado com maior ou menor intensidade.

A norte dessa região, e por toda a parte, desde a marinha aveirense e do interior das Beiras até às Terras de Miranda e à Serra do Barroso, o cruzamento cria adeptos, e só não tem tido maior expansibilidade pelas razões atrás aduzidas.

Assim, o desenvolvimento da prática do cruzamento vai juntar-se à mais larga expansão e incessante acréscimo do bovino de tipo leiteiro, acompanhando um fenómeno que, pela sua extensão e constância, se pode considerar quase "universal".

Assinala-se que, em relação à população Minhota ou Galega, se nos depara situação idêntica à observada na raça ou variedade "ALGÁRVIA", quanto à dificuldade em assegurar a renovação dos efectivos segregados em linha pura.

Com efeito, a prática do cruzamento a partir do sêmen de toiros da raça alemã Amarela da Francónia ou Gelbvieh encontra-se praticamente generalizada a toda a pequena área que constitui o solar da raça Galega ou Minhota, e, assim, é difícil garantir se os animais novos - fêmeas de substituição - pertencem a esta etnia ou têm influência da citada raça alemã.

5. Apesar da insuficiência dos dados objectivos sobre a forma como tem evoluído e se encontra, presentemente, o "pegulhal" bovino do país em matéria de representação e formação, parece-nos que o panorama atrás esboçado não se afasta muito das realidades actuais.

Não se nos afigura promissor, face à situação deparada, o futuro das raças bovinas do país, de incontestado mérito zootécnico e irrefutável valia como magníficos suportes no cruzamento.

O problema tem sido objecto de estudo e de tomadas de medidas que possam evitar ou impedir o abastardamento ou desaparecimento daquelas raças.

A gravidade do problema constitui um desafio à acção dos poderes públicos, aguardando-se, pois, que sejam facilitados os meios para que as medidas previstas possam ser postas em prática.

NOTA DE ACTUALIZAÇÃO

Tudo o que a seguir se vai dizer em nada afecta a raça leiteira, branca e preta, do tipo Frísia, uma vez que ela, pelas suas características e pela sua grande capacidade de adaptação, se tornou há muito uma raça mundial.

Em países com um património genético animal tão rico como o nosso, nunca deveria ter sido possível permitir a importação de raças exóticas com o fim de substituir os efectivos-base.

Infelizmente, não tem sido assim, e os exemplos comprovativos de tais atitudes negativas têm sido vários ao longo do passado recente.

É facto assente que existe necessidade de importar animais, mas isso apenas se deve autorizar se, depois do estudo pontual da situação, os animais se destinarem a valorizar algum aspecto definido, a corrigir algum defeito dos nossos animais, ou a melhorar certos esquemas de produção, mas sempre debaixo de fiscalização absoluta. Também, quando destinados a núcleos de raça pura já adaptados ao nosso país, não se vê inconveniente na sua importação.

Sobre este assunto, as opiniões têm variado com o correr dos anos, em especial no que toca a bovinos de carne.

Há anos, uma Comissão de Estudo do Plano de Fomento Pecuário considerou de interesse para o País apenas as raças Charolesa e Hereford, tendo proposto ao governo a exclusão de todas as outras raças exóticas.

Em 1978, outra Comissão de técnicos, em estudo elaborado para a Secretaria de Estado do Fomento Agrário, considerou também com interesse para o País, para além da Charolesa e da Hereford, a Retinta Espanhola.

Mais recentemente, Dezembro de 1980, em reunião efectuada na Estação Zootécnica Nacional, foi acordado que a Direcção-Geral dos Serviços Veterinários não levantaria problemas à importação das seguintes raças bovinas:

Charolesa, Limousine, Hereford e Salers.

Daqui se conclui a preferência dada de forma constante às raças Charolesa e Hereford. No entanto, em termos práticos, a Charolesa tem sido a mais preferida de todas as raças exóticas.

Não é a raça exótica utilizada no maior número de inseminações feitas, mas é a única estranha que se encontra distribuída por todo o país, que se tem cruzado com todas as raças bovinas nacionais e que representa o maior efectivo alienígena.

O principal objectivo da exploração de bovinos Charoleses em raça pura é a produção de reprodutores. Destes, só uma pequena percentagem continua naquela linha, sendo a maior parte utilizada no cruzamento com as mais variadas raças. Não se dispõe de números de beneficiações em cobrição natural, mas valores encontrados em inseminação artificial no último quinquénio podem dar-nos uma ideia da sua influência e expansão no país.

1^as INSEMINAÇÕES COM SÊMEN DE CHAROLÉS

RAÇA Beneficiada	ANOS				
	1976	1977	1978	1979	1980
MIRANDESA	3 010	4 660	3 953	3 187	2 988
MARINHOA	2 430	2 840	2 717	1 725	1 725
FRÍSLIA	3 521	3 743	2 693	2 246	2 349
Outras raças	44	489	495	402	419
TOTAL	9 005	11 732	9 858	7 560	7 481
% em relação ao total nacional	8,5	9,6	7,6	5,6	5,4

SÊMEN DE CHAROLÉS

Nº de doses

ANO	NACIONAL		Importado
	Produzido	Utilizado	
1976	21 619	-	-
1977	29 395	15 565	100
1978	25 808	10 240	100
1979	13 215	11 329	132
1980	37 414	-	304

Presentemente, o número de explorações de charolês em raça pura e aderentes ao respectivo livro genealógico é de 48. A sua maior parte encontra-se situada na zona da Direcção-Regional de Agricultura do Alentejo: as restantes, com excepção de cinco, ficam na do Ribatejo e Oeste.

O movimento verificado no livro genealógico mostra-nos que, actualmente, se verifica um aumento de interesse por esta raça.

INSCRIÇÕES NO LIVRO GENEALÓGICO DO CHAROLÊS

ANO	LIVRO DE NASCIMENTOS (M.e F.)	LIVRO DE ADULTOS		Total
		Machos	Fêmeas	
1976	295	93	127	220
1977	265	70	111	181
1978	293	71	82	153
1979	330	69	95	164
1980	326	75	119	194

Quanto a importações de animais vivos verificadas após 1976, há apenas a registar 13 animais em 1979 e 189 em 1980.

GELBVIEH

A raça exótica utilizada no maior número de inseminações é a Gelbvieh. A sua utilização tem-se verificado quase exclusivamente na zona do Galego e sempre de forma massal.

A introdução desta raça tem sido essencialmente à base de reprodutores masculinos ou de sêmen, tendo em vista o cruzamento com fêmeas autóctones.

Explorações com fêmeas e com criação em raça pura apenas foram referenciadas duas em todo o país.

Os números referentes a sêmen utilizado e a 1^a I.A. são os indicados nos quadros seguintes. A sua análise é bem fácil de fazer.

SÊMEN DE GELBVIEH

(Nº de doses)

ANO	NACIONAL		Importado
	Produzido	Utilizado	
1976	21 016	-	-
1977	24 599	18 570	3 000
1978	34 742	20 680	-
1979	23 569	14 837	-
1980	20 608	-	9 000

1^as INSEMINAÇÕES COM SÊMEN DE GELBVIEH

RAÇA Beneficiada	ANOS				
	1976	1977	1978	1979	1980
GALEGA	13 369	9 954	12 230	10 959	10 034
Outras raças	8	38	385	1 275	1 011
TOTAL	13 377	9 992	12 615	12 234	11 045
% em relação ao total nacional	12,7	8,2	9,7	9,1	7,9

Quando esta raça entrou no nosso país, o efectivo Galego pouco ultrapassava as três centenas de animais. Mercê do interesse despertado pelos produtos do cruzamento com o Gelbvieh, o efectivo local foi evoluindo de tal modo que, hoje, se representa por largos milhares de animais como se pode verificar no relatório respectivo.

O efectivo Galego primitivo deu, assim, origem a uma nova população que urge estudar nos seus múltiplos aspectos.

Neste momento, o Instituto Superior Universitário de Vila Real, possuidor de um núcleo puro de Gelbvieh, está a fazer estudos do cruzamento desta raça com a Barrosã e a Mirandesa.

Certamente que em breve serão publicados os resultados dos estudos efectuados, uma vez que se torna necessário fazer o ponto da situação e ponderar os elementos recolhidos antes de se avançar para situações que lesem o património genético nacional.

LIMOUSINE

Depois da Charolesa e da Gelbvieh, a Limousine é a raça exótica com maior expressão numérica que existe no nosso País. A sua difusão, e foi o Estado um dos grandes responsáveis, causou a destruição da população bovina até então existente no Algarve. Hoje, não é possível referenciar nenhum animal que se possa considerar pertencente à raça Algarvia. No seu lugar, vamos encontrar alguns animais leiteiros e uma imensa maioria de animais com maior ou menor infiltração de sangue Limousine.

Das 22 explorações com animais da raça Limousine encontradas num levantamento efectuado recentemente, apenas 3 se situam fora do Algarve. Estes núcleos, de razoável dimensão, estão localizados em Benavente, concelho da área da Direcção Regional de Agricultura do Ribatejo e Oeste. As restantes 19 espalham-se pelos concelhos de Vila do Bispo, Portimão, Albufeira, Lagos, Aljezur e Silves, quase todas em núcleos de pequena dimensão.

No ano de 1980, esboçou-se uma iniciativa que tinha em vista a formação de novos núcleos ou o aumento dos já existentes à custa de animais importados. Para isso, foi solicitada à Direcção-Geral dos Serviços Veterinários, conforme determina a lei, autorização para a importação de algumas centenas de animais. Contudo, por dificuldades surgidas nos circuitos de comercialização, reduziu-se de forma evidente tal operação, pois dos 414 animais com parecer favorável, apenas deram entrada no nosso país 48, destinados à região do Algarve.

HEREFORD

Foi certamente a raça exótica mais mal compreendida entre nós, de todas aquelas que para cá têm vindo.

Entrada em Portugal no início da década de 50, teve uma expansão eufórica por volta dos anos 60, começando depois a decair gradualmente uma vez que os produtos do cruzamento com as outras raças deixaram de ter procura com a alegação de que as carcaças dão pouco rendimento comercial em virtude do seu peso e da quantidade de gordura acumulada.

Este fenómeno deveu-se principalmente, no nosso entender, a dois factos importantes. Um está relacionado com a origem

das importações. Os primeiros animais entrados em Portugal vieram de Inglaterra e apresentaram-se com uma estatura e desenvolvimento de tal forma apreciável que motivaram a sua rápida expansão. Nesta altura, deu-se uma importação de animais provenientes dos Estados Unidos da América. Estes animais, para além de apresentarem menor estatura, vieram encontrar condições de meio adversas ou, pelo menos, muito diferentes daquelas donde provinham, o que impediu o seu normal desenvolvimento.

O outro aspecto que nos parece importante de realçar está relacionado com o tipo alimentar.

Esta raça, por ser uma das mais notáveis das especializadas na produção de carne e por ter um índice de precocidade muitíssimo elevado, carece de um adequado maneio, do qual o regime alimentar é factor essencial. Como este aspecto não foi tido na devida conta, uma vez que os animais foram sujeitos ao mesmo maneio e alimentação das raças já existentes, criaram-se as condições favoráveis à produção e acumulação da gordura por todo o corpo do animal.

O Livro Genealógico da Raça Hereford chegou a ter 18 explorações aderentes. No ano passado, foram referenciadas 3 sendo 2 do Estado e uma particular. Com a liquidação da exploração que a Direcção Regional de Entre Douro e Minho possuía nos arredores de Braga, resta apenas a particular, existente no Cartaxo, com um efectivo que ronda as 50 cabeças, e aquela que a Direcção Regional do Ribatejo e Oeste possui em Pegões, com um efectivo de cerca de 90 animais.

SALERS

Continuando pela ordem, segundo a expressão numérica existente, temos em seguida a raça Salers. De origem francesa, esta raça criou alguns adeptos no Centro do Alentejo. A sua expansão no nosso país foi feita quase inteiramente à custa de animais produzidos numa só exploração. As importações têm sido esporádicas. Nestes últimos anos, apenas conhecemos a importação de 18 animais em 1980 e cerca de meia-dúzia, de entre os quais se destaca um touro classificado em 3º lugar no concurso do Sallon 81 em Paris, já importados no 1º semestre de 1981.

OUTRAS RAÇAS

Há ainda a referir duas raças exóticas para as quais se tem vindo a observar uma certa pressão para a sua difusão: a Parda Suíça e a Simental.

A Simental entrou no país em 1976, por um núcleo de 14 fêmeas cobertas que foi entregue à Estação Zootécnica Nacional para estudo de adaptação. Presentemente, o núcleo tem 31 animais e os estudos prosseguem.

A Parda Suíça entrou há muito mais tempo.

Os primeiros estudos de adaptação foram feitos na Estação Zootécnica Nacional, mas os animais não mostraram grande interesse.

Anos depois, foi entregue ao então Instituto Politécnico de Vila Real um núcleo para o seu estudo em cruzamento com raças locais. Presentemente, este núcleo foi dividido, sendo entregue uma parte à Direcção Regional de Trás-os-Montes, que a colocou em Montalegre.

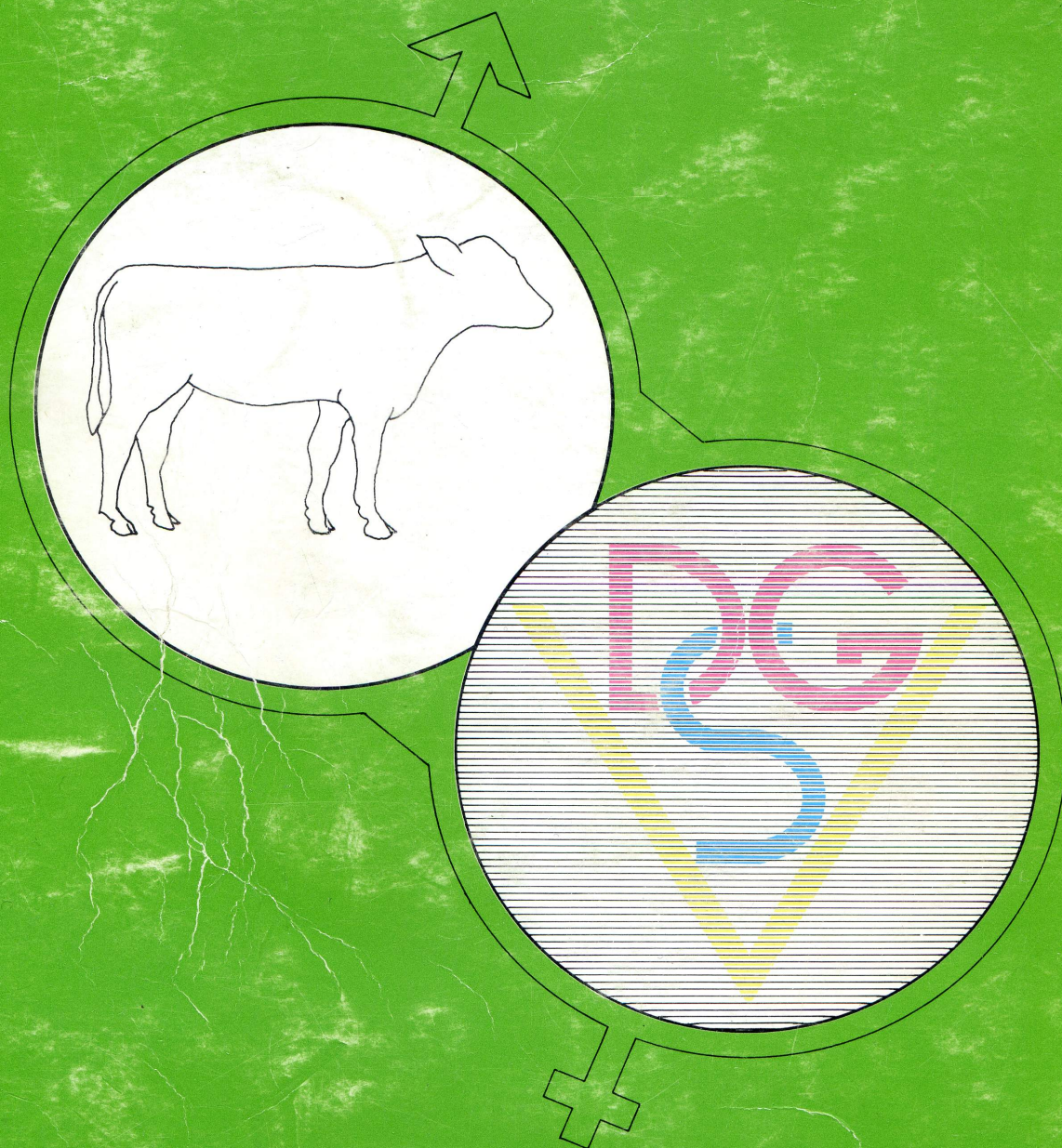
Até à data, não foram publicados quaisquer estudos sobre esta raça, mas a avaliação "in loco" dos elementos disponíveis permite-nos afirmar que esta raça se apresenta com pouco interesse para o país.

Para terminar, não se pode deixar de fazer uma referência às raças espanholas. Nestes últimos tempos, têm sido importados alguns animais das raças Retinta, muito parecida com o nosso Alentejano, e Avilenha.

ÍNDICE

ÍNDICE

	Página
NOTA PRÉVIA	3
COLABORADORES	5
DESPACHO Nº.21/DG/SR	7
PROTOCOLO DO INQUÉRITO	9
RAÇAS BOVINAS	11
GALEGA	13
BARROSÃ	43
MIRANDESA	79
MARONESA	101
AROUQUESA	129
MARINHOA	151
ALENTEJANA	175
MERTOLENGA	197
ALGARVIA	217
BRAVA	223
MADEIRA	239
FRÍZIA	255
EXÓTICAS E CRUZAMENTOS	309
ÍNDICE	327



DIRECÇÃO DE SERVIÇOS DE FOMENTO E MELHORAMENTO ANIMAL